UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

NARA LUIZA DO AMARAL DIAS

**A razão em Jane Austen: classe, gênero e
casamento em *Pride and Prejudice***

SÃO PAULO
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

**A razão em Jane Austen: classe, gênero e
casamento em *Pride and Prejudice***

Nara Luiza do Amaral Dias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Puglia

SÃO PAULO

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: DIAS, Nara Luiza do Amaral.

Título: *A razão em Jane Austen: classe, gênero e casamento em Pride and Prejudice.*

Dissertação de Mestrado, pelo Departamento de Letras Modernas, Área de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, sob orientação do Prof. Dr. Daniel Puglia.

Aprovada em: _____

Banca examinadora

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*Aos meus pais, pelos livros
E ao Pedro, que deu vida a eles*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Daniel Puglia, pela aposta, paciência e orientação.

Às amigas Marina e Michelly, que deram graça ao mestrado.

Às professoras Dra. Maria Sílvia Betti e Dra. Mariana Teixeira Marques, pelas contribuições valiosas no desenvolvimento do projeto.

À minha família, pela retórica e pelo apoio.

A todos que escreveram esse texto comigo e àqueles de quem emprestei conhecimento.

À Capes, pela bolsa de estudos.

...
*E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.*

(Fernando Pessoa)

RESUMO

DIAS, Nara Luiza do Amaral. *A razão em Jane Austen: classe, gênero e casamento em Pride and Prejudice*. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

O presente trabalho faz um estudo crítico de *Pride and Prejudice* (1813), de Jane Austen, buscando mostrar aproximações da obra com as mudanças sociais, políticas, econômicas e ideológicas que ocorreram na Inglaterra da passagem do século XVIII ao XIX, a partir da ascensão da burguesia. Com base na construção feita da heroína Elizabeth Bennet como uma personagem racional, em oposição às demais personagens do romance, contrastes de classe e gênero são explorados, de modo a conduzir a análise para uma interpretação da maneira como o casamento (atuação social principal de mulheres de certa classe no período) é desenvolvido ao longo de todo o romance, acabando por se tornar o fio condutor da narrativa – uma verdadeira investigação de significados sociais desenvolvida pela autora.

Palavras-chave: *Orgulho e Preconceito*; Jane Austen; classe; gênero; casamento.

ABSTRACT

DIAS, Nara Luiza do Amaral. *The reason in Jane Austen: class, gender and marriage in Pride and Prejudice*. 2015. 160 p. Dissertation (MA) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

This work brings a critical study of Jane Austen's *Pride and Prejudice* (1813). It aims to show the approaches between the book and social, political, economic and ideological transformations that took place in England in the transition of the eighteenth century to the nineteenth, since the rise of the bourgeoisie. Based on the construction of the heroine Elizabeth Bennet as a rational character, in opposition to the other characters of the novel, class and gender contrasts are explored in order to conduct the analysis to an interpretation of how the marriage (the main social activity of women of a certain class in the period) is developed throughout the novel, eventually becoming the underlying theme of the narrative – a true research of social meanings developed by the author.

Keywords: *Pride and Prejudice*; Jane Austen; class; gender; marriage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: UMA LUZ SOBRE A CRÍTICA	11
1. O CONFRONTO ENTRE ELIZABETH BENNET E LADY CATHERINE DE BOURGH	30
2. AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM <i>PRIDE AND PREJUDICE</i>	69
3. O CASAMENTO EM <i>PRIDE AND PREJUDICE</i> INVESTIGADO EM QUATRO PARTES	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150

Introdução: uma luz sobre a crítica

“... seven years I suppose are enough to change every pore of one’s skin, & every feeling of one’s mind”¹, disse Jane Austen em uma carta endereçada à sua irmã, Cassandra, em 1805.

(apud KNOX-SHAW, p. 12)

A mudança de sentimentos e ideias é recorrente em *Pride and Prejudice*, um romance no qual as “primeiras impressões” costumam estar erradas. Não à toa, dois pedidos de casamento são feitos durante a narrativa com a certeza de que teriam uma resposta positiva, apenas para que seus autores fossem frustrados. O passado de Mr. Darcy e Mr. Wickham é mal avaliado por quase todos; a exceção sendo Jane Bennet, que nunca confia nas primeiras impressões, mas que sofre com as consequências dos julgamentos que outras personagens fazem sobre seus sentimentos. Os esquemas de Charlotte são sempre uma surpresa, e ninguém desconfia, até o final, do que se passa no coração de Elizabeth. A heroína está, inclusive, enganada quase sempre sobre quase tudo. Peter Knox-Shaw explica que a própria Jane Austen mudava bastante de opinião, seja sobre homens, mulheres ou livros, e a certeza que alguns leitores tomam como chave de leitura de suas obras é, na verdade, apenas uma característica da maneira como ela escreve. Trata-se, segundo o autor, de um estilo autoral – mas não das realidades que ela representa e, nesse sentido, Austen poderia ser considerada uma típica iluminista cética: “doubts, muddles, delusions, mixed motives and feelings are the stuff of the experience she handles (...)”², e a determinação para chegar à verdade teria feito dela “all the quicker to seize on signs of self-deceit and inconsistency, and to recognize distortion as part of the texture of life, her own included”³ (2004, p. 11-12).

Quando nos voltamos a questões de gênero e classe retratadas nos seus romances, seria possível atestar que, muito mais do que criar definições finais como resoluções de debates ideológicos, Jane Austen talvez tenha tido como fim justamente o “fazer pensar” – e por receberem um tratamento sutil, as questões levantadas pela autora permitem diversas interpretações. Deborah Kaplan (1994), ao se propor a analisar a obra de Austen sob uma

¹ “... suponho que sete anos sejam suficientes para mudar cada poro da pele de alguém, & cada sensação em sua mente” (AUSTEN apud KNOX-SHAW, p. 12 – tradução livre).

² “dúvidas, confusões, delírios, motivações e sentimentos contraditórios são o material da experiência que ela maneja” (KNOX-SHAW, 2004, p. 11-12 – tradução livre).

³ “muito mais rápida para aproveitar sinais de autoengano e inconsistência, e para reconhecer a distorção como parte da textura da vida, a dela própria incluída” (KNOX-SHAW, 2004, p. 11-12 – tradução livre).

perspectiva tanto feminista quanto histórica, faz um levantamento da postura da fortuna crítica diante da autora, especificamente no que se refere a *Pride and Prejudice*. Conversando com estudos relacionados ao *American Feminism*⁴, Kaplan parte do princípio de que “*Pride and Prejudice*, and Austen’s other novels as well, affirm patriarchal values with the resolution of marriage”.⁵ Essa questão da resolução do romance com o casamento da heroína será a grande crítica feita a Austen pelas feministas, haja vista que nenhuma das suas obras publicadas apresentaria algum refúgio ou opção às heroínas para além do matrimônio. A partir daí, a proposta de Kaplan será, não negar que haja uma afirmação de valores patriarcais na obra de Austen, mas relativizar essa crítica, apontando para o fato de que os finais dos romances não são exatamente iguais entre si, e que existem diversos aspectos envolvidos na conclusão das obras que devem ser levados em consideração (1994, p. 183).

Sobre os desacordos da crítica, Kaplan lembra que os comentários a respeito de Elizabeth Bennet feitos ao longo do tempo revelam concepções distintas sobre a heroína: os críticos do início do século XIX a elogiavam, entendendo a protagonista feminina como uma caracterização consistente com seus próprios valores e normas patriarcais. Para eles, e aqui temos como exemplo um crítico anônimo em março de 1813 (*Critical Review*, 2001, p. 46, apud KAPLAN, 1994, p. 184-185), “Elizabeth’s sense and conduct are of a superior order of the common heroine of novels. From her independence of character, which is kept within the proper line of decorum, and her well-timed sprightliness, she teaches the man of Family-Pride to know himself”⁶. Já em 1870, um artigo não assinado na *St. Paul’s Magazine* levantava a reflexão de Austen sobre sua heroína Elizabeth ser “as delightful a creature as ever appeared in print”⁷ para dizer:

⁴ Kaplan explica que a *American feminist criticism* [crítica feminista anglo-americana] foi influenciada pelo *woman’s liberation movement* [movimento de liberação feminina], que começou no fim da década de 1960. Em meados da década de 1970, “feminist critics had turned to identifying and applauding departures from patriarchal social and literary conventions by women writers representation. They have considered those divergences as the expression of a specifically female experience, view, or voice, and have treated that experience, view or voice as either essentially female or socially constructed” [críticas feministas tinham se voltado para a identificação e valorização de oposições a convenções sociais e literárias patriarcais feitas pela representação de mulheres escritoras. Essa crítica tem considerado tais divergências como a expressão de uma experiência, visão ou voz especificamente feminina, e têm tratado essa experiência, visão ou voz como uma construção essencialmente feminina ou social] (1992, p. 185 – tradução livre).

⁵ “*Orgulho e Preconceito*, assim como os outros romances de Austen, ratificam valores patriarcais com a resolução do casamento” (KAPLAN, 1994, p. 183 – tradução livre).

⁶ “A razão e a conduta de Elizabeth são de uma ordem superior da heroína comum de romances. A partir de sua independência de caráter, que é mantida dentro da linha adequada do decoro, e de sua vivacidade bem-cronometrada, ela ensina o homem da Família-*Orgulho* a conhecer a si mesmo” (*Critical Review*, apud KAPLAN, 1994, p. 184-185 – tradução livre).

⁷ “a criatura mais encantadora que já havia aparecido impressa”.

(...) for her raillery is not without vulgarity, and her vanity and self-satisfaction extend beyond the proper development of those feminine qualities. It is common fault with Miss Austen's Young women that they are remarkably addicted to the contemplation of themselves and their own qualities with special reference of a man's attention (...).⁸ (apud SOUTHAM, 2001, p. 231)

Mas a crítica, segundo Kaplan, nem sempre se baseou em padrões de comportamento para fazer seu julgamento, e para alguns críticos do século XX, especialmente aqueles pós-Segunda Guerra, as características mais importantes da heroína passaram a ser: “liveliness, wit, intelligence, charm, or physical vitality”⁹ (1994, p. 185). Já os estudos mais recentes acabaram por enfatizar novamente as aproximações de Elizabeth Bennet com certo ideal de decoro feminino, mas tirando agora conclusões diferentes daquelas dos contemporâneos de Austen¹⁰. Kaplan exemplifica esta crítica com o trecho em que Claudia L. Johnson diz:

Austen's conviction that Elizabeth Bennet was 'as delightful a creature as ever appeared in print' was well-founded, for, as she could not have failed to realize, no heroine quite like Elizabeth Bennet had 'ever appeared in print' before... Standing where we do, we tend either to overlook or to underestimate Elizabeth's outrageous unconventionality which, judged by standards set in conduct books and in conservative fiction, constantly verges not merely on impertinence but on impropriety.¹¹ (JOHNSON, 1988, p. 75 apud KAPLAN 1994, p. 185)

Segundo Kaplan, a crítica tem visto Elizabeth de forma tão diferente ao longo do tempo porque sua percepção é pautada pelas mudanças no contexto de análise literária e, conseqüentemente, pela ideologia social que influencia essa crítica – de modo que os contemporâneos de Austen aprovavam Elizabeth porque estavam imersos demais na sua própria ideologia para enxergar na personagem qualquer coisa que não se encaixasse na visão que tinham sobre o caráter feminino. Da mesma forma, Kaplan diz que autoras como Claudia L. Johnson foram influenciadas pelo movimento de libertação feminina. A partir da década de 1970, a crítica feminista levantou aspectos da personagem que não eram, segundo Kaplan, perceptíveis às gerações anteriores de críticos, e passaram a enfatizar as maneiras não

⁸ “pois seu escárnio não deixa de ter vulgaridade, e sua vaidade e autossatisfação se estendem para além do bom desenvolvimento dessas qualidades femininas. A falta é comum nas jovens mulheres de Miss Austen que são notavelmente viciadas na contemplação de si mesmas e de suas próprias qualidades com especial referência à atenção de um homem (...)” (apud SOUTHAM, 2001, p. 231 – tradução livre).

⁹ “vivacidade, sagacidade, inteligência, charme, ou vitalidade física” (KAPLAN, 1994, p. 185 – tradução livre).

¹⁰ A esse respeito, ver também: Mary Poovey (1985).

¹¹ “A convicção de Austen de que Elizabeth Bennet era ‘a criatura mais encantadora que já havia aparecido impressa’ foi bem fundamentada pois, como ela não poderia ter deixado de perceber, nenhuma heroína como Elizabeth Bennet ‘já havia aparecido impressa’ antes ... De onde estamos, nós tendemos a ignorar ou subestimar a ultrajante inconveniência de Elizabeth que, se julgado por padrões estabelecidos em livros de conduta e na ficção conservadora, constantemente beira não apenas a impertinência, mas a impropriedade” (JOHNSON, 1988, p. 75 apud KAPLAN – tradução livre).

convencionais (“unladylike”) da heroína, além das já celebradas características de vigor e energia.¹²

Assim, Kaplan busca mostrar, numa aproximação de sua análise com esta corrente da crítica feminista, não apenas a inteligência de Elizabeth, mas “the expressive range of her talk in general. That talk is particularly literal rendering of the ‘female voice’ so central to feminist criticism”¹³ (1994, p. 186). Essa confiança em suas opiniões e na expressão de suas ideias é o que Kaplan destaca como uma das diferenciações de Elizabeth enquanto heroína de romance, sendo uma expressão de certa voz feminina imprópria e divergente – de alguma forma uma resposta ao poder patriarcal (1994, p. 189).

Já para Susan Morgan, a crítica tem se precipitado ao assumir que a visão de Jane Austen era de alguma forma conclusiva; ao contrário, ela diz: “(...) to understand *Pride and Prejudice* in terms of some ideal blend of the individual and the social is to speak of finalities about a writer who herself chooses to speak of the possible, the continuous, the incomplete”¹⁴ (1975, p. 55). Assim, pode-se atestar que, em uma trama intrincada como é *Pride and Prejudice*, que enlaça personalidades femininas diversas a camadas sociais específicas, sendo que em nenhum momento a narradora recomenda em qualquer dessas personagens a virtude absoluta ou o desvirtuamento total, nenhuma verdade é universal.

Nós já temos uma pista de que a narrativa nos envia a essa busca frustrada pela verdade logo na primeira frase do romance que, segundo Terry Eagleton, é considerada uma pequena obra-prima da ironia: “*It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife*” (PP, 2010, p. 29)¹⁵. A ironia, segundo Eagleton, está na diferença entre o que é dito, ou seja, que todos concordam que homens ricos precisam de esposas, e o que é manifestadamente dito: que essa frase é encontrada entre mulheres solteiras em busca de um marido (2013, p 21). Rachel Brownstein diz que a frase já mostra o tom da narrativa com intenções zombeteiras, visto que possui diversas contradições em sua lógica interna: “*a truth universally acknowledged is probably less than true; and the real truth is not that single men want wives* (‘in want of’ merely means

¹² De acordo com Kaplan (1992, p. 189), o grande responsável por desenvolver e popularizar a *American feminist criticism* foi o trabalho de Gilbert e Gubar, *The madwoman in the attic*, que, segundo a autora, em alguns pontos dá mais força à expressão feminina e, em outros, à força restrigente do patriarcado.

¹³ “a gama expressiva de sua conversa em geral. Essa conversa é uma rendição particularmente literal da ‘voz feminina’ tão central para a crítica feminista” (KAPLAN, 1994, p. 186 – tradução livre).

¹⁴ “(...) para compreender *Orgulho e Preconceito* em termos de alguma combinação ideal entre o individual e o social é falar de finalidades sobre uma escritora que escolhe falar do possível, do contínuo, do incompleto” (MORGAN, 1975, p. 55 – tradução livre).

¹⁵ “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa” (OP, 2011, p. 103).

they lack them) but that poor young women need husbands, ‘their pleasantest preservative from want’”¹⁶ (2000, p. 50). A questão do uso da palavra “*must*” também já foi destacada, inclusive por Patrícia Meyer Spacks (2010), visto que *must* funcionaria ao mesmo tempo como uma especulação social ou como uma imposição da sociedade sobre o dever de se casar.

Tal frase – que a princípio parece atestar uma verdade universal e, depois de uma análise mais detalhada, se mostra bastante ambígua – já seria uma abertura magistral para um livro que irá investigar o preconceito. Mas, além disso, em um contexto no qual cada escritor, moralista ou intelectual buscava dar a palavra final às questões do mundo, essa frase, mimetizando a complexidade do romance, põe em cheque as análises que se pretendem definitivas. Assim, ao se estudar *Pride and Prejudice*, partindo da questão de classe que naturalmente afeta o universo das mulheres de maneiras específicas, forma-se um debate interno no romance, no qual Lady Catherine e Elizabeth discutem diversas questões (de posição social ao ideal feminino), mas são acompanhadas nesse debate por Miss Bingley, Mrs. Bennet e, afinal, pela representação de todas as demais personagens da obra de Austen. O que afetará o entendimento dessas personagens sobre o comportamento esperado da mulher é a intenção que cada uma traz por trás do discurso – claramente moldado pela posição que as personagens ocupam na trama e, poderíamos dizer, socialmente.

Apesar de seus seis romances publicados terem sido lançados entre 1811 e 1817, três deles foram escritos antes de 1800, sendo que a primeira versão de *Pride and Prejudice* (“First Impressions”), foi composta entre 1796 e 1797. Segundo Knox-Shaw, podemos apenas conjecturar o quanto desses escritos foram alterados entre suas primeiras versões e seu estado final: “but it is clear that they were revised rather than reconceived. In the case of ‘First Impressions’, Cassandra Austen noted ‘alterations & contractions’, and Jane wrote of having ‘lopt & cropt’ the manuscript”¹⁷ (2004, p. xi).

Uma mudança observada por Sandra Gilbert e Susan Gubar sobre Austen enquanto autora, é que nos trabalhos de sua juventude (como “*Frederic and Elfrida*”) ela ridicularizava os romances que giravam em torno de propostas de casamento e bailes para conquista de pretendentes - o que torna intrigante o fato de que a trama de sua obra publicada está essencialmente limitada a tais assuntos. Mas as autoras dão uma possível explicação para essa

¹⁶ “uma verdade universalmente *reconhecida* é provavelmente menos que verdade; e a verdade real não é que homens solteiros querem esposas (‘in want of’ apenas significa que eles estão em falta delas), mas que as mulheres jovens pobres precisam de maridos, ‘a maneira mais agradável de prevenir a falta’” (BROWNTIN, 2000, p. 50 – tradução livre).

¹⁷ “mas está claro que eles foram revisados em vez de reformulados. No caso de ‘Primeiras Impressões’, Cassandra Austen anotou ‘alterações & contrações’, e Jane escreveu de ter ‘podado e cortado’ o manuscrito” (KNOX-SHAW, 2004, p. xi – tradução livre).

contradição, no sentido de que o casamento seria um assunto essencial à romancista porque, à época, o matrimônio era “the only accessible form of self-definition for girls in her society”¹⁸, de modo que o silêncio da autora “on all other subjects becomes itself a kind of statement, for the absences in her fiction prove how deficient are the lives of girls and women (...)”¹⁹ (2000, p. 127).

De fato, em março de 1813 um contemporâneo de Austen escreveu anonimamente na *Critical Review*: “The sentiments, which are dispersed over the work, do great credit to the *sense* and *sensibility* of the authoress. The line she draws between the prudent and the mercenary in matrimonial concerns, may be useful to our fair readers (...)”²⁰ (apud SOUTHAM, 2001, v.1, p. 46). Isso mostra como o romance estava bem inserido em um debate que ocorria à época sobre o caráter material do casamento, fenômeno então central daquela sociedade. E, neste caso, o autor elogia *Pride and Prejudice* por conseguir demonstrar as diferenças entre o que seriam escolhas “prudentes” e o que seriam atitudes “mercenárias”.

A recepção da crítica ao longo do tempo foi se transformando, porém. Kaplan (1994, p. 196) aponta para a contradição de uma trama que incorpora uma caracterização complexa da personagem Elizabeth terminar com seu casamento com Mr. Darcy, mas relativiza a crítica a essa contradição ao questionar se o romance como um todo, uniformemente, endossaria tal destino da personagem. A resposta vai depender, segundo ela, da visão social e teórica do crítico; da mesma forma como acontece na interpretação da personagem em si.

Critics' satisfaction with the marital fate of the heroine was expressed throughout the nineteenth century and well into the twentieth century. Many modern critics have just celebrated the ending more overtly, praising the marriage as the desirable end point in the personal developments of both Elizabeth Bennet and Mr. Darcy. (...) Some critics have also viewed the marriage as a metaphor for the harmonious union of antithetical, though often stereotypically gendered, social meanings. Thus for Lionel Trilling, “the relation of Elizabeth Bennet to Darcy is real, is intense, but it expresses itself as a conflict and reconciliation of styles: a formal rhetoric, traditional and rigorous, must find a way to accommodate a female vivacity, which in turn must recognize the principled demands of the strict male syntax”. And for

¹⁸ “a única forma acessível de autodefinição para garotas na sua sociedade” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 127 – tradução livre).

¹⁹ “sobre todos os outros assuntos se torna, por si mesmo, um tipo de declaração, pois as ausências na sua ficção provam o quão deficientes são as vidas de meninas e mulheres” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 127 – tradução livre).

²⁰ “Os sentimentos, que estão dispersos ao longo da obra, dão um grande crédito para a *razão* e a *sensibilidade* da autora. A linha que ela traça entre o prudente e o mercenário em preocupações matrimoniais pode ser útil para nossas damas leitoras” (apud SOUTHAM, 2001, v.1, p. 46 – tradução livre).

Tony Tanner, the marriage is a metaphor for the union of 'Playfulness and regulation – energy and boundaries'.²¹ (1994, p. 196)

Já correntes da crítica feminista ressaltam aspectos negativos da resolução do romance com o casamento, “[o]ften reminding readers that the nineteenth-century institution of marriage enforced women’s legal, economic, and social subordination (...)”.²² Sob esse ponto de vista, portanto, a união de Elizabeth Bennet com Mr. Darcy seria um destino degradante para a heroína de *Pride and Prejudice* (1994, p.197). Isso porque as heroínas de Austen só teriam encontrado seus finais felizes no momento em que se casaram, e a autora não indicaria caminhos possíveis que suas leitoras pudessem adotar para escapar da “sina do casamento” e do controle patriarcal. Segundo Kaplan (1992, p. 197), “assuming Austen’s commitment to it, Mary Poovey, for example, laments that the ending of *Pride and Prejudice* and Austen’s other novels serves to ‘disguise the inescapable system of economic and political domination’”²³, sendo que o amor romântico parece prometer, segundo a autora, uma profundidade emocional que compensaria a perda de oportunidades para as mulheres.

Um dos caminhos de fuga usualmente retratados pelas autoras feministas é o da chamada *female friendship*, no qual a mulher encontraria uma alternativa para o casamento na sua relação de amizade com outras mulheres. Sobre essa representação em *Pride and Prejudice*, Kaplan diz que, embora o romance de fato ofereça uma série de amizades femininas, nós podemos interpretar estas alianças como uma “irmandade de mulheres” somente no sentido de irmandade por afeição e suporte que mulheres dão umas às outras. O romance, no entanto, “(...) does not portray sisterhood as a political constituency, showing women aware of themselves as a distinct, egalitarian group united in the context of their discontent with patriarchal and hierarchical social relations”²⁴. Segundo a autora, a irmandade

²¹ “A satisfação dos críticos com o destino matrimonial da heroína foi expressada ao longo dos séculos XIX e XX. Muitos críticos modernos têm celebrado o final mais abertamente, elogiando a união como o ponto final desejável nos desenvolvimentos pessoais de ambos Elizabeth Bennet e Mr. Darcy. (...) Alguns críticos também têm visto o casamento como uma metáfora para a união harmoniosa de significados sociais antitéticos, embora muitas vezes embasados em estereótipos de gênero. Assim, para Lionel Trilling, ‘a relação de Elizabeth Bennet para Darcy é real, é intensa, mas se expressa como conflito e reconciliação de estilos: a retórica formal, tradicional e rigorosa, deve encontrar uma maneira de acomodar uma vivacidade feminina, que por sua vez deve reconhecer os princípios exigidos pela rigorosa sintaxe masculina’. E para Tony Tanner o casamento é uma metáfora para a união entre ‘brincadeira e regras - energia e limite’” (KAPLAN, 1994, p. 196 – tradução livre).

²² “Frequentemente lembrando os leitores que a instituição do casamento no século XIX impunha a subordinação legal, econômica e social da mulher” (KAPLAN, 1994, p. 197 – tradução livre).

²³ “assumindo o compromisso de Austen com [o casamento], Mary Poovey, por exemplo, lamenta que o final de *Orgulho e Preconceito* e outros romances de Jane Austen sirvam para ‘disfarçar o sistema inevitável de dominação econômica e política’” (KAPLAN, 1992, p. 197 – tradução livre).

²⁴ “(...) não retrata a irmandade como um eleitorado político, mostrando mulheres conscientes de si mesmas como um grupo distinto e igualitário, unido no contexto de seu descontentamento com as relações sociais patriarcais e hierárquicas” (KAPLAN, 1994, p.195-196 – tradução livre).

como aparece em *Pride and Prejudice* não seria uma antítese ao casamento, e “Elizabeth may be critical of men’s privileges and power, but sisterhood does not generate this critique”²⁵ (1994, p. 195-196).

Assim, não apresentando nenhum refúgio para o casamento, considerado a maior ferramenta de controle sobre a mulher naquela época (nas esferas jurídica, econômica e social), Jane Austen foi acusada de promover valores patriarcais – e seu romance *Pride and Prejudice* foi acusado de conter, segundo Claudia L. Johnson (1988, p. 74), uma qualidade marcadamente de conto de fadas. Mas a autora diz que, enquanto a popularidade prolongada do romance possa apontar para esse lado, politicamente a análise é suspeita – até porque a obra oferece diversos exemplos de casamentos infelizes.

Também Kaplan questiona essa situação e diz que os sentimentos genuínos de Austen sobre o assunto estariam, “so we are urged to assume, tucked away under or within the text’s patriarchal appearance”²⁶ (1994, p. 202). Nesse sentido, a autora explica que a grande dificuldade da crítica feminista se encontra na dualidade que advém de o foco da análise estar ou na *female voice* [voz feminina], ou na opressão patriarcal. Mais do que isso, porém, ela defende que essa posição binária acaba isolando o estudo de gênero de outros aspectos de identidade e experiência, e que Austen deve ser identificada tanto pelo seu gênero quanto pela posição social que ocupa, o que ainda assim não é suficiente:

If the gentry’s culture produced gender as a high status identity – “genteel femininity” – the women’s culture’s construction of female identity, though partly in opposition, was also circumscribed by status concerns drawn from gentry’s culture. These concerns as we have seen, limit Elizabeth Bennet’s awareness of and anger over female subordination to the community of genteel persons just as they prevent a more devastating, more radical portrait of male domination across social ranks (p. 201-202). The framework of cultural duality, then, may enable us to recognize Austen and her female circle’s dependence on and perceived need for the gentry’s culture, as a feminist criticism oblivious to social rank or class as aspects of female identity cannot.²⁷ (1994, p. 203)

²⁵ “Elizabeth pode ser crítica ao poder e aos privilégios dos homens, mas a irmandade não provoca essa crítica” (KAPLAN, 1994, p.195-196 – tradução livre).

²⁶ “assim somos impelidos a assumir, escondidos embaixo ou dentro da aparência patriarcal do texto” (KAPLAN, 1994, p. 202 – tradução livre).

²⁷ “Se a cultura da *gentry* produziu o gênero como uma identidade de *status* elevado – ‘feminilidade gentil’ – a construção da identidade feminina pela cultura de mulheres, embora parcialmente oposta a preocupações com *status* extraídas da cultura da *gentry*, também esteve circunscrita a elas. Estas preocupações, como vimos, limitam a consciência e a raiva de Elizabeth Bennet sobre a subordinação feminina à comunidade de pessoas gentis, assim como evitam um retrato mais devastador, mais radical da dominação masculina através da hierarquia social (p. 201-202). O quadro de dualidade cultural, então, pode nos permitir reconhecer a dependência e percepção de Austen e de seu círculo feminino no que se refere à cultura da *gentry*, algo que uma crítica feminista alheia à posição social ou à classe como aspectos da identidade feminina não poderia fazer” (KAPLAN, 1994, p. 203 – tradução livre).

Kaplan ainda explica que essa perspectiva pode nos ajudar a entender que, quando escrevia para publicação, Austen poderia querer minimizar debates polêmicos em sua obra porque vivia “dentro” da cultura patriarcal (1994, p. 203). E se Austen de fato minimizou conflitos em sua obra, Claudia L. Johnson indica um motivo para isso ao lembrar que havia consequências para autoras que se opunham abertamente à cultura dominante. Mary Wollstonecraft, por exemplo, ao expressar ideias contrárias ao *status quo* (e agir segundo elas) acabou por se tornar uma personalidade polêmica a ser evitada, e nenhuma mulher romancista, mesmo entre as mais progressistas, desejava se conectar com ela sob o risco de ser desacreditada (1988, p. xxiii). Johnson diz ainda que, ao evitar a polêmica diante de sua obra, tratando de assuntos políticos de forma sutil e diluída nas páginas dos livros, Jane Austen garantiu que a voz de suas personagens não fosse censurada às moças por pais e maridos, podendo explorar mais livremente aspectos das instituições tradicionais como casamento, primogenitura e o sistema patriarcal. Essa é uma estratégia inteligente, visto que Jameson já avisou que “(...) normalmente, a ideologia da classe dominante explorará várias estratégias da *legitimação* de seu próprio poder, enquanto uma cultura ou ideologia oposta buscará, amiúde de maneira velada e empregando estratégias dissimuladas, contestar e minar o ‘sistema de valores’ dominante” (1992, p. 77).

Jane Austen não ignorava a situação da mulher. Ela própria, sendo escritora, precisava esconder sua profissão e seu talento atrás da sua famosa declaração: “Creio que posso me jactar de ser, com toda a vaidade possível, a mais ignorante e mal-informada mulher que jamais teve a audácia de se tornar autora” (ROMEY, 2011, p. 7). As intenções por trás dessa declaração foram reconhecidas pelas gerações seguintes de escritoras britânicas, que sabiam, como lembra Virginia Woolf, em seu artigo “Mulheres romancistas”, que Jane Austen “teria de esconder seus escritos embaixo de um livro quando alguém entrava na sala” (2012, p. 27). Não só Austen, mas boa parte das autoras passou por situações como essa, em que precisavam justificar a sua vontade de escrever ou esconder sua autoria. Segundo Jan Fergus, “[p]ublishing her own writing could threaten a woman’s reputation as well as her social position. For any woman, the fame of authorship could become infamy, and novels were particularly reprehensible (...)”²⁸ (FERGUS, 2000, p. 13). Isso porque, na sociedade da época de Austen, as mulheres deveriam ser modestas, contidas e se dedicar essencialmente aos afazeres da casa e aos assuntos privados. Além disso, escritoras irremediavelmente atrairiam

²⁸ “publicar sua própria obra poderia ameaçar a reputação de uma mulher assim como sua posição social. Para qualquer mulher, a fama da autoria poderia se tornar uma infâmia, e os romances eram particularmente repreensíveis (...)” (FERGUS, 2000, p. 13 – tradução livre).

os olhos do público, o que provocaria, segundo o pensamento vigente, a perda da feminilidade como era entendida. Isso fez com que o sobrinho de Jane Austen, Henry Austen, escrevesse em defesa da tia, justificando que ela não buscava nem fama nem lucro com seus livros (FERGUS, 2000).

É por isso que Vivien Jones (1991) ressalta que, apesar de ser importante estudar o papel ativo que as mulheres tiveram nas mudanças culturais – especialmente as mulheres escritoras – há o risco de se esquecer das relações de poder com que elas tiveram que negociar, sendo que “[a]n eagerness to celebrate women can sometimes, paradoxically, result in a playing down of the Power relations which have kept women invisible”²⁹ (JONES, 1991, p. 11). A autora diz ainda que a história da recepção das publicações de mulheres no século XVIII mostra uma continuidade da marginalização e contenção a que ainda eram submetidas. Assim, para as mulheres, escrever e publicar já era por definição um ato de transgressão, visto que constituía uma penetração da esfera pública “proibida”. Assim, o estudo sobre escritoras do século XVIII envolve uma atenção especial a essa posição ambivalente que ocupavam (1991, p. 12).

Nesse sentido, Johnson lembra que, além de monopolizarem a produção artística e do conhecimento, os homens negavam às mulheres o próprio caráter racional do ser humano (e essa é uma pista para entendermos a peculiaridade das narradoras de Austen quanto ao elogio do uso da razão). Segundo Johnson, os moralistas conservadores da época de Austen não instigavam o raciocínio, e os pais eram desaconselhados a permitir que suas filhas lessem sem uma supervisão rígida, de modo a evitar que ideias muito “avançadas” de filosofia, razão e independência atravessassem seus estudos (1988, p. 12). Essa exclusão da mulher do espaço de conhecimento e produção artística está diretamente relacionada à ascensão da burguesia – especialmente a partir do século XVIII na Inglaterra –, que trouxe consigo uma verdadeira guerra de ideias, na qual eram debatidas questões de individualidade, moral e maneiras, classe e gênero.

Segundo Karen O’Brien (2009, p. 9-10), em termos de direitos civis e políticos, o período que vai do final do século XVIII ao início do XIX viu poucos progressos para as mulheres. Na verdade, ela diz que os direitos de viúvas e mulheres casadas sobre a propriedade de fato foram reduzidos no período, embora houvesse quem protestasse contra isso, especialmente na década de 1790 – e ela dá como exemplo justamente a defesa de Wollstonecraft pelos direitos da mulher. O’Brien destaca ainda que, embora a situação legal e

²⁹ “[u]ma ânsia para celebrar as mulheres às vezes pode, paradoxalmente, resultar numa suavização das relações de poder que mantiveram as mulheres invisíveis” (JONES, 1991, p. 11 – tradução livre).

política da mulher não fosse exatamente ideal, ela ainda assim não correspondia à atuação feminina no período, que na verdade viu um aumento no número de oportunidades para mulheres das classes médias e altas para exercer seus talentos fora do círculo familiar. Algumas dessas oportunidades envolviam atividades de lazer, como sociedades de debate, passeios em jardins, teatros, etc., e outras estavam no campo da filantropia ou ativismo (sendo bem conhecido, por exemplo, o trabalho que as mulheres inglesas fizeram contra o comércio de escravos). A autora ainda destaca que “[w]omen not born to, or lucky enough to escape from, a life of agricultural labour, domestic service, manufacturing or other poorly paid work, did find remuneration as nurses, teachers or writers – the latter two enormously on the increase in this period (...)”³⁰ (2003, p. 10).

Veremos como a questão do trabalho feminino era delicada, especialmente se as análises de gênero não se isolarem das análises de classe. Mas O’Brien argumenta que tal ascensão de oportunidades para mulheres põe em cheque estudos mais simplistas de separação entre esferas masculinas e femininas nessa sociedade. Ela diz que trabalhos como o de Catherine Hall evidenciam um processo dialético da formação da identidade da burguesia durante sua emergência, mas que historiadores mais recentes propõem que essa divisão talvez tenha sido uma reação defensiva de homens *contra* a importância crescente de mulheres na vida britânica, “or that women themselves encouraged and elaborated this ideology as a means of securing themselves a platform from which to act and speak as proper ladies”³¹ (2003, p. 10).

De qualquer forma, a emergência da burguesia não teria provocado somente a definição do espaço social da mulher no lar. Paradoxalmente, ela trouxe consigo dois fenômenos que serão de extrema importância para a promoção feminina na literatura. O primeiro é o *boom* de produção e venda de livros, impulsionado pela demanda da nova classe burguesa, a qual teria como um dos meios de autoafirmação a busca pela cultura. O segundo fenômeno é o surgimento do romance, que vem ao encontro da necessidade que as mulheres feministas tinham de criar sua própria tradição³². Nesse sentido, Claudia L. Johnson (1988, p.

³⁰ “[m]ulheres que não tinham nascido para uma vida de trabalho agrícola, serviço doméstico, fabricação ou outro trabalho mal pago, ou com sorte para escapar disso, encontravam remuneração como enfermeiras, professoras ou escritoras - os dois últimos em enorme ascensão neste período (...)” (O’BRIEN, 2003, p. 10 – tradução livre).

³¹ “ou que as próprias mulheres encorajavam essa ideologia como um meio de garantir para si uma plataforma a partir da qual pudessem agir e falar como senhoras respeitáveis” (O’BRIEN, 2003, p. 10 – tradução livre).

³² Aqui se faz necessário o entendimento do que é e como se forma a *tradição*: de acordo com Candido, ela passa necessariamente pela consolidação da *literatura*. Para ele, literatura é um sistema de obras ligadas por denominadores comuns (que são elementos de características internas - como língua, temas e imagens - ou externas, de natureza social ou psíquica, literariamente organizadas, que se manifestam historicamente). Entre

xiv) explica que “while the novel had proved especially attractive to eighteenth-century women writers precisely because it was not already the territory of men, starting from as early as around 1815, reviewers insist on a fairly rigid distinction between the ‘male’ and the ‘female’ novel”.³³ É a partir do entendimento dos problemas que mulheres escritoras enfrentaram para escrever e publicar em uma cultura predominantemente masculina que, segundo a autora, podemos ter um bom ponto de partida um entendimento histórico da obra de Austen.

Gilbert e Gubar (2000, p. 8), comentando a questão, aproximam Austen (e sua personagem Anne) da poetisa Anne Finch, que criticava o fato de a pena ser definida não apenas como uma ferramenta acidental do homem, mas essencialmente masculina, de forma que a autoria se tornava, mais do que inapropriada, de fato estranha às mulheres.

(...) in a famous letter to Charlotte Brontë, Robert Southey rephrased the same notion: “Literature is not the business of a woman’s life, and it cannot be.” It cannot be, the *metaphor of literary paternity*³⁴ implies, because it is a physiologically as well as sociologically impossible. If male sexuality is integrally associated with the assertive presence of literary power, female sexuality is associated with the absence of literary power, with the idea – expressed by the nineteenth-century thinker Otto Weininger – that “woman has no share in ontological reality”. As we shall see, a further implication of the paternity/creativity metaphor in the notion (implicit both in Weininger and in Southey’s letter) that women exist only to be acted on by men, both as literary and as sensual objects.³⁵

esses denominadores se destaca a existência de três conjuntos: produtores literários, receptores literários e um mecanismo transmissor. “O conjunto desses três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico (...)” A partir do surgimento de tal sistema, que integra a atividade dos escritores de um dado período, o movimento subsequente é a formação da “continuidade literária”: “é uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar”³² (CANDIDO, 1975, p. 23-24).

³³ “enquanto o romance tinha sido especialmente atraente a mulheres escritoras setecentistas, precisamente porque não era ainda território de homens, desde tão cedo quanto 1815 os revisores insistiam na distinção rígida entre romances ‘masculinos’ e ‘femininos’” (JOHNSON, 1988, p. xiv – tradução livre).

³⁴ Por “metaphor of literary paternity” as autoras retomam a famosa frase de abertura do livro: “Is a pen a metaphorical penis?”, com a qual elas iniciam a tese de que “in patriarchal Western culture, therefore, the text’s author is a father, a progenitor, a procreator, as aesthetic patriarch whose pen is an instrument of generative power like his penis” [“É uma pena um pênis metafórico?”], com a qual elas iniciam a tese de que “na cultura ocidental patriarcal, portanto, o autor do texto é um pai, um progenitor, um procriador, como patriarca estético cuja pena é um instrumento de poder generativo como seu pênis”] (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 6 – tradução livre). A possibilidade da entrada das mulheres na literatura pela proposta da *matrilineage*, ou seja, uma tradição feminina construída a partir da novidade do romance, é uma oposição à tradição literária de caráter patriarcal.

³⁵ “(...) em uma famosa carta a Charlotte Brontë, Robert Southey reformula a mesma noção: ‘Literatura não é o negócio da vida de uma mulher, e não pode ser’. Não pode ser, a metáfora da paternidade literária implica, pois é fisiologicamente, assim como sociologicamente impossível. Se a sexualidade masculina está integralmente associada à presença assertiva do poder literário, a sexualidade feminina está associada com a ausência de poder literário, com a ideia - expressa pelo pensador do século XIX Otto Weininger – de que ‘a mulher não tem participação na realidade ontológica’. Como veremos, outra implicação da metáfora paternidade/criatividade é a noção (implícita tanto em Weininger quanto na carta de Southey) de que as mulheres existem só para serem manipuladas pelos homens, tanto como objetos literários, quanto como sensuais” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 8 – tradução livre).

Também Mary Eagleton mostra como as mulheres usualmente entravam no processo criativo de homens como “musas femininas” e estavam longe de serem majoritariamente autoras – se o fossem, teriam a possibilidade de se tornar criadoras ativas em seu próprio direito, e escrever a própria história³⁶. Assim, Mary Eagleton questiona até que ponto as mulheres poderiam se desenvolver na escrita dentro do sistema de “ansiedade de influência” de Bloom (e que Gilbert e Gubar interpretam como uma “ansiedade de autoria”):

How can women write at all according to Bloom's model or, if they can, are they supposed to 'prove' themselves by taking an unequal part in a struggle with male precursors? In contrast to Bloom's patrilineage, many feminist critics and writers have employed the concept of a matrilineage, a literary history of mothers and daughters.³⁷ (EAGLETON, M., 1996, p.37)

Mary Eagleton explica, então, que as escritoras defendem a importância do surgimento da *matrilineage*, ou seja, a construção de uma tradição literária feminina que não precisasse competir diretamente com a tradição de livros escritos por homens, a qual já estava consolidada e dominava o cânone inglês (e talvez, se não universal, quase) até então. Sobre a tradição masculina, Mary Eagleton levanta os estudos de Harold Bloom³⁸, para quem a história literária seria uma violenta luta edipiana, na qual cada autor se esforçaria para suplantar seu “pai literário”. Isso não deveria ocorrer na *matrilineage* proposta, visto que esta não significaria apenas uma herança simples de mães para filhas (como supõe-se que funcionasse a tradição dominada por homens) mas sim a construção de um sistema de

³⁶ Comentando a desvantagem em que mulheres escritoras se encontravam para contar a própria história, Gilbert e Gubar apontam como Austen parecia entender o problema: “ignoring the political and economic activity of men throughout history, Austen implies that history may very well be a uniform drama of masculine posturing that is no less a fiction (and potentially pernicious one) than gothic romance. She suggests, too, that this fiction of history is finally a matter of indifference to women, who never participate in it and who are almost completely absent from its pages. Austen thus anticipates a question Virginia Woolf would angrily pose in *Three Guineas*: ‘what does ‘patriotism’ mean to [the educated man’s sister]? Has she the same reasons for being proud of England, for living in England, for defending England?’ For, like Woolf, Austen asserts that women see male-dominated history from the disillusioned and disaffected perspective of the outsider”. [“Ignorando a atividade política e econômica dos homens ao longo da história, Austen deixa implícito que a história pode muito bem ser um drama uniforme de postura masculina que não é menos uma ficção (e uma potencialmente perniciosa) que o romance gótico. Ela sugere, também, que esta ficção da história é finalmente uma questão de indiferença para com as mulheres, que nunca participam dela e que estão quase completamente ausentes de suas páginas. Austen antecipa assim uma questão que Virginia Woolf furiosamente postularia em *Three Guineas*: “o que significa ‘patriotismo’ para [a irmã do homem educado]? Ela tem as mesmas razões para estar orgulhosa da Inglaterra, para viver na Inglaterra, para defender a Inglaterra?” Pois, como Woolf, Austen afirma que as mulheres veem a história dominada por homens da perspectiva desiludida e descontente do estrangeiro”] (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 134 – tradução livre).

³⁷ “Como as mulheres podem escrever de acordo com o modelo de Bloom ou, se puderem, elas devem provar a si mesmas tomando parte numa batalha desigual com os precursores do sexo masculino? Em contraste com a linhagem paterna [patrilineage] de Bloom, muitas críticas e escritoras feministas têm empregado o conceito de linhagem materna [matrilineage], uma história literária de mães e filhas” (EAGLETON, M., 1996, p. 37 – tradução livre).

influência e apoio. Sobre essa interdependência de mulheres autoras, Jan Fergus explica que Austen de fato escreveu quando as oportunidades para mulheres publicarem nunca tinham sido maiores, e que a carreira dela como autora dependia até certo ponto das outras romancistas de seu tempo, que criaram e mantinham um “mercado de consumo” do que Fergus chama de ficção doméstica (2000, p. 13).

Vivendo esse contexto, é difícil acreditar que Jane Austen fosse indiferente aos debates sobre a situação da mulher. Mais difícil ainda é acreditar que Austen, de alguma forma, pudesse desejar fortificar o sistema vigente enquanto lutava para entrar na tradição literária. É por levar este cenário em consideração, de uma autora que precisava defender sua autoria e sua própria feminilidade, que Kaplan vai questionar até que ponto uma mulher escritora poderia reforçar valores dominantes enquanto se aventurava na autoria.

De fato, para entender o motivo por trás dos finais das histórias de Austen, não se pode simplificar a análise. O contexto em que foram escritos era resultado de uma sociedade organizada há séculos dentro do sistema patriarcal, e isso afeta sobremaneira os significados do casamento em si, e o papel que a mulher tinha dentro dele. Gilda de Mello e Souza explica que, com a ascensão da burguesia, a mulher *burguesa* viu-se de repente “mais ou menos sem ter o que fazer, e seu único objetivo – transformando-se em grupo dependente – era casar”. Houve então certo desenvolvimento de “recursos que entram em jogo na competição sexual” e, assim, “no pequeno espaço de tempo que mediava entre a vida da menina e a da senhora, a moça entregava-se ao aprendizado da música e das maneiras, ao interesse pelos vestidos, vivendo na expectativa da chegada do marido” (1987, p. 89). Considerando tal contexto, Gilbert e Gubar analisam que:

Far from looking under razed buildings or (even more radically) razing buildings herself, Austen admits the limits and discomforts of the paternal roof, but learns to live beneath it. As we have seen, however, she begins by laughing at its construction, pointing out exactly how much of that construction actually depends on subjugation of women. If she wishes to be an architect herself, however, she needs to make use of the only available building materials – the language and genres, conventions and stereotypes at her disposal. She does not reject these, she reinvents them.³⁹ (2000, p. 121)

³⁹ “Longe de olhar sob edifícios destruídos ou (ainda mais radicalmente) destruir edifícios por si mesma, Austen admite os limites e desconfortos da casa paterna, mas aprende a viver sob ela. Como vimos, no entanto, ela começa a rir a sua construção, apontando exatamente o quanto dessa construção realmente depende de subjugação das mulheres. Se ela quer ser uma arquiteta, no entanto, ela precisa fazer uso dos únicos materiais disponíveis de construção - a linguagem e gêneros, convenções e estereótipos à sua disposição. Ela não os rejeita, ela os reinventa” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 121 – tradução livre).

Para Johnson (1988), embora poucos críticos tenham ido tão longe quanto Marilyn Butler a ponto de enxergar em Austen uma “reacionária”, muitos concordam que ela era “conservadora”. Quando investigamos a origem dessas conclusões, diz Johnson, pode-se perceber que elas estão ancoradas “not on statements by or about Austen in her novels or letters – no such statements exist – but rather on the belief that because she was a member of a certain class she reflexively accorded with all its values and interests”⁴⁰; por isso, a autora diz que, conforme a classe social de Austen ganha força, ela é considerada mais e mais conservadora pela crítica, mas que em seu próprio tempo este não foi o caso (1988, p. xviii). Assim, segundo Johnson, qualquer que seja o *status* social atribuído a Austen, nega-se a ela alguma opinião independente de sua classe. Mais do que isso, porém, mesmo os leitores que enxergam na autora algum caráter subversivo, contrário aos valores dominantes de sua própria época, não creditam a ela uma capacidade de pensamento independente.

Their conceptions of Austen’s achievement are limited in identical ways by fixed and curiously unimaginative suppositions about what was possible, proper, and normal for women of her time. To them, Austen’s social criticism is not the result of a reasonably considered outlook on society, or even of a simple ability to detect fools and knaves. Rather it is a symptom of emotional disability: she was a ‘nasty’ old maid. (...) Statements such as these carry with them the implication that Austen’s irony, her single most brilliant artistic achievement, was pathological, a problem any good husband could relieve, and that all social criticism written by women is borne of disappointment in love.⁴¹ (1988, p. xix)

Nesse sentido, Johnson lembra que, para autores como Marilyn Butler, mesmo que Austen tenha de alguma forma participado do debate ideológico de sua época, seus posicionamentos tiveram como base noções *demodê* que foram dadas a ela “by the ‘sermons’ and ‘conduct books’ that somehow ‘formed’ her mind”. This account, however, actually denies Austen the dignity and the activity of being a warrior of ideas”⁴². Tendo concluído que o posicionamento político de Austen era anti-Jacobino, e ela uma autora moralmente

⁴⁰ “não em declarações sobre Austen, ou dela própria em seus romances ou cartas - não existem tais declarações - mas sim sobre a crença de que, porque ela era um membro de certa classe, ela seria um reflexo de todos os valores e interesses dessa classe” (JOHNSON, 1988, p. xviii – tradução livre).

⁴¹ “Suas concepções da realização de Austen são limitadas de forma idêntica por suposições fixas e curiosamente sem imaginação sobre o que era possível, adequado e normal para mulheres do seu tempo. Para eles, a crítica social de Austen não é o resultado de uma visão razoavelmente considerada na sociedade, ou mesmo de uma simples capacidade de detectar os tolos e patifes. Pelo contrário, é um sintoma de deficiência emocional: ela era uma ‘desagradável’ solteirona. (...) Declarações como essas trazem consigo a implicação de que a ironia de Austen, sua realização artística mais brilhante, era patológica, um problema que qualquer bom marido poderia resolver, e que toda a crítica social escrita por mulheres tem como base a decepção no amor” (JOHNSON, 1988, p. xix – tradução livre).

⁴² “por livros de sermão e conduta que teriam formado sua mente. Esse ponto de vista, no entanto, de fato nega a Austen a dignidade e a atividade de ser uma guerreira de ideias” (JOHNSON, 1988, p. xvii-xviii – tradução livre).

inflexível, “Butler is ready to subvert the premise which, in some ways, makes her own book possible, and to ask, with admirable, if perverse logic, whether Austen really does deserve her position in the canon: ‘[A]re we right to call her a great novelist at all?’”⁴³ (JOHNSON, 1988, p. xvii-xviii)

Para Knox-Shaw, é justamente a capacidade de observação de Austen o que vai conceder a ela uma posição entre os grandes escritores ingleses de sua geração. Ele diz ainda que a autora possui uma elegância e simplicidade de escrita que lhe confere “a conspicuous place among the proponents of the natural style”.⁴⁴ Nenhum outro romancista do período teria desenvolvido, segundo Knox-Shaw, uma linguagem tão livre de ornamentos desnecessários, e apesar de sua forma de narrar ser “more carefully cadenced and often more formal than her letters, it subscribes to the same ideal of directness that she pins down while scribbling to Cassandra: ‘the true art of letter writing [is] to express on paper exactly what one would say to the same person by word of mouth’”⁴⁵ (2004, p. 51).

Juliet McMaster (2000) aponta como essa capacidade de observação pode ter sido proveniente da posição singular que Austen ocupava, visto que ela podia alternar entre uma vida modesta ao lado da mãe e da irmã, e uma vida mais glamorosa ao visitar seu irmão proprietário de terra para observar as distinções sociais “finamente nuançadas” ao seu redor. Um dos livros que mais a influenciaram a entrar no mundo da autoria, no entanto, teria sido também de grande influência para o desenvolvimento de sua habilidade de observação: foi o presente que recebeu de seu irmão Edward, o livro de Thomas Percival, *Tales, Fables and Reflections* (1775), que, segundo Knox-Shaw, era “a manual on science and liberal opinion disguised as a conduct-book”.⁴⁶ Com esse livro, Percival teria apresentado a seus jovens leitores os pensamentos de autores como Shaftesbury, Voltaire, Robertson, and Smith, e “took them through an impressive range of famous experiments; taught them to abhor slavery, and to regard a merchant as a more valuable member of society than a court toady. But he urged

⁴³ “Butler está pronta para subverter a premissa que, em alguns aspectos, torna o seu próprio livro possível, e para questionar, com admirável, ou perversa a lógica, se Austen realmente merece sua posição no cânone: ‘Estamos realmente certos em lhe chamar de grande romancista?’” (JOHNSON, 1988, p. xvii-xviii – tradução livre).

⁴⁴ “um local bem visível entre os defensores do estilo natural” (KNOX-SHAW, 2004, p. 51 – tradução livre).

⁴⁵ “mais cuidadosamente cadenciada e muitas vezes mais formal do que suas cartas, ela se inscreve no mesmo ideal de objetividade que [Austen] descreve enquanto rabiscando para Cassandra: ‘a verdadeira arte da escrita [é] a de expressar no papel exatamente o que se diria para a mesma pessoa oralmente’” (KNOX-SHAW, 2004, p. 51 – tradução livre).

⁴⁶ “um manual de ciência e opinião liberal disfarçado como livro de conduta” (KNOX-SHAW, 2004, p. 17-18 – tradução livre).

them, above all, to be vigilant”⁴⁷ (2004, p. 17-18). Austen teria incorporado essa preocupação com a vigilância, pois, como explica o autor, ela adotou uma regra de observação que a levou ao extremo de nem mesmo escrever cenas das quais não poderia ter participado:

(...) she notoriously altogether avoided scenes in which men confer together in the absence of women. Her limitations of range have been ascribed with good reason to the constraints under which middle-class women labored in her period, but they are also a condition of the “experimental” discourse to which she was pledge. Later critics approaching her work from the perspective of the full-blown sociological novel of the nineteenth century have put a construction on these limits that negates their special implications.⁴⁸ (2004, p. 22-23)

Knox-Shaw (2004, p. 4) argumenta também contra a análise que aponta Austen como tendo sido influenciada por “*old-fashioned sermons*” e livros de conduta, e levanta as aproximações da autora com estudos iluministas. Para o autor, muitos críticos de Austen trabalhariam a partir da premissa que o Iluminismo já estava se esgotando na Inglaterra em meados do século XVIII, o que não seria verdade se for levado em consideração que durante a vida de Austen os estudos de autores como Hume e Smith eram ainda muito recomendados como leitura educativa, e que suas teorias teriam “echoes of which are to be found in both *Pride and Prejudice* and *Sense and Sensibility*”⁴⁹ (KNOX-SHAW, 2004, p. 7). Para ele, portanto, Austen é antes de tudo uma autora “of centrist views who derives in large measure from the Enlightenment, more particularly from that sceptical tradition within it that flourished in England and Scotland during the second half of the eighteenth century”⁵⁰ (p. 5). Essa complexidade das influências do Iluminismo, segundo Knox-Shaw, é frequentemente ignorada pelos críticos que buscam definir Jane Austen de maneira simplista demais (2004, p. 7).

Mais do que tentar definir Austen dentro de categorias, portanto, e tentar postular se a autora era conservadora e anti-Jacobina, progressista e Jacobina, moralista, iluminista ou (no

⁴⁷ “os conduziu através de uma gama impressionante de experimentos; os ensinou a abominar a escravidão, e a considerar o comerciante como um membro da sociedade mais valioso do que os bajuladores da corte. E os instigava, acima de tudo, a serem vigilantes” (KNOX-SHAW, 2004, p. 17-18 – tradução livre).

⁴⁸ “(...) ela evitou notoriamente as cenas nas quais homens conversavam sozinhos, na ausência de mulheres. As limitações de seu escopo têm sido atribuídas, com razão, às restrições sob as quais as mulheres burguesas trabalhavam no seu período, mas elas também são uma condição para o discurso ‘experimental’ com o qual ela estava comprometida. Críticos posteriores, ao se aproximarem de sua obra a partir da perspectiva do romance sociológico espalhado pelo século XIX, têm encarado esses limites sob uma construção que nega suas implicações especiais” (KNOX-SHAW, 2004, p. 22-23 – tradução livre).

⁴⁹ “ecos que podem ser encontrados tanto em *Orgulho e Preconceito* quanto em *Razão e Sensibilidade*” (KNOX-SHAW, 2004, p. 7 – tradução livre).

⁵⁰ “de pontos de vista centristas que deriva em grande medida do Iluminismo, mais particularmente dessa tradição cética dentro dele que floresceu na Inglaterra e na Escócia durante a segunda metade do século XVIII” (KNOX-SHAW, 2004, p. 4 – tradução livre).

extremo de Butler) reacionária, o objetivo deste trabalho será tentar entender o que o romance diz, a partir de uma análise formal, pautada no devido contexto histórico e social. Essa investigação tem início a partir da grande crítica feita à obra de Austen – sobre o caráter de conto de fadas adquirido pela resolução de *Pride and Prejudice*. Vimos aqui como, enquanto alguns críticos acreditam que o final é degradante a Elizabeth, outros explicam que, na época da autora, o casamento era o único caminho possível às mulheres. E essa questão, que ganhou força ainda na década de 1970, já foi bastante debatida. O que propomos, então, é realizar uma interpretação de como questões sobre o casamento são discutidas no próprio livro (em termos formais) – quase como se o romance fosse, ele mesmo, uma tese de investigação da autora. Afinal, a proposição inicial da obra já inicia o assunto, e durante toda a trama questões matrimoniais aparecem. Seria injusto, portanto, julgar o que se diz sobre tal fenômeno social apenas por como ele surge no desfecho da obra. Em certo ponto, a narradora de *Pride and Prejudice* arrisca uma definição do que seria o casamento entre Elizabeth e Mr. Darcy: “... *no such happy marriage could now teach the admiring multitude what connubial felicity really was*” (PP, 2010, p. 353).⁵¹ Se este seria de fato o verdadeiro exemplo de felicidade conjugal, vale a pergunta de o que faltaria aos outros três casamentos que se completam ao longo da narrativa; o que faz com que essa união seja, nas palavras da narradora de *Pride and Prejudice*, assim tão especial?

Para que as proposições do romance sobre o casamento sejam compreendidas, é essencial que se investigue também o que se esperava das mulheres na época de Austen. Elas de fato eram empurradas ao casamento? Podiam trabalhar ou estudar? Como o caráter da mulher era entendido então? Assim, o estudo de gênero é prerrogativa, nesse caso, para que o estudo do fenômeno social específico seja feito adequadamente. Mas esse estudo histórico da construção do feminino necessariamente exige, ainda, que se especifique a classe social de que se fala, visto que o presente trabalho não tem a pretensão de conseguir englobar análises específicas sobre a vida de mulheres em todas as classes sociais ao longo do tempo; na verdade, fala-se de um tipo específico de feminino, num período específico da história – ambos estreitamente vinculados à ascensão da burguesia na Inglaterra.

O caminho da análise foi esse, portanto: saímos de um ponto específico do romance com várias dúvidas sobre o casamento dentro dele, que para serem respondidas abriram um caminho dialético a estudos cada vez mais abrangentes da sociedade. Depois refizemos o

⁵¹ “Mas nenhum casamento feliz poderia agora ensinar à multidão admirada o que era a verdadeira felicidade conjugal” (OP, 2011, p. 445).

caminho no sentido contrário de modo a aprofundar a leitura, enfim organizada em: *classe, gênero e casamento*.

Assim, a partir da análise formal do diálogo entre Lady Catherine e Elizabeth Bennet que ocupa quase todo o capítulo 14 do terceiro volume do romance, o *primeiro capítulo* dessa dissertação investiga esse verdadeiro confronto verbal entre as duas personagens, com o objetivo de entender como ambas apresentam características particulares de classes sociais distintas presentes no contexto da Inglaterra de então. Assim, de um ponto específico da obra buscamos um entendimento de suas conexões com o fenômeno da ascensão da burguesia.

No *segundo capítulo* ocorrem dois movimentos concomitantes: a questão mais ampla de classe, estudada no capítulo anterior, será transportada para o estudo de seus reflexos específicos na questão de gênero, buscando entender como as mudanças econômicas, sociais e políticas da época alteraram o cotidiano e o comportamento das mulheres burguesas e da *gentry*, no que se refere ao trabalho e ao estudo feminino. O segundo movimento é na análise formal da obra, que se abre do pontual (ou seja, da análise de um diálogo) para a investigação das personagens femininas em geral.

É no *terceiro capítulo* que chegamos à questão tão polêmica do casamento no romance. O objetivo é compreender por que a união entre Elizabeth e Mr. Darcy é considerada na obra o grande exemplo a ser seguido, isso partindo do entendimento contextual dos fatores de classe e gênero que podem ser encontrados decantados pelas páginas enigmáticas de *Pride and Prejudice*.

1. O confronto entre Elizabeth Bennet e Lady Catherine de Bourgh

A oposição entre Elizabeth Bennet e Lady Catherine de Bourgh no romance *Pride and Prejudice* (1813)⁵², é muito peculiar, e estudá-la torna-se um verdadeiro quebra-cabeças. Isso porque a contradição das personagens é tão grande quanto a contradição entre ideias – em um contexto que era especialmente complicado. Ao longo de todo o romance, vemos o desafio que uma personagem impõe à outra sempre que são forçadas a um convívio social, até que, perto do desfecho da obra, esses atritos chegam ao ápice e são abertamente discutidos em um longo confronto verbal.

Após entrar na casa dos Bennet com um ar antipático e declarar que a propriedade da família é muito pequena, Lady Catherine requisita um passeio com Elizabeth pelo jardim.

"As soon as they entered the copse, Lady Catherine began in the following manner:—

"You can be at no loss, Miss Bennet, to understand the reason of my journey hither. Your own heart, your own conscience, must tell you why I come."

Elizabeth looked with unaffected astonishment.

"Indeed, you are mistaken, Madam. I have not been at all able to account for the honour of seeing you here."

"Miss Bennet," replied her ladyship, in an angry tone, "you ought to know, that I am not to be trifled with. But however insincere you may choose to be, you shall not find me so. My character has ever been celebrated for its sincerity and frankness, and in a cause of such moment as this, I shall certainly not depart from it. A report of a most alarming nature, reached me two days ago. I was told, that not only your sister was on the point of being most advantageously married, but that you, that Miss Elizabeth Bennet, would, in all likelihood, be soon afterwards united to my nephew, my own nephew, Mr. Darcy. Though I know it must be a scandalous falsehood; though I would not injure him so much as to suppose the truth of it possible, I instantly resolved on setting off for this place, that I might make my sentiments known to you."

*"If you believed it impossible to be true," said Elizabeth, colouring with astonishment and disdain, "I wonder you took the trouble of coming so far. What could your ladyship propose by it?"*⁵³ (PP, 2010, p. 394)

⁵² As citações de *Pride and Prejudice* [*Orgulho e Preconceito*] utilizadas neste estudo serão extraídas das seguintes edições: para o original em inglês – AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice: an annotated edition*. Edited by Patricia Meyer Spacks. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 2010 (indicada por "PP, 2010"); para traduções – AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011 (indicada por "OP, 2011").

⁵³ "Assim que ganharam o bosque, Lady Catherine começou do seguinte modo:

'Você não terá dificuldade, senhorita Bennet, para entender o motivo da minha viagem até aqui. O seu próprio coração, sua própria consciência, haverão de lhe dizer.'

Elizabeth a olhou com genuíno espanto.

'Na verdade, a senhora se engana, madame. Não consigo de forma alguma atinar com o motivo dessa honra de vê-la aqui'.

'Senhorita Bennet', retrucou a senhora, em tom irritado, 'há de saber que não se deve brincar comigo. Mas, ainda que prefira não ser sincera, logo verá que eu sou. Meu caráter sempre foi celebrado pela sinceridade e franqueza e, em uma questão tão momentosa como esta, certamente agora não será de outro modo. Uma notícia

Apesar de manter a deferência devida e declarar ser uma honra receber Lady Catherine em sua casa, Elizabeth logo em seguida precisa ouvir algumas ofensas no discurso tipicamente longo da senhora. Lady Catherine apela para seu poder aristocrático (*"I am not to be trifled with"*), talvez em uma tentativa de eliminar Elizabeth como adversária na discussão, e explica que está ali para averiguar o boato do noivado da moça com seu sobrinho Mr. Darcy – uma informação que ela declara ser *"of a most alarming nature"*, *"a scandalous falsehood"* e algo que ofenderia Mr. Darcy.

Além desta seleção de adjetivos negativos para descrever o tal boato, Lady Catherine adota em seu discurso algumas ênfases interessantes que mostram muito bem o que pensa sobre o assunto. Ela disse: *"that you, that Miss Elizabeth Bennet, would, in all likelihood, be soon afterwards united to my nephew, my own nephew, Mr. Darcy"*. Depois de mostrar toda a sua incredulidade na maneira como enfatiza *Miss Elizabeth Bennet*, ela busca "demarcar" Darcy como seu: ela diz *my*, depois repete com ênfase *my own*, e clarifica *nephew*; pertencendo à sua família, ao seu círculo, ele é alguém que Lady Catherine delimita como inalcançável a Elizabeth.

Elizabeth fica evidentemente alterada pelas ofensas e acusações. *"Colouring with astonishment and disdain"*, ela a partir de então abandona a deferência e adota seu trunfo no discurso: o sarcasmo e a razão – algo com que Lady Catherine não estava acostumada a lidar. Lady Catherine então explica o propósito de sua visita:

*"At once to insist upon having such a report universally contradicted."
"Your coming to Longbourn, to see me and my family," said Elizabeth coolly,
"will be rather a confirmation of it; if, indeed, such a report is in existence."
"If! do you then pretend to be ignorant of it? Has it not been industriously
circulated by yourselves? Do you not know that such a report is spread abroad?"
"I never heard that it was." (PP, 2010, p. 394-395 – negritos nossos)⁵⁴*

das mais preocupantes chegou até mim há dois dias. Disseram-me que não apenas sua irmã estava prestes a fazer um casamento de veras vantajoso, mas que você também, senhorita Elizabeth Bennet, muito provavelmente, logo em seguida se casaria com o meu sobrinho, meu próprio sobrinho, o senhor Darcy. Embora eu tenha certeza de que isso não deve passar de uma escandalosa mentira; embora eu não queira ofendê-lo a ponto de supor que seja possível se tratar de uma verdade, resolvi viajar até aqui e revelar a você meus sentimentos. 'Se a senhora acredita que é impossível que seja verdade', disse Elizabeth, corando de espanto e desdém, 'pergunto-me por que então se deu ao trabalho de vir de tão longe. O que a senhora poderia pretender com isso?'" (OP, 2011, p. 491-492).

⁵⁴ "Insistir para que tal notícia seja desmentida publicamente."

'A sua vinda a Longbourn para me ver e ver minha família', disse Elizabeth, friamente, 'seria antes uma confirmação dessa notícia; se é que, de fato, a notícia algum dia existiu.'

'Se? Então finge ignorar? Não foi algo **industriosamente** posto em circulação por vocês mesmas? Não sabia que essa notícia se espalhou?'

'Nunca ouvi dizer que tivesse se espalhado.'" (OP, 2011, p. 492 – negritos nossos).

Há algumas coisas interessantes acontecendo aqui. Lady Catherine insiste para que Elizabeth vá a público desmentir algo, colocando em risco sua reputação ao declarar-se uma mentirosa. A notícia, é claro, nada tem a ver com a moça, então esta mostra a ironia que é Lady Catherine fazer um pedido assim enquanto age para confirmar publicamente tal boato. Quando Elizabeth diz: “*if, indeed, such a report is in existence*”, a relativização do “if” [se] coloca em julgamento a veracidade da declaração de Lady Catherine, revertendo a insinuação de mentira – e agora Lady Catherine deve se defender da acusação. Durante esta defesa, ela usa uma palavra carregada de significados: no original em inglês “*industriously*” [industriosamente].

Etimologicamente, *industriously*⁵⁵ (significando “de maneira industrial”, “com trabalho inteligente e hábil”, além de remeter a “zelo” e “intenção”) vem de *industrious* – “caracterizado pela indústria” – que, finalmente, é um adjetivo variado de *industry*. *Industry* [indústria] vem do francês antigo *industrie*, ou do latim *industria*, e pode significar tanto “trabalho inteligente ou esperto”, “um dispositivo”, “trabalho sistemático”, quanto, no seu sentido prevalente, “emprego habitual em algum trabalho útil, nas artes produtivas ou fábrica”, “uma forma ou ramo de trabalho produtivo particular; um comércio ou manufatura [fabricação]”. Pode-se perceber que todos estes sentidos estão conectados de uma forma ou de outra com a burguesia – seja pela moral burguesa de esforço, trabalho, diligência ou zelo, seja pela atividade comercial e manufatureira tradicionalmente ligada a essa classe social.

O próprio significado da palavra se conecta com as mudanças sociais e econômicas que ocorriam na Inglaterra. Raymond Williams, em *Palavras-chave* (2007), rastreia a origem da palavra “industrioso”, com o sentido de habilidoso e assíduo, ao século XVI, período em que, segundo ele, surgiu também a derivação “industrial”, como uma distinção entre frutas cultivadas e naturais. É no final século XVIII, no entanto, que “industrial” passa a ser mais utilizado, e torna-se comum a partir do século XIX. Segundo Williams, “a ideia de uma nova ordem social baseada em importantes mudanças industriais era clara em Southey e em Owen, entre 1811 e 1818, e já estava implícita em Blake no início dos anos 1790 e em Wordsworth na virada do século” (2007, p. 232). Havia também, desde o início do século XIX, a associação de “indústria” com a produção mecânica organizada. Assim, os “industriais” (os

⁵⁵ De acordo com *The Oxford English dictionary* (2004, vol. VII, p. 897-900 - traduções livres): *Industruosly*: “in an industrial manner”, “with intelligent or skilful work”; *industrious*: “characterized by industry”; *Industry*: “intelligent or clever working”, “a device”, “systematic work or labour” e “habitual employment in some useful work, in the productive arts or manufactures”, “a particular form or branch of productive labour; a trade or manufacture”.

que possuíam este tipo de indústria) eram regularmente contrastados com outras espécies de empregadores, como comerciantes e proprietários de terra (2007, p. 233).

Para a organização social e política da Inglaterra da época, essa oposição entre “industriais” e os que possuíam terra era de suma importância. De acordo com Robert P. Irvine, o longo século XVIII⁵⁶ é a primeira grande era capitalista da Grã-Bretanha, período que destacou a nova classe de pessoas cuja riqueza consistia em ações de empresas ou títulos do governo, ou seja, em “dinheiro”. Mas mesmo depois da Revolução Gloriosa e do estabelecimento da “Bill of Rights” (que aboliu o exercício arbitrário de poder pela monarquia, submetendo-o ao poder executivo e legislativo do Parlamento) o panorama político não era exatamente democrático: um exemplo disso é o fato de que a aristocracia e os grandes senhores de terra, com linhagem familiar antiga e respeitada, herdavam o poder político e seus membros masculinos ocupavam cadeiras na House of Lords do parlamento. Ainda na House of Commons, porém, o direito ao voto era muito restrito: apenas destinado àqueles que possuísssem propriedades na forma de terra – o que, em torno do ano 1801, significava dez mil famílias (contra uma população que passava dos nove milhões). Assim, a identidade de classe começa a ser desenhada em termos da fonte de renda do indivíduo, proveniente do *trabalho*, do *capital* ou da *terra* (IRVINE, 2005, p. 5-6).

De acordo com Eric J. Hobsbawm, a importância da “terra” era tão marcante que o que acontecia a ela “determinava a vida e a morte da maioria dos seres humanos entre 1789 e 1848”. Para o autor, o impacto da revolução dupla (ou seja, as revoluções Industrial e Francesa) sobre a propriedade, o aluguel da terra e a agricultura foi “o mais catastrófico fenômeno do período”, visto que nem a política nem a economia podiam desprezar a terra – considerada pela primeira escola de economistas (a dos fisiocratas) como “a única fonte de riqueza”.

A transformação revolucionária da terra, portanto, seria à época ao mesmo tempo precondição e consequência da sociedade burguesa - e de todo desenvolvimento econômico rápido (2014, p. 236). É nesse sentido que Hobsbawm diz que a “grande camada de gelo dos sistemas agrários tradicionais e das relações sociais do campo em todo o mundo cobria o fértil

⁵⁶ O longo século XVIII na Inglaterra, segundo Irvine, tem início com a Revolução Gloriosa, em 1688, quando um grupo de lordes força o rei católico James II ao exílio e o substitui por sua irmã protestante Mary, casada com o duque holandês William, o príncipe de Orange. Uma das consequências da revolução foi o estabelecimento do “Bill of Rights”, de 1689, que limitava o poder da monarquia e ampliava a influência do parlamento inglês. Assim, a revolução é chamada de “gloriosa” porque foi pacífica, e termina apenas em 1832, com a aprovação, pelo parlamento, da primeira “Reform Bills” – lei que ampliou a participação dos “comuns” na política, possibilitando aos ricos proprietários das cidades industriais ter poder de voto (IRVINE, 2005, p. 5).

solo do crescimento econômico. Ela tinha que ser derretida a qualquer custo, de maneira que o solo pudesse ser arado pelas forças da empresa privada em busca do lucro” (2014, p. 236).

Hobsbawm ainda explica que três mudanças deveriam ocorrer no âmbito da *terra* para que a nova classe pudesse explorá-la em busca do lucro: ela deveria ser transformada em mercadoria, possuída por proprietários e livremente negociada por eles; para o desenvolvimento de seus recursos produtivos, precisava passar às mãos de homens estimulados pela razão (ou seja, movidos pelos próprios interesses e pelo lucro); e, por fim, a grande massa da população rural teria que ser transformada em trabalhadores assalariados, com liberdade de movimento (2014, p. 236).

A concepção sobre a terra mudava, portanto. E suas transformações afetavam necessariamente a tradição com que a classe (e a geração) representada por Lady Catherine estava acostumada. Ao acusar as mulheres Bennet de colocar em circulação uma notícia que poderia lhes trazer vantagens sociais, e ao escolher o advérbio “*industriously*” para descrever o modo como acredita que o tenham feito (ou seja, de uma maneira bem burguesa), Lady Catherine talvez esteja atacando não só Elizabeth, mas os valores de uma classe em ascensão que estava questionando o *status*, os valores e a posição de sua própria classe.

Tais contrastes foram retratados por Austen em sua obra de maneira tão realista⁵⁷ porque, como lembra Terry Eagleton, a autora era filha de um pastor sem muitos recursos, mas cresceu em uma família com inúmeros contatos com uma rica pequena nobreza – ou seja, Austen veio de uma seção subalterna da *gentry*, que possuía forte identificação com os valores e tradições de tal classe, ao mesmo tempo em que ocupava uma posição “exposta e insegura”; assim, da mesma forma como as romancistas do fim do século XIX encontravam-se entre a alta burguesia e as pessoas comuns, Austen vivia um conflito semelhante “algumas camadas sociais acima”, circulando entre “magnatas patrícios” e as camadas médias (2005, p. 107).

Essas distinções sociais “finamente nuançadas” ao redor de Austen, como diz Juliet McMaster, puderam ser observadas pela autora justamente pela posição singular que ela ocupava, o que foi essencial para seu desenvolvimento enquanto escritora; afinal, “class difference was of course a fact of life for Austen, and an acute observation of the fine

⁵⁷ Segundo Tony Tanner, a relação confusa e em constante mudança entre aqueles que têm terra e os que possuem dinheiro provindo do comércio é sempre destrinchada por Austen, que cuidadosamente explicita quanto dinheiro seus personagens têm ou podem esperar adquirir. Ainda assim, sua obra possui certo silêncio quanto às origens da riqueza, visto que a autora nunca questiona muito profundamente as fontes da renda – da mesma forma como nunca vemos o trabalho envolvido em sua produção. “Nevertheless we can say that she was much more aware of what was going on in the part of society on which she concentrates than many people think” [Ainda assim, podemos dizer que ela estava muito mais consciente daquilo que se passava na parte da sociedade em que ela se concentrou do que muitas pessoas pensam] (1986, p. 15 – tradução livre).

distinctions between one social level and another was a necessary part of her business as a writer of realistic fiction”.⁵⁸ É então por entender que a romancista, vivendo em um contexto rico em transformações⁵⁹, caminhava entre posições sociais distintas, que McMaster defende ser Austen uma autora consciente dessas distinções, e alguém que prestava especial atenção ao processo de assimilação gradual das camadas médias, provindas do comércio, pela *gentry* (2000, p. 115).

Podemos observar como a personagem Lady Catherine, extremamente conservadora, é atormentada pela ameaça que essa “assimilação de classe” representa à tradição, e seu maior medo é ver as terras de Pemberley “poluídas”. É como se ela lutasse contra a própria história: pertencendo a uma aristocracia de “sangue puro”, endinheirada, com uma conexão com a corte que nos é vagamente sugerida, não haveria razão para querer contato com as camadas sociais inferiores (pelo menos sob seus parâmetros), a menos que o fizesse em uma posição de comando. O problema que a personagem enfrenta, então, advém exatamente dessas mudanças sociais que com o tempo irão alterar os parâmetros da posição ocupada por cada um na sociedade e, principalmente, a forma como o indivíduo poderia conquistar o seu lugar. Nesse sentido, Raymond Williams explica que “nos romances de Jane Austen boa parte do interesse, das fontes de ação, encontra-se nos reveses da sorte – dos fatos ligados a um processo geral de mudança e a uma certa mobilidade social – que estavam afetando as famílias de proprietários rurais da época” (1990, p. 158-159). E essa diferença de parâmetro sobre o que importa socialmente fica clara na sequência do diálogo:

⁵⁸ “diferença de classes era, é claro, um fato da vida para Austen, e uma observação precisa das distinções sutis entre um nível social e outro era uma parte necessária de seu trabalho como escritora de ficção realista” (McMASTER, 2000, p. 115 – tradução livre).

⁵⁹ De acordo com Terry Eagleton, Jane Austen de fato escreveu em uma época repleta de transformações: “It was, after all, an epoch of dramatic social and political upheaval: revolution in France and North America, the Napoleonic conquests, the massive expansion of empire, Britain’s dominance of the seas, the prosperity reaped from the slave trade, the rise of the European nation-state, the increasing capitalist ‘rationalization’ of the countryside as common rights were uprooted by so-called enclosures. The period saw the beginnings of the industrial revolution, the consolidation of middle-class power, and the first stirrings of the organized, politically vocal working class. It was a time of radical movements and ideas, which found themselves confronting what in the heyday of Scott and Austen was effectively a British police state. The new experiments in fiction had some of their roots in this era of vision and anxiety, in new liberations of energy and new forms of repression.” [Foi, afinal, uma época de dramática agitação social e política: revoluções na França e na América do Norte, as conquistas napoleônicas, a enorme expansão do império, o domínio dos mares pela Grã-Bretanha, a prosperidade colhida do comércio de escravos, a ascensão do Estado-Nação europeu, a crescente “racionalização” capitalista do campo enquanto direitos comuns foram arrancados pelos chamados cercamentos. O período viu o início da revolução industrial, a consolidação do poder da burguesia, e os primeiros sinais da organizada, com voz politicamente ativa, classe trabalhadora. Foi um tempo de movimentos e ideias radicais, que se encontravam confrontando o que no auge de Scott e Austen era efetivamente um Estado policial britânico. As novas experiências na ficção tiveram algumas de suas raízes nessa era de visão e ansiedade, em novas libertações de energia e de novas formas de repressão] (EAGLETON, 2005, p. 95 – tradução livre).

"Miss Bennet, do you know who I am? I have not been accustomed to such language as this. I am almost the nearest relation he [Mr. Darcy] has in the world, and am entitled to know all his dearest concerns".

"But you are not entitled to know mine; nor will such behaviour as this, ever induce me to be explicit". (PP, 2010, p. 395)⁶⁰

Segundo Patricia Meyer Spacks, este confronto final entre as duas personagens revela como os discursos de Lady Catherine estão embasados em palavras sem substância para sustentar sua autoridade. Ela avisa o leitor para reinterpretar a forma de falar de Lady Catherine, pois tanto sua dignidade quanto sua impertinência, no fim das contas, apenas servem para disfarçar uma verdadeira impotência – e o fato de Elizabeth não se intimidar diante do discurso é apenas uma consequência de ter entendido muito antes no romance o quão fraco é este discurso (2010, p. 18). Mas de onde vem essa impotência? Podemos perceber claramente como Lady Catherine tenta recuperar a própria autoridade na conversa, com a pergunta retórica: *"do you know who I am?"*. Como se esperasse que isso bastasse, ela completa: *"I have not been accustomed to such language as this"*. Nada disso funciona, porém, pois Elizabeth lhe responde sem alteração no tom contestador de seu discurso [*"But you are not entitled to know mine"*], mostrando a pouca importância que dá para o *status* social por si só.

A explicação de sua impertinência vem na sequência: *"nor will such behaviour as this, ever induce me to be explicit"* – ou seja, na palavra *"behaviour"* ela avisa Lady Catherine que seu título não serviria de nada se seu "comportamento" não fosse aceitável, e assim acaba demarcando seu próprio parâmetro de recomendação social. De fato, Raymond Williams (1990, p. 158-159) explica que o que interessa a Jane Austen não são apenas os relacionamentos pessoais e os processos psicológicos que os envolvem, mas a *"conduta pessoal: um processo de testar e descobrir os padrões que orientam o comportamento humano em certas situações concretas"* (uma investigação que estaria ligada muito mais às possibilidades de mobilidade social do que ao mundo tradicional).

Outro ponto que deve ser levantado é que a perda de autoridade que percebemos em Lady Catherine conforme a impertinência de Elizabeth cresce diante dela é um ótimo exemplo do conflito de classe que se estabelece aqui: podemos fazer um paralelo com a perda cada vez maior de poder da aristocracia, e a independência crescente da burguesia. É interessante notar que esse contraste ainda estaria relacionado à investigação do comportamento humano

⁶⁰ *"'Senhorita Bennet, você sabe quem eu sou? Não estou acostumada a esse tom de voz. Sou praticamente a parente mais próxima que ele tem no mundo, e tenho direito de saber quais são as mais íntimas intenções dele.' 'Mas a senhora não tem o direito de saber das minhas, tampouco essa atitude jamais me levaria a ser mais explícita.'"* (OP, 2011, p. 493).

atribuída a Austen, visto que, de acordo com Terry Eagleton (2005, p. 117-118), as classes dominantes tinham como base de sua autoridade, até então, uma admiração por sua maneira de viver e por sua *conduta moral*; admiração esta, é claro, dedicada a elas pelas classes dominadas. Logo, a decadência da aristocracia e da *gentry* está bastante relacionada, também, com a perda desta hegemonia de valores. “Austen is not against mobility within the class system (...). Neither is there anything inherently shameful about urban or mercantile capitalism. The danger lies at the moral and cultural level, not at the material one”⁶¹, explica Eagleton. Isso porque, segundo o autor, foi através da *cultura*, no sentido amplo de “valores, normas, ideais e uma boa qualidade de vida”, que as classes proprietárias de terra embasavam boa parte de sua autoridade. Em vez de governar à força, a classe dominante buscava conquistar a hegemonia de valores, ganhando assim a lealdade de seus subordinados por meio do exemplo moral. O autor diz ainda que os proprietários de terras tinham sido, em geral, bem sucedidos neste projeto, mas que essa hegemonia começava agora a desintegrar-se “from within, in a society already shaken to its roots by riots, spy scares, agrarian discontent, economic depression, working-class militancy, the threat of revolution abroad and invasion at home, then the situation could scarcely be more serious”.⁶²

De fato, entre os séculos XVII e XVIII, num movimento de relações estreitas com o surgimento e ascensão da burguesia, estava em pauta um debate sobre uma moral dentro da qual o mérito, antes ligado à ascendência familiar, deveria ser vinculado à conduta do indivíduo. De acordo com Porter, a própria pedagogia do Iluminismo postulava que a integridade se encontrava, não em títulos, posição ou nascimento, mas na bondade interior do indivíduo (2001, p. 351). Assim, a partir do Iluminismo⁶³ na Grã-Bretanha, houve avanços não puramente epistemológicos, diz o autor, mas abrangendo toda uma expressão de novos valores mentais e morais, novos cânones de gosto, estilos de sociabilidade e visões da natureza humana. Estes novos valores assumiam, inclusive, concretizações práticas, com a renovação urbana, a aceleração de comunicações e a disseminação de jornais e de novos

⁶¹ “Austen não é contra a mobilidade dentro do sistema de classes (...). Também não há nada inerentemente vergonhoso sobre o capitalismo urbano ou mercantil. O perigo reside no nível moral e cultural, e não no material” (EAGLETON, 2005, p. 117-118 – tradução livre).

⁶² “a partir de dentro, em uma sociedade já abalada até suas raízes por tumultos, sustos de espionagem, descontentamento agrário, depressão econômica, militância da classe trabalhadora, a ameaça de revolução no exterior e invasão em casa, então a situação dificilmente poderia ser mais séria” (EAGLETON, 2005, p. 117-118 – tradução livre).

⁶³ De acordo com Porter, a historiadora americana Margaret Jacob afirmou que o Iluminismo em geral começou na Inglaterra com a Revolução Gloriosa, seguindo os princípios de Isaac Newton (1687). Segundo Porter, depois de desenvolver suas formulações Jacob situou o início do movimento iluminista no contexto de crise política e revolução intelectual, impulsionado pela atmosfera social fornecida por enxames de refugiados, guerras panfletárias, cafés e clubes, e a rede internacional da cultura de letras (PORTER, 2001, p. 30).

produtos culturais. “All such developments repatterned the loom of life, with inevitable repercussions for social prospects and agendas of personal fulfillment”⁶⁴ (2001, p.14).

De acordo com Hall (2009, p. 73), a nova expressão de valores das camadas médias, com poder crescente na economia, na política e na vida social teve ainda outra repercussão, quando as classes mais altas passaram a adotar comportamentos que de início estavam relacionados a fazendeiros, manufatureiros e comerciantes: “Como diz Davidoff, ‘esses modelos de conduta, essencialmente burgueses, se implantaram no código de honra da aristocracia e da *gentry* e resultaram num conceito mais amplo de ‘burguesia’”.

Podemos observar, então, como Lady Catherine, representante da antiga aristocracia, não assimila tais valores e tenta impor um padrão de poder que vimos não ser respeitado por Elizabeth justamente porque seu comportamento, no que se refere à moral e às maneiras, não corrobora a pretensão desse poder. Chocada com a falta de importância que Elizabeth lhe confere, depois de hesitar um momento Lady Catherine explica que a linhagem de sua família já estava muito bem arranjada através de um casamento previsto entre sua filha e sobrinho, e passa a defendê-lo.

“Let me be rightly understood. This match, to which you have the presumption to aspire, can never take place. No, never. Mr. Darcy is engaged to my daughter. Now what have you to say?”

“Only this; that if he is so, you can have no reason to suppose he will make an offer to me.” (PP, 2010, p. 395) ⁶⁵

Aqui Lady Catherine é pega flagrantemente em contradição: por que se dar ao trabalho de ir até Longbourn para averiguar algo que obviamente não seria verdade caso Mr. Darcy estivesse de fato comprometido? – e a tentativa de mentira depõe contra sua conduta. O quadro fica ainda pior quando retomamos o início da conversa, no trecho em que Lady Catherine disse: “(...) *however insincere you may choose to be, you shall not find me so. My character has ever been celebrated for its sincerity and frankness, and in a cause of such moment as this, I shall certainly not depart from it (...)*”⁶⁶. A contradição no discurso de Lady Catherine prova como essa sinceridade “celebrada” não se concretiza, e a decadência moral

⁶⁴ “Todos esses desenvolvimentos repadronizavam o tear de vida, com repercussões inevitáveis para as perspectivas sociais e agendas de realização pessoal” (PORTER, 2001, p.14 – tradução livre).

⁶⁵ “*Vejamos se agora serei compreendida corretamente. Esse casamento, a que você tem a presunção de aspirar, jamais poderá ocorrer. Nunca. O senhor Darcy está comprometido com minha filha. E então, o que tem a dizer?*”

‘Apenas o seguinte: se ele está de fato comprometido, a senhora não tem nenhum motivo para supor que ele me pediria em casamento.’” (OP, 2011, p. 493).

⁶⁶ “*ainda que prefira não ser sincera, logo verá que eu sou. Meu caráter sempre foi celebrado pela sinceridade e franqueza e, em uma questão tão momentosa como esta, certamente agora não será de outro modo.*”

ao longo do diálogo poderia ser um exemplo de decantação da decadência moral de classe a que Egleton se refere quando analisa a crise de autoridade.

A narradora então diz que Lady Catherine hesita antes de prosseguir (*"Lady Catherine hesitated for a moment, and then replied"*), talvez por se dar conta da falha que cometeu e precisar de um instante para buscar um meio de se justificar. Ela então responde:

"The engagement between them is of a peculiar kind. From their infancy, they have been intended for each other. It was the favourite wish of his mother, as well as of her's. While in their cradles, we planned the union: and now, at the moment when the wishes of both sisters would be accomplished, in their marriage, to be prevented by a young woman of inferior birth, of no importance in the world, and wholly unallied to the family! Do you pay no regard to the wishes of his friends? To his tacit engagement with Miss De Bourgh? Are you lost to every feeling of propriety and delicacy? Have you not heard me say, that from his earliest hours he was destined for his cousin?"

"Yes, and I had heard it before. But what is that to me? If there is no other objection to my marrying your nephew, I shall certainly not be kept from it, by knowing that his mother and aunt wished him to marry Miss De Bourgh. You both did as much as you could, in planning the marriage. Its completion depended on others. If Mr. Darcy is neither by honour nor inclination confined to his cousin, why is not he to make another choice? And if I am that choice, why may not I accept him?"

"Because honour⁶⁷, decorum⁶⁸, prudence⁶⁹, nay, interest⁷⁰, forbid it. Yes, Miss Bennet, interest; for do not expect to be noticed by his family or friends, if you wilfully act against the inclinations of all. You will be censured, slighted, and despised, by every one connected with him. Your alliance will be a disgrace; your name will never even be mentioned by any of us." (PP, 2010, p. 395-397)⁷¹

⁶⁷ De acordo com *The Oxford English Dictionary* (2004, vol. VII, p. 357-359): "honour" (ou "honor") vem do latim: "*honōr-em*", significando "repute, esteem, official dignity, honorary gift, ornament, grace, beauty". Pode significar: "1.c. (...) credit, reputation, good name. The opposite of *dishonour, disgrace*". No caso específico de mulheres: "3.a. (Of a woman) Chastity, purity, as a virtue of the highest consideration; reputation for this virtue, good name". Mas também há relações entre os significados da palavra e questões de classe, como em: "1. High respect, esteem, or reverence, accorded to exalted worth or rank (...)"; "4.a. Exalted rank or position; dignity, distinction". Com esse último sentido, a palavra "honour" foi aplicada, por exemplo, por Blackstone, em 1765 (1809, p. 271): "The king is likewise the fountain of honour".

⁶⁸ De acordo com *The Oxford English Dictionary* (2004, vol. IV, p. 348), *decorum* pode significar "1. That which is proper to a personage, place, time, or subject in question, or to the nature, unity, or harmony of the composition (...)". Mas também: "1b. That which is proper to the character, position, rank, or dignity of a real person".

⁶⁹ De acordo com *The Oxford English Dictionary* (2004, vol. XII, p.728-729): "prudence" significa "the quality of being prudent"; "1. Ability to discern the most suitable, politic, or profitable course of action, esp. as regards conduct; practical wisdom, discretion".

⁷⁰ De acordo com *The Oxford English Dictionary* (2004, vol. VII, p. 1099): "interest", do latim "*interest*", pode significar: "1.1. The relation of being objectively concerned in something, by having a right or title to, a claim upon, or share in. a. The fact or relation of being legally concerned; legal concern in a thing; esp. right or title to property, or to some of the uses or benefits pertaining to property (...)".

⁷¹ "*O compromisso entre eles é peculiar. Desde a infância, foram destinados um ao outro. Era o grande desejo da mãe dele, assim como é o da mãe dela. Quando ainda estavam no berço, planejamos a união: e agora, no momento em que o desejo de duas irmãs se realizaria com o casamento deles, não há de ser impedido por uma moça de origem inferior, sem importância no mundo e sem nenhuma relação com a nossa família! Você não tem consideração pelo desejo da família dele? Pelo compromisso tácito com a senhorita De Bourgh? Despreza toda*

Para Lady Catherine, o fato de ser “*a young woman of inferior birth*” está diretamente relacionado à falta de importância de Elizabeth no mundo de acordo com seus parâmetros sociais, e a recusa da moça em atender a um pedido seu demonstraria a perda de toda noção do que é apropriado – ou seja, a perda do respeito temerário do qual a aristocracia foi alvo por séculos. No entanto, cada vez mais revoltada com o tratamento que recebe, Elizabeth (assim como a nova classe) fica impaciente, e esta impaciência é clara em seu discurso. Ela responde que já sabia dos planos de casamento previstos para Mr. Darcy, mas que isso não tem importância para ela. A construção de seu argumento é muito mais racional do que emocional: ela coloca em pauta uma discussão técnica, na qual mostra para sua interlocutora que, na prática, não há impedimentos a um casamento. Nesse caso, Elizabeth lida com o hipotético, e os cenários dessa hipótese são apresentados dentro das perguntas encadeadas com que termina sua defesa: “...*If Mr. Darcy is neither by honour nor inclination confined to his cousin, why is not he to make another choice? And if I am that choice, why may not I accept him?*”. Aqui, o que estrutura a sua retórica é a conexão pela conjunção subordinativa condicional “*if*”; ao condicionar os cenários uns aos outros, Elizabeth os relativiza e se distancia deles, de modo que pode analisá-los melhor. Vale lembrar que, no início do diálogo, o “*if*” já aparecia na defesa de Elizabeth, quando Lady Catherine insinuou que ela estava envolvida com o boato do noivado. Aqui, o noivado é tratado novamente por ela no cenário hipotético, e isso traz uma forte consistência ao discurso da moça – que desde o princípio nega o fato.

É isso que vai proteger Elizabeth contra as acusações de Lady Catherine, para quem o casamento em discussão iria contra os valores: *honour, decorum, prudence, interest*. Alguns dos significados levantados para essas palavras sugerem uma interpretação interessante: *honour*, por exemplo, pode significar “*exalted rank or position; dignity, distinction*” [posição ou cargo elevado; dignidade, distinção]; *decorum* adquire o sentido de agir de acordo com a posição ocupada; *prudence* é a “*ability to discern the most suitable, politic, or profitable course of action*” [capacidade de discernir o curso de ação mais adequado, político, ou rentável]; e um dos significados de *interest* é “*right or title to property, or to some of the uses*

noção de propriedade ou consideração? Não me ouviu dizer que desde a mais terna infância ele foi destinado à prima?’

‘Ouvi, e já tinha ouvido antes. Mas o que isso tem a ver comigo? Se não existe outra objeção ao meu casamento com seu sobrinho, certamente eu não mudaria de ideia só por saber que a mãe e a tia queriam que ele se casasse com a senhorita De Bourgh. Vocês duas fizeram o que podiam para planejar o casamento. O resto dependerá de terceiros. Se o senhor Darcy não está ligado à prima por honra ou inclinação, por que não haveria de poder fazer outra escolha. E, se eu for a escolhida, por que não haveria de poder aceitá-lo?’

‘Pois a honra, o decoro, a prudência, não, o interesse o proíbe. Sim, senhorita Bennet, o interesse; pois não espere ser aceita pela família ou pelos amigos dele se deliberadamente agira de forma contrária ao desejo de todos nós. Será censurada, desdenhada e desprezada por todas as pessoas relacionadas a ele. Sua aliança será uma desgraça; seu nome jamais será sequer mencionado por qualquer um de nós.’” (OP, 2011, p. 493-494).

or benefits pertaining to property” [direito ou título de propriedade, ou para alguns dos usos ou benefícios relativos à propriedade]. Caso estas palavras estivessem isoladas (por exemplo, se Lady Catherine tivesse apontado apenas uma delas como fator negativo ao casamento entre seu sobrinho e Elizabeth), talvez o melhor sentido para cada uma delas pudesse ser outro entre os listados nos dicionários. No entanto, o encadeamento da fala em tal seleção paradigmática de palavras mostra uma aproximação do sentido com questões econômicas e de classe: Lady Catherine pode estar destacando o fato de Elizabeth não ter direito (por título ou *status*) a desfrutar da propriedade de Mr. Darcy. Ou mesmo que a melhor ação “política e lucrativa” para ela não seria ir contra esses valores, pois estaria então sujeita à desaprovação da família de Darcy e acabaria em um consequente limbo social.

Percebe-se como as preocupações de Lady Catherine estão sempre circunscritas a essas questões práticas – e ela usa das desvantagens aparentes de Elizabeth para tentar incutir medo na moça. Isso porque, segundo Spacks (2010), Lady Catherine acredita que a união matrimonial só interessa à mulher enquanto oferece vantagens (econômicas e sociais) para si e para os seus familiares. Assim, ela esperava que Elizabeth desistisse de seus planos ao ver que estes não lhe trariam conveniências. No entanto, Elizabeth usa novamente o sarcasmo para demonstrar o quão pequenas eram essas preocupações para ela: *"These are heavy misfortunes", replied Elizabeth. 'But the wife of Mr. Darcy must have such extraordinary sources of happiness necessarily attached to her situation, that she could, upon the whole, have no cause to repine.'* (PP, 2010, p. 397)⁷²

A resposta é novamente racional. Apesar de ser sarcástica, no fundo Elizabeth pesa na balança os ganhos e perdas que um casamento com Mr. Darcy traria. Em prol da consistência de um cenário hipotético, ela se desvia da personificação que Lady Catherine provocou ao dizer *"your alliance"*, e generaliza a conversa novamente ao transportar o *"your"* (que no caso se referia a ela mesma) para o *"the wife of Mr. Darcy"* – seja ela quem for. Assim, Elizabeth, apesar de não ter nada a seu favor, supera as dificuldades não só no diálogo, mas no transcorrer da narrativa, por meio de seus próprios méritos, no que se refere a uma moral progressista predominante na burguesia e mais tarde adotada por parte da aristocracia, e com isso busca acima de tudo satisfazer a si mesma, sem se importar com a opinião da família de Darcy. Então não é de se admirar a reação de Lady Catherine:

⁷² *"Esses são pesados infortúnios", respondeu Elizabeth. 'Mas a esposa do senhor Darcy há de ter fontes extraordinárias de felicidade necessariamente associadas à posição, de modo que poderia, pondo tudo na balança, não ter motivos para se arrepender.'* (OP, 2011, p. 494).

"Obstinate, headstrong girl! I am ashamed of you! Is this your gratitude for my attentions to you last spring? Is nothing due to me on that score?"

"Let us sit down. You are to understand, Miss Bennet, that I came here with the determined resolution of carrying my purpose; nor will I be dissuaded from it. I have not been used to submit to any person's whims. I have not been in the habit of brooking disappointment." (PP, 2010, p. 397).⁷³

Há duas escolhas interessantes nesse discurso. Primeiramente, o que justificaria esta quebra de parágrafo? Lady Catherine respirou antes de continuar? Sugeriu que se sentassem para se acalmar? Deve ter o feito, visto que, depois de ofender Elizabeth declarando-a “*obstinate*” e “*headstrong*”, atitudes que lhe causam vergonha, e de cobrar pelas atenções que lhe parecem ter sido um favor, ela inicia a segunda parte do discurso com um pedido à razão (“*Let us sit down*”) e logo em seguida apela novamente para o próprio poder aristocrático. Estas três guinadas discursivas – a ofensa, a tentativa da razão, e o poder – mostram não só a sua aflição por não conseguir o que quer, mas a sua total impotência para exigí-lo. Outro fato interessante aqui é a quantidade do pronome pessoal “eu”. Oito vezes, em um discurso direto, “eu” ou “meu” apareceram. O egocentrismo de Lady Catherine marca, na verdade, quase todas as suas falas ao longo do romance.⁷⁴

Para Spacks, Lady Catherine é uma “*self-lover*”, sempre pronta a apontar suas próprias qualidades e as de sua família. Mesmo no começo deste confronto final no jardim de Elizabeth, ela não pode evitar a autoexaltação da sua sinceridade, que vimos infundada. Terry

⁷³ “‘Mas que menina obstinada, teimosa! Você me dá vergonha! Essa é a gratidão que demonstra pela atenção que lhe dediquei na primavera passada? Não mereço nada por isso? Vamos sentar. Você há de entender, senhorita Bennet, que venho aqui resolvida a levar a cabo meu propósito; e dele não serei dissuadida. Não estou acostumada a me submeter aos caprichos de ninguém. Não é meu hábito carregar frustrações.’” (OP, 2011, p. 494).

⁷⁴ Logo que as duas personagens se conheceram, inclusive, Lady Catherine fez um discurso particularmente longo sobre si mesma, no qual o pronome pessoal e o possessivo aparecem doze vezes:

"Aye, no doubt; but that is what a governess will prevent, and if I had known your mother, I should have advised her most strenuously to engage one. I always say that nothing is to be done in education without steady and regular instruction, and nobody but a governess can give it. It is wonderful how many families I have been the means of supplying in that way. I am always glad to get a young person well placed out. Four nieces of Mrs. Jenkinson are most delightfully situated through my means; and it was but the other day, that I recommended another young person, who was merely accidentally mentioned to me, and the family are quite delighted with her. Mrs. Collins, did I tell you of Lady Metcalfe's calling yesterday to thank me? She finds Miss Pope a treasure. 'Lady Catherine,' said she, 'you have given me a treasure.' Are any of your younger sisters out, Miss Bennet?" (PP, 2010, p. 205 – negritos nossos) ["‘Sim, sem dúvida; mas seria isso o que uma governanta teria evitado e, se eu tivesse conhecido sua mãe, [eu] teria aconselhado fortemente a contratar uma. É o que [eu] sempre digo: não se faz nada em educação sem instrução constante e regular, e só mesmo uma governanta é capaz disso. É maravilhoso o número de família que eu pude ajudar nesse sentido. [eu] Sempre fico contente de poder indicar alguém a uma boa posição. Quatro sobrinhas da senhora Jenkinson estão hoje muito bem situadas graças aos meus recursos; e outro dia mesmo [eu] recomendei uma moça, que casualmente havia sido mencionada [a mim], e a família está muito contente com ela. Senhora Collins, [eu] já lhe contei que Lady Metcalfe veio ontem me agradecer? Ela achou a senhorita Pope um tesouro. ‘Lady Catherine’, ela disse, ‘você me deu um tesouro.’ E suas outras irmãs já frequentam a sociedade, senhorita Bennet?’”] (OP, 2011, p. 286-287 – negritos nossos).

Eagleton (2005, p. 106) explica que os personagens que Austen elogia são aqueles “who are able to see beyond their own private fantasies, opening themselves to the reality of others and their situations”⁷⁵. Por outro lado, a autora condena aqueles que “selfishly indulge their own feelings, or brutally pursue their own interests”⁷⁶.

Assim, vemos como nada no discurso de Lady Catherine funciona: nem a ofensa, nem a tentativa da razão, e nem a manutenção do poder (que ela busca por meio da autoexaltação). Portanto, Elizabeth não se deixa intimidar e a angústia de sua superior hierárquica não tem nenhum efeito sobre ela:

"That will make your ladyship's situation at present more pitiable; but it will have no effect on me."

*"I will not be interrupted. Hear me in silence. My daughter and my nephew are formed for each other. They are descended on the maternal side, from the same noble line; and, on the father's, from respectable, honourable, and ancient, though untitled families. Their fortune on both sides is splendid. They are destined for each other by the voice of every member of their respective houses; and what is to divide them? The upstart pretensions of a young woman without family, connections, or fortune. Is this to be endured! But it must not, shall not be. If you were sensible of your own good, you would not wish to quit the sphere, in which you have been brought up." (PP, 2010, p. 397-398)*⁷⁷

⁷⁵ “aqueles que são capazes de ver além de suas próprias fantasias privadas, abrindo-se à realidade de outras pessoas e suas situações” (EAGLETON, 2005, p. 106 - tradução livre).

⁷⁶ “saciam egoisticamente seus próprios sentimentos, ou brutalmente perseguem seus próprios interesses” (EAGLETON, 2005, p. 106 - tradução livre). De acordo com Eagleton: “(...) the literary sense is in Austen's eye an expression of this deeper moral belief; and her fear is that to violate literary realism can then involve you in a more fundamental kind of transgression. For her, the true opposite of realism is not Gothic or fantasy, but egoism. The characters she commends are those who are able to see beyond their own private fantasies, opening themselves to the reality of others and their situations. Those she condemns selfishly indulge their own feelings, or brutally pursue their own interests. To attend to other's needs is a matter of decorum; but like most matters of decorum in Austen it runs much deeper than manners” [(...) “os fundamentos de toda a conduta correta é o julgamento verdadeiro, que depende por sua vez da capacidade de se ver as coisas como elas são; e ela está longe de subestimar a extrema dificuldade dessa conquista. Em um mundo de segredos, autoengano e manipulação, poucos projetos poderiam ser mais pesados. Realismo no sentido literário é aos olhos de Austen uma expressão dessa crença moral mais profunda; e seu medo é que violar o realismo literário pode envolvê-lo em um tipo mais fundamental de transgressão. Para ela, o verdadeiro oposto do realismo não é o gótico ou a fantasia, mas o egoísmo. Os personagens que ela elogia são aqueles que são capazes de ver além de suas próprias fantasias privadas, abrindo-se à realidade de outras pessoas e suas situações. Aqueles que ela condena saciam egoisticamente seus próprios sentimentos, ou brutalmente perseguem seus próprios interesses. Atender as necessidades de outros é uma questão de decoro, mas como a maioria das questões de decoro em Austen ela corre muito mais profundamente do que boas maneiras”] (2005, p. 106 - tradução livre).

⁷⁷ “‘Isso só torna a posição da senhora no momento ainda mais lamentável; mas não terá qualquer efeito sobre mim.’

‘Não me interrompa. Escute calma. Minha filha e meu sobrinho foram feitos um para o outro. Descendem pelo lado materno da mesma linhagem nobre; e, do lado do pai, de famílias respeitáveis, honradas e antigas, ainda que sem título. As fortunas de ambos os lados são esplêndidas. Eles são destinados um para o outro segundo o desejo manifesto de cada membro das duas casas; e quem pretende separá-los? As pretensões arrivistas de uma moça sem berço, relações ou fortuna. E isso vai continuar assim? Não, não vai. Se você pensasse no seu próprio bem, não iria querer sair da esfera onde foi criada’” (OP, 2011, p. 494-495).

Lady Catherine já havia ameaçado Elizabeth com um limbo social caso quisesse seguir em frente com o suposto casamento – não adiantou. Agora, ela reforça esta ameaça, e diz que se a moça sabe o que é bom para ela, deve ficar na *esfera a que pertence e na qual foi criada*; aqui, o diálogo deixa de contornar a questão de classe que se apresenta, expondo abertamente o que até então era rodeado por palavras como “*honour*” e expressões do tipo “*do you know how I am?*”. Já sabemos que para Lady Catherine a mobilidade social é algo totalmente descabido – e mesmo antes que a personagem apareça pela primeira vez no romance nós ouvimos Mr. Collins dizer: “*she likes to have the distinction of rank preserved*” (PP, 2010, p. 201)⁷⁸. Nesse momento, Mr. Collins sugere que Elizabeth se vista com simplicidade para ir visitar a grande dama, de modo a evitar tentar imitar a elegância de sua anfitriã de “alto escalão” e, por isso, McMaster conclui que, no caso de Lady Catherine, “the differences in station are not only present, but must be *seen* to be present”⁷⁹ (2000, p. 115).

Ao exigir aqui que Elizabeth mantenha a distinção de classe e não saia da sua esfera, diz Johnson (1988), essa “grande dama” está exercendo o que ela acredita ser nada mais do que sua autoridade para mandar em outros:

Lady Catherine appears to consider it a matter of public importance that ancient families such as hers not be sacrificed to the ‘upstart pretensions of a young woman without family, connections, or fortune’ (PP 356). Moreover, to her mind the interests of great families and the imperatives of morality itself are one and the same. As a result, Elizabeth’s refusal to recognize the legitimacy of her application seems like a headstrong repudiation of ‘the claims of duty, honour and gratitude’ (PP 358). Lady Catherine’s argument would have been familiar to any reader of Hays’s, Inchbald’s, or Smith’s novels.⁸⁰ (1988, p. 86)

Knox-Shaw mostra como o despotismo inflado dessa grande dama tem implicações verdadeiramente cômicas, visto que ela não só diz que seu sobrinho está “destinado” ao casamento com Miss Bourgh desde suas primeiras horas, como “dita” opiniões e “determina” qual será o clima no dia seguinte (2004, p. 93). Deixando de lado a caracterização cômica, porém, do ponto de vista histórico é quase compreensível que Lady Catherine confunda os interesses de sua família com um guia para todos os demais. As ideias progressistas de

⁷⁸ “*ela preza pela distinção de sua classe*” (OP, 2011, p. 282).

⁷⁹ “(...) as diferenças de posição não estão apenas presentes, mas devem ser vistas como presentes” (McMASTER, 2000, p. 115 - tradução livre).

⁸⁰ “Lady Catherine parece considerar um assunto de importância pública que as famílias antigas, como a dela, não sejam sacrificadas às ‘pretensões arrivistas de uma moça sem berço, relações ou fortuna’ (PP 356). Além disso, em sua mente os interesses de grandes famílias e os imperativos da própria moralidade são uma e a mesma coisa. Como resultado, a recusa de Elizabeth a reconhecer a legitimidade de sua aplicação parece um obstinado repúdio aos ‘ditames do dever, da honra e da gratidão’ (PP 358). O argumento de Lady Catherine teria sido familiar a qualquer leitor dos romances de Hays, Inchbald, ou Smith” (JOHNSON, 1988, p. 86 - tradução livre).

mobilidade entre as classes sociais era algo relativamente novo e discreto, tendo ganhado força a partir da Revolução Gloriosa que, segundo Porter (2001), era lembrada na Inglaterra como o evento que representava o “verdadeiro sabor do Iluminismo Inglês” – ou seja, *progressivo, mas não incendiário*. Havia então certo otimismo tolerante envolvendo os debates iluministas – mas que “did not long survive the outbreak of the French Revolution”.⁸¹ Assim, para o autor, o que a Grã-Bretanha tinha começado, a França estava completando.

It was Edmund Burke who took up the gauntlet. His *Reflections on the Revolution in France* (1790) never doubted its magnitude: ‘the most astonishing that has hitherto happened in the world’. But the veteran Whig, who had defended American rebels back in 1770s and many other liberal cause besides, damned the revolutionaries (‘the ablest architects of ruin’) as ‘cannibal philosophers’ set on destroying an edifice laboriously erected over the centuries: ‘The French have ... completely pulled down to the ground their monarchy, their church, their nobility, their law, their revenue, their army, their navy, their commerce, their arts and their manufactures.’ Theirs was a wrecking rage: ‘The age of chivalry is gone,’ wrote Burke, ‘that of sophisters, economists and calculators has succeeded. The glory of Europe is extinguished for ever’. Evidently politics should not be reduced to a science. Burke never scanted reform – a ‘state without the means of some change is without the means of its conservation’ – but, he insisted, change must come gradually and it must be consensual.⁸² (2001, p.447-449)

Porter diz ainda que havia uma divisão entre os ingleses no que se refere à Revolução Francesa: alguns esperavam, outros temiam, que a chama revolucionária atravessasse o canal. Doutrinas jacobinas eram bastante inflamatórias, e havia descontentamento em todos os lugares, com a inflação em alta, a ocorrência de distúrbios agrários e a industrialização inquietante. “Insurrection was in the air, old paternalism was crumbling, and deference with it”⁸³ (2001, p.449-450). Quando a França declarou guerra contra a Inglaterra, os radicais ingleses viram-se em uma situação bastante complicada. O Terror na França acabou diminuindo o número de adeptos da Reforma na Inglaterra, de modo que o apoio patriótico em prol da Igreja e do rei cresceu entre os ingleses e surgiram manifestações contra os

⁸¹ “não iria sobreviver por muito tempo à eclosão da Revolução Francesa” (PORTER, 2001, p. 447 – tradução livre).

⁸² “Foi Edmund Burke que assumiu o desafio. Sua obra *Reflexões sobre a Revolução na França* (1790) nunca duvidou de sua magnitude: ‘o mais surpreendente que aconteceu no mundo até agora’. Mas o Whig veterano, que tinha defendido os rebeldes americanos na década de 1770 e muitas outras causas liberais, condenava os revolucionários (‘os arquitetos mais capazes de ruína’) como ‘filósofos canibais’ empenhados em destruir o edifício laboriosamente erguido ao longo dos séculos: ‘O franceses ... puxaram completamente ao chão a sua monarquia, sua igreja, sua nobreza, a sua lei, sua receita, o seu exército, sua marinha, seu comércio, suas artes e suas manufaturas’. A raiva deles era demolidora: ‘A idade de cavalaria se foi’, escreveu Burke, ‘a de sofistas, economistas e calculadoras foi bem sucedida. A glória da Europa está extinta para sempre’. Evidentemente, a política não deve ser reduzida a uma ciência. Burke nunca reduziu a reforma - um ‘estado sem os meios para alguma mudança não tem os meios para sua conservação’ - mas, insistiu ele, a mudança deve vir gradualmente e deve ser consensual” (PORTER, 2001, p. 447-449 – tradução livre)

⁸³ “Insurreição estava no ar, o paternalismo velho estava desmoronando, e deferência com ele” (PORTER, 2001, p.449-450 – tradução livre).

inimigos estrangeiros e domésticos (“traidores”, como foi considerado Priestley). Assim, os “amigos” do Iluminismo de repente tornaram-se “amigos” da Revolução – mas vale lembrar que o movimento contra o Iluminismo (*counter-enlightenment*) era tão antigo quanto o Iluminismo em si (PORTER, 2001, p. 450-451).

Overall, however, the war years which culminated in the battle of Waterloo in 1815 were black times for the enlightened, who found themselves at odds with the political nation and the government, and involved in rearguard actions to defend the century's gains, notably freedom of speech and assembly and the other basic liberties won after 1688. Not only were they opposed by new ideologies of reaction, but erstwhile allies were jumping ship.⁸⁴ (2001, p. 474)

Eagleton (2005, p. 97-98) explica que a renovada “moderação” no espírito britânico não adveio de uma história de paz e civilidade. É, antes, uma reação à história sangrenta do país. Para o autor, foi com figuras como Scott e Burke que nasceu o conservadorismo Inglês moderno, com sua crença na manutenção de um meio-termo entre o “fanatismo” da esquerda e o da direita. Assim, os valores defendidos por Scott, de liberdade, tolerância, moderação, progresso e empreendimento comercial deram o tom do debate político – isso dentro de uma firme estrutura que considerava “rank, deference, loyalty, tradition, imperial order and a strong military state”⁸⁵. Esse meio termo é o que Eagleton classifica como o celebrado “English spirit of compromise”⁸⁶, que segundo ele não é exatamente o ponto médio entre “toryism” e “radicalism”, mas um meio termo entre o pensamento retrógrado, cada vez mais aplaudido e uma versão “iluminada” do entendimento de mundo. Aos olhos de Scott, explica Eagleton, essa era a diferença entre “the Romantic Jacobites” e os mais modernos, moderados e pragmáticos Tories (como ele), que apoiavam a Revolução Gloriosa da “House of Hanover”.

It is true, of course, that most of us instinctively see ourselves as somewhere in the middle, flanked on both sides by fanatical extremists. It is natural to see oneself as in the centre and others as on the peripheries. It has to do, among other things, with where Nature has seen fit to locate our eyes. The only problem is that most of the fanatical extremists, whose eyes are in much the same place as our own, see themselves as being in the middle too. (...) It is therefore not hard to see why, for

⁸⁴ “No geral, porém, os anos de guerra que culminaram na batalha de Waterloo em 1815 foram tempos negros para os iluministas, que se encontravam em desacordo com a nação política e do governo, e envolvidos em ações de retaguarda para defender os ganhos do século, nomeadamente a liberdade de expressão e de reunião e as outras liberdades básicas conquistadas após 1688. Eles não só encontravam oposição nas novas ideologias da reação, mas antigos aliados foram abandonando o barco” (PORTER, 2001, p. 474 – tradução livre)

⁸⁵ “posição, deferência, lealdade, tradição, ordem imperial e um forte estado militar” (EAGLETON, 2005, p. 97-98 - tradução livre).

⁸⁶ “Espírito de compromisso inglês” (EAGLETON, 2005, p. 97-98 - tradução livre).

some radical commentators, the idea that the truth invariably lies in the middle is itself an 'extremist' position to take up.⁸⁷ (EAGLETON, 2005, p. 97-98)

Assim, havia uma verdadeira *guerra de ideias* na Inglaterra no período em questão, na qual a posição de Austen não fica clara a princípio. E quando nos voltamos para os escritores moralistas da época, esta guerra de ideias parece ainda mais complexa – afinal, no mesmo período escreviam a conservadora Jane West, que Austen detestava, e Samuel Johnson (o seu moralista favorito na prosa), que defendia ideias liberais de liberdade e responsabilidade individual (JOHNSON, 1988, p. xxii). Claudia L. Johnson, ao explicar os dois lados do debate que se instaurava, lembra que os romancistas conservadores, por terem intencionalmente se comprometido com uma posição anti-Jacobina, passam a ter pouca escolha além de idealizar e incorporar a autoridade em si – e dá como exemplos a autoridade das leis, das convenções, dos costumes e de figuras modelo, como pais, maridos e clérigos. “To do any less would be to surrender their first position and grant that the reformers they tried to discredit as maniacal and treasonous had legitimate grievances after all”⁸⁸ (1988, p. 8).

Já os romancistas progressistas, do outro lado da “guerra de ideias”, compartilhavam com a plataforma da reforma a ideologia de se legitimar a independência, o desafio e a consciência privada (JOHNSON, 1988, p. 9). Esses preceitos possuíam relações estreitas com o que era defendido já há algum tempo pelos iluministas, e Porter (2001, p.16-18) explica que foi justamente a Inglaterra “iluminada” que colocou em pauta no debate as questões de *individualidade*. Segundo o autor, foi o Iluminismo que fez a transição do que ele chama de “*homo civilis*” para o “*homo economicus*”. Isso significa que houve uma racionalização do egoísmo e do interesse próprio dentro da ideologia iluminista, que “privatizou” a virtude e desmoralizou o luxo, o orgulho, o egoísmo e a avareza. O autor diz ainda que o corporativismo se rendeu ao individualismo e que, a partir da teoria do “*laissez-faire*”, a atividade econômica (então divorciada de valores tradicionais) acabou por assumir uma moral própria, segundo a qual o indivíduo “*homo faber*” poderia tornar-se independente (2001, p. 396).

⁸⁷ “É verdade, claro, que a maioria de nós instintivamente se vê como em algum lugar no meio, ladeado de ambos os lados por extremistas fanáticos. É natural ver-se como no centro e aos outros como nas periferias. Tem a ver, entre outras coisas, com o lugar onde Natureza achou melhor colocar nossos olhos. O único problema é que a maioria dos extremistas fanáticos, cujos olhos estão em grande parte no mesmo lugar que os nossos, vê-se no meio também. (...). Portanto, não é difícil ver por que, para alguns comentaristas radicais, a idéia de que a verdade invariavelmente se encontra no meio é em si uma posição de ‘extremista’ a ser assumida” (EAGLETON, 2005, p. 97-98 – tradução livre).

⁸⁸ “Fazer menos seria render sua primeira posição e admitir que os reformadores que eles tentaram desacreditar como maníacos e traidores tinham queixas legítimas afinal” (JOHNSON, 1988, p. 8 – tradução livre).

Austen estabelece uma relação única com este debate ideológico, sendo que sua ironia característica e a sutileza de sua escrita lhe permitem negociar ao mesmo tempo com posições conservadoras e progressistas, o que vai dividir o entendimento da crítica sobre ela. De acordo com O'Brien (2009, p. 222), Knox-Shaw argumenta que Austen foi bastante receptiva quanto à história do Iluminismo e que a autora pode ser entendida não tanto como uma “Tory nostálgica”, que se opunha ao radicalismo do Jacobinismo, mas como uma herdeira do moderado e céptico Iluminismo anglo-escocês. Tal argumento é persuasivo, diz O'Brien, pela preferências que Austen parece ter tido quanto a qualidades morais e éticas (por exemplo de “benevolência”) para desenhar seus personagens, o que pode ser um indício de absorção indireta dos filósofos iluministas escoceses.

Johnson, porém, em seu comentário sobre o diálogo aqui em análise, explica que a maneira ao mesmo tempo ousada e delicada com que Austen escreve este confronto entre Elizabeth e Lady Catherine representa muito bem a sua relação com a tradição do romance do ponto de vista da crítica social, e diz que o tratamento nesse ponto é “decisivamente progressista”: “(...) because Elizabeth does not consider the interests of the ruling classes to be morally binding upon her (...). As far as Elizabeth is concerned, ‘extraordinary talents or miraculous virtue’ will always command her respect, but the ‘mere stateliness of money and rank’ (PP 161) will not awe her”⁸⁹ (1988, p. 87).

Assim, se para Elizabeth é o *mérito moral* que importa, a linhagem social do indivíduo não faz diferença. E é a partir disso que passamos a perceber que seu comportamento não está totalmente alinhado às maneiras conservadoras propagadas por livros de conduta e sermões na época⁹⁰; ao contrário, o seu comportamento moral será valorizado ao longo do romance, e isso faz com que a personagem que é independente, que caminha milhas sozinha para ver uma irmã doente e que é indiferente a uma autoridade que fere a sua individualidade, seja uma ótima representante dessa nova geração, dessa nova classe, e de suas novas ideias.

Mesmo na construção global da personagem, podemos perceber a profundidade de sua representação de classe: além de negociar com as ideias progressistas de independência e liberdade individual, Elizabeth mistura o “passado” paterno nobre ao “presente” materno burguês. Seu pai, Mr. Bennet, é um *gentleman* (como ela irá enfatizar na conversa final com Lady Catherine), mas sua mãe veio da burguesia. Seus únicos parentes com dinheiro são seus

⁸⁹ “(...) porque Elizabeth não considera os interesses da classe dominante como sendo moralmente obrigatórios para ela (...). No que concerne a Elizabeth, ‘talentos extraordinários ou virtude milagrosa’ sempre comandarão seu respeito, mas a ‘mera imponência de dinheiro e grau’ (PP 161) não lhe trarão temor” (JOHNSON, 1988, p. 87 – tradução livre).

⁹⁰ A questão de maneiras e de livros de conduta será investigada com mais profundidade no segundo capítulo.

tios, sendo que o irmão de sua mãe, Mr. Gardiner, é um advogado em Londres, e a irmã dela, Mrs. Phillips, casou-se com um comerciante de Meryton. Apesar de a princípio ter tido um dote, a mãe de Elizabeth se casa com Mr. Bennet, um membro da *gentry* decadente. No desfecho do romance, Elizabeth por fim se casa com Mr. Darcy, concretizando mais uma vez a mistura entre as duas classes.

Ao longo da obra, Lady Catherine é pressionada por esse quadro, especialmente pela imposição de Elizabeth ao seu convívio social, e fica aterrorizada ao perceber que, por meio do casamento, esta moça poderia, de fato, entrar em sua família. Assim, ao longo do diálogo, ela não consegue disfarçar o preconceito de classe que acaba por ser uma de suas principais características.

Eagleton lembra que casamentos em Austen não envolvem necessariamente igualdade material: uma mulher com pequeno dote poderia se casar com um homem muito mais importante, desde que fosse “merecedora”, e o autor utiliza como exemplo exatamente as senhoritas Bennet mais velhas (2005, p. 119). De fato, é pela meritocracia que as duas irmãs conquistam os seus grandes casamentos, e este é um caminho bastante progressista.

No tocante especificamente às relações de classe, vemos como as duas irmãs Bennet mais velhas, sem dote, terão que encontrar em si algo que as recomende na “boa sociedade”, e isto poderia nos remeter ao caráter do *self-made man*, bastante presente nos romances do século XIX – seria quase como se fossem “*self-made women*”: Elizabeth e Jane Bennet são mulheres inseridas em uma sociedade com divisões rígidas entre papéis masculinos e femininos e terão que se autorrecomendar por meio da distinção moral.

Nesse sentido, Sandra Vasconcelos explica como, com a ascensão da burguesia, foi necessário redefinir “the role of the family in society, and also women’s place in it, (...) Marriageability depended no longer simply or exclusively on one’s dowry but also on a set of personal qualities which were demanded both of men and women (...)”. Mas enquanto prerrogativas intelectuais e de autoridade continuavam sendo características masculinas, “modesty, grace, deference, self-restraint, delicacy and virtue were some of the ‘feminine’ qualities, expected of every woman both before and after marriage”⁹¹ (2002, p. 319).

Essas transformações sociais envolvem, então, a novidade da possibilidade de melhoramento e autorrecomendação e, por meio disso, sugerem a ascensão hierárquica.

⁹¹ “o papel da família na sociedade, e também o lugar das mulheres dentro dela (...). A condição de casamento dependia não apenas ou exclusivamente do dote de alguém, mas também de um conjunto de qualidades pessoais que foram exigidas tanto de homens quanto de mulheres” (...) “a modéstia, a graça, a deferência, o autocontrole, a delicadeza e a virtude foram algumas das qualidades ‘femininas’, esperadas de todas as mulheres antes e depois do casamento” (VASCONCELOS, 2002, p. 319 – tradução livre).

Considerada em seu contexto, a luta de Lady Catherine contra o casamento do sobrinho com alguém como Elizabeth era bastante natural: deve ter sido assustador para a classe dominante ver seu *status* assim ameaçado. Mesmo que essa seja a opinião de Lady Catherine sobre os planos de Elizabeth, porém, Johnson (1988, p. 87-88) lembra que Austen é claramente contra a interferência de superiores hierárquicos em assuntos particulares: assim, a declaração de Elizabeth de que Lady Catherine não tem direito de intervir em seus assuntos é uma defesa forte contra a exigência da senhora – de que fique na “*esfera em que foi criada*”. A defesa de Elizabeth, no entanto, vai além disso, e ela, que é fruto da mistura entre as duas classes, diz: “*In marrying your nephew, I should not consider myself as quitting that sphere. He is a gentleman; I am a gentleman's daughter; so far we are equal.*” (PP, 2010, p. 398) ⁹²

Para Spacks, esta é uma afirmação ousada da parte de Elizabeth, visto que, tecnicamente, ela e Darcy poderiam pertencer à mesma esfera social, se o *status* de “cavalheiro” for amplamente definido: “Bennet is indeed a gentleman: he does not have to work for a living. But the social gap between him and Darcy, who has an income of £ 10,000 pound a year and never needs to worry about whether the horses for the carriage are needed for the farm, remains large”⁹³. E apesar de Elizabeth estar bastante ciente deste fato, explica Spacks, o seu desafio a Lady Catherine faz com que conte com a “*técnica*” (2010, p. 398, nota 19).

Johnson (1988), no entanto, vê na afirmação de Elizabeth um recuo de Austen diante de uma crítica social que poderia ter sido mais enfática: para ela, o conflito entre Elizabeth e Lady Catherine aborda esta “*questão politicamente volátil*”, mas ao mesmo tempo a contorna. Por isso, Johnson diz que *Pride and Prejudice* “*alternadamente beira a e recua da*” crítica radical: Lady Catherine em nenhum momento afirma abertamente que o bem-estar do reino inteiro dependeria da pureza de sua linhagem familiar; e Elizabeth não chega ao ponto de afirmar que ela teria o direito de sair da “*esfera*” em que nasceu. Ao contrário, indica que, caso se casasse com Darcy, ela permaneceria dentro dessa esfera – “*He is a gentleman; I am a gentleman's daughter*” (JOHNSON, 1988, p. 88). O interessante é que há um consenso entre a crítica que afirma que os parentes mais bem recomendados de Elizabeth são seus tios burgueses de Londres, os Gardiner. Por que Elizabeth deveria recuar de algo que sabe ser verdade para se defender dentro da esfera da *gentry*, que divide sua ascendência? Este é

⁹² “*Casando com seu sobrinho, eu não sairia dessa esfera. Ele é um cavalheiro; eu sou filha de um cavalheiro; até aí somos iguais.*” (OP, 2011, p. 495).

⁹³ “Mr. Bennet é realmente um cavalheiro: ele não tem que trabalhar para viver. Mas a fenda social entre ele e Darcy, que tem uma renda de £10.000 por ano e nunca precisa se preocupar se os cavalos são necessários para o transporte ou para a fazenda, continua grande” (SPACKS, 2011, p. 398, nota 19 – tradução livre).

certamente um argumento mais fácil e menos polêmico, mas em uma conversa que até então desafiava de maneira mais enfática a estrutura social, usando mão de argumentos progressistas de comportamento – como a independência –, este recuo é decepcionante.

Também Eagleton critica tal recuo e volta sua análise para o fato de os casamentos na obra de Austen acontecerem dentro de uma “classe de cavalheiros e damas mais ampla”:

These, to be sure, are all transactions *within* the larger class of gentlemen and gentlewomen; you can marry outside your class, but not beyond the place of polite society as a whole. It is wrong to disdain the lower orders, as the snobbish Emma does, but it is equally wrong to encourage them to aspire beyond their station, as Emma does too.⁹⁴ (EAGLETON, 2005, p. 119-120)

Vemos então que, também em *Emma* (1816), a possibilidade de relacionamentos entre as classes é o tempo todo sugerida, ainda que o desfecho acabe por confinar cada um à sua esfera de origem. Nos dois romances, porém, fica um resquício da ideia de mobilidade social proposta, bastante progressista, e a confirmação de que não importa a origem dos personagens, eles serão recompensados de acordo com a “meritocracia” – o valor medido por meio do comportamento de cada um. Assim, Johnson explica que, apesar de a afirmação de Elizabeth deixar a estrutura social substancialmente intacta, ela ainda assim serve a fins reformistas ao desmistificar a grande nobreza, privando homens como Darcy de qualquer justificativa para seu orgulho (1988, p. 88).

De qualquer forma, mesmo a technicalidade de uma classe “mais ampla” adotada como defesa por Elizabeth não significa muito para Lady Catherine, que devolve para a moça o fato que ela mesma deveria ter levantado e defendido: “*True. You are a gentleman's daughter. But who was your mother? Who are your uncles and aunts? Do not imagine me ignorant of their condition.*” (2010, p. 398)⁹⁵

Assim, para Lady Catherine, e para a geração conservadora, meia conexão com a burguesia conta mais do que a metade aristocrática, e a garota “*without family, connections, or fortune*” não tem nada que a recomende. Mas de acordo com a moral progressista, quem Elizabeth é, individualmente, fala por si só. Nesse sentido, Vasconcelos explica que o destino das mulheres de Austen é determinado particularmente pela conduta feminina: “Her women are always under scrutiny and if propriety and morals are not demanded exclusively of them,

⁹⁴ “Estas, com certeza, são todas operações *dentro* da classe de cavalheiros e damas mais ampla; você pode casar fora da sua classe, mas não além da posição de uma sociedade civilizada como um todo. É errado desdenhar as ordens inferiores, como a esnobe Emma faz, mas é igualmente errado incentivá-las a aspirar além de sua classe, como Emma faz também” (EAGLETON, 2005, p. 119-120 - tradução livre).

⁹⁵ “*Verdade. Você é filha de um cavalheiro. Mas quem é sua mãe? Quem são seus tios e tias? Não pense que ignoro a posição deles*” (OP, 2011, p. 495).

they must behave properly if they are to stand a chance of making a good match”⁹⁶ (2002, p. 322-323).

Da mesma forma, John Hardy destaca a importância desta moral progressista no desenvolvimento das personagens da obra. O autor diz que a inteligência moral que Austen transmite às suas heroínas faz com que sua individualidade seja enfatizada “através da qualidade de sua interação com os outros” (1984, p. xii). Para o autor, também depõe a favor de Mr. Darcy que ele reconheça o valor de Elizabeth, algo que Mr. Collins jamais faria.

Esta aceitação de Mr. Darcy é, inclusive, mais importante para a análise de conflito de classes do que pode parecer à primeira vista. Isso porque Johnson argumenta que o desafio representado por Elizabeth ao poder de posição e riqueza fica reduzido quando consideramos Lady Catherine como *mulher* inserida em uma sociedade patriarcal, “assim como seu ridículo absoluto” (1988, p. 88). Desenvolvendo a crítica, Johnson explica que mulheres como Lady Catherine (e ela dá o exemplo também de Mrs. Ferrars) são “paródias” da autoridade masculina, ou seja, elas não são as concretizações mais fortes da família patriarcal cujos interesses elas defendem.

If Austen’s use of a weak and ridiculous female authority figure makes it possible to dramatize effectual resistance, it is at the cost of minimizing the extent and perhaps even obscuring the object of that resistance. Quite simply, it is left unclear whether all attempts on the part of the high and mighty to meddle in the autonomous choices of others are to be deemed insufferable, or whether it is merely that Lady Catherine’s attempts to wield power are incompetent, inappropriate and eccentric.⁹⁷ (JOHNSON, 1988, p. 88)

A crítica de Johnson é coerente quando aponta para o fato de o conflito entre Elizabeth e Lady Catherine ser atenuado no âmbito do gênero: sendo uma autoridade feminina em uma sociedade patriarcal, a ameaça que Lady Catherine pode representar é limitada. No entanto, isso não desmerece a representação de classes contida na obra.

Além disso, temos em Mr. Darcy o complemento masculino a este poder representado por Lady Catherine e, de acordo com John Hardy, Elizabeth não se sente inferior a nenhum dos dois – dando livre curso à sua inteligência viva, ela por fim obriga Darcy a tratá-la como igual, assim como o faz com Lady Catherine (2005, p. 37). Podemos observar facilmente ao

⁹⁶ “Suas mulheres estão sempre sob exame minucioso e se decoro e moral não são exigidos exclusivamente delas, elas devem se comportar adequadamente para que possam ter uma chance de fazer um bom casamento” (VASCONCELOS, 2002, p. 322-323 – tradução livre).

⁹⁷ “Se o uso de Austen de uma figura de autoridade fraca e ridícula torna possível dramatizar uma resistência eficaz, é à custa de minimizar a extensão e talvez até mesmo esconder o objeto dessa resistência. Muito simplesmente, não fica claro se todas as tentativas por parte dos mais poderosos para se intrometer nas escolhas autônomas dos outros devem ser consideradas insuportáveis, ou se apenas as tentativas de Lady Catherine de exercer o poder são incompetentes, impróprias e excêntricas” (JOHNSON, 1988, p. 88 – tradução livre).

longo do romance como a postura de Elizabeth diante desse poderoso homem não deixa nada a desejar para a sua atitude diante da tia dele. Talvez este enfrentamento à autoridade de Mr. Darcy seja, inclusive, ainda mais enfático, visto que ao final ele adotará uma nova postura – de acordo com o que Elizabeth considera adequado – para conquistá-la.

Logo no começo da obra, vemos no baile da região um Mr. Darcy absolutamente orgulhoso, que se recusa a dançar com moças (especificamente Elizabeth) consideradas por ele abaixo de seu nível. Mais tarde, as moças se reúnem para conversar sobre os acontecimentos da noite. É quando Charlotte Lucas defende a postura de Darcy:

"His pride," said Miss Lucas, "does not offend me so much as pride often does, because there is an excuse for it. One cannot wonder that so very fine a young man, with family, fortune, everything in his favour, should think highly of himself. If I may so express it, he has a right to be proud."

*"That is very true," replied Elizabeth, "and I could easily forgive **his** pride, if he had not mortified **mine**." (PP, 2010, p. 53 – negritos nossos)⁹⁸*

Na versão original em inglês, há um destaque em itálico na palavra *"right"* [direito] utilizada por Miss Lucas – e esse destaque se torna importante na discussão, pois a diferença de a postura das duas amigas diante do “direito ao orgulho” é sutil, mas muito reveladora.

Miss Lucas estabelece o direito no campo da “distinção”, vinda da “família” e da “riqueza”. Por outro lado, ao defender que também tem direito a um orgulho dignificante, Elizabeth adota uma estratégia que a coloca no mesmo patamar que um homem poderoso, e também dá destaque a duas palavras: *"his"* [dele] e *"mine"* [meu], aproximando as duas de modo a diminuir a distância entre si mesma e Darcy. Assim, quando Elizabeth diz ser válida a afirmação da amiga, está na verdade endereçando este “direito ao orgulho” em outro lugar: não na posição social a que Miss Lucas se refere, mas na ideia progressista de valor individual.

A questão do direito levantada por Elizabeth extrapola, inclusive, os limites da questão de classe e alcança o âmbito dos direitos femininos – outro debate em voga no final do século XVIII. De acordo com Barbara J. Horwitz (1991, p. 68), embora parecesse óbvio para escritoras como Mary Wollstonecraft e Mary Hays que as mulheres educadas adequadamente iriam exigir seus direitos, poucos escritores sobre a educação das mulheres as apoiaram. Hannah More, por exemplo, denunciou a ideia como ‘ímpia’, contrária à religião. “She and

⁹⁸ “‘O orgulho dele’, disse a senhorita Lucas, ‘não me ofende tanto como o orgulho costuma fazer, pois existe uma desculpa para isso. Não deveria espantar que um rapaz tão distinto, de família, rico, com tudo a seu favor, tenha-se em tão alta conta. Se posso dizer assim, ele tem o direito de ser orgulhoso.’ ‘Isso lá é verdade’, retrucou Elizabeth, ‘e eu poderia facilmente perdoar o orgulho **dele**, se não tivesse ofendido o **meu**.’” (OP, 2011, p. 122 – negritos nossos).

Jane West argued for the education of women on the grounds that properly educated women would not want to change their status and would accept their unfitness for public life (West, 96-129, More 236)".⁹⁹

Quanto à base iluminista para o direito ao orgulho, Knox-Shaw mostra como pensadores como Hume distinguiam cuidadosamente entre certo orgulho que era positivo e outro negativo em seus efeitos, sendo que no final do século XVIII, tal heterodoxia se tornou quase um mantra entre os iluministas, para quem o orgulho era tão essencial para a moralidade quanto para uma economia saudável. O desejo de uma boa autoimagem (por merecimento, e não em busca do elogio) e a empatia por outros eram as matérias-primas de sociabilidade – nesta questão crucial, ele diz, Jane Austen estava, sem dúvida, do lado dos filósofos: “[p]ride in the novels – as has frequently been pointed out (most trenchantly by Isobel Armstrong) – is both good and bad, and Adam Smith’s account of the potentially virtuous vice is clearly echoed in *Pride and Prejudice*”¹⁰⁰ (2004, p. 71-72).

Vemos como, em cada ocasião de encontro entre Elizabeth e Mr. Darcy, há uma manutenção desta igualdade sobre o direito ao orgulho imposta pela moça entre eles. Ela mesma afirma: “*He has a very satirical eye, and if I do not begin by being impertinent myself, I shall soon grow afraid of him*” (PP, 2010, p. 57).¹⁰¹

De fato, a impertinência dela é a maneira pela qual ela se defende e desconta (mais adiante na narrativa) a recusa de dança que foi a primeira causa de ofensa ao seu orgulho, ainda no primeiro baile. Na casa dos Bingley, depois de um jantar, Mr. Darcy faz o convite:

"Do not you feel a great inclination, Miss Bennet, to seize such an opportunity of dancing a reel?"

She smiled, but made no answer. He repeated the question, with some surprise at her silence.

"Oh!" said she, "I heard you before, but I could not immediately determine what to say in reply. You wanted me, I know, to say 'Yes,' that you might have the pleasure of despising my taste; but I always delight in overthrowing those kind of schemes, and cheating a person of their premeditated contempt. I have therefore made up my mind to tell you, that I do not want to dance a reel at all — and now despise me if you dare."

"Indeed I do not dare." (PP, 2010, p.86-87)¹⁰²

⁹⁹ “Ela e Jane West defenderam a educação das mulheres a partir do argumento de que as mulheres educadas adequadamente não iriam querer mudar o seu status e aceitariam sua inaptidão para a vida pública (West, 96-129, More 236)” (HORWITZ, 1991, p. 68 – tradução livre).

¹⁰⁰ “[o]rgulho nos romances - como tem sido frequentemente salientado (mais incisivamente por Isobel Armstrong) - é bom e ruim, e o entendimento de Adam Smith sobre o vício potencialmente virtuoso claramente ecoou em *Orgulho e Preconceito*” (KNOX-SHAW, 2004, p. 71-72 – tradução livre).

¹⁰¹ “‘(...) Com aquele olhar satírico dele, se eu não for impertinente, logo vou começar a temê-lo’” (OP, 2011, p. 127).

¹⁰² “‘Você não está sentindo uma grande vontade, senhorita Bennet, de aproveitar uma oportunidade dessas para dançar o reel?’

“*Now despise me if you dare*”, é o que Elizabeth diz, ou, na tradução usual: “agora me despreze se quiser”. Talvez uma tradução melhor para *dare*, neste caso, fosse “ousar” ou “se atrever”; e *dare* também pode significar “desafio”. Este é, de fato, um desafio aberto que Elizabeth lança, diante do qual Darcy recua: “*Indeed I do not dare*” [“Na verdade, não quero” – não me atrevo].

Este mesmo desafio será adotado por Elizabeth na ocasião do primeiro pedido de casamento, quando de uma maneira nada cavalheiresca Mr. Darcy deixa seu orgulho de classe se manifestar, revelando certo preconceito social enrustido:

(...) Elizabeth's astonishment was beyond expression. She stared, coloured, doubted, and was silent. This he considered sufficient encouragement, and the avowal of all that he felt, and had long felt for her, immediately followed. He spoke well; but there were feelings besides those of the heart to be detailed; and he was not more eloquent on the subject of tenderness than of pride. **His sense of her inferiority—of its being a degradation—of the family obstacles which judgment had always opposed to inclination,** were dwelt on with a warmth which seemed due to the consequence he was wounding, but was very unlikely to recommend his suit.

In spite of her deeply-rooted dislike, she could not be insensible to the compliment of such a man's affection, and though her intentions did not vary for an instant, she was at first sorry for the pain he was to receive; till, roused to resentment by his subsequent language, **she lost all compassion in anger.** (...). (PP, 2010, p. 230-231 – negritos nossos)¹⁰³

Então Elizabeth responde cerimoniosamente que recusa a proposta feita, e que espera que todas as oposições ao compromisso ajudem Darcy a superar a admiração que sente por ela. Na sequência Darcy pergunta:

Ela sorriu, mas não respondeu. Ele repetiu a pergunta, com certa surpresa diante do silêncio dela.

‘Oh’, ela disse, ‘eu tinha ouvido da primeira vez; mas na hora não consegui decidir o que responder. Você gostaria, eu sei, que eu dissesse: ‘Sim’, para que tivesse o prazer de me desprezar, mas eu sempre sinto prazer em desbaratar esse tipo de armação, flagrando a pessoa em seu desdém premeditado. Estou portanto decidida a lhe dizer definitivamente não quero dançar o reel – e agora me despreze se quiser.’

‘Na verdade, não quero’ (OP, 2011, p. 157).

¹⁰³ “(...) A perplexidade de Elizabeth foi além de qualquer expressão. Arregalou os olhos, corou, duvidou e ficou calada. Para ele, foi estímulo suficiente, e a declaração de tudo o que sentia, havia muito tempo, por ela, veio imediatamente em seguida. Ele falou bem, mas havia sentimentos alheios aos do coração a serem detalhados, e ele não era tão eloquente no campo da ternura quanto no do orgulho. **A noção que tinha da inferioridade dela – de que ele estava se rebaixando – dos obstáculos familiares que o juízo sempre opusera à inclinação,** foram abordados com um ardor que parecia consequência do fato de que se sentia ferido, mas que pouco reforçava a proposta.

Apesar de seu desgosto profundamente arraigado, ela não pôde ficar insensível à lisonja que representava a afeição daquele homem e, embora suas intenções não tenham variado um instante sequer, a princípio sentiu pena da dor que lhe causaria; até que, levada ao ressentimento pela linguagem que ele empregou em seguida, **Elizabeth perdeu toda a compaixão, ficou furiosa.** (...)” (OP, 2011, p.317 – negritos nossos).

"And this is all the reply which I am to have the honour of expecting! I might, perhaps, wish to be informed why, with so little endeavour at civility, I am thus rejected. But it is of small importance."

"I might as well enquire," replied she, "why with so evident a desire¹⁰⁴ of offending and insulting me, you chose to tell me that you liked me against your will, against your reason, and even against your character? Was not this some excuse for incivility, if I was uncivil? But I have other provocations. You know I have". (PP, 2010, p. 230-231 – negritos nossos)¹⁰⁵

Assim, por causa da manifestação dele sobre “*her inferiority*”, Elizabeth “*lost all compassion in anger*”. Para Elizabeth, ser tratada como inferior é mais do que justificativa para deixar de agir com cortesia. Depois de algumas trocas de acusações, o conflito entre os dois culmina na defesa de Darcy à própria postura:

"(...) Nor am I ashamed of the feelings I related. They were natural and just. Could you expect me to rejoice in the inferiority of your connections? To congratulate myself on the hope of relations, whose condition in life is so decidedly beneath my own?"

Elizabeth felt herself growing more angry every moment; yet she tried to the utmost to speak with composure when she said,

"You are mistaken, Mr. Darcy, if you suppose that the mode of your declaration affected me in any other way, than as it spared me the concern which I might have felt in refusing you, had you behaved in a more gentleman-like manner". (PP, 2010, p. 233 – negritos nossos)¹⁰⁶

Esta reação da moça não é a que Darcy esperava, e a partir deste choque de realidade, ele vai se transformar; especialmente ao ser obrigado a ouvir a frase: “*had you behaved in a more gentleman-like manner*”. Isso porque, depois de atestar novamente a inferioridade da família de Elizabeth e dizer que, caso se envolvesse com ela, seria obrigado a se relacionar com pessoas de posição “abaixo” da sua, ele precisa ouvir a acusação do quão pouco *cavalheiro* ele realmente é. Novamente, não importa que a família de Elizabeth tenha também burgueses: se com toda a sua nobreza Darcy *se comporta* tão mal, isso de nada vale para ela.

¹⁰⁴ Na versão em inglês (PP, 2010), está “*desire*” [desejo]. Na versão online da primeira edição publicada no Projeto Gutenberg, “*design*” [designio; plano].

¹⁰⁵ “*E essa é a única resposta pela qual terei a honra de esperar! Talvez eu desejasse saber por que, se não for abusar da sua cortesia [ou: com tão pouco esforço de civilidade], fui assim rejeitado. Mas isso não tem tanta importância.*”

‘Eu também poderia desejar saber’, respondeu ela, ‘por que com tão evidente intuito de me ofender e insultar preferiu contar que gostava de mim contra sua vontade, contra seu juízo, e mesmo contrariando seu próprio caráter? Não seria razão suficiente para alguma falta de cortesia da minha parte, se é que lhe faltei com a educação? Mas tenho ainda outros motivos. Sabe que eu tenho. (...)’” (OP, 2011, p. 313-315 – negritos nossos).

¹⁰⁶ “*(...) Não tenho vergonha dos sentimentos que lhe confessei. São naturais e justos. Esperava que eu me alegrasse com a inferioridade da sua família? Que eu me felicitasse pela perspectiva de me relacionar com pessoas cuja posição na vida é tão decididamente abaixo da minha?*”

(...)

“Está enganado, senhor Darcy, ao supor que o modo da sua confissão me afetou de alguma forma além de me haver poupado da preocupação que eu poderia sentir por rejeitá-lo se o senhor houvesse se comportado de modo mais cavalheiresco” (OP, 2011, p.317 – negritos nossos).

Quando Elizabeth o reencontra em Pemberley, ele já é outro homem, com um orgulho muito menos manifesto, e completamente aberto a aceitar a convivência dos Gardiner, tios burgueses de Elizabeth, que anteriormente haviam sido, como vimos no trecho anterior, parte dos “obstáculos familiares”. No desfecho da obra, Mr. Darcy explica o que esperava com o seu novo comportamento em Pemberley: “(...) *I hoped to obtain your forgiveness, to lessen your ill opinion, by letting you see that your reproofs had been attended to. (...)*” (PP, 2010, p. 411-412) ¹⁰⁷. Ele explica também, no decorrer de um longo discurso sobre suas falhas e tentativas de corrigi-las:

“(...) *You taught me a lesson, hard indeed at first, but most advantageous. By you, I was properly humbled. I came to you without a doubt of my reception. You showed me how insufficient were all my pretensions to please a woman worthy of being pleased.*” (PP, 2010, p. 411) ¹⁰⁸

É interessante como Darcy mudou o seu entendimento do “valor” de Elizabeth. Antes uma mulher com a qual ele relacionava as palavras “*inferiority*” e “*degradation*” (com condição de vida e conexões familiares “decididamente” abaixo das suas), agora ela se torna “*a woman worthy of being pleased*”. Assim, na palavra “*worthy*” a mudança de Darcy se conecta com a valorização do mérito na recomendação do indivíduo.

Portanto, fica claro que, apesar de a autoridade de Lady Catherine ser diminuída pelo fato de ela ser mulher, como defendeu Johnson, não há tal atenuante no que se refere a Mr. Darcy – e mesmo assim o discurso que Elizabeth adota com ele é de independência, força e preocupação com integridade moral muito parecidas com o confronto final desta com a “grande dama”. Já a repercussão dessa disputa entre herói e heroína talvez seja ainda maior, pelo fato de Darcy ter declarado que as censuras de Elizabeth haviam sido atendidas, que ele fora “merecidamente humilhado” por ela, percebendo a insuficiência de suas pretensões de agradar a uma mulher digna de ser agradada.

Para Knox-Shaw, os críticos que pressionam o romance em um “molde Anti-Jacobino” descartam (ou desvalorizam) essa transformação de Darcy sob a influência da heroína, e se concentram na mudança da própria Elizabeth, tratando muitas vezes o “*change of heart*” da moça quase como se fosse uma conversão religiosa. “In fact, the Butlerian stereotype of the sprightly heroine who renounces her independence of mind in order to

¹⁰⁷ “(...) *esperava obter o seu perdão, atenuar sua má impressão de mim, fazendo você ver que suas censuras haviam sido atendidas. (...)*” (OP, 2011, p. 511).

¹⁰⁸ “(...) *Você me ensinou uma lição, dura de fato a princípio, mas das mais proveitosas. Por você, fui merecidamente humilhado. Abordei-a sem nenhuma dúvida da sua resposta. Você me mostrou como eram insignificantes as minhas pretensões de agradar a uma mulher digna de ser agradada*” (OP, 2011, p. 510).

conform to a received view of the world is peculiarly ill-suited to the character of Elizabeth Bennet”¹⁰⁹, isso porque a personagem não tem nem sua liberdade, nem seu espírito, ou mente, diminuídos durante seu processo de amadurecimento. O autor argumenta que tal leitura é deliberadamente bloqueada pela narradora no final do romance, quando ela dá ao leitor um vislumbre da vida de Elizabeth em Pemberley:

“(...) Georgiana had the highest opinion in the world of Elizabeth; though at first she often listened with an astonishment bordering on alarm, at her lively, sportive, manner of talking to her brother. He, who had always inspired in herself a respect which almost overcame her affection, she now saw the object of open pleasantries. Her mind received knowledge which had never before fallen in her way. By Elizabeth's instructions, she began to comprehend that a woman may take liberties with her husband, which a brother will not always allow in a sister more than ten years younger than himself”. (PP, 2011, p. 430-431)¹¹⁰

Assim, percebe-se que Elizabeth conquista o respeito de Georgiana, cuja mente recebe através dela *“knowledge which had never before fallen in her way”*. Mais do que isso, vemos que a heroína não perdeu sua maneira *“lively”* e *“sportive”* de falar com Mr. Darcy. É por isso que Knox-Shaw conclui: *“‘Self-abasing’ Elizabeth never is, and though her mortification over being duped by Wickham leads to genuine remorse, this seems to reflect her generous spirit, for Mrs Gardiner is also deceived despite her much longer acquaintance with Wickham (...)”*¹¹¹ (2004, p. 95).

Assim, apesar de Elizabeth bloquear a interferência de Lady Catherine em seus assuntos, recusando-se a persistir numa deferência recomendada apenas pela classe, e não pela moral, ela conquista Darcy como aliado de sua própria maneira de pensar e agir, isso sem perder a *“wit”* e a *“impertinência”* que a caracterizam ao longo da narrativa – ainda que haja alguma transformação em seus sentimentos. Isso está de acordo com a análise de Eagleton: para ele, o casamento, no entendimento de Austen, era um dos meios pelos quais a mulher

¹⁰⁹ “Na verdade, o estereótipo Butleriano da heroína enérgica que renuncia sua independência de pensamento, a fim de estar em conformidade com uma visão recebida do mundo, é peculiarmente mal adaptado à personagem de Elizabeth Bennet” (KNOX-SHAW, 2004, p. 95 – tradução livre)

¹¹⁰ *“Georgiana tinha de Elizabeth a opinião mais elevada do mundo; embora às vezes ouvisse com uma surpresa que beirava a preocupação o modo informal e brinçalhão como ela falava com seu irmão. Ele, que sempre inspirara nela um respeito quase maior que sua afeição, passara a ser visto às vezes como objeto da mais franca zombaria. Para ela, aquilo era uma novidade que nunca lhe ocorrera antes [ou: sua mente recebeu conhecimento que nunca tinha passado por seu caminho]. Por instrução de Elizabeth, ela passou a entender que uma mulher pode tomar certas liberdades com o marido que um irmão nem sempre permitiria em uma irmã mais de dez anos mais nova” (OP, 2013, p. 532).*

¹¹¹ “Elizabeth nunca se rebaixa, e embora sua mortificação por ter sido enganada por Wickham a leve a um remorso genuíno, isto parece refletir o seu espírito generoso, visto que a Sra. Gardiner também é enganada, apesar de sua maior familiaridade com Wickham” (KNOX-SHAW, 2004, p. 95 – tradução livre).

poderia ajudar a regenerar a *gentry* (ou a aristocracia), e é exatamente o que Elizabeth faz (2005, p. 19).

Por outro lado, Mr. Darcy faz parte de uma jovem nobreza, uma classe talvez mais aberta a absorver a moral progressista e fazer parte dela. Mesmo que a princípio ele lute contra seus escrúpulos diante de uma moça sem recomendação de ascendência e sangue, ele luta igualmente contra a falta de moral apresentada pela família dela. Além disso, seu amigo mais próximo é um representante da burguesia, visto que Mr. Bingley e sua família fizeram fortuna através do comércio. Então sabemos que desde o início o preconceito era menor nesse caso. Elizabeth, inclusive, ao rebater o questionamento de Lady Catherine sobre sua família, usa a seu favor a aceitação de Darcy à diferença de condição social entre eles:

*"Whatever my connections may be," said Elizabeth, "if your nephew does not object to them, they can be nothing to you."
"Tell me once for all, are you engaged to him?"
Though Elizabeth would not, for the mere purpose of obliging Lady Catherine, have answered this question; she could not but say, after a moment's deliberation, "I am not." (PP, 2011, p. 398-399) ¹¹²*

Lady Catherine desiste de tentar guiar Elizabeth a uma confissão ou negativa através do diálogo, e decide por fim ser direta; sem rodeios, pergunta: *"Tell me once for all, are you engaged to him?"*. Até este momento, Elizabeth conseguira com muita esperteza se desviar das exigências por informação, e ainda aqui ela hesita antes de responder. A narradora nos mostra como a personagem pensa em suas possibilidades – ela claramente não quer ceder. No entanto, seria muito difícil escapar de um questionamento direto e, enfim, Lady Catherine é informada de que seus medos eram infundados. Para Spacks, Elizabeth não se rendeu à vontade de Lady Catherine de receber uma resposta, mas, ao dá-la, se protegeu de possíveis conjecturas da grande dama e da família Collins sobre uma fofoca de casamento que poderia chegar aos ouvidos de Darcy (2010, p. 399, nota 21). Talvez seja mesmo a essa conclusão que a moça tenha chegado *"after a moment's deliberation"*.

Depois de receber a resposta que queria, porém, Lady Catherine parece esperar que Elizabeth ceda em todos os outros aspectos:

¹¹² *"Qualquer que seja a posição dos meus parentes", disse Elizabeth, "se o seu sobrinho não fizer objeção, pouco importa quem eles sejam para a senhora."
'Diga-me de uma vez por todas: você está noiva dele?'
Embora Elizabeth, meramente para não acatar uma ordem de Lady Catherine, não tivesse intenção de responder a essa pergunta, não pôde deixar de dizer, após refletir por um momento: 'Não estou.' (OP, 2011, p. 495).*

*Lady Catherine seemed pleased.
 "And will you promise me, never to enter into such an engagement?"
 "I will make no promise of the kind."
 "Miss Bennet I am shocked and astonished. I expected to find a more reasonable young woman. But do not deceive yourself into a belief that I will ever recede. I shall not go away, till you have given me the assurance I require." (PP, 2010, p. 399)¹¹³*

Lady Catherine estava acostumada a conseguir o que queria, mas encontrou uma resistência em Elizabeth que não pôde ser rendida. Spacks mostra como, apesar de dizer que não iria embora sem ter o que viera buscar, “in fact she does recede; she goes away with no assurances; she is eventually compelled to accept a marriage she deplores – a marriage that demonstrates the evanescence of her authority” ¹¹⁴ (2010, p. 18). Mais do que isso, ela não consegue nem mesmo levar adiante a exigência que faz, pois logo em seguida Elizabeth é clara em sua recusa:

"And I certainly never shall give it. I am not to be intimidated into anything so wholly unreasonable. Your ladyship wants Mr. Darcy to marry your daughter; but would my giving you the wished-for promise, make their marriage at all more probable? Supposing him to be attached to me, would my refusing to accept his hand, make him wish to bestow it on his cousin? Allow me to say, Lady Catherine, that the arguments with which you have supported this extraordinary application, have been as frivolous as the application was ill-judged. You have widely mistaken my character, if you think I can be worked on by such persuasions as these. How far your nephew might approve of your interference in his affairs, I cannot tell; but you have certainly no right to concern yourself in mine. I must beg, therefore, to be importuned no farther on the subject."

"Not so hasty, if you please. I have by no means done. To all the objections I have already urged, I have still another to add. I am no stranger to the particulars of your youngest sister's infamous elopement. I know it all; that the young man's marrying her, was a patched-up business, at the expence of your father and uncles. And is such a girl to be my nephew's sister? Is her husband, is the son of his late father's steward, to be his brother? Heaven and earth!—of what are you thinking? Are the shades of Pemberley to be thus polluted?" (PP, 2011, p. 399)¹¹⁵

¹¹³ “Lady Catherine pareceu satisfeita.

‘E promete que nunca aceitará tal compromisso?’

‘Não farei nenhuma promessa desse tipo.’

‘Senhorita Bennet, estou chocada e perplexa. Esperava encontrar uma moça mais razoável. Mas não se engane de achar que eu voltarei atrás. Não irei embora até que você me dê a garantia que estou pedindo.’” (OP, 2011, p. 495).

¹¹⁴ “de fato, ela recua; ela vai embora sem garantias; ela é finalmente obrigada a aceitar um casamento que ela deplora - um casamento que demonstra a evanescência de sua autoridade” (SPACKS, 2010, p. 18 – tradução livre).

¹¹⁵ “E eu certamente não lhe darei nunca. Não serei intimidada a fazer nada tão absolutamente descabido. A senhora quer que o senhor Darcy se case com sua filha; mas, se eu lhe promettesse o que a senhora quer, isso tornaria o casamento deles mais provável? Supondo que ele goste de mim, minha recusa ao pedido faria com que quisesse transferir a afeição para a prima? Permita-me dizer, Lady Catherine, que os argumentos com que a senhora fundamenta esse pedido extraordinário são tão frívolos quanto o pedido em si é imprudente. A senhora está profundamente enganada quanto ao meu caráter se pensa que posso ser manobrada por esse tipo de persuasão. O quanto o seu sobrinho aprova a sua interferência nos assuntos dele, não sei dizer; mas certamente a senhora não tem nenhum direito de se intrometer nos meus. Devo pedir-lhe, portanto, para não ser mais importunada sobre esse assunto.”

A sentença “*are the shades of Pemberley to be thus polluted?*” é muito forte. Se o orgulho de Elizabeth (um dos temas investigados no romance) ainda não havia sido testado, agora com certeza o foi. Na frase, “*polluted*” se refere a todos os conflitos do romance: seu tio *burguês* é mencionado e também o fato de que seu novo cunhado é filho de um antigo empregado dos Darcy, mas o que é mais forte aqui é a referência que a palavra faz à fuga infame de Lydia, que resultou na incorporação do amoral Wickham à família Bennet. Lady Catherine apelou para o acontecimento mais revelador da trama porque Elizabeth qualificou seus argumentos anteriores como “*as frivolous as the application was ill-judged*”. No entanto, ao fazer isso ela levanta uma das lembranças mais dolorosas de Elizabeth.

De acordo com Mary Poovey (1985), a função mais importante de Lydia na história advém da sua localização: a carta de Jane para Elizabeth, explicando a fuga da irmã mais nova, chega exatamente no momento em que a heroína está mais confiante em seu relacionamento com Darcy – eles acabaram de se reencontrar em Pemberley, onde ela e seus tios foram recebidos por ele com muita cortesia, então a carta chega e Elizabeth passa a ter certeza de que este relacionamento chegara a um fim prematuro. Poovey afirma que a própria fuga de Lydia acontece para que Elizabeth entenda como seu destino está intimamente ligado ao comportamento e personalidade de outros personagens da narrativa. Assim, é neste momento que Austen relativiza o individualismo: toda ação pessoal está conectada com a ação de outros – embora isso não chegue ao extremo de anular a autonomia pessoal; para Poovey, apesar da vaidade de Elizabeth ser penalizada, isso não altera as “premissas e promessas” do romance, sendo que Austen usa a situação para alertar, não contra o individualismo em si, mas contra o egoísmo (1985, p. 199-200).

Elizabeth fica mortificada com a informação que a carta traz, torna-se mais humilde, mas depois que um casamento entre Wickham e Lydia é arranjado, sente que pode se tranquilizar. Assim, é uma provação para ela que Lady Catherine traga isso à tona novamente – e mesmo que “*polluted*” não se refira exatamente a ela, remete ao acontecimento no qual ela se sentiu mais impotente e mais conectada com o comportamento dos demais.

Lady Catherine sabe que esse é o seu argumento mais forte, e talvez por isso mesmo o tenha deixado para o fim. Mesmo quando se exalta, ofendendo bastante a moça, está

‘Espere um pouco, por favor. Ainda não terminei. A todas as objeções que já levantei, tenho ainda outra a acrescentar. Não desconheço os detalhes da fuga infame de sua irmã caçula. Sei de tudo; que o casamento do rapaz com ela foi um negócio arranjado às custas do seu pai e dos seus tios. E uma moça dessas será aparentada com meu sobrinho? E o marido dela, o filho do empregado de seu falecido pai, também será seu parente? Por tudo que é mais sagrado! – o que você tem na cabeça? As sombras de Pemberley serão assim maculadas?’” (OP, 2011, p. 495-496).

defendendo uma tradição que teme perder: talvez a crueldade contida em sua fala seja justificada por esse medo, mesmo que isso não a desculpe. De fato, vimos como a perda da tradição – não só moral e familiar, mas também material e de forma de vida – era uma preocupação real da aristocracia da época. Como lembra Terry Eagleton (2005, p. 116):

(...) the business dealings of the gentry were in danger of corrupting their traditional values from within, as well as bringing them into closer contact with the tainting influences of commerce, finance and the city. And this, in Austen's eyes, was at risk of insidiously undermining their moral standing. She drew, then, on the cultivation which the genteel society afforded her, in order to criticize something of the material base which made that cultivation possible. Social mobility, for example, was on the increase which posed a threat to the rural tranquility with Austen esteemed so highly. Urban wealth, restless social ambition, moral frivolity and metropolitan manners were infiltrating the countryside. They were doing so not least through the marriage market, as landed capital sought a new lease of life by assimilating through marriage the children of urban capitalists and financiers.¹¹⁶

Isso é verificado quando nos voltamos, por exemplo, para Miss Caroline Bingley. A crítica de Austen a esse sistema pode ser representada pelas maneiras afetadas de Caroline, que, vinda de uma família rica da burguesia urbana, segue as maneiras devidas para conquistar um marido em Darcy. Assim como a senhora Bennet usa todas as artimanhas que conhece para casar as meninas da família (inclusive a ponto de provocar um resfriado sério na filha mais velha). Também há o exemplo de Wickham, que engana a irmã de Darcy, Georgiana, conquistando-a por meio de maneiras apropriadas que disfarçam a sua falta de moral.

No entanto, todos esses membros da burguesia que buscam no casamento uma ascensão social ficam ofuscados pela falta de interesse das irmãs Bennet mais velhas. Eagleton explica que, para Austen, a entrada de *outsiders* nas classes dominantes é interessante quando, mediante tal procedimento, a *gentry* retoma os valores que estavam decadentes na época. Ele ainda lembra que, de acordo com o que observamos nos romances de Austen, título e fortuna não têm nenhum valor se você não amar o seu possuidor – para o autor, poucas coisas são mais “moralmente terríveis” no mundo de Austen do que se casar

¹¹⁶ “os negócios da *gentry* estavam em perigo de corromper os seus valores tradicionais de dentro, bem como colocá-los em contato mais próximo com as influências defeituosas do comércio, das finanças e da cidade. E isso, aos olhos de Austen, corria o risco de minar insidiosamente sua posição moral. Ela se baseou, então, no cultivo que a sociedade da ‘*gentry*’ refinada lhe proporcionou, para criticar algo da base material que fez com que o cultivo fosse possível. A mobilidade social, por exemplo, estava num crescimento que representava uma ameaça para a tranquilidade rural que Austen estimava tanto. Riqueza urbana, a inquieta ambição social, frivolidade moral e maneiras metropolitanas foram infiltrando-se no campo. Eles estavam fazendo isso sobretudo por meio do mercado de casamento, visto que o capital fundiário procurou um novo sopro de vida, ao assimilar através do casamento os filhos dos capitalistas e financistas urbanos” (EAGLETON, 2005, p. 116 – tradução livre).

buscando ganho social ou financeiro (2005, p. 120). E esta é a maior crítica que pode ser feita às artimanhas casamenteiras de Miss Bingley, Mr. Wickham e Mrs. Bennet.

E é por isso que, tendo se distanciado dessa crítica e mantido sua integridade moral, Elizabeth se dá ao direito de encerrar as acusações de Lady Catherine. Depois de perder todo respeito e toda a paciência com a grande dama, Elizabeth vai finalmente dizer:

"You can now have nothing farther to say," she resentfully answered. "You have insulted me, in every possible method. I must beg to return to the house."

And she rose as she spoke. Lady Catherine rose also, and they turned back. Her ladyship was highly incensed.

"You have no regard, then, for the honour and credit of my nephew! Unfeeling, selfish girl! Do you not consider that a connection with you, must disgrace him in the eyes of everybody?"

"Lady Catherine, I have nothing farther to say. You know my sentiments."

"You are then resolved to have him?"

"I have said no such thing. I am only resolved to act in that manner, which will, in my own opinion, constitute my happiness, without reference to you, or to any person so wholly unconnected with me." (PP, 2011, p.399-400 – negritos nossos) ¹¹⁷

Lady Catherine, então, considera Elizabeth como sendo uma moça “egoísta” e “insensível” por não levar em consideração a “honra” de Mr. Darcy. E a defesa de Elizabeth está construída em torno da busca pela “felicidade”. Apesar de ser bastante sutil, todo um debate ideológico está contido aqui: era um dado perfeitamente discutível se Elizabeth poderia de fato agir de acordo com sua própria felicidade ou não, e a escolha por perseguir esta vontade estaria, de acordo com moralistas conservadores da época, abertamente em confronto com a “honra” defendida por Lady Catherine, sendo consistente, portanto, a avaliação de egoísmo e insensibilidade. De acordo com Porter (2001, p. 258-260), a validação do prazer foi um grande divisor de águas para o Iluminismo: a novidade estava na sua legitimidade não como bebedeiras ocasionais ou privilégio de sangue azul, mas como o direito de rotina do povo em geral para perseguir os sentidos (e não apenas purificar a alma) e buscar satisfação neste mundo (e não apenas no próximo).

¹¹⁷ “‘Agora a senhora não tem mais nada a dizer’, ela respondeu, ressentida. ‘A senhora me insultou de todos os modos possíveis. Suplico-lhe que voltemos para casa.’

E ela se levantou enquanto assim dizia. Lady Catherine também se levantou, e elas voltaram. A senhora estava imensamente furiosa.

‘Você não tem o menos respeito, portanto, pela honra e pelo nome do meu sobrinho! Menina insensível, egoísta! Não vê que uma relação com você haveria de desonrá-lo aos olhos de todos?’

‘Lady Catherine, eu não tenho mais nada a lhe dizer. A senhora sabe o que sinto.’

‘Está então resolvida a tomá-lo para si?’

‘Eu não diria uma coisa dessas. Só estou resolvida a agir do modo pelo qual, na minha opinião, possa constituir minha felicidade, sem relação com a senhora ou qualquer outra pessoa inteiramente estranha para mim.’” (OP, 2011, p. 496 – negritos nossos).

Por outro lado, para os contrarrevolucionários a própria palavra “felicidade” se aproximava perigosamente de certa ideologia defendida na Revolução Francesa, mas não era a única: palavras que antigamente eram aceitáveis, como “razão”, “julgamento”, “liberdade”, “felicidade” e “independência” tiveram que ser redefinidas para se adequar às necessidades de moralistas conservadores, de modo a se distanciar da reforma Jacobina (JOHNSON, 1988, p. 12). Assim, tal discussão sobre a felicidade individual, aparentemente superficial, acabará por ser recorrente nos escritos da época. Johnson lembra que Elizabeth Hamilton, por exemplo, retoma o tema em *Memoir of Modern Philosophers*¹¹⁸, quando a personagem “feia e feminista desleixada” Bridgetina¹¹⁹ diz:

“By what tie am I bound to consult the inclinations of my mother? The only just morals are those which tend to increase the bulk of enjoyment... [I]s not happiness and pleasure the only true end of our being? When we attain these, do we not promote general utility? These are the sublime principles of philosophy!”¹²⁰ [*Memoir of Modern Philosophers*, E. HAMILTON, apud JOHNSON, 1988, p. 12]

Na verdade, ao colocar essas ideias na fala de Bridgetina, Hamilton não as está recomendando. De acordo com Johnson, este discurso vai ao encontro da ideologia conservadora, e está aí para provar a tese de que a “felicidade” não é o fim do nosso ser. No entanto, a autora explica que, conforme a “filosofia” convence as pessoas de seu próprio direito à felicidade, a rede hierarquizada de interdependências sociais e familiares que os romancistas conservadores prezavam fica desestabilizada (JOHNSON, 1988, p. 12).

Assim, Johnson defende que o que torna este romance e a própria Elizabeth tão distintos é justamente o temperamento da personagem, que faz dela alguém preparada para a felicidade, para se divertir e sentir prazer, algo que permeia todas as páginas do livro. “In marked contrast to counterrevolutionary literature, *Pride and Prejudice* is a passionate novel which vindicates personal happiness as a liberal moral category, rescuing it from the suspicion into which it had fallen”¹²¹ (1988, p. 78). De fato, Lady Catherine considera a resposta de Elizabeth como amoral, e vê na determinação de buscar um contentamento próprio (em lugar de obedecê-la) como desonrosa: “*It is well. You refuse, then, to oblige me.*

¹¹⁸ Pode ser encontrado em: <http://books.google.com.br/books?id=T6tEAAAAYAAJ&hl=pt-BR>

¹¹⁹ Johnson diz que Bridgetina é uma caricatura da feminista Mary Hays.

¹²⁰ “Com que vínculo eu estou obrigada a consultar as inclinações da minha mãe? As únicas morais justas são aquelas que tendem a aumentar o volume de prazer... Não é felicidade e prazer o único verdadeiro final de nosso ser? Quando os alcançamos, nós não promovemos o benefício geral? Estes são os princípios sublimes da filosofia!” [*Memoir of Modern Philosophers*, E. HAMILTON, apud JOHNSON, 1988, p. 12 – tradução livre].

¹²¹ “Em contraste marcante com a literatura contrarrevolucionária, *Orgulho e Preconceito* é um romance ardente, que reivindica a felicidade pessoal como uma categoria moral liberal, resgatando-a da suspeita em que tinha caído” (JOHNSON, 1988, p. 78 – tradução livre).

*You refuse to obey the claims of duty, honour, and gratitude. You are determined to ruin him in the opinion of all his friends, and make him the contempt of the world" (PP, 2010, p.400)*¹²². Mas, como vimos, a visão de Elizabeth é diferente:

"Neither duty, nor honour, nor gratitude," replied Elizabeth, "have any possible claim on me, in the present instance. No principle of either, would be violated by my marriage with Mr. Darcy. And with regard to the resentment of his family, or the indignation of the world, if the former were excited by his marrying me, it would not give me one moment's concern—and the world in general would have too much sense to join in the scorn." (PP, 2010, p. 400)¹²³

Jane West teria discordado desta defesa de Elizabeth; para a autora, o casamento era um dever social, e não uma fonte de felicidade pessoal, e o apego mútuo era para ela desnecessário no que se refere à união de duas pessoas – sendo que em nenhum momento a *felicidade* deveria ser um fator decisivo (JOHNSON, 1988, p. 16). Do ponto de vista dos conservadores, e também de Lady Catherine, isso faz sentido:

In self-proclaimed contrast to crazed French ideologues who would break with time-honored traditions in order to create a new society based on rational principles, Burke apotheosizes the patriarchal ideal and the social and sentimental structures which enforce it: the retired life of the country gentleman, the orderly transmission of property, the stabilizing principles of generational continuity, the grateful deference of youth to venerable age, and of course the chastity of wives and daughters which alone can guarantee the social identity of men and heirs.¹²⁴ (JOHNSON, 1988, p. 5)

O que está em pauta para esses autores, portanto, é a manutenção da tradição e da propriedade; essas são as exatas preocupações de Lady Catherine que, um pouco antes no diálogo, diz que sua filha e seu sobrinho “*are formed for each other*”¹²⁵. E os motivos que dá para isso não se preocupam com a afinidade. O casamento é desejável apenas porque os dois “*are descended on the maternal side, from the same noble line; and, on the father's, from*

¹²² “‘Muito bem. Você se recusa, então, a me obedecer. Recusa-se a obedecer aos ditames do dever, da honra e da gratidão. Está decidida a arruiná-lo perante a opinião de todos os amigos, e expô-lo ao desprezo do mundo.’” (OP, 2011, p. 496-497).

¹²³ “‘Nem dever, nem honra, nem gratidão’, respondeu Elizabeth, ‘nada disso tem qualquer poder sobre mim no momento. Nenhum desses princípios seriam violados se eu me casasse com o senhor Darcy. E quanto ao ressentimento da família dele, ou quanto à indignação do mundo, se o primeiro fosse despertado pelo casamento dele comigo, isso não me preocuparia minimamente – e o mundo em geral costuma ter o bom senso de não desprezar por tão pouco.’” (OP, 2011, p. 497).

¹²⁴ “Em autoproclamado contraste com ideólogos franceses enlouquecidos que romperiam com as tradições consagradas pelo tempo a fim de criar uma nova sociedade baseada em princípios racionais, Burke exalta o ideal patriarcal e as estruturas sociais e sentimentais que o reforçam: a vida isolada do cavalheiro do interior, a transmissão ordenada de propriedade, os princípios de estabilização de continuidade geracional, a deferência grata de jovens à idade venerável, e, claro, a castidade das esposas e filhas que é a única que pode garantir a identidade social de homens e herdeiros” (JOHNSON, 1988, p. 5 – tradução livre).

¹²⁵ “foram feitos um para o outro”.

respectable, honourable, and ancient, though untitled families”¹²⁶. Além disso, “[t]heir fortune on both sides is splendid”¹²⁷. Assim, de acordo com a grande dama, é “by the voice of every member of their respective houses”¹²⁸ que Mr. Darcy e sua prima “are destined for each other”¹²⁹.

No entanto, para autores progressistas como Godwin, estes argumentos nada mais são do que uma ferramenta da aristocracia para promover e legitimar a sua supremacia (JOHNSON, 1988, p. 7). Para derrubar esses argumentos,

even when weaving less polemically charged plots, novelists such as Opie, Inchbald, Burney, Edgeworth – and Austen – collapse the antithetical structures that conservative apologists employ in order to validate their ideas. Their novels complicate the simpler world of Burkean fiction, where fathers are judicious and clergymen are pious; where duties of daughters are clear, and where wives are either grave and good ou petulant and power hungry; where villains and heroes occupy entirely different moral universes, and where right and wrong are mutually exclusive categories.¹³⁰ (1988, p. 23)

Johnson explica que, depois da Revolução Francesa, o movimento conservador na Inglaterra se preocupou com cada aspecto da vida do indivíduo – especialmente no que se refere às mulheres, pois, se antes estava implícito, agora era perfeitamente claro aos olhos dos moralistas que “women’s education, their manners, their modesty, their reading, their opinions about personal happiness, their Power of choice in matrimony and their expectations from married life were all matters of increasingly anxious public concern”¹³¹ (1988, p. 2-3).

Deste modo, Lady Catherine enfim percebe pelo posicionamento de Elizabeth que esta não cederia. Talvez a moça tenha adquirido um aspecto tão impertinente aos olhos da “grande dama”, que ela por fim desistiu da empreitada, dizendo:

¹²⁶ “descendem pelo lado materno da mesma linhagem nobre; e, do lado do pai, de famílias respeitáveis, honradas e antigas, ainda que sem título”.

¹²⁷ “as fortunas de ambos os lados são esplêndidas”.

¹²⁸ “segundo o desejo manifesto de cada membro das duas casas”.

¹²⁹ “são destinados um para o outro”.

¹³⁰ “mesmo quando tecendo tramas menos polemicamente carregadas, romancistas como Opie, Inchbald, Burney, Edgeworth - e Austen - contrariam as estruturas antitéticas que os apologistas conservadores empregam a fim de validar as suas ideias. Seus romances complicam o mundo mais simples da ficção burkeana, onde os pais são sensatos e clérigos são piedosos; onde os deveres das filhas são claros e onde esposas ou são sérias e boas ou petulantes e famintas por poder; onde vilões e heróis ocupam universos morais completamente diferentes, e onde certo e errado são categorias mutuamente exclusivas” (JOHNSON, 1988, p. 23 – tradução livre).

¹³¹ “a educação das mulheres, os seus costumes, a sua modéstia, a sua leitura, as suas opiniões sobre a felicidade pessoal, o seu poder de escolha no matrimônio e suas expectativas para a vida conjugal eram todos assuntos de interesse público cada vez mais ansioso” (JOHNSON, 1988, p. 2-3 – tradução livre).

"And this is your real opinion! This is your final resolve! Very well. I shall now know how to act. Do not imagine, Miss Bennet, that your ambition will ever be gratified. I came to try you. I hoped to find you reasonable; but depend upon it I will carry my point."

In this manner Lady Catherine talked on, till they were at the door of the carriage, when turning hastily round, she added,

*"I take no leave of you, Miss Bennet. I send no compliments to your mother. **You deserve no such attention. I am most seriously displeased.**"*

*Elizabeth made no answer; and without attempting to persuade her ladyship to return into the house, walked quietly into it herself. She **heard** the carriage drive away as she proceeded up stairs. Her mother **impatiently** met her at the door of the dressing-room, to ask why Lady Catherine would not come in again and rest herself.*

*"She did not choose it," said her daughter, "**she would go.**" (PP, 2010, p. 400-401 – negritos nossos)¹³²*

Finalmente, vemos no desfecho do diálogo três exemplos sequenciais de correntes ideológicas inglesas. Primeiramente, o menosprezo de Lady Catherine por Elizabeth e suas escolhas. Depois, Mrs. Bennet e Elizabeth expressam, quase concomitantemente, posicionamentos diversos a respeito da partida da “grande dama”. Enquanto sua mãe espera “*impatiently*” o retorno de Lady Catherine, e depois se preocupa com o seu bem-estar, sugerindo que a senhora deveria entrar na casa para descansar, Elizabeth apreende esta partida sem nem ao menos olhar para trás, como poderemos perceber pelo verbo “*hear*” – esta é uma maneira sutil de a narradora retratar a indiferença de Elizabeth para com Lady Catherine, porque ao invés de dizer que Elizabeth viu a carruagem ir embora, o que denotaria uma atenção proposital, impõe à personagem o barulho da partida, que ela escuta sendo sua vontade ou não. Por fim, a moça encerra o assunto dizendo que a grande dama “*would go*”, e não fica claro, na fala de Elizabeth, se esta necessidade partiu de Lady Catherine ou dela mesma.

Mas o confronto entre as duas personagens se estende para além da questão de classes. A característica de forte debate ideológico da época em que o romance foi escrito não poderia deixar de alcançar diversos setores da sociedade, e um desses aspectos de mais destaque na obra de Austen é o gênero, trazendo à tona questões sobre a representação social do feminino. Quando, por exemplo, Lady Catherine questiona Elizabeth sobre seus talentos e o de suas

¹³² “*‘Eis a sua verdadeira opinião! Essa é a sua decisão final! Muito bem, saberei como agir daqui em diante. Não pense, senhorita Bennet, que sua ambição será algum dia satisfeita. Eu vim lhe fazer um teste. Esperava que você fosse razoável; mas pode contar que farei valer meu ponto de vista.’*

Dessa forma Lady Catherine falou até que chegassem à porta da carruagem, quando, virando-se abruptamente, acrescentou:

*‘Não me despedirei de você, senhorita Bennet. Nem cumprimentarei sua mãe. **Vocês não merecem tanta atenção. Fui profundamente contrariada.**’*

*Elizabeth não respondeu; e, sem tentar convencer a senhora a voltar para a casa, entrou calmamente sozinha. **Ouviu** a carruagem se afastar enquanto subia a escada. A mãe veio **impaciente** a seu encontro na porta da sala, perguntar por que Lady Catherine não voltou a entrar para descansar um pouco.*

*‘Ela achou melhor não entrar’, disse a filha. **‘Precisava ir.’**” (OP, 2011, p. 497 – negritos nossos).*

irmãs, há muitos interesses escondidos entre as linhas de seu discurso – para entendê-los, é necessário fazer a conexão entre as questões de classe, abordadas até agora, com os seus reflexos no universo específico das mulheres.

2. As representações femininas em *Pride and Prejudice*

Depois do primeiro jantar de Elizabeth em Rosings, as mulheres se dirigem ao *drawing room*, onde a anfitriã passa a investigar o status social de Elizabeth, cujas conexões pouco conhecia. Lady Catherine pergunta quantas eram as irmãs de Elizabeth, qual a carruagem que seu pai possuía, e qual havia sido o nome de solteira da sua mãe. Elizabeth considera as perguntas impertinentes, mas responde adequadamente. Então, Lady Catherine se lembra de que a propriedade de Mr. Bennet passaria para as mãos do casal Collins: “*“Your father's estate is entailed on Mr. Collins, I think. For your sake,” turning to Charlotte, ‘I am glad of it; but otherwise I see no occasion for entailing estates from the female line.—It was not thought necessary in Sir Lewis de Bourgh's family. (...)’*”¹³³. Logo em seguida, Lady Catherine passa a questionar:

“(...) —Do you play and sing, Miss Bennet?”

“A little.”

“Oh! then—some time or other we shall be happy to hear you. Our instrument is a capital one, probably superior to—You shall try it some day.—Do your sisters play and sing?”

“One of them does.”

“Why did not you all learn?—You ought all to have learned. The Miss Webbs all play, and their father has not so good an income as your's.—Do you draw?”

“No, not at all.” (...)

“That is very strange. (...) “Then, who taught you? who attended to you? Without a governess you must have been neglected.”

“Compared with some families, I believe we were; but such of us as wished to learn, never wanted the means. We were always encouraged to read, and had all the masters that were necessary. Those who chose to be idle, certainly might.”

“Aye, no doubt; but that is what a governess will prevent, and if I had known your mother, I should have advised her most strenuously to engage one. I always say that nothing is to be done in education without steady and regular instruction, and nobody but a governess can give it. It is wonderful how many families I have been the means of supplying in that way. I am always glad to get a young person well placed out. Four nieces of Mrs. Jenkinson are most delightfully situated through my means; and it was but the other day, that I recommended another young person, who was merely accidentally mentioned to me, and the family are quite delighted with her. (...)” (PP, 2010, p. 204-206)¹³⁴

¹³³ “A propriedade do seu pai está destinada por testamento ao senhor Collins, creio. Pelo seu bem’, virando-se para Charlotte, ‘eu fico contente com isso; mas de outro modo não entendo por que privar o lado das mulheres de herança. Na família de Sir Lewis de Bourgh não acharam necessário fazer assim (...)’” (OP, 2011, p. 285).

¹³⁴ “(...) — Senhorita Bennet, você toca e canta?”

‘Um pouco.’

‘Oh! Então — em algum momento teremos a felicidade de ouvi-la. Nosso piano é excelente, provavelmente superior do que... Você há de experimentá-lo um dia. — Suas irmãs tocam e cantam?’

‘Uma delas sim.’

‘Por que vocês todas não aprenderam? — Devem ter estudado. Todas as senhoritas Webb tocam e cantam, e o pai delas não tem a renda do seu. — Você desenha?’

Visto que Lady Catherine parte da constatação da falta de herança das irmãs Bennet para uma análise de suas habilidades, os motivos por trás de suas perguntas tornam-se suspeitos. Por que, afinal, todas deveriam saber tocar piano, cantar ou desenhar? Ao final ela diz que sempre fica “*glad to get a young person well placed out*”, mas sabemos que, ao dizer isso, ela nunca imaginaria que a melhor colocação de uma moça como Elizabeth fosse em Pemberley. A partir daí podemos desconfiar que, quando fica feliz em ajudar uma jovem a se estabelecer, Lady Catherine não tem exatamente o interesse dessa jovem em mente. Para entender quais seriam os interesses escondidos de Lady Catherine, é importante lembrar todo o preconceito de classe embutido na personagem; o próprio Mr. Collins atesta que a grande dama gosta ter ver “*the distinction of rank preserved*”. Então, podemos concluir que o “*well placed out*” de Lady Catherine se refere à manutenção da ordem social – de maneira que ela fica feliz em fazer com que cada um se posicione adequadamente dentro da hierarquia tradicional.

O interessante é que logo que entende melhor quem é Elizabeth, e ao refletir sobre o “*well placed out*”, os pensamentos de Lady Catherine se voltam a Miss Pope, a moça que indicou como governanta à Lady Metcalfe. Ainda que Lady Catherine não diga (da mesma forma como evita dizer que o seu piano era superior ao de Elizabeth: “*Our instrument is a capital one, probably superior to—You shall try it some day.*”), podemos inferir de seu fluxo discursivo qual o verdadeiro pensamento por trás dele: visto que Elizabeth não tem dote, deveria saber tocar, cantar e desenhar para, como Miss Pope, conseguir uma boa colocação como governanta. Essa é a visão de alguém que analisa de cima para baixo – é a visão da aristocracia sobre as demais camadas socioeconômicas.

Na verdade, a análise de Lady Catherine não está equivocada. Mary Poovey explica que, devido ao resultado inevitável da herança na família Bennet, as moças da casa teriam, na melhor das hipóteses, escolhas limitadas de pretendentes. Caso não se casassem, a falta de dinheiro dos Bennet e a posição social deles faria com que dependessem de parentes

‘Não, nem um pouco.’

(...) ‘Isso é muito estranho. (...)’ ‘Então quem lhes ensinou? Quem cuidava de vocês? Sem governanta, sua educação deve ter sido negligente.’

‘Comparada com a de algumas famílias, creio que foi; mas àquelas de nós que quiseram estudar, nunca faltaram os meios. Sempre fomos estimuladas a ler, e tivemos todas as aulas necessárias. Quem preferiu não estudar certamente também pôde.’

‘Sim, sem dúvida; mas teria sido isso o que uma governanta teria evitado e, se eu tivesse conhecido sua mãe, teria aconselhado fortemente a contratar uma. É o que sempre digo: não se faz nada em educação sem instrução constante e regular, e só mesmo uma governanta é capaz disso. É maravilhoso o número de famílias que eu pude ajudar nesse sentido. Sempre fico contente de poder indicar alguém a uma boa posição. Quatro sobrinhas da senhora Jenkinson estão hoje muito bem situadas graças aos meus recursos; e outro dia mesmo recomendei uma moça, que casualmente havia sido mencionada, e a família está muito contente com ela. (...)’ (OP, 2011, p. 285-287).

generosos – ou do trabalho das moças como governantas e damas de companhia (1985, p. 197). De acordo com Gilbert e Gubar, Austen de fato explora em seus romances as formas de controle que o sistema patriarcal exerce sobre a mulher, e o quanto esse controle depende de as mulheres serem desprovidas do direito de ganhar ou herdar o seu próprio dinheiro: “Thus, in all her novels Austen examines the female powerlessness that underlies monetary pressure to marry (...)”¹³⁵ (2000, p.136). Isso acontece, por exemplo, em *Sense and Sensibility*, quando o irmão herdeiro se nega a dar uma ajuda real às irmãs, tirando-as de sua casa; em *Pride and Prejudice*, quando as moças são pressionadas ao casamento conveniente para escapar do problema financeiro; bem como Jane Fairfax, em *Emma*, que precisaria seguir a profissão de governanta caso não conseguisse um marido, e assim por diante. Austen está constantemente lembrando ao leitor das formas como as mulheres solteiras ficam desamparadas diante das leis da Inglaterra da época. E mesmo o quão destituídas de poder são as mulheres casadas.

O problema da sugestão de Lady Catherine é que, como lembra Lillian Robinson, o trabalho feminino não tinha a mesma implicação que possui hoje, sendo que trabalhar para se sustentar seria degradante para mulheres como Elizabeth e Charlotte. Naturalmente, alguns trabalhos domésticos eram aceitáveis, e vemos algumas personagens ocupadas com trabalhos de agulha (como a própria Elizabeth, que na primeira cena em que aparece está enfeitando um chapéu), ou envolvidas com caridade. Mas a *necessidade* do trabalho era indicativo de classe, e a própria ideia de feminilidade se afasta cada vez mais deste mundo profissional, sendo que mesmo “working for ‘fulfillment’, an interest, something to do, is no more of a real possibility than doing so for survival”¹³⁶ (ROBINSON, 1986, p. 189).

Isso porque, de acordo com Vasconcelos (2007, p. 126), a nova ordem econômica que se estabelecia com a ascensão da burguesia alterou os papéis de homens e mulheres na sociedade. As mulheres, então, perderam espaços que haviam sido seus no mundo do trabalho, e atividades tradicionalmente entendidas como femininas, como tecelagem e produção de pão, etc., deixaram de ser realizadas no âmbito doméstico para se converterem em atividades industriais.

Se, por um lado, a liberação dessas tarefas domésticas proporcionou às mulheres maior tempo livre, que será principalmente ocupado com a leitura de romances, também às expulsou do mercado de trabalho, tornando-as mais dependentes do casamento para sua sobrevivência. Na nova ordem burguesa, portanto, passamos a

¹³⁵ “Assim, em todos os seus romances Austen examina a impotência feminina que subjaz à pressão monetária para casar (...)” (GILBERT; GUBAR, 2000, p.136 – tradução livre).

¹³⁶ “trabalhar por ‘satisfação’, interesse, por ter algo para fazer, não é uma possibilidade mais real do que fazê-lo para a sobrevivência” (ROBINSON, 1986, p. 189 – tradução livre).

ter uma especialização de funções e uma nova divisão de tarefas: aos homens cabe trabalhar e sustentar a casa e às mulheres, a administração do mundo doméstico. No meio urbano, não havia outro lugar para a mulher senão a casa do pai ou a do marido, pois era difícil para ela sustentar-se. As opções de trabalho eram tão reduzidas que era também muito comum que as jovens vindas do campo, em busca de emprego em Londres, acabassem caindo na prostituição. Por outro lado, desde sua dissolução por Henrique VIII, os conventos, que haviam servido de refúgio a muitas mulheres, também como centros de educação, haviam deixado de ser uma alternativa ao casamento. (VASCONCELOS, 2007, p. 127)

Assim, desde o século XVII o lugar da mulher na sociedade inglesa foi sendo modificado, com a separação cada vez mais evidente entre as esferas do público e do privado, entre atividades propriamente masculinas e femininas, de modo que as mudanças no entendimento de “gênero”¹³⁷ estarão estreitamente relacionadas com as transformações econômicas. Para explicar como essa divisão de trabalho ocorreu na Inglaterra, Hall retoma a história da família Cadbury, que possuía uma empresa familiar. Ainda no século XVIII, os cônjuges faziam o papel de sócios sem contrato: “dividiam as preocupações e os riscos do comércio, junto com outros problemas da vida familiar. O homem, porém, tinha a responsabilidade legal pela empresa, mas, no dia-a-dia, isso não aparecia muito”. Com o crescimento do comércio, com a Revolução Industrial e com o enriquecimento da burguesia, a informalidade do comércio chegou ao fim, e ficou cada vez mais difícil à senhora Cadbury participar das atividades junto com o marido: “As mulheres casadas nunca tinham tido o direito de firmar contratos, de abrir ou receber processos, de ter parte num negócio. Seu estatuto jurídico tornava os maridos responsáveis por elas perante a lei”, de modo que apenas mulheres solteiras ou viúvas podiam ingressar em negócios juridicamente, o que ocorria em caso de morte do seu responsável, fosse o pai ou o marido (HALL apud PERROT, 2009, p. 58-59).

Assim, em uma sociedade patriarcal que pressupunha a autoridade masculina e negava à mulher atividades como pagamentos e viagens, naturalmente o espaço público se fechou a elas. A divisão das esferas, no entanto, talvez não tenha sido tão demarcada como algumas leituras podem sugerir. O’Brien (2009, p. 10-11) levanta o estudo de Harriet Guest, *Small*

¹³⁷ Gayle Rubin, com base em *A Família*, de Lévy-Strauss, indica a simetria do gênero, ou a divisão sexual do trabalho, como a origem da construção da própria noção de gênero. Sempre houve divisão do trabalho nas sociedades humanas, mas a questão é quando essas divisões têm origem, e como são estabelecidas. A autora diz que a atribuição de determinada tarefa a um ou a outro sexo varia tanto que há registros de culturas nas quais a mulher era caçadora e guerreira e o homem cuidava das crianças (algo completamente oposto ao que estamos acostumados). Para Lévy-Strauss (apud RUBIN), a divisão do trabalho de acordo com o sexo não se trata de uma especialização de natureza biológica, mas tem como finalidade garantir a união de homens e mulheres, numa situação de interdependência. “A divisão sexual do trabalho pode portanto ser vista como um ‘tabu’: um tabu contra a uniformidade de homens e mulheres, um tabu que divide o sexo em duas categorias mutuamente excludentes, um tabu que exacerba as diferenças biológicas entre os sexos e que, portanto, cria o gênero” (RUBIN, 1975, p. 26).

Change: Women, Learning, Patriotism (2000), que defende ter havido um aparente vácuo na ideologia da classe-média sobre separação das esferas sociais. Uma das razões para isso seria o fato de o valor da “domesticidade” ter ganhado força justamente pelo fator de *continuidade* que adquiriu quanto à esfera pública, e não somente como resultado de uma aparente exclusão social. De fato, O’Brien explica como a maior parte dos escritores do Iluminismo argumentavam contra o confinamento de mulheres em espaços privados: eles caracterizavam esse confinamento das mulheres “as, at worst, perverted (citing the model of eastern sultans and their harems), or, at best, likely to deprive society as a whole of women’s energising and conciliatory presence”¹³⁸.

A discrepância entre o poder do homem em contraste com o da mulher na sociedade, porém, estava longe de ser resolvido: em 1800, a mulher ainda encontrava-se em desvantagem perante a lei e excluída da esfera pública. Segundo Porter (1991, p. 29), os papéis de esposa e mãe começaram a evoluir com o passar do século XVIII dentro das classes profissionais e da *gentry*, de modo que as moças ficaram “livres” para cultivar o que o autor chama de “more ‘feminine’ graces”¹³⁹, ou seja, as atividades de se vestir, conversar, fazer compras, visitar e receber visitas, e prestar serviços de caridade – “all encouraged and mirrored by that recent narcissistic invention, the novel”¹⁴⁰. Segundo Porter, esse contexto no qual maternidade e vida doméstica estavam em voga é espelhado fielmente nos romances de Jane Austen. O autor ainda explica que:

The role of angel in the house promised fulfillment to many ladies whose talents and emotions otherwise had few outlets. (...) But ultimately the cult of the family merely created dolls’ houses for women to live in within a man’s world, reaffirming men’s grip on the rest of society. And ladies grew doll-like: ornamental, flirtatious, delicate, helpless.¹⁴¹ (1991, p. 30)

Desse modo, as moças tinham como objetivo casar e eram treinadas para cumprir bem o papel de esposas e donas do lar. De acordo com o pensamento da época, as mesmas habilidades que Lady Catherine exige das garotas Bennet também seriam usadas para agradar ao marido – caso se casassem e “escapassem” do trabalho como governantas. No entanto,

¹³⁸ “como, na pior das hipóteses, pervertido (citando o modelo de sultões orientais e seus haréns), ou, na melhor das hipóteses, suscetível de privar a sociedade como um todo da presença energizante e conciliadora das mulheres” (O’BRIEN, 2009, p. 11 – tradução livre).

¹³⁹ “graças mais femininas” – tradução livre.

¹⁴⁰ “(...) tudo incentivado e espelhado por aquela recente invenção narcisista, o romance” (PORTER, 1991, p. 29 – tradução livre).

¹⁴¹ “O papel de anjo na casa prometia realização a muitas senhoras cujos talentos e emoções teriam poucas formas de expressão. (...) Mas, em última análise, o culto da família meramente criou casas de bonecas para as mulheres viverem dentro de um mundo de homens, reafirmando o controle dos homens sobre o resto da sociedade. E as moças cresceram como bonecas: ornamentais, graciosas, delicadas, desamparadas” (PORTER, 1991, p. 30 – tradução livre).

seguindo a linha de raciocínio de Lady Catherine, mesmo o casamento que Elizabeth poderia esperar não lhe traria uma vida confortável, e a colocação da moça dentro de um casamento assim já havia sido sugerida antes no romance; quando Lady Catherine instruiu Mr. Collins a procurar uma esposa enquanto estivesse visitando Longbourn, ela descreveu um tipo específico de mulher:

“Mr. Collins, you must marry. A clergyman like you must marry. – Chuse properly, chuse a gentlewoman for my sake; and for your own, let her be an active, useful sort of person, not brought up high, but able to make small income go a good way. This is my advise. Find such a woman as soon as you can, bring her to Hunsford, and I will visit her.” (PP, 2010, p. 146-147)¹⁴²

Mesmo que esse casamento não tenha sido o destino de Elizabeth, a sugestão se conecta com ela pelo fato de Mr. Collins ter pedido a sua mão ao seguir essas recomendações. Assim, percebemos que, pelo menos para ele, a situação social e econômica de Elizabeth faz com que ela se encaixe perfeitamente nas exigências de ser uma “gentlewoman”, para o bem de Lady Catherine, e “a useful sort of person”, “not brought up high”, características que a grande dama recomenda porque reflete sobre as exigências da vida em Hunsford – onde mais tarde Lady Lucas, já como esposa de Mr. Collins, irá encontrar muito trabalho e fará muitas economias. Contrariamente às implicações desses personagens para o futuro de Elizabeth, porém, a mãe da heroína já havia deixado claro, antes no romance, que não criou suas filhas para o trabalho. Quando Mr. Bingley, em certa ocasião, pergunta à Mrs. Bennet se Miss Lucas havia jantado em sua casa, ela é bastante oportunista na resposta:

*“Did Charlotte dine with you?”
“No, she would go home. I fancy she was wanted about the mince pies. **For my part, Mr. Bingley, I always keep servants that can do their own work; my daughters are brought up differently.** But every body is to judge for themselves, and the Lucases are very good sort of girls, I assure you. It is a pity they are not handsome! Not that I think Charlotte so very plain—but then she is our particular friend.” (PP, 2010, p. 80 – negritos nossos)¹⁴³*

¹⁴² “‘Senhor Collins, o senhor deve se casar. Um clérigo deve se casar. – Escolha bem, escolha uma dama em minha honra; e, para a sua própria, deixe que ela seja um tipo de pessoa ativa, útil, não uma criada para o luxo, mas alguém capaz de usar bem uma pequena renda. Esse é o conselho que lhe dou. Encontre essa mulher o quanto antes, traga-a a Hunsford, e irei visitá-la’” (OP, 2011, p. 219).

¹⁴³ “‘Charlotte ficou para o jantar?’

‘Não, ela teve que ir. Acho que precisariam dela para fazer as tortinhas de Natal. Quanto a mim, senhor Bingley, pessoalmente sempre prefiro empregadas que saibam fazer seu serviço. As minhas filhas tiveram outra criação. Mas cada um faz o que acha melhor, e as Lucas são meninas muito boas, não tenho dúvidas disso. Pena que não sejam bonitas! Não que eu ache Charlotte tão sem graça – mas isso porque ela é nossa amiga.’” (OP, 2011, p. 149 – negritos nossos)

Vivien Jones explica que “as aspirações sociais da senhora Bennet são bastante claras em sua sugestão de que as filhas foram educadas na expectativa de uma existência ociosa”, isso porque, ao dizer que as filhas não foram criadas para o trabalho, naturalmente Mrs. Bennet deixa implícito que o caminho delas era o bom casamento (2011, p. 550, nota 1). Quanto mais bem sucedido o homem, menos as mulheres de sua família precisariam (ou mesmo poderiam) trabalhar, e assim a dedicação do feminino ao privado acabou se tornando um indicativo de *status* social. Irvine explica que, por intermédio dessa domesticidade das mulheres, a classe média poderia, inclusive, reivindicar uma parte da cultura de seus superiores sociais na pequena nobreza, cujas mulheres nunca tinham trabalhado (2005, p. 7). Portanto, quando Mrs. Bennet chama atenção para o fato de que suas filhas não precisam trabalhar em casa, ela não apenas faz com que elas se aproximem de um padrão de vida das hierarquias superiores, como também as torna mais atrativas a Mr. Bingley, conectando o ócio à delicadeza, à dependência e à própria feminilidade.

Essa foi uma estratégia arriscada de Mrs. Bennet na criação das filhas: de fato, ao fazer com que aproveitassem uma vida ociosa em busca de um pretendente, garantiu a *feminilidade* delas, de acordo com o pensamento vigente, aumentando a chance de casá-las bem; mas o risco se conecta com a questão levantada por Lady Catherine: se elas não construíram habilidades, o que fariam caso o plano da mãe falhasse? Jones lembra como Clara Reeve, já em 1792, quando publicou *Plans of education*, aconselhava contra a educação de meninas para o ócio:

“Quantas jovens damas [...] são trazidas ao mundo para buscar fortuna; gabando-se de sua boa educação, ignorantes de tudo o que é útil, desdenhando igualar-se às suas iguais, aspirando às que lhes são superiores, com pouca ou nenhuma fortuna, incapazes ou relutantes demais para trabalhar por si mesmas (pp. 61-2)”. (apud JONES 2011, p. 550-1, nota 1)

A questão levantada a respeito da educação das mulheres para o ócio era de certa maneira voltada para um setor específico da população: nas famílias nobres, as mulheres nunca tiveram necessidade de trabalhar; para as famílias das camadas mais pobres da população, ao contrário, o ócio nunca fora uma opção; é, portanto, no centro de todas as transformações promovidas pela burguesia que irá surgir o debate sobre educação feminina. E no centro da guerra de ideias irá surgir também o tema específico de uma nova noção de *feminilidade*: a mulher passaria a ser considerada um ser frágil, infantilizado e incapaz.

Mrs. Bennet busca vincular suas filhas a essa feminilidade e usa a mesma estratégia com Mr. Collins, mesmo que de maneira menos sutil. Depois que o primo admira as moças (assim como os cômodos, a mobília e a propriedade), ele volta suas atenções ao jantar:

*The dinner too in its turn was highly admired; and he begged to know to which of his fair cousins, the excellence of its cookery was owing. But here he was set right by Mrs. Bennet, who assured him with some asperity that they were very well able to keep a good cook, and that her daughters had nothing to do in the kitchen. He begged pardon for having displeased her. In a softened tone she declared herself not at all offended; but he continued to apologise for about a quarter of an hour. (PP, 2010, p. 102)*¹⁴⁴

Assim, a reação de Mrs. Bennet à sugestão de Mr. Collins de que as primas haviam feito o jantar, se levamos em consideração que o trabalho feminino representava não só um *status* social e econômico mais baixo, como também uma “masculinização” da mulher, parece bem apropriada – ela se apressa a se defender nas duas frentes: eles eram “*very well able to keep a good cook*”, e suas filhas “*had nothing to do in the kitchen*”. Porém, ficamos sabendo depois que Mr. Collins buscava uma esposa mais parecida com Miss Lucas, que era “*wanted about the mince pies*”, logo, pronta à economia e ao trabalho, e esse é um indício de que a maneira de Mrs. Bennet criar suas filhas não era nem unânime, nem esperada por todos.

Gilda de Mello e Souza, inclusive, chama atenção para o fato de que o trabalho feminino se manteve em muitas esferas da sociedade, visto que “a crescente especialização das funções criava uma série de novos empregos, tanto nas fábricas como nos lares, preenchidos pelas mulheres do novo proletariado” (1987, p. 89). Assim, fica claro que a questão da nova noção de gênero também envolve uma classe específica, pois a mulher do proletariado nunca deixou de trabalhar, e as exigências de desenvolver habilidades voltadas ao lar nunca chegaram nela. Ou seja, quando os intelectuais da França e da Inglaterra declaram que a mulher era um ser frágil e constroem a ideia do anjo do lar, estão se referindo a uma mulher específica: branca, de classe média, e mais tarde com influência sobre o comportamento aristocrático.¹⁴⁵

¹⁴⁴ “O jantar também, por sua vez, foi bastante elogiado; e ele quis saber a qual de suas belas primas se devia a excelente culinária. No entanto, foi censurado pela senhora Bennet, que lhe garantiu com alguma aspereza que eram bem capazes de pagar uma boa cozinheira. Ele implorou perdão por havê-la contrariado. Em tom ameno, a senhora Bennet declarou não estar nem um pouco ofendida; mas o senhor Collins continuou se desculpando ainda por uns bons quinze minutos” (OP, 2011, p. 174).

¹⁴⁵ Segundo Joan Scott (1990, p. 6), quando falamos em “classe”, “trabalhamos com ou contra uma série de definições que, no caso do marxismo, implicam uma idéia de causalidade econômica e uma visão do caminho pelo qual a história avançou dialeticamente”. Quando passamos para a categoria de raça ou de gênero, no entanto, “não há esse tipo de clareza ou de coerência (...). No caso de gênero, seu uso implicou um leque tanto de posições teóricas como de referências descritivas das relações entre os sexos”.

De acordo com Vivien Jones (1991, p. 7), o discurso da burguesia inglesa sobre femininidade, em debate durante todo o século XVIII “(...) restricted middle-class women to the role of domestic consumers and subjected working-class women to a double repression, erasing them culturally and economically by projecting leisured domesticity as universal”.¹⁴⁶ Mesmo na obra de Austen, há indícios de que o ideal de mulher debatido por Lady Catherine e Mrs. Bennet (se realmente possível) não era o único existente na Inglaterra da época. Além da insinuação de que Miss Lucas ajudava nas tarefas domésticas, há várias criadas que aparecem em *Pride and Prejudice*, ajudando, por exemplo, as moças da casa a se arrumarem:

This matter of servants is one of the elements that make it difficult to interpret Jane Austen's social universe. The servants are always there, usually unnamed and practically never mentioned, but *there*. No one in Jane Austen's novel is so poor as to have to take personal charge of maintaining food, shelter, and clothing. Not even the Bateses in *Emma*, respectively the widow and the daughter of Highbury's deceased vicar, must do without domestic help.¹⁴⁷ (POOVEY, 1985, p. 191)

Assim, a questão da própria educação feminina também deve ser explorada, pois é através dela que todos esses padrões comportamentais que irão definir o gênero e a classe serão elaborados e transmitidos. Irvine (2005, p. 8) diz que a emergência desse novo conjunto de regras, que será compartilhado pelos burgueses e pelos donos de terra, teve como meio de propagação a cultura de impressão que se expandiu rapidamente. Livros de conduta e romances moralistas ditavam o que era o ideal para pais e tutores ensinarem às moças, o que normalmente focava habilidades desenhadas ao agradar, enquanto alguns autores mais progressistas buscavam um resgate da formação intelectual da mulher.

Quando, no diálogo entre Lady Catherine e Elizabeth, a grande dama diz que sem uma governanta a educação das garotas Bennet devia ter sido negligenciada, a moça se defende dizendo:

"Compared with some families, I believe we were; but such of us as wished to learn, never wanted the means. We were always encouraged to read, and had all the masters that were necessary. Those who chose to be idle, certainly might."

¹⁴⁶ “(...) restringiu as mulheres de classe média para o papel de consumidoras domésticas e sujeitou as mulheres da classe trabalhadora a uma repressão dupla, apagando-as culturalmente e economicamente, projetando o prazer doméstico como universal” (JONES, 1991, p. 7 – tradução livre).

¹⁴⁷ “Este assunto dos empregados é um dos elementos que tornam difícil interpretar o universo social de Jane Austen. Os empregados estão sempre lá, geralmente sem nome e praticamente nunca mencionados, mas lá. Ninguém nos romances de Jane Austen é tão pobre a ponto de ter para se encarregar pessoalmente da manutenção de alimento, abrigo e roupas. Nem mesmo os Bateses em *Emma*, respectivamente a viúva e a filha de do falecido vigário de Highbury, precisam se virar sem ajuda doméstica” (POOVEY, 1985, p. 191 – tradução livre).

"Aye, no doubt; but that is what a governess will prevent, and if I had known your mother, I should have advised her most strenuously to engage one. I always say that nothing is to be done in education without steady and regular instruction, and nobody but a governess can give it.(...)" (PP, 2011, p. 205)¹⁴⁸

Ou seja, o único encorajamento que Elizabeth recebeu foi o da leitura, mas Lady Catherine não chega a direcionar seus questionamentos a essa atividade. Isso porque uma governanta teria garantido que as irmãs Bennet se dedicassem a atividades apropriadas como música, desenho, e outras especificidades femininas para o cuidado do lar, e talvez também tivesse prevenido as moças contra tal encorajamento à leitura.

Em vários outros momentos da obra de Austen o debate sobre quais assuntos deveriam ser abordados na educação feminina se apresenta. De acordo com Miss Caroline Bingley, por exemplo, a lista de exigências para uma mulher ser bem recomendada era extensa – e muito parecida com o questionário de Lady Catherine a que Elizabeth é submetida. Quando seu irmão, Mr. Bingley, admirado, diz que *"it is amazing (...) how young ladies can have patience to be so very accomplished, as they all are"*¹⁴⁹, Caroline replica:

"All young ladies accomplished! My dear Charles, what do you mean?"

"Yes, all of them, I think. They all paint tables, cover skreens and net purses. I scarcely know any one who cannot do all this, and I am sure I never heard a young lady spoken of for the first time, without being informed that she was very accomplished."

"Your list of the common extent of accomplishments," said Darcy, "has too much truth. The word is applied to many a woman who deserves it no otherwise than by netting a purse, or covering a skreen. But I am very far from agreeing with you in your estimation of ladies in general. I cannot boast of knowing more than half a dozen, in the whole range of my acquaintance, that are really accomplished."

"Nor I, I am sure," said Miss Bingley.

"Then," observed Elizabeth, "you must comprehend a great deal in your idea of an accomplished woman."

"Yes; I do comprehend a great deal in it."

"Oh! certainly," cried his faithful assistant, "no one can be really esteemed accomplished, who does not greatly surpass what is usually met with. A woman must have a thorough knowledge of music, singing, drawing, dancing, and the modern languages, to deserve the word; and besides all this, she must possess a certain something in her air and manner of walking, the tone of her voice, her address and expressions, or the word will be but half deserved." (PP, 2010, p. 73-74)¹⁵⁰

¹⁴⁸ “Comparada com a de algumas famílias, creio que foi; mas àquelas dentre nós que quiseram estudar, nunca faltaram os meios. Sempre fomos estimuladas a ler, e tivemos todas as aulas necessárias. Quem preferiu não estudar certamente também pôde.”

‘Sim, sem dúvida; mas seria isso o que uma governanta teria evitado e, se eu tivesse conhecido sua mãe, teria aconselhado fortemente a contratar uma. É o que sempre digo: não se faz nada em educação sem instrução constante e regular, e só mesmo uma governanta é capaz disso (...)’ (OP, 2013, p. 286).

¹⁴⁹ “Fico impressionado (...) que as moças tenham paciência para se tornar tão prendadas como todas elas são.” (OP, 2011, p. 143).

¹⁵⁰ “Todas as moças? Meu querido Charles, como assim?”

‘Sim, todas elas, penso eu. Todas pintam, bordam e tricotam. Creio não conhecer uma única moça que não faça tudo isso, e garanto que nunca ouvi ninguém se referir pela primeira vez a uma delas sem dizer que é muito prendada.’

Mr. Bingley, então, acredita que todas as moças são prendadas por saber o que Mr. Darcy chama de “*common extent of accomplishments*”, ou seja, “*paint tables, cover skreens and net purses*”. Spacks explica que essas atividades consideradas comuns eram na verdade características de mulheres educadas, ou da classe média e da *gentry*. Se retomarmos a discussão a respeito do espaço social ocupado pela mulher de então – ou seja, o ambiente do lar –, é natural o entendimento de por que motivo a mulher educada desenvolvia tais habilidades: eram conectadas com a casa da qual deveriam cuidar.

A partir daí, uma palavra importante no diálogo é “*all*” [todas], pela relativização do significado que irá assumir nos discursos seguintes de Mr. Bingley e Mr. Darcy. Como *todas* as mulheres sabiam fazer o mesmo, é natural que o bondoso Mr. Bingley considere *todas* habilidosas; mas também é esperado que Mr. Darcy, mais exigente, busque diferenciar algumas de suas conhecidas das “*ladies in general*”. Este é, na verdade, um argumento muito racional de Mr. Darcy: se todas as mulheres eram de um jeito, a verdadeira distinção vem de um algo a mais – vem da superação de todas as habilidades comuns.

Miss Bingley, nesse momento, busca se alinhar às ideias de Darcy e faz uma lista: a mulher realmente prendada deve saber “*music, singing, drawing, dancing, and the modern languages*” – ou seja, ela acrescenta duas habilidades à lista de Lady Catherine, que engloba apenas música, canto e desenho. A similaridade entre o discurso das duas é tão marcante que poderíamos pensar que suas finalidades são as mesmas. Mas entender a classe a que pertencem ajuda a desfazer a aproximação.

Ao contrário da aristocrática Lady Catherine, que poderia detectar nessas habilidades indícios de atividades ligadas à classe trabalhadora, Miss Bingley, de uma família burguesa ainda sem terras, foi ensinada a agir assim e acredita que tais conhecimentos tornariam a mulher uma companhia agradável ao marido. Portanto, se os questionamentos de Lady Catherine tinham como propósito garantir o “*well placed out*” dos indivíduos na sociedade, através de seu discurso Miss Bingley busca se autorrecomendar a Mr. Darcy, mostrando como

‘Sua lista dos talentos comuns de uma moça prendada’, disse Darcy, ‘é bastante verdadeira. O adjetivo é aplicado a muitas mulheres que o merecem apenas por saber tricotar ou bordar. Mas não concordo nem um pouco com você em relação às moças em geral. Não arrisco dizer que conheça mais do que meia dúzia, entre todas as minhas conhecidas, que sejam realmente talentosas.’

‘Nem eu, tenho certeza’, disse a senhorita Bingley.

‘Então’, observou Elizabeth, ‘a sua ideia de uma mulher de talento deve abarcar muita coisa.’

‘Sim, abarca muita coisa.’

‘Oh! Certamente’, exclamou sua fiel assistente, ‘nenhuma de nós pode ser considerada talentosa se não for muito além do que geralmente se vê por aí. Uma mulher deve ter um amplo conhecimento da música, do canto, do desenho e das línguas modernas para merecer tal qualificação; e, além de tudo isso, deve possuir certo quê em seu comportamento, seu modo de andar, seu tom de voz, sua entonação e suas expressões, ou o adjetivo só valerá pela metade.’” (OP, 2011, p. 143-144).

estava preparada para a vida doméstica no que se refere aos dotes femininos que livros de conduta indicavam como apropriados. Quando complementa a ideia (“...besides all this, she must possess a certain something in her air and manner of walking, the tone of her voice, her address and expressions, or the word will be but half deserved”) ela quer, na verdade, se incluir entre as seis mulheres prendadas que Darcy julga conhecer.

Robert P. Ivine (2005, p. 8) diz que livros de conduta, muito populares à época, ensinavam como as mulheres deveriam cativar os homens e enfatizavam a necessidade de as moças sempre parecerem submissas às vontades masculinas, sem se importar com suas próprias necessidades. Isso era frequentemente entendido como “modéstia”. E como diversas outras questões sociais que aparecem nos romances de Austen, também a “conduta”, a “moral” e as “maneiras” ensinadas às mulheres (através desses manuais, mas não somente por eles) serão muito abordadas – a instrução recebida, em geral, era que, como anjos guardadores do lar, elas deveriam tornar o período em que o homem passava em casa o mais prazeroso possível.

Assim, não era a vontade da mulher ou sua felicidade individual que importavam, mas sim sua capacidade de cumprir o seu papel social no espaço privado do lar. Vimos que, quando Elizabeth disse à Lady Catherine: “*I have said no such thing. I am only resolved to act in that manner, which will, in my own opinion, constitute my happiness, without reference to you, or to any person so wholly unconnected with me*” (PP, 2011, p. 399-400)¹⁵¹, ela contraria as recomendações de moralistas conservadores da época, mas além da questão de sua individualidade relacionada à ascensão da nova classe, ela também se distancia de uma noção de ideal feminino que, em função da modéstia pregada por livros de conduta, não deveria se importar se era ou não feliz.

Além disso, seu discurso é interessante porque ela aproxima as palavras “*act*”, “*manner*” e “*happiness*”: Elizabeth não diz simplesmente que *quer* ser feliz, mas que vai *agir* de maneira a conseguir esta felicidade. Para Eagleton, isso é o centro da moral de Austen, porque, como a moralista clássica que Eagleton acredita que ela seja, a autora defenderia que a vida ética age principalmente sobre a ação, e não sobre os sentimentos, intuições, estados internos ou intenções. “This belongs with her opposition to Romanticism, as well as her distaste for the subjectivism and individualism she observed around her”¹⁵², diz o autor. Ele

¹⁵¹ “‘Eu não diria uma coisa dessas. Só estou resolvida a agir do modo pelo qual, na minha opinião, possa constituir minha felicidade, sem relação com a senhora ou qualquer outra pessoa inteiramente estranha para mim.’” (OP, 2011, p. 496).

¹⁵² “Isto pertence a sua oposição ao romantismo, assim como sua aversão ao subjetivismo e individualismo que ela observou ao redor dela” (EAGLETON, 2005, p. 106 – tradução livre).

completa a análise com a comparação de Jane Austen com os exemplos de Woolf e Lawrence, para quem as questões morais não eram entendidas dessa forma: “ (...) the modern age fell into the mistake of thinking that morality was mainly about inner states, intentions, sentiments and the like. Austen, quite rightly, adheres to a more traditional conception of morality as primarily a matter of what we do, not what we feel”¹⁵³ (2005, p.106).

Segundo Knox-Shaw, para os iluministas, longe de ser uma característica inata, o senso moral é adquirido de acordo com o hábito e a experiência, “and while being dependent on modalities of relation, it is entirely separable from the *vox populi* , or the internalization of a social code”¹⁵⁴. Para ele, os romances de Austen revelam uma fascinação similar com “the actual workings of morality, with the instinctual forces engaged in it, and with the way capacity for judgement is learnt almost imperceptible, and by degrees, like a skill”¹⁵⁵ (2004, p. 71).

Mas “*act*” também pode significar “atuar”: no original em inglês, Elizabeth diz “*act in that manner*”, e a tradução usual diz “*agir do modo pelo qual*”; por outro lado, Elizabeth poderia muito bem estar dizendo que iria “*atuar de acordo com a maneira*” que iria constituir sua felicidade. À parte da questão do direito à felicidade, a própria “maneira” como um indivíduo deveria agir era assunto bastante discutido, não só na esfera de livros de conduta, mas no contraste da produção de moralistas conservadores e progressistas. Gilbert e Gubar explicam que, a partir do século XVIII, os livros de conduta para moças se proliferaram, ensinando a elas a submissão, a modéstia, e lembrando sempre a todas que deveriam ser angelicais.

There is a long and crowded road from *The Book of Curtesye* (1477) to the columns of “Dear Abby”, but social historians have fully explored its part in creation of those “eternal feminine” virtues of modesty, gracefulness, purity, delicacy, civility, compliancy, reticence, chastity, affability, politeness (...). Ladies are assured by the writers of such conduct books that “There are Rules for all our Actions, even down to Sleeping with a good Grace,” and they were told that this good Grace was a woman’s duty to her husband because “if Woman owes her Being to the Comfort and Profit of man, ‘tis highly reasonable that she should be careful and diligent to content and please him”.¹⁵⁶ (GILBET; GUBAR, 2000, p. 23)

¹⁵³ “(...) a idade moderna caiu no erro de pensar que a moral era principalmente sobre estados internos, intenções, sentimentos e afins. Austen, muito justamente, adere a uma concepção mais tradicional de moralidade antes como uma questão do que fazemos, não do que sentimos” (EAGLETON, 2005, p. 106 – tradução livre).

¹⁵⁴ “e ao ser dependente de modalidades de relação, é inteiramente separável da *vox populi*, ou da internalização de um código social” (KNOX-SHAW, 2004, p. 71 – tradução livre).

¹⁵⁵ “o funcionamento real da moralidade, com as forças instintivas envolvidas nela, e com a forma como a capacidade de julgamento é aprendida quase imperceptivelmente, gradualmente, como uma habilidade” (KNOX-SHAW, 2004, p. 71 – tradução livre).

¹⁵⁶ “Há um caminho longo e lotado de *The Book of Curtesye* (1477) até as colunas de “Dear Abby”, mas os historiadores sociais já exploraram o seu papel na criação dessas virtudes “eternas femininas” de modéstia,

Gilda de Mello e Souza também indica diversos livros que foram publicados à época para ensinar a forma como as mulheres deveriam ser femininas, e explica que havia uma série de regras básicas sobre o contato entre os sexos, orientando a maneira adequada de a mulher se portar diante dos homens e a forma correta de aceitar a corte, como, por exemplo, “que as cabeças não chegassem muito perto lendo o mesmo livro, que as moças ‘não aceitassem sem necessidade o auxílio para se cobrir com a capa, o xale, calçar as galochas’, etc” (1987, p. 91). Assim, os livros de conduta serviam para propagar (ou mesmo criar – como sugeriram Gilbert e Gubar) as virtudes femininas que os homens gostariam de ver nas mulheres.

Em certo momento de *Pride and Prejudice*, um desses livros de conduta para educação feminina aparece – e é a partir da maneira como ele será apresentado e recebido que as diversas posições diante de seu conteúdo podem ser entendidas. O livro surge logo depois de vermos comprovada a expectativa de Mr. Bennet de encontrar em seu primo Mr. Collins (que os visitava pela primeira vez) um homem “*absurd*”. Na sequência, a narradora conta:

By tea-time however the dose had been enough, and Mr. Bennet was glad to take his guest into the drawing-room again, and when tea was over, glad to invite him to read aloud to the ladies. Mr. Collins readily assented, and a book was produced; but on beholding it, (for every thing announced it to be from a circulating library,) he started back, and begging pardon, protested that he never read novels.—Kitty stared at him, and Lydia exclaimed.—Other books were produced, and after some deliberation he chose Fordyce's Sermons. Lydia gaped as he opened the volume, and before he had, with very monotonous solemnity, read three pages, she interrupted him (...). (PP, 2010,, p. 106 – negritos nossos)¹⁵⁷

A maneira como a leitura de Mr. Collins é anunciada não recomenda a cena. Ao contrário, no início do parágrafo a frase “*by tea-time however the dose had been enough*” mostra que Mr. Bennet se cansou bastante rapidamente do seu convidado. Em seguida, ele fica feliz ao se separarem e feliz em convidá-lo a ler para as primas – talvez a intenção de Mr. Bennet fosse ocupar a mente e a boca de Collins, de modo a escapar um pouco da

graciosidade, pureza, delicadeza, civilidade, complacência, reticência, castidade, afabilidade, cortesia (...). As moças são asseguradas pelos escritores de tais livros de conduta que “há Regras para todas as nossas Ações, até mesmo a de Dormir com Graça”, e foi-lhes dito que esta Graça era um dever que a mulher tinha para com seu marido, porque “se a mulher deve seu Ser para o Conforto e Proveito do homem, é muito razoável que ela deve ser cuidadosa e diligente para contentá-lo e agradá-lo” (GILBET; GUBAR, 2000, p 23 – tradução livre).

¹⁵⁷ “Na hora do chá, contudo, achou que a dose havia sido suficiente, e conduziu amavelmente seu hóspede novamente até a sala de estar; depois do chá também amavelmente convidou-o a ler em voz alta para as damas. O senhor Collins assentiu de pronto e buscou um livro [“and a book was produced”, em uma tradução mais literal, seria: “e um livro foi produzido” – mais no sentido de que alguém lhe entregou o livro do que a sugestão aqui de que ele o tenha buscado]; mas, ao erguê-lo para ler (tudo indicava que pertencia a uma biblioteca circulante), refreou-se, e desculpando-se declarou que jamais lia romances. – Kitty encarou-o incrédula, e Lydia mostrou-se perplexa. – Outros livros foram abertos, e após alguma deliberação ele escolheu os Sermões de Fordyce. Lydia ficou boquiaberta ao vê-lo abrir o volume, e antes que ele, com monótona solenidade, lesse três páginas, ela o interrompeu (...)” (OP, 2011, p. 177-178 – negritos nossos).

conversação com o primo. Assim, quando Mr. Collins se prepara “*readily*” para a leitura, um livro é prontamente escolhido pelos habitantes da casa. Mas aqui a cena, até então cotidiana, é interrompida por uma breve confusão, fruto de um conflito moral entre hóspede e anfitriões. Depois da quebra sequencial produzida pelo “ponto e vírgula” temos a conjunção adversativa “*but*”, indicando um forte contraste entre o clima anterior e o seguinte da cena. Então, Mr. Collins nota que o livro que segura é um romance.

Dois movimentos são interessantes aqui. Primeiramente, o que levou Mr. Collins a perceber o gênero literário do livro foi o fato de que “*every thing*” anunciava que este provinha “*from a circulating library*”. Spacks explica que este “*every thing*” consistiria em um rótulo de papel à frente da capa, com indicações das políticas e taxas da biblioteca – e Mr. Collins, podemos perceber claramente ao longo do romance, admira tudo que é sofisticado, rico e nobre (ou seja, o que está conectado a Lady Catherine). Um livro alugado dificilmente seria encontrado em Rosings: eles comprariam o que quisessem ler. Assim, não é difícil conectar a *circulating library* com as camadas médias: entre os que poderiam comprar um livro, e os que nem ao menos sabiam ler. A aversão de Mr. Collins, que “*started back*”, é então facilmente compreendida.

Além disso, o porquê de Mr. Collins ter parado diante da constatação também pode ser explicado pela conotação adquirida por *circulating libraries*: elas eram especializadas em romances, um gênero pouco recomendado à época por ser suspeito de carregar ideias de moral duvidosa. Segundo Spacks, “*moralists thought that reading novels would inflame the imaginations of young women in particular*”¹⁵⁸, o que poderia gerar erros de julgamento (2010, p. 106, nota 16). Assim como as *circulating libraries* se encontram entre as classes médias, os romances eram o gênero da burguesia, trazendo a novidade já presente na palavra “*novel*”. Não é estranho, então, que o tradicional e conservador Mr. Collins tenha protestado dizendo que ele “*never read novels*”. Não combina com ele.

Muito antes da cena a narradora já nos apresentava Mr. Collins como um rapaz “*punctual*”, “*polite*”, de maneiras muito formais e com um “*ar grave*”. Pelas suas características e pelo seu modo (exageradamente) galante de falar, Mr. Collins logo se torna cansativo; assim como sua leitura é feita com “*monotonous solemnity*”. Do livro em si, *Sermons to Young Women*¹⁵⁹, Lydia e Kitty não aguentam ouvir nem três páginas (quanto às outras, temos a impressão de que escutam por educação); e a própria narradora não considera

¹⁵⁸ “os moralistas pensavam que ler romances poderia inflamar a imaginação das moças particularmente” (SPACKS, 2010, p. 106, nota 16 – tradução livre).

¹⁵⁹ Ou, como é conhecido e citado no romance, *Fordyce's Sermons*. Trata-se de um compêndio em dois volumes de sermões, publicado em 1766 pelo pastor escocês James Fordyce.

o conteúdo importante o bastante para aparecer na narrativa. Desse modo, percebemos como tanto Mr. Collins quanto o livro *Fordyce's Sermons* aparecem sob uma lente enfadonha, e na sua monotonia, um parece ao mesmo tempo completar e refletir o outro.

Quando Lydia interrompe a leitura, porém, suas duas irmãs mais velhas, sempre preocupadas com a educação devida, mandam que se cale. Mas Mr. Collins já se ofendera e a narradora diz que ele “*laid aside his book, and said*”:

"I have often observed how little young ladies are interested by books of a serious stamp, though written solely for their benefit. It amazes me, I confess;—for certainly, there can be nothing so advantageous to them as instruction. But I will no longer importune my young cousin." (PP, 2010, p. 106)¹⁶⁰

Mr. Collins então considera que livros de conduta como o *Fordyce's Sermons* (que a narradora chama de “*his book*”, aproximando ainda mais os dois) eram “*books of a serious stamp*”, escritos para benefício das jovens moças, servindo-lhes de instrução. A questão, porém, é exatamente qual o tipo de instrução que as jovens moças recebiam à época de Austen, e quais as influências ou interesses por trás desses métodos de educação de conduta.

De acordo com Barbara J. Horwitz (1991), os escritores sobre a educação feminina já partiam do princípio de que o “trabalho” da mulher era o casamento e a maternidade, de modo que a educação que propunham devia treiná-la para fazer bem esse trabalho. Horwitz ainda lembra que tal conceito de vocação feminina para o privado, que demandaria o treino nas artes domésticas, continuou inalterado por centenas de anos – duas das poucas vozes que teriam contestado com mais força esse quadro, segundo a autora, foram as de Mary Wollstonecraft, em *A Vindication of the Rights of Women*, e Mary Hays, em *An Appeal to the Men of Great Britain on Behalf of the Women*. No entanto, ela explica que a escrita delas parecia tão radical, que pode muito bem ter ajudado a produzir uma reação antifeminista (1991, p. 37-38).

Mary Wollstonecraft, no livro em questão, questionava justamente os sermões de James Fordyce, lidos por Mr. Collins em *Pride and Prejudice*. Ela ponderou:

Dr. Fordyce's sermons have long made a part of a young woman's library; nay, girls at school are allowed to read them; but I should instantly dismiss them from my pupil's, if I wished to strengthen her understanding, by leading her to form sound

¹⁶⁰ “(...) pôs de lado o livro e falou:

‘Tenho reparado que as jovens damas se interessam pouco por livros sérios, ainda que sejam escritos apenas para benefício delas próprias. Espanta-me, confesso; - pois certamente não deve haver nada mais vantajoso para ela do que a educação. Mas não irei mais importunar minha jovem prima’.” (OP, 2011, p. 178).

principles on a broad basis; or, were I only anxious to cultivate her taste; though they must be allowed to contain many sensible observations.

Dr. Fordyce may have had a very laudable end in view; but these discourses are written in such an affected style, that were it only on that account, and had I nothing to object against his MELLIFLUOUS precepts, I should not allow girls to peruse them, unless I designed to hunt every spark of nature out of their composition, melting every human quality into female weakness and artificial grace. I say artificial, for true grace arises from some kind of independence of mind.¹⁶¹ (1792, cap. 5, sec. 5.2)

A estratégia de Wollstonecraft é muito interessante. A princípio a condenação da leitura do próprio livro de Fordyce já faz paralelo com um trecho do sermão IV, no qual o autor diz:

Beside the beautiful productions of that incomparable pen [aqui ele se refere a Mr. Richardson], there seem to me to be very few, in the style of Novel, that you can read with advantage. – What shall we say of certain books, with we are assured (for we have not read them) are in their nature so shameful, in their tendency so pestiferous, and contain such rank treason against the royalty of Virtue, such terrible violation of all decorum, that she who can bear to pursue them must in her soul be a prostitute, let her reputation in life be what it will. But it can be true – say, ye chaste stars, that with innumerable eyes inspect the midnight behavior of morals – can it be true, that any young woman, pretending to decency, should endure for a moment to look on this infernal brood of futility and lewdness?¹⁶² (FORDYCE, 1809, p. 75)

Assim, enquanto Fordyce diz que qualquer mulher que leia romances de um certo tipo “must in her soul be a prostitute”, Wollstonecraft avisa que a leitura do livro de Fordyce pode tornar a mulher artificial, visto que o livro acabaria com “every spark of nature out of their composition”.

Como Wollstonecraft, Austen também parece consciente dessa artificialidade que a educação feminina estava produzindo nas mulheres. Gilbert e Gubar (2000, p. 116) dizem, inclusive, que é na aproximação do entendimento das duas autoras – de que os escritores

¹⁶¹ “Os sermões do Dr. Fordyce fizeram por muito tempo parte da biblioteca de uma jovem mulher; ou melhor, as meninas na escola estão autorizadas a lê-los; mas devo descartá-los imediatamente da minha aluna, se eu quiser fortalecer sua compreensão, conduzindo-a para formar princípios sólidos em larga escala; ou, se eu estivesse apenas ansiosa para cultivar o seu gosto; ainda que eles possam conter muitas observações sensatas. Dr. Fordyce pode ter tido um objetivo muito louvável em vista; mas esses discursos são escritos em um estilo tão afetado, que se fosse só por causa disso, e se eu não tivesse nada a opor contra seus preceitos insinuantes, eu não permitiria que as meninas os lessem, a não ser que eu desejasse caçar cada centelha de natureza da sua composição, derretendo cada qualidade humana em fraqueza feminina e graça artificial. Digo artificial, pois a verdadeira graça surge de algum tipo de independência de espírito” (1792, cap. 5, seg. 5.2 – tradução livre).

¹⁶² “Além das belas produções dessa pena incomparável [aqui ele se refere a Mr. Richardson], parece-me ser muito poucos, no estilo do romance, que você pode ler com proveito. - Que diremos de certos livros, que temos a certeza (pois não os lemos) de serem em sua natureza tão vergonhosos, em sua tendência tão pestilentos, e de conterem tal traição patente contra a realeza da Virtude, tão terrível violação de todo decoro, que aquela que pode suportar a persegui-los em sua alma deve ser uma prostituta, seja qual for sua reputação na vida. Mas pode ser verdade - digam-nos, estrelas castas, que com inúmeros olhos inspecionam o comportamento moral da meia-noite - pode ser verdade, que qualquer jovem, fingindo decência, deveria perdurar por um momento para olhar para esta ninhada infernal de futilidade e lascívia?” (FORDYCE, 1809, p. 75 – tradução livre).

conservadores sobre conduta (como Hannah Moore, Dr. Gregory ou Mrs. Chapone) transformavam as personagens femininas em seres mais artificiais e fracos do que seriam não fosse por eles –, que Austen se afasta da tradição patriarcal em que estava inserida e, segundo as autoras, ela teria um propósito claro ao se afastar dessa tradição:

Austen demystifies the literature she has read neither because she believes it misrepresents reality, as Mary Lascelles argues, not out of obsessive fear of emotional contact, as Marvin Mudrick claims, nor because she is writing Tory propaganda against the Jacobins, as Marilyn Butler speculates, but because she seeks to illustrate how such fiction are the alien creations of writers who contribute to the enfeebling of women.¹⁶³ (2000, p. 120-121)

Wollstonecraft, em seu ataque à educação recebida pelas mulheres de sua época, tinha como argumento principal a tese de que, se a mulher fosse bem ensinada, intelectualmente, ela se tornaria uma companheira mais adequada e interessante ao homem do que era ao aprender apenas habilidades que o distraíssem. Se ela realmente acreditava neste argumento, ou apenas o considerava uma base segura de onde partir, seria difícil saber com certeza. No entanto, ao longo do seu livro vemos como Wollstonecraft conecta sempre a fraqueza intelectual com a fraqueza física das mulheres.

The conduct and manners of women, in fact, evidently prove, that their minds are not in a healthy state; for, like the flowers that are planted in too rich a soil, strength and usefulness are sacrificed to beauty; and the flaunting leaves, after having pleased a fastidious eye, fade, disregarded on the stalk, long before the season when they ought to have arrived at maturity. One cause of this barren blooming I attribute to a false system of education, gathered from the books written on this subject by men, who, considering females rather as women than human creatures, have been more anxious to make them alluring mistresses than rational wives; and the understanding of the sex has been so bubbled by this specious homage, that the civilized women of the present century, with a few exceptions, are only anxious to inspire love, when they ought to cherish a nobler ambition, and by their abilities and virtues exact respect.¹⁶⁴ (WOLLSTONECRAFT, introduction)

¹⁶³ “Austen desmistifica a literatura que ela leu não porque ela acredita que ela representa mal a realidade, como Mary Lascelles argumenta, ou por medo obsessivo de contato emocional, como Marvin Mudrick afirma, nem porque ela está escrevendo uma propaganda Tory contra os jacobinos, como Marilyn Butler especula, mas porque ela pretende ilustrar como tal ficção advém de criações exóticas de escritores que contribuem para o enfraquecimento das mulheres” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 120-121 – tradução livre).

¹⁶⁴ “A conduta e as maneiras das mulheres, de fato, evidentemente provam que suas mentes não estão em um estado saudável; pois, como nas flores que são plantadas em um solo muito rico, força e a utilidade são sacrificados pela beleza; e as folhas ostensivas, depois de terem agradado um olhar meticuloso, murcham, desconsideradas no talo, muito antes da época em que deveriam ter chegado à maturidade. Uma das causas desta floração estéril eu atribuo a um falso sistema de educação, recolhido a partir dos livros escritos sobre o assunto por homens, que, considerando o outro gênero como mulheres em vez de criaturas humanas, têm sido mais ansiosos para fazer delas amantes sedutoras em vez de esposas racionais; e a compreensão do sexo tem sido tão inflada por esta homenagem especiosa [ilusória], que as mulheres civilizadas do século atual, com algumas exceções, apenas anseiam por inspirar amor, quando deveriam valorizar uma ambição mais nobre, e, por suas habilidades e virtudes exigir respeito” (WOLLSTONECRAFT, introdução – tradução livre).

Este é um movimento dialético interessante, pois a ideia em voga era que a mulher era frágil demais para ser educada ou para trabalhar – de fato, relegada à esfera privada, a mulher será cada vez mais confundida com um ser frágil e irracional –, mas Wollstonecraft, indo na direção contrária, defende que a mulher, por não receber educação, torna-se fraca.

É aqui que percebemos como Mr. Darcy adota uma posição talvez progressista no diálogo que trava com os Bingley e Elizabeth. Quando Miss Bingley busca recomendar-se a ele e tenta alinhar-se ao seu discurso, ela acrescenta às habilidades que estavam sendo discutidas (“*paint tables, cover skreens and net purses*”) os conhecimentos em “*music, singing, drawing, dancing, and the modern languages*” – ou seja, ela apenas ampliou as características dentro de um mesmo escopo: da educação para agradar; a mesma que Lady Catherine de Bourgh tenta recomendar.

Mr. Darcy então continua: “‘*All this she must possess*’,” added Darcy, “‘*and to all this she must yet add something more substantial, in the improvement of her mind by extensive reading*’” (PP, 2011, p. 74)¹⁶⁵. “*All this*”, diz Darcy. Assim como Mr. Bingley usou o “*all*” em benefício de todas as mulheres, Mr. Darcy impacientemente engloba todo o discurso de sua “assistente” e todas as habilidades discutidas anteriormente no “*all this*”, mostrando que não há diferenças até então. Assim, de seu ponto de vista, o grande diferencial será o que ele recomenda a seguir como mais substancial na mulher: “*the improvement of her mind by extensive reading*”.

Porter mostra como no livro *Letters on the improvement of the mind* (1773) – que, segundo ele, foi muito popular, tendo sido reimpresso dezesseis vezes – a autora *bluestocking* Hester Chapone exigia que as mentes das mulheres fossem tratadas como as dos homens:

The prime call was thus not for social-sexual reorganization but for the acceptance of mental and spiritual equality and the right to education so as to end ‘Perpetual Babyism’. Women must think for themselves: as so often with the British Enlightenment, the envisaged solution lay in emancipating the mind.¹⁶⁶ (2001, p. 337-338)

¹⁶⁵ “‘*Deve possuir tudo isso*’, acrescentou Darcy, ‘*e a tudo isso deve acrescentar algo mais substancial, o aperfeiçoamento de suas qualidades intelectuais por meio de muita leitura.*’” (OP, 2011, p. 144)

¹⁶⁶ “Assim, o chamado principal não era para uma reorganização social-sexual, mas para a aceitação da equidade mental e espiritual e do direito à educação, de modo a acabar com ‘Perpetual Babyism’ [infantilização perpétua]. As mulheres devem pensar por si mesmas: como tantas vezes no Iluminismo britânico, a solução prevista estava na emancipação da mente” (PORTER, 2001, p. 337-338 – tradução livre).

Apesar de textos como o de Hester Chapone condenarem o que Spacks chama de “merely decorative accomplishments (...) associated with female efforts to charm men”¹⁶⁷ (2010, p. 74-75), a autora explica que, à época, a própria ideia de fornecer educação intelectual à mulher era discutível. Também de acordo com Vasconcelos (2007), a educação sólida de moças “era considerada desnecessária e acima da capacidade feminina e, de modo geral, pensava-se que as mulheres podiam passar muito bem com as poucas prendas que lhes eram ensinadas nos internatos: desenho, dança, música, trabalhos de agulha, francês, comportamento”. A autora explica que habilidades intelectuais poderiam até ser admiradas, mas não recebiam total aprovação, e havia preconceito contra pretensões intelectuais na mulher, sendo que a ignorância era tida como uma das características da feminilidade. “Esse *gendering* de tarefas e atividades era a parte visível de uma ideologia social da domesticidade feminina que emergia e se traduzia na noção das esferas separadas: para as mulheres, o mundo da casa e da família; para os homens, o mundo do trabalho, da política e do poder”. Vasconcelos diz ainda que a ideia disseminada pelo Iluminismo quanto ao poder da educação¹⁶⁸ não incluía necessariamente as mulheres, nem facilitava o acesso delas ao aprendizado sério, sendo que questões “literárias, filosóficas, políticas e comerciais eram território masculino, discutidas em clubes e cafés. As mulheres, ao contrário, tinham de ser instruídas na arte da conversação, na adequação do vestuário e nos cuidados domésticos. Assuntos de caráter público não cabiam a elas” (VASCONCELOS, 2007, p. 128-129).

Em *Émile, ou De L'éducation* (1762), Rousseau argumenta que as meninas de fato preferiam conquistar realizações decorativas, e gostariam muito mais de desenvolver habilidades de costura, por exemplo, ao brincar de vestir suas bonecas, do que aprender conhecimentos intelectuais básicos, como ler e escrever: “in fact, almost all of them learn with reluctance to read and write; but very readily apply themselves to the use of their needles. They imagine themselves already grown up, and think with pleasure that such qualifications will enable them to decorate themselves”¹⁶⁹ (1783, p. 187). Segundo Porter (2001, p. 239), mesmo que o texto integral de Rousseau tenha ganhado pouco apoio entre os

¹⁶⁷ “conquistas meramente decorativas (...) associadas com os esforços femininos para encantar os homens” (SPACKS, 2010, p. 74-75 – tradução livre).

¹⁶⁸ Segundo Porter, Locke, em *Some Thoughts concerning Education* (1693), defendia que: “‘Of all the men we meet with,’ (...) ‘nine parts of ten are what they are, good or evil, useful or not, by their education. It is that which makes the great difference in mankind’” [De todos os homens que encontramos (...) nove em dez são o que são, bons ou maus, úteis ou não, por causa de sua educação. É isso que faz a grande diferença na humanidade] (2001, p. 340 - tradução livre).

¹⁶⁹ “de fato, quase todas elas aprendem com relutância a ler e escrever; mas muito facilmente a aplicar-se ao uso de suas agulhas. Eles imaginam-se já crescidas, e pensam com prazer que tais qualificações lhes permitirão decorar a si mesmas” (ROUSSEAU, 1783, p. 187 – tradução livre).

ingleses, a maior parte deles, fossem homens ou mulheres, aprovavam alguns aspectos da sua obra¹⁷⁰. “A warm admirer of Rousseau’s pedagogical treatise *Émile* (1762), Wollstonecraft herself was one among many who endorsed his notion that women’s unique endowment lay in childrearing”¹⁷¹. Para Wollstonecraft, no entanto, o fato de serem boas mães não negava às mulheres o seu lado intelectual; pelo contrário, Porter explica que, para a autora, “they could be good mothers and sound educators, however, only by cultivating the rational faculties with which – despite Rousseau’s nonsense – they had been blessed”.¹⁷²

Mary Wollstonecraft defendeu ainda que o aprendizado de habilidades decorativas se tratava de uma educação do corpo pregada não só por Rousseau, mas por diversos homens que acreditam que as jovens “without any mind, unless animal spirits come under that description”,¹⁷³ são muito agradáveis. Assim, para Wollstonecraft, os homens estavam moldando o feminino ideal, através da educação, de modo a propagar e aperfeiçoar características que eles achavam interessantes. Vickery também argumenta que “such literature by its very nature describes not how young women of the middle ranks behaved, but how somebody thought they ought to behave”¹⁷⁴ (VICKERY, 1998 apud IVINE, R., 2005, p. 8).

Gilbert e Gubar, ao comentar a tradição da literatura e da autoria, explicam que a atividade da escrita era, de fato, dominada por homens já há muito tempo. Segundo elas, a pena era definida não apenas como uma ferramenta acidental do homem, mas essencialmente masculina, de forma que a autoria se tornava não apenas inapropriada, mas de fato estranha às

¹⁷⁰ Henry Austen, por exemplo, culpava a tradição de romances iniciada pelo “great Rousseau” por certo “excesso de sentimento e susceptibilidade”. Knox-Shaw explica que, apesar de o epíteto “great Rousseau” parecer carregado de sátira, em números anteriores da revista *The Loiterer* Henry havia criticado positivamente a obra *Émile*, ridicularizando os “esnobes” que acreditavam que o livro traria consequências negativas. Mas no que se trata da educação feminina, Henry estava de acordo com Madame de Genlis, que atacava as visões reacionárias de Rousseau. É a partir de um entendimento das questões de gênero e classe que Henry acusa Rousseau e seus seguidores de usar o sentimento com uma máscara para esconder “the grossest allurements of sense, and the most daring attacks of Deism” [as seduções grosseiras de sentido, e os ataques mais ousados do deísmo] (*The Loiterer*, 47, 19 Dec. 1789, p. 4 apud KNOX-SHAW, p. 62 – tradução livre).

¹⁷¹ “Uma grande admiradora do tratado pedagógico de Rousseau *Émile* (1762), Wollstonecraft estava entre as muitas pessoas que endossaram sua noção de que a vocação original das mulheres estava no cuidado com crianças” (PORTER, 2001, p. 239 – tradução livre).

¹⁷² “elas poderiam ser boas mães e excelentes educadoras, no entanto, somente se cultivassem as faculdades racionais com que – apesar do absurdo de Rousseau – elas tinham sido abençoadas” (PORTER, 2001, p. 239 – tradução livre).

¹⁷³ “sem qualquer mente, a menos que o espírito animal seja considerado nessa descrição” – tradução livre.

¹⁷⁴ “essa literatura por sua própria natureza não descrevia como a jovem mulher das camadas médias se comportava, mas como alguém imaginava que ela deveria se portar” (VICKERY, 1998 apud IVINE, R., 2005 p. 8 – tradução livre).

mulheres, “[b]ecause they are by definition male activities (...) writing, reading, and thinking are not only alien but also inimical to ‘female’ characteristics”¹⁷⁵ (2000, p. 8).

Johnson lembra ainda que, mais do que monopolizarem a produção artística e do conhecimento, os homens negavam às mulheres mesmo o caráter racional do ser humano. Segundo a autora, os moralistas conservadores da época de Austen não instigavam o raciocínio, e alguns dos vilões e anti-heróis desenvolvidos por estes moralistas são sedentos em busca da verdade, sendo que essa vontade de obter conhecimento é o que, normalmente, acaba por atrapalhá-los no desenrolar da história. Ela ainda diz que os pais eram desaconselhados a permitir que suas filhas lessem sem uma supervisão rígida:

Otherwise, the philosophy daughters are likely to come across in their reading will convince them that their opinions about questions relative to themselves matter, and it will urge them to subject received ideas to their own consideration, to choose what is best and preferable for themselves.¹⁷⁶ (JOHNSON, 1988, p. 12)

Assim, vemos como o novo espaço social destinado à mulher das camadas médias afeta diretamente os argumentos que serão aplicados na construção de uma educação que irá se afastar do desenvolvimento intelectual e privilegiar habilidades úteis no lar. Essas habilidades, consideradas por muitos críticos como “decorativas”, serviam para aumentar a feminilidade das moças com o objetivo de conquistar um marido e, quando esposas, as tornavam aptas a agradar ao homem no matrimônio – o que, depois da ascensão da burguesia, torna-se, segundo a ideologia em questão, a função exclusiva do feminino.

Nesse quadro, o problema enfrentado por Elizabeth Bennet é que ela encontra-se em um limbo social – não exatamente por não saber sua posição hierárquica, mas por ter que caminhar com passos incertos entre noções diferentes do que é esperado dela. Lady Catherine compreende que, depois da morte de Mr. Bennet, Elizabeth terá que trabalhar para se sustentar – ela já não fará mais parte da classe proprietária de terra, mas herdará com certeza o estigma da burguesia por parte de Mrs. Bennet. Mrs. Bennet, por sua vez, é uma reconhecida alpinista social, e na pretensão de casar suas filhas com homens poderosos, não fez questão que aprendessem nada. Destinando as filhas ao ócio em busca do padrão de vida da

¹⁷⁵ “Porque são atividades masculinas por definição (...) a escrita, a leitura e o pensamento não são apenas estranhos, mas também hostis às características ‘femininas’” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 8 – tradução livre).

¹⁷⁶ “Caso contrário, a filosofia com que as filhas podem se deparar em sua leitura vai convencê-las de que as suas opiniões sobre questões relativas a si mesmas importa, e vai convidá-las a submeter ideias recebidas à sua própria consideração, a escolher o que é melhor e preferível para si mesmas” (JOHNSON, 1988, p. 12 – tradução livre).

aristocracia, ela também não se alinhou ao entendimento burguês de educação para o lar – que é o adotado por Miss Bingley como forma de autorrecomendação.

Dessa forma, levanta-se a questão de em que pontos Elizabeth se aproxima ou se distancia da normatização do feminino que ocorria no contexto da guerra de ideias na Inglaterra. Além de ser recomendada socialmente por seu caráter – aproximando-se da ideologia iluminista de mérito moral –, vemos na personagem certa defesa das mulheres como “*rational creatures*”, algo que será veementemente defendido pelo *Enlightenment feminism*.

Essa questão pode ser investigada a partir da declaração de Mr. Darcy sobre o que uma mulher deveria fazer para se destacar das demais, superando as habilidades comuns de música, desenho e línguas. Quando ele diz “*all this she must possess, (...) and to all this she must yet add something more substantial, in the improvement of her mind by extensive reading*” (PP, 2011, p. 74)¹⁷⁷, o leitor perspicaz percebe como sua observação reveste Elizabeth de uma conotação positiva; isso porque, no diálogo anterior, a moça choca Mr. Hurst ao dizer que preferiria ler a jogar cartas:

“Do you prefer reading to cards?” said he; “that is rather singular.”
 “Miss Eliza Bennet,” said Miss Bingley, “despises cards. She is a great reader, and has no pleasure in anything else.”
 “I deserve neither praise nor such censure,” cried Elizabeth; “I am not a great reader, and I have pleasure in many things.”¹⁷⁸ (PP, 2010, p. 71)

Mr. Hurst diz que a atitude de Miss Elizabeth “*is rather singular*” (isso nos remete ao que Lady Catherine declara em Rosings, quando recebe a informação de que nenhuma das irmãs Bennet desenhava: “*that is very strange*”). Ao longo do romance, diversos detalhes apontam para o fato de que Elizabeth é uma personagem “estranha”, ou, nas palavras mais delicadas de Mr. Hurst, “singular”. A questão é exatamente o que torna Elizabeth diferente. Como uma personagem que vimos estar em uma posição muito desconfortável – criada para o ócio, sem reconhecimento de sua superior hierárquica no romance e distante da nova condição feminina de anjo do lar – vai por fim realizar o casamento que parte da crítica aproxima dos contos de fada?

Brownstein explica que *Pride and Prejudice* traz um enredo intrincado, refletindo a complexidade dos personagens Elizabeth e Mr. Darcy, e diz que é por manter uma distância

¹⁷⁷ “Deve possuir tudo isso (...) e a tudo isso deve acrescentar algo mais substancial, o aperfeiçoamento de suas qualidades intelectuais por meio de muita leitura.” (OP, 2011, p. 144).

¹⁷⁸ “Você prefere ler a jogar cartas?”, comentou ele; ‘Isso é deveras peculiar.’
 ‘A senhoria Eliza Bennet’, disse a senhorita Bingley, ‘despreza o baralho. Ela é uma grande leitora e não sente prazer em mais nada.’
 ‘Não mereço nem o elogio nem a censura’, exclamou Elizabeth; ‘Não sou uma grande leitora, e sinto prazer em muitas coisas’ (OP, 2011, p. 142).

crítica tanto do ideal feminino quanto do próprio Darcy que a moça por fim consegue encantá-lo (2000, p. 52). Nesse sentido, talvez a personagem Elizabeth Bennet seja uma representante do distanciamento inerente entre “norma” e “realidade” defendido por Judith Butler diante da normatização do gênero – sendo que “gênero” é entendido a partir da explicação de Joan Scott, que disse terem sido as feministas a dar início à utilização da palavra como uma maneira “de se referir à organização social da relação entre os sexos”¹⁷⁹ (1990, p. 5). Nesse sentido, Judith Butler define: “Gender is not exactly what one ‘is’ nor is precisely what one ‘has’. Gender is the apparatus by which the production and normalization of masculine and feminine take place along the interstitial forms of hormonal, chromosomal, psychic, and performative that gender assumes”¹⁸⁰ (2004, p. 42).

Assim, para Butler gênero é, antes de tudo, um mecanismo. Tal mecanismo demanda (e ao mesmo tempo institui) um regime próprio, regulador e disciplinante. Essa é a *norma*, que Butler esclarece não ser o mesmo que *regra*, nem o mesmo que *lei*. Para a autora, a norma opera dentro de práticas sociais como um padrão implícito de *normatização*¹⁸¹. Assim, o gênero, como uma norma que aparenta ser independente das práticas que ela regulamenta, tem seu formato ideal num efeito reestabelecido dessas mesmas práticas. “This suggests not only that the relation between practices and the idealizations under which they work is contingent, but that the very idealization can be brought into question and crisis, potentially undergoing deidealization and divestiture”¹⁸² (2004, p. 48). Para Butler, portanto, a distância entre a

¹⁷⁹ Scott ainda frisa que essa palavra passou a indicar uma rejeição ao determinismo biológico das distinções baseadas no sexo; ao contrário, a palavra “gênero” expressa o que muitos autores, como Foucault, Butler e Simone de Beauvoir, acreditavam: no caráter fundamentalmente social das distinções entre o masculino e o feminino. A partir disso, Scott questiona “como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?”. Uma resposta a essas perguntas é entender gênero como “a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (...) uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (1990, p. 7).

¹⁸⁰ “gênero não é exatamente o que alguém ‘é’, nem é precisamente o que alguém ‘tem’. Gênero é o mecanismo pelo qual a produção e normalização do masculino e do feminino acontecem ao longo das formas intersticiais hormonal, cromossômica, psíquica, e performativa que o gênero assume” (BUTLER, 2004, p. 42 – tradução livre).

¹⁸¹ Foucault diz que as normatizações não são forjadas conscientemente pela sociedade com algum propósito específico e predeterminado, mas surgem de um movimento social natural, fruto da necessidade de alguns de ascender ao poder. A progressão desse movimento e a consequente unanimidade na crença de que tais regras devem ser inquestionáveis leva à gradual consolidação da norma. Para ele, inclusive, a origem da Idade da Repressão coincide com o desenvolvimento do capitalismo e surgimento da burguesia. “Se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir?” (FOUCAULT, 1997, p.11). Isso está claramente muito mais voltado à classe operária, sendo que a ostentação de riqueza da nova classe iria se concentrar exatamente no ócio feminino e no aproveitamento dos prazeres, dentro do que permitiam as regras de decoro. É certo, porém, que nenhuma norma vigente será integralmente cumprida por todas as pessoas, de qualquer gênero ou classe.

¹⁸² “Isto sugere não só que a relação entre práticas e as idealizações em que elas trabalham é contingente, mas que a própria idealização pode ser posta em questão e crise, e potencialmente sofrer *desidealização* e abandono” (BUTLER, 2004, p. 48 – tradução livre).

idealização de gênero e suas concretizações naturalizadas é a mesma distância que há entre uma norma e sua incorporação.

Miss Caroline Bingley é, inclusive, ávida em apontar todos os momentos em que Elizabeth se distancia da norma. Quando Elizabeth decide visitar Jane, que estava doente em Netherfield, ela deve ir a pé, e a narradora descreve uma demonstração nada feminina de disposição física:

Elizabeth continued her walk alone, crossing field after field at a quick pace, jumping over stiles and springing over puddles with impatient activity, and finding herself at last within view of the house, with weary ankles, dirty stockings, and a face glowing with the warmth of exercise.

She was shown into the breakfast-parlour, where all but Jane were assembled, and where her appearance created a great deal of surprise. That she should have walked three miles so early in the day, in such dirty weather, and by herself, was almost incredible to Mrs. Hurst and Miss Bingley (...). (PP, 2010, p. 67)¹⁸³

Embora Mr. Darcy tenha dito muito pouco no momento da aparição de Elizabeth, ficamos sabendo que ele ficou dividido “(...) *between admiration of the brilliancy which exercise had given to her complexion, and doubt as to the occasion's justifying her coming so far alone*” (PP, 2010, p. 67)¹⁸⁴. Darcy não sabe o que pensar justamente porque Elizabeth fez algo que talvez ele nunca tivesse testemunhado antes. Se nesse momento a moça não foi totalmente admirada, ela ao menos levantou certa curiosidade sobre si mesma.

Caroline Bingley percebe que Mr. Darcy está intrigado, e vendo em Elizabeth uma concorrente direta pela admiração dele, não se priva de criticá-la, dizendo:

"To walk three miles, or four miles, or five miles, or whatever it is, above her ankles in dirt, and alone, quite alone! what could she mean by it? It seems to me to show an abominable sort of conceited independence, a most country-town indifference to decorum."

(...)

"I am afraid, Mr. Darcy," observed Miss Bingley in a half whisper, "that this adventure has rather affected your admiration of her fine eyes."

"Not at all," he replied; "they were brightened by the exercise." (PP, 2010, p. 70)¹⁸⁵

¹⁸³ “Elizabeth continuou sozinha sua caminhada, atravessando campo após campo a passos rápidos, saltando passagens de cercas, pisando em poças com impaciência e descobrindo enfim a casa em seu campo de visão, com os tornozelos exaustos, as meias sujas e o rosto corado pelo calor do exercício.

Ela foi levada à sala onde estavam todos reunidos para o café da manhã, menos Jane, e onde sua aparição provocou um bocado de surpresa. – Que houvesse caminhado três milhas ainda tão cedo, naquele tempo ruim, e sozinha, era algo quase incrível para a senhora Hurst e a senhorita Bingley (...)” (OP, 2011, p. 137).

¹⁸⁴ “(...) entre a admiração do brilho que o exercício conferira à pele dela e a dúvida sobre o fato de a ocasião justificar ou não sua vinda desacompanhada até tão longe” (OP, 2011, p. 137).

¹⁸⁵ “‘Caminhar três ou quatro milhas, até cinco, ou o que seja, com os pés enfiados na lama, e sozinha, totalmente só! O que ela queria com isso? Parece revelar um tipo abominável e arrogante de independência, uma indiferença provinciana para com o decoro.’ (...)”

Assim, Miss Bingley quer enfatizar a *independência* de Elizabeth, altamente censurada por livros de conduta e romances conservadores. No entanto, quando ela busca a segurança de que tal demonstração de falta de decoro tenha diminuído a admiração de Mr. Darcy pelos olhos da concorrente, fica sabendo que ela foi, na verdade, intensificada por um brilho gerado pelo exercício. Tal cena funciona, então, como teste para os padrões impostos, de modo que os resultados de uma atitude independente e ousada, quase masculina, é o aumento da feminilidade da personagem que desafiou a norma.

Johnson também aponta essa contradição, e diz que:

Elizabeth not only treks for miles *alone* – something the propriety-conscious Emma would never do – but she also runs, jumps, springs, and rambles. Austen’s manifestly self-conscious achievement in Elizabeth Bennet thus consists precisely in having made her “creature” so “delightful” despite her continual infractions of the rules of propriety.¹⁸⁶ (1988, p. 76)

Assim, a demonstração ativa de Elizabeth de fato aponta para sua singularidade. Mas, já no primeiro diálogo analisado, Miss Bingley administra um ataque mais sutil à feminilidade de Elizabeth, disfarçando-o de elogio. Ela diz que Elizabeth “*is a great reader, and has no pleasure in anything else*”. Imediatamente, Elizabeth se defende dizendo: “*I am not a great reader*” – sendo que há uma ênfase em “*not*” no original em inglês. De acordo com Spacks, a mulher estudiosa continuava sendo um estereótipo negativo, e talvez por isso Elizabeth tenha se apressado a declinar enfaticamente qualquer pretensão intelectual (2010, p. 72, nota 21). De fato, essa era uma preocupação feminina da época, visto que a mulher refinada, de acordo com Mello e Souza, não deveria ter conversas ou interesses que demonstrassem o seu cérebro:

Enquanto ao companheiro a sociedade permitia a realização integral da individualidade na profissão, nas ciências ou nas artes, a ela negava interesses de outro tipo além dos ligados à casa, aos filhos e a sua pessoa. Era como se não tivesse um cérebro, como se o exercício da inteligência tornasse duros os seus traços e lhe empanasse o brilho da virtude. (1987, p. 99)

Ironicamente, é a própria questão da inteligência que Susan Morgan aponta como um dos temas principais de *Pride and Prejudice*, dizendo que o maior estudo de Jane Austen sobre as relações entre inteligência e liberdade está “disfarçado” como uma história de amor,

‘Receio, senhor Darcy’, observou a senhorita Bingley, como que sussurrando, ‘que esta aventura afetou de alguma forma sua admiração por aqueles belos olhos.’

‘De modo algum’, respondeu ele; ‘Ficaram ainda mais brilhantes com o exercício.’” (OP, 2011, p. 140-141).

¹⁸⁶ “Elizabeth não só caminha por milhas *sozinha* - algo que Emma, consciente do decoro, jamais faria - mas ela também corre, pula cercas e pisa em poças. A realização manifestamente autoconsciente de Austen em Elizabeth Bennet assim consiste precisamente em ter feito dela “criatura” tão “encantadora” apesar de suas constantes infrações às regras de decoro” (JOHNSON, 1988, p. 76 – tradução livre).

“and of a sort which she delighted in characterizing as ‘rather too light, too bright and sparkling’”¹⁸⁷ (1975, p. 56). Morgan defende ainda que os erros de julgamentos de Elizabeth na história são antes falhas de inteligência – quando, por exemplo, ela se deixa enganar pela história contada por Mr. Wickham sobre seu passado, sem observar as pistas que o próprio rapaz dá de ser mentiroso. De acordo com Morgan, é a partir da gratidão que Elizabeth sente por Mr. Darcy, quando entende o valor de sua apreciação, que o lado racional de Elizabeth a coloca novamente no caminho certo de análise social a que se propõe.

Elizabeth believes that understanding, intelligence, perception, depend on being independent of their objects, and she wants most powerfully to be an intelligent observer of her world. That urge explains much of her continuing appeal and is the single most important force in her story.¹⁸⁸ (MORGAN, 1975, p. 57)

Se Morgan estiver certa, e se o romance realmente investiga questões de inteligência, é interessante notar alguns aspectos estruturais do uso da palavra ao longo do enredo. “*Intelligence*” aparece dezenove vezes na história, mas adquire quase sempre o sentido de “informação”, “notícia” e variantes – apenas duas vezes “*intelligence*” pode de fato ser traduzida como “inteligência”; e em ambas serve para caracterizar positivamente os Gardiner. Além disso, “*intelligent*” aparece quatro vezes: Miss Lucas era “*a sensible, intelligent young woman*”; Mrs. Gardiner é apresentada como “*an amiable, intelligent, elegant woman*”; Mrs. Reynolds, a governanta de Pemberley, é vista como “*an intelligent servant*”; – e, por fim, Elizabeth é vista como “*intelligent*” por Mr. Darcy.

Que o uso da palavra tenha sido usado com tanta parcimônia na descrição dos personagens, e que “inteligência” adquira o sentido de intelecto apenas duas vezes, faz com que percebamos que Mr. Darcy não estava errado em apontar para “*the improvement of her mind*” como um fator de distinção. Talvez Elizabeth concorde com ele, pois responde a essa afirmação da seguinte forma:

“*I am no longer surprised at your knowing only six accomplished women. I rather wonder now at your knowing any.*”
“*Are you so severe upon your own sex as to doubt the possibility of all this?*”

¹⁸⁷ “e de uma espécie que ela se encanta em caracterizar como ‘um pouco leve, clara e brilhante demais’” (MORGAN, 1975, p. 56 – tradução livre).

¹⁸⁸ “Elizabeth acredita que compreensão, inteligência, percepção, dependem de se ser independente de seus objetos, e ela quer energeticamente ser uma observadora inteligente de seu mundo. Esse impulso explica muito de seu apelo contínuo e é a força mais importante na sua história” (MORGAN, 1975, p. 57 – tradução livre).

"I never saw such a woman. I never saw such capacity, and taste, and application, and elegance, as you describe united." (PP, 2010, p. 74-75)¹⁸⁹

De fato, vimos como Judith Butler explicou que a idealização do gênero sempre se distancia de suas concretizações, e dificilmente alguém conseguiria cumprir todas as exigências da norma (talvez isso seja mesmo impossível). Então o que Elizabeth claramente faz com sua afirmação de que nunca viu uma mulher tão completa é lembrar a Mr. Darcy que ele está sendo irrealista na sua definição das moças prendadas.

A admiração de Mr. Darcy, porém, fugirá da complexidade da definição que ele mesmo propôs, e irá se concentrar apenas na característica levantada como diferenciadora. Tendo inicialmente ofendido Elizabeth ao dizer que “[s]he is tolerable; but not handsome enough to tempt me” (PP, 2010, p. 40)¹⁹⁰, Mr. Darcy irá mudar de opinião, e a narradora explica o processo:

(...) Mr. Darcy had at first scarcely allowed her to be pretty; he had looked at her without admiration at the ball; and when they next met, he looked at her only to criticise. But no sooner had he made it clear to himself and his friends that she hardly had a good feature in her face, than he began to find it was rendered uncommonly intelligent by the beautiful expression of her dark eyes. To this discovery succeeded some others equally mortifying. (PP, 2010, p. 56-57)¹⁹¹

Assim, a palavra “*intelligent*” aparece na primeira descrição positiva de Mr. Darcy sobre Elizabeth: “he began to find it was rendered uncommonly *intelligent* by the beautiful expression of her dark eyes” – e é a partir da identificação da inteligência que surgem outras constatações igualmente positivas. De acordo com Hardy, Darcy não responde apenas aos olhos de Elizabeth, mas à inteligência que eles carregam, e é nas conversas entre os dois, tanto em Netherfield quanto em Rosings, que o leitor pode perceber o quanto a presença da moça se torna, por meio dessas características, muito mais estimulante para ele do que seria se proporcionasse apenas os prazeres convencionais (1984, p. 40).

¹⁸⁹ “‘Já não me surpreende que conheça apenas seis mulheres prendadas. Chego a duvidar que você conheça uma única.’

‘Você é assim tão severa com o próprio sexo a ponto de duvidar da possibilidade de tudo isso?’

‘Nunca vi uma mulher assim, nunca vi tamanha capacidade, fineza, dedicação e elegância, como você descreve, reunidas em uma só pessoa.’” (OP, 2011, p. 144).

¹⁹⁰ “‘É razoável; mas não é bonita o bastante para me tentar.’” (OP, 2011, p. 113).

¹⁹¹ “O senhor Darcy a princípio sequer admitira que fosse bonita; olhara sem nenhuma admiração para ela no baile; e, quando se encontraram depois, fez-lhe apenas críticas. Mas, assim que admitiu claramente para si mesmo e seus amigos que ela não tinha um traço de beleza no rosto, começou a perceber que se tornava um rosto extraordinariamente inteligente, pela bela expressão de seus olhos escuros. A tal descoberta seguiram-se outras igualmente mortificantes” (OP, 2011, p. 126-127).

Mais do que mera inteligência, porém, Elizabeth tem confiança ao falar, e segurança em suas opiniões. Segundo Kaplan (1992, p. 186), a heroína não hesita em transmitir aos outros seus pontos de vista, nem em decidir (e dizer) o que Mr. Darcy pensa e quais são as falhas de sua personalidade: “Under the cover of irony she sometimes assumes a dictatorial persona. Irony because it is play, gives her license to dominate, but it does not nullify the impact of her assertive, indeed aggressive verbal behavior”.¹⁹² Em seu papel de “dominadora-de-brincadeira”, diz Kaplan, Elizabeth recusa o *silêncio* e a *subordinação* vinculados ao papel social imposto às mulheres; da mesma forma, ela atribui desejos e sentimentos a Darcy, sem dar a ele a chance de se expressar por si mesmo (1992, p. 186-187). Assim, a autora explica que, ao trocar de papéis com Mr. Darcy, ainda que seja por brincadeira, Elizabeth acaba por assumir sua dominância e implicitamente desafia seu poder. Mas, segundo Kaplan, essa “*female voice*” de Elizabeth tem limitações importantes, visto que é só em Pemberley que a heroína passará a ver o alcance do poder de Mr. Darcy enquanto *land lord* (1992, p. 187-189).

De qualquer forma, é por essa representação da voz feminina em Elizabeth, e pela caracterização da personagem através da inteligência, que Austen se aproxima mais claramente do debate sobre a questão da razão, e consequentemente de uma defesa à mulher: segundo Margaret Kirkham, a inteligência feminina era o assunto em discussão pelo discurso feminista da época de Austen. O “*Enlightenment feminism*”, que é como ela chama o movimento, estava ocupado em colocar a mulher no mesmo patamar de “criaturas racionais” e “criaturas morais” ocupado pelos homens, sendo que, para Kirkham, enquanto Catherine Macaulay e Mary Wollstonecraft defendiam essas ideias mais veementemente, Austen se torna o expoente do *Enlightenment feminism* na ficção (KIRKHAM, 1983 apud BUTLER, M., 1990, p. xxii).

Porter explica como tais implicações da racionalidade eram ao mesmo tempo simples e complexas, visto que as mulheres iluministas que falavam politicamente eram amplamente atacadas. O autor diz que John Bennett, por exemplo, em *Strictures on Female Education* (1787), advertia contra a “sobre-educação” feminina, que privaria o mundo de seus ornamentos mais naturais, e deixaria o homem sem “that gentle bosom, on which he can recline amidst the toils of labour”.¹⁹³ Porter cita também o Rev. Richard Polwhele, que não só “demonizou” Wollstonecraft, como acusou mulheres indisciplinadas de destruírem a ordem de Deus. Apelando para a Natureza (que era a “grande base de todas as leis humanas e

¹⁹² “Sob a capa de ironia ela às vezes assume uma persona ditatorial. Ironia porque é jogo, o que lhe dá licença para dominar, mas não anula o impacto de seu comportamento verbal assertivo, ou mesmo agressivo” (KAPLAN, 1992, p. 186-187 – tradução livre).

¹⁹³ “o seio suave, em que ele pode reclinar em meio às fadigas do trabalho” – tradução livre.

divinas"), o clérigo Cornish decidiu que a mulher que desafiasse o seu lugar "em breve" andaria "segundo a carne", sendo que aquela que aceitasse "graciosamente" a modéstia seria sempre mais atraente ao homem do que a que tivesse o brilho da inteligência (PORTER, 2001, p. 336).

Por outro lado, Porter mostra como Mary Astell, embora tivesse algumas posturas conservadoras à época, defendeu o *status* das mulheres em seu *Some Reflections upon Marriage* (1700), e repudiou o temperamento submisso e dependente de moças que ela dizia terem nascido para a escravidão. Ela argumentou que se todos os homens nascessem livres, não haveria uma explicação lógica para que as mulheres fossem escravas. Apesar de não ir totalmente contra os preceitos cristãos da época quanto à hierarquia de gênero, e concordar com a ideia de que esposas deveriam obedecer a seus maridos, ainda assim Astell defendia a independência espiritual das mulheres e repudiava o aprendizado meramente decorativo a que eram submetidas. "Astell's prime aspiration lay in better education, so as to ensure and enhance women's development as moral and spiritual agents: cultivation of the mind was a right"¹⁹⁴ (2001, p. 333-334). Também a Whig Catharine Macaulay, sob a influência que Locke exerceu sobre os *enlightened educationalists*, diz Porter, argumentava em prol da educação igualitária para ambos os gêneros. Ela pedia aos pais que rejeitassem a "noção absurda" de que a educação das mulheres deveria ser o oposto da que os homens recebiam: "Let our children be brought up together; let their sports and studies be the same; let them enjoy, in the constant presence of those who are set over them, all that freedom which innocence renders harmless and in which Nature rejoices"¹⁹⁵ (apud PORTER, 2001, p. 343).

As personagens de Austen, portanto, embora não se entendam como feministas, exemplificam uma das primeiras reivindicações do movimento, na defesa de que as mulheres têm a mesma natureza moral dos homens, devendo receber o mesmo *status* moral e a mesma responsabilidade por sua conduta (KIRKHAM, 1983 apud BUTLER, M., 1990, p. xxii). Esse é um movimento muito interessante do romance, pois enquanto Jane Austen aproxima Elizabeth da inteligência "masculinizada", da mesma maneira que romancistas conversadores fariam em intenção de censura, cada uma das demonstrações da razão serve apenas para

¹⁹⁴ "A principal aspiração de Astell estava em melhorar a educação, de modo a garantir e reforçar o desenvolvimento das mulheres como agentes morais e espirituais: o cultivo da mente era um direito" (PORTER, 2001, p. 333-334 – tradução livre).

¹⁹⁵ "Deixe que os nossos filhos sejam criados juntos; deixe seus esportes e estudos serem os mesmos; deixe que desfrutem, na presença constante de quem está posto sobre eles, toda essa liberdade que a inocência torna inofensiva e na qual a Natureza se regozija" (MACAULAY apud PORTER, 2001, p. 343 – tradução livre).

aproximar a heroína do herói. Johnson explica que o que torna isso possível é a presença “ofensiva” de Lydia na história:

Instead of standing as living proof that young ladies must be disciplined into “shamefacedness,” as Fordyce would term it, Lydia is a decoy who attracts the disapproval to which Elizabeth herself could otherwise be subject (...) By linking Elizabeth and Lydia, Austen eludes rather than reiterates conventional moral codes, and the carefully elaborated cross-referencing of other characters, qualities, and relationships throughout the book functions in the same way: not to serve some neoclassical taste for balance, but rather to impede generalization.¹⁹⁶ (1988, p. 76-77)

Lydia não é, porém, a única personagem que evita generalizações no romance. Ao mesmo tempo em que observamos Elizabeth quebrar as regras para ganhar “olhos belos”, talvez mesmo uma metáfora do esclarecimento que traz um brilho especial às feições, vemos como duas personagens femininas se tornam gradativamente cômicas.

Miss Bingley percebe que Mr. Darcy respeitava a leitura em vez de condená-la, então precisa redefinir sua maneira de agir para conquistá-lo. Em certo momento na visita de Elizabeth a Netherfield, o chá termina sem que ninguém queira jogar cartas com Mr. Hurst. Então há uma inversão, provocada talvez pela influência “singular” de Elizabeth na casa: enquanto Mr. Hurst cai no sono, a narradora conta como os demais personagens se engajam em outras atividades:

(...) Darcy took up a book; Miss Bingley did the same; and Mrs. Hurst, principally occupied in playing with her bracelets and rings, joined now and then in her brother's conversation with Miss Bennet.

Miss Bingley's attention was quite as much engaged in watching Mr. Darcy's progress through his book, as in reading her own; and she was perpetually either making some inquiry, or looking at his page. She could not win him, however, to any conversation; he merely answered her question, and read on. At length, quite exhausted by the attempt to be amused with her own book, which she had only chosen because it was the second volume of his, she gave a great yawn and said, “How pleasant it is to spend an evening in this way! I declare after all there is no enjoyment like reading! How much sooner one tires of any thing than a book! – When I have a house of my own, I shall be miserable if I have not an excellent library.”

¹⁹⁶ “Ao invés de aparecer como uma prova viva de que as jovens devem ser disciplinadas no ‘pudor’, como Fordyce diria, Lydia é um chamariz que atrai a desaprovação a que a própria Elizabeth, de outro modo, poderia estar sujeita. (...) Ao ligar Elizabeth e Lydia, Austen ilude ao invés de reiterar códigos morais convencionais, e o cruzamento cuidadosamente elaborado de outros personagens, qualidades e relações ao longo do livro funciona da mesma forma: não para servir a algum gosto neoclássico por equilíbrio, mas sim para impedir a generalização.” (JOHNSON, 1988, p. 76-77 – tradução livre).

*No one made any reply. She then yawned again, threw aside her book, and cast her eyes round the room in quest for some amusement (...).*¹⁹⁷ (PP, 2010, p. 91)

Assim, se antes Miss Bingley considerava Elizabeth “a great reader”, e a acusava de não se divertir com mais nada, agora ela diz: “*I declare after all there is no enjoyment like reading!*” – sendo que o “*after all*” serve para enfatizar sua mudança de pensamento a respeito dos livros. No entanto, a narradora já explicara que a moça não conseguia esconder seu objetivo de acompanhar Darcy na leitura, o que faz com que seus esforços resultem num ar indesejavelmente artificial.

De acordo com Hardy, há uma oposição clara entre o que Miss Bingley pensa que é importante a Mr. Darcy e o que ele mostra ser importante:

When Caroline Bingley lists the talents of the really accomplished woman, she seems about as hollow as her suggested paragon, and Darcy’s way of catching up and elaborating on what she has said effectively serves to dismiss her from the conversation. Caroline has already referred rather snidely to Elizabeth as ‘a great reader’ (37), though she has hardly included this trait among her list of female ‘accomplishments’. Yet, there is no doubting the weight Darcy himself attaches to ‘extensive reading’, which he gives primary importance to.¹⁹⁸ (1984, p. 39)

A segunda personagem que se torna cômica é Mary Bennet, “*who having, in consequence of being the only plain one in the family, worked hard for knowledge and accomplishments, was always impatient for display*” (PP, 2010, p. 58)¹⁹⁹, não conquista a admiração de ninguém. Mary é dona de alguns dos discursos mais enfadonhos do romance, porque estudou com afinco sem (segundo a narradora) ter inclinação para isso.

¹⁹⁷ “(...) Darcy pegou um livro; a senhorita Bingley fez o mesmo; e a senhora Hurst, ocupada principalmente com suas pulseiras e anéis, participava vez por outra da conversa do irmão com a senhorita Bennet.

A atenção da senhorita Bingley se dedicava, na mesma medida, a seu livro e a observar o progresso do senhor Darcy na leitura do livro dele; e estava sempre fazendo pergunta ou vendo a página em que ele estava. Não conseguia conquistá-lo contudo, com nenhuma conversa; e ele simplesmente respondia a suas perguntas e tornava a ler. Por fim, exausta de tentar se entreter com o próprio livro, que só escolhera por ser o segundo volume do livro dele, bocejou demoradamente e disse: “Como é agradável passar uma noite assim! Devo dizer que afinal não existe prazer maior que a leitura! De todo o resto, a pessoa se cansa mais depressa que de um livro! – Quando eu tiver uma casa só minha, quero morrer à míngua se não tiver uma excelente biblioteca”. Ninguém comentou nada. Ela então bocejou novamente, pôs de lado o livro e percorreu com os olhos a sala em busca de alguma diversão (...)” (OP, 2011, p. 161).

¹⁹⁸ “Quando Caroline Bingley lista os talentos da mulher realmente prendada, ela parece tão oca quanto o paradigma que ela sugeriu, e a forma como Darcy se recupera e reelabora o que ela falou serve efetivamente para dispensá-la da conversa. Caroline já tinha se referido depreciativamente a Elizabeth como “uma grande leitora” (37), embora ela quase não inclua essa característica entre sua lista de mulheres ‘prendadas’. No entanto, não há nenhuma dúvida quanto ao peso que o próprio Darcy atribui à ‘leitura extensiva’, a que ele dá importância primordial” (HARDY, 1984, p. 39 – tradução livre).

¹⁹⁹ “que havendo trabalhado duro em busca de conhecimento e realizações, em consequência de ser a única filha sem atrativos da família, estava sempre impaciente para aparecer” (OP, 2011, p.128).

Para Horwitz, Mary Bennet representaria o medo convencional do que o conhecimento e o estudo poderiam fazer com a mulher – ou seja, torna-la chata. Ela ainda explica que as mulheres que escreviam sobre a educação feminina não aprovavam o pedantismo, e lembra como Clara Reeve defendia que o aprendizado superficial poderia causar vaidade na mulher, mas que o verdadeiro conhecimento a tornaria humilde (1991, p. 63-64). De fato, os discursos de Mary em *Pride and Prejudice* não serviriam para atacar a educação feminina, até porque personagens mais importantes como Elizabeth e Darcy estão concentrados em torno da questão da inteligência. O que Mary mostra ao leitor é antes como a vaidade é capaz de afetar todo um esforço de melhoramento pessoal que, caso estivesse associado a um norte moral adequado, seria positivo. E já vimos como o egoísmo ou a vaidade são sempre julgados por Austen, seja em Mary Bennet ou em Lady Catherine.

Tanto é assim, que normalmente os comentários de Mary ficam sem resposta, e em certo momento do romance a narradora se esquece totalmente dela: depois de dizer que todas as mulheres da família Bennet (Lydia já casara com Wickham) estavam reunidas com Mr. Bingley na sala de estar, a narradora conta como o barulho de carruagem à porta anuncia uma visita. “*As it was certain, however, that somebody was coming, Bingley instantly prevailed on Miss Bennet to avoid the confinement of such an intrusion, and walk away with him to the shrubbery. They both set off, and the conjectures of the remaining three continued (...)*” (PP, 2010, p. 392).²⁰⁰

Se Miss Bennet saiu da sala, restariam Mrs. Bennet, Elizabeth, Kitty e Mary ali. Quatro, e não três – conforme a cena se desenrola, ficamos sabendo que a visitante inesperada é Lady Catherine de Bourgh, e a narradora descreve a reação das *três* mulheres que continuaram na sala: “*their astonishment was beyond their expectations; and on the part of Mrs. Bennet and Kitty, though she was perfectly unknown to them, even inferior to what Elizabeth felt*” (PP, 2010, p. 392)²⁰¹. Assim, Mary é uma personagem que quase não interfere nas cenas, e acaba sendo deixada de lado.

Portanto, da mesma maneira que Austen busca recomendar a naturalidade da inteligência de Elizabeth, talvez seja possível dizer que ela não reservava muita paciência para a artificialidade mostrada por Mary e Miss Bingley. Mas embora Johnson tenha elogiado essa

²⁰⁰ “Como era inquestionável, contudo, que alguém vinha, Bingley rapidamente convenceu a senhorita Bennet a evitar o constrangimento de tal intrusão e ir caminhar com ele por entre os artustros. Ambos saíram, e a conjectur das três remanescentes continuaram (...)” (OP, 2011, p. 489).

²⁰¹ “(...) o espanto foi além das expectativas; e, para a senhora Bennet e Kitty, embora ela lhes fosse totalmente desconhecida, o susto foi menor do que para Elizabeth” (OP, 2011, p. 489).

estratégia de Austen para evitar a generalização em seus romances, há quem critique a própria construção da individualidade de Elizabeth como um argumento antifeminista. Para Kaplan,

In addition to endorsing marriage as a patriarchal institution, *Pride and Prejudice's* plot resolution confirms that Elizabeth Bennet's 'impertinence,' rather than being part of a collective response to a social situation, is unique to her personality. Because it is unique, the heroine's feisty talk has made her lovable. This point is articulated toward the close of the novel when Elizabeth explains to Mr. Darcy why he fell in love with her.²⁰² (KAPLAN, 1994, p. 198)

De fato, essa é uma crítica que pode ser feita a *Pride and Prejudice*. Todas as contradições e deficiências sociais são resolvidas na personagem principal, sendo que as demais, ao serem conservadoras ou progressistas demais, equilibram a história, fazendo com que a insubordinação de Elizabeth fique diluída e, por isso, seja aceita. Além disso, até a conquista de Mr. Darcy, a defesa da educação, da inteligência e do respeito mútuo entre os protagonistas pode ser considerada progressista, mas enfraquece quando a narradora prepara terreno para o desfecho feliz na união entre os dois. Isso acontece quando Elizabeth imagina ter perdido a chance de se casar com Mr. Darcy, depois que Lydia foge com Wickham – o que causaria um baque na reputação de todas as irmãs Bennet. Nesse momento, ela reflete sobre as vantagens de uma união hipotética com Mr. Darcy, e dá um passo atrás, retomando os marcadores de gênero propagados então.

She began now to comprehend that he was exactly the man who, in disposition and talents, would most suit her. His understanding and temper, though unlike her own, would have answered all her wishes. It was an union that must have been to the advantage of both; by her ease and liveliness, his mind might have been softened, his manners improved; and from his judgement, information, and knowledge of the world, she must have received benefit of greater importance. (PP, 2010, p. 352)²⁰³

O problema aqui não é o fato de que, no casamento, um ajudaria o outro a obter um crescimento pessoal, pois, como lembra Spacks, esse era um argumento recorrente nos

²⁰² “Além de endossar o casamento como uma instituição patriarcal, a resolução da trama de *Orgulho e Preconceito* confirma que a ‘impertinência’ de Elizabeth Bennet, em vez de ser parte de uma resposta coletiva a uma situação social, é exclusiva à sua personalidade. Porque ela é única, o falar mal-humorado da heroína fez dela adorável. Este ponto se articulada em direção ao final do romance, quando Elizabeth explica a Mr. Darcy por que ele se apaixonou por ela” (KAPLAN, 1994, p. 198 – tradução livre).

²⁰³ “Ela começava a compreender que ele era exatamente o homem, em termos de disposição e talentos, que mais lhe convinha. O temperamento e a compreensão que ele tinha das coisas, ainda que diferentes dos seus, teriam satisfeito todos os seus anseios. Tratava-se de uma união que teria sido vantajosa para ambos; sua naturalidade e vivacidade, haveriam de suavizar-lhe a mente, aprimorar-lhe os modos; e, com o discernimento, o conhecimento de mundo e o nível de informação dele, ela haveria de se beneficiar, adquirindo importância” (OP, 2010, p. 445).

romances de Austen. A questão é que a personagem que conquistou Darcy justamente por sua inteligência singular, agora imagina, numa aproximação contraditória com a normatização vigente de gênero, que seus únicos atributos sejam “*her ease and liveliness*”, e que a grande contribuição que Darcy lhe traria seriam “*his judgement, information, and knowledge of the world*” – de modo que Elizabeth destina a si própria ao âmbito do “agradável” (que Miss Bingley aprovaria), e Mr. Darcy ao espaço intelectual, que aprendemos a admirar não nele, e sim na heroína. Mas o que isso significa? Seria uma concordância da autora com essa normatização do gênero, ou teria o discurso vigente se infiltrado no romance e escapado entre os dedos na autoria de outra forma crítica ao modelo?

A defesa que pode ser feita é que, fora esse pensamento de Elizabeth, que ocupa um parágrafo, o desenvolvimento do romance parece caminhar para a construção de um companheirismo mútuo dos protagonistas no casamento: perto do desfecho da narrativa, Darcy declara diretamente o seu respeito por Elizabeth, confirmando ter se apaixonado por ela pela “*liveness of your mind*” (PP, 2011, p. 422).²⁰⁴

John Hardy também afirma que, de fato, é a presença estimulante de Elizabeth que a torna infinitamente mais interessante a Mr. Darcy do que as moças com comportamentos convencionais baseados no prazer, e que qualquer intimidade que eles desenvolvem sempre partem de situações de igualdade (1984, p. 47).

Despite the pride and prejudice on each side, which for so long keep them apart, their conversations together have what only they can share. Elizabeth’s lively and challenging remarks arouse his interest in a special way; and in demanding an immediate return, they put him on his mettle.²⁰⁵ (HARDY, 1984, p. 43)

Assim, a contradição criada pelo pensamento de Elizabeth pode ser amenizada pelo fato de o casamento entre os dois ter sido construído, ao longo do romance, em termos de igualdade – mesmo com todas as desvantagens de classe e gênero da moça. No entanto, esse mesmo argumento é justamente o utilizado em uma das críticas mais recorrentes a *Pride and Prejudice*: a respeito do polêmico final de “contos de fada”.

Partindo desse entendimento, a seguir será investigada a questão do casamento em *Pride and Prejudice*, de maneira que toda a contextualização feita até aqui a respeito das implicações sociais da ascensão da nova classe burguesa no universo feminino serão

²⁰⁴ “*vivacidade de sua mente*” (OP, 2011, p. 523).

²⁰⁵ “Apesar do orgulho e preconceito de cada lado, que durante tanto tempo os mantêm separados, suas conversas tem o que só eles podem compartilhar. As observações vivas e desafiadoras de Elizabeth despertam o interesse dele de uma maneira especial; e na exigência de um retorno imediato, elas o desafiam” (HARDY, 1984, p. 43 – tradução livre).

utilizadas em uma tentativa de entender a construção do casamento no romance, levando em consideração as condições reais de vida da mulher em uma sociedade patriarcal, e as possibilidades que Austen tinha para escrever em uma tradição literária até então predominantemente masculina.

Como disse Williams, “se toda realidade tem que ser aprendida através do esforço de conseguir descrever, não se pode isolar a ‘realidade’ e colocá-la em oposição à ‘arte’, seja para louvá-la ou criticá-la” (apud CEVASCO, 2001, p. 53) – portanto, vamos partir do entendimento de que, em uma sociedade na qual a mulher das camadas médias era destinada exclusivamente ao casamento, Austen estaria refletindo o seu contexto social, de modo que a forma com que os casamentos serão construídos e negociados no romance deve ser um fator considerado acima do simples fato de funcionarem como a conclusão ideal a um romance “rather too light, too bright and sparkling”.

3. O casamento em *Pride and Prejudice* investigado em quatro partes

“*It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife*” (PP, 2010, p. 29).²⁰⁶ Assim começa *Pride and Prejudice*, e a frase, quase como uma proposição clássica, já indica que o tema investigado nas páginas seguintes será o casamento. De fato, tal fenômeno social é central no desenvolvimento do livro. Vemos como o diálogo inicial discute um pretendente potencial às filhas do casal que conversa, assunto que é retomado no capítulo seguinte. Logo um baile mostra os detalhes da corte e, quando chegamos ao capítulo quatro, está formado um casal apaixonado. Estranhamente, porém, não é esta dupla que se torna protagonista. O que levanta a questão: por que Jane Bennet e Mr. Bingley (ou mesmo os demais casais secundários) não prendem a atenção da narradora? Afinal, entre os quatro casamentos que se completam até o desfecho da história, a narrativa se concentra especialmente no desenvolvimento de *um*. Entender a razão dessa escolha pode ser importante para a compreensão dos significados do matrimônio no romance.

Essa escolha é tão intrigante, inclusive, que até o sexto capítulo a narradora parece indecisa mesmo quanto ao ângulo de sua narrativa. Ela é uma observadora distante no primeiro diálogo entre Mr. e Mrs. Bennet, e o leitor quase poderia confundir o gênero literário com uma peça de teatro; para usar o termo de Lubbock²⁰⁷, a narradora apenas *mostra* o que acontece, e em silêncio escuta Mr. Bennet sugerir que sua filha favorita seria Lizzy²⁰⁸, ao que a esposa responde: “(...) *Lizzy is not a bit better than the others; and I am sure she is not half so handsome as Jane, nor half so good-humored as Lydia. But you are always giving her the preference*” (PP, 2010, p. 31).²⁰⁹

Já temos, portanto, essa comparação entre as moças quando elas aparecem no segundo capítulo. Mr. Bennet fala primeiro com Lizzy e volta a atenção para ela. Mrs. Bennet reclama que Kitty pare de tossir e a moça, por sua vez, pergunta a Elizabeth quando seria seu próximo baile. Mr. Bennet se dirige então a Mary e, na sequência, Mrs. Bennet fala com Lydia. Não é

²⁰⁶ “*É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa*” (OP, 2011, p. 103).

²⁰⁷ De acordo com Ligia Chiappini Moraes Leite (1994, p. 14).

²⁰⁸ Apelido carinhoso de Elizabeth Bennet.

²⁰⁹ “(...) *Lizzy não é em nada melhor que as outras; e garanto que sua beleza não chega nem à metade da beleza de [Jane, nem à metade do bom humor de Lydia]. Mas você sempre a favorece*” (OP, 2011, p. 105 – com correção assinalada).

feita nenhuma menção direta a Jane. Sabemos apenas que ela é considerada a mais bela pelo que é dito anteriormente.

Na preparação para o baile (já no terceiro capítulo), não há um foco em nenhuma personagem em particular, e o modo narrativo do *mostrar* começa a perder espaço para o *narrar*, conforme a narradora faz mais interferências no texto. Quando o baile tem início, por exemplo, Mr. Bingley e Mr. Darcy são descritos com bastante cuidado, mas Elizabeth só aparece quase na metade do capítulo – e não de uma forma que a recomende: ela não conseguiu par para duas danças. Essa seria, na visão de Franco Moretti, a primeira bifurcação da narrativa, justamente o mau comportamento de Darcy e a rejeição sofrida por Elizabeth, uma alternativa “com certas consequências para o prosseguimento da história”, pois os dois protagonistas são, então, postos em conflito (2003, p. 6). No diálogo que se segue entre os dois cavalheiros, o leitor fica sabendo que Jane havia dançado com Mr. Bingley. Seguindo a observação de Moretti, esse seria um “enchimento da história”, mas tal escolha narrativa é bastante curiosa. Afinal, por que a rejeição sofrida por Elizabeth reteve a atenção da narradora enquanto Jane era lisonjeada com um convite para dançar com o pretendente apontado por seus pais? Não vemos como esse casal é apresentado, não sabemos quais são suas primeiras impressões, nem como se aproximam.

Então, no capítulo quatro, Jane e Elizabeth conversam sobre o baile. No contraste entre as duas, percebe-se que Jane é a típica heroína virtuosa dos romances da época de Austen. Ela é a mais bonita, nunca critica os outros, mas os vê – segundo diversas descrições que recebe – com olhos bondosos e inocentes. De acordo com Sandra Vasconcelos, as heroínas dos romances funcionavam como verdadeiros paradigmas de feminilidade, de modo que “a virtude, a moderação, a inocência, o decoro, o bom senso que se exigiam das mulheres eram também as qualidades de heroínas como Cecília, Camilla, Belinda, etc.; cuja educação era baseada na defesa intransigente da virtude (...)”. Para a autora, essa era uma virtude entendida dentro de um conjunto de regras que visavam principalmente à manutenção da castidade e, tanto na vida real quanto na ficção, as mulheres deveriam ser “pacientes, modestas, humildes e delicadas; não deviam almejar o conhecimento ou aspirar à vida intelectual, nem amar antes de serem amadas; uma vez casadas, deviam a seus maridos obediência e submissão”. Assim, Vasconcelos explica que, nos romances populares, não havia heroína que não fosse muito bela e delicada, e essas mulheres eram retratadas como sempre “propensas a desmaios frequentes e lágrimas abundantes” (2007, p. 133).

Mesmo que Jane Bennet não desmaie à toa ou chore abundantemente, ela ainda assim se encaixa nas características da heroína ideal, bela e modesta; ela é, inclusive, delicada a ponto de ficar vários dias doente e de cama. Nela o romance já conquistaria um casamento de “contos de fada”, visto que a atração entre Jane e Mr. Bingley está estabelecida desde o primeiro baile. Apesar de tudo isso, porém, a narradora inesperadamente se aproxima de Elizabeth, que em certo ponto do diálogo após o baile passa a escutar sua irmã em silêncio. A partir daí, temos acesso aos pensamentos da personagem num curto fluxo de consciência e, sutilmente, as lentes pelas quais a narradora vai observar todo o resto tornam-se os olhos, ouvidos e reflexões de Lizzy, com algumas importantes exceções ao longo da trama.²¹⁰

Ainda que já haja uma identificação da narradora com Elizabeth, porém, é apenas no sétimo capítulo que a posição da personagem como heroína do romance será consolidada, depois que Jane recebe um convite para jantar em Netherfield e sua mãe a obriga a ir cavalgando, na chuva. O que acontece no caminho, ou quando a moça chega à mansão, não sabemos. Ela fica doente, mas ainda assim a narradora se mantém ao lado de Elizabeth. Quando Elizabeth recebe notícias sobre a saúde de sua irmã e vai visitá-la em Netherfield, vamos com ela. Então se estabelece uma hierarquia na narrativa: o romance de Jane e sua aventura é um círculo menor dentro da trama maior que acompanha Elizabeth – enfim o centro indiscutível da história que a narradora quer contar.

²¹⁰ De acordo com Moretti, Austen foi quem melhor utilizou o estilo indireto livre em sua época, desenvolvendo todas as suas potencialidades. Segundo o autor, esse estilo é uma mistura curiosa, “com um igualmente curioso vaivém no decorrer do tempo: frequente na Idade Média mas raro no Renascimento; (...) pouco comum no século XVIII; e no XIX, quando se torna uma espécie de quintessência estilística do romance europeu, as coisas são tudo, menos lineares”. Na Inglaterra, por volta de 1800 “o indireto livre paira claramente no ar” (2003, p. 25). Em geral, diz Moretti, o estilo indireto livre aparece em pontos específicos do texto, “próximo das grandes reviravoltas da narrativa: momentos de dúvida, temor, excitação e sobretudo (...) nostalgia”. Isso permitiria vencer a distância que há no discurso entre narrador e personagem. “Ao se acerrar desses desdobramentos, então, quem escreve se depara com uma bifurcação: pode realçar a superioridade do narrador sobre a personagem com um trecho didático ou exprimir a sua tendência à igualdade por meio do indireto livre. Uma coisa ou outra” (2003, p. 25). O autor diz ainda que essa não é apenas uma questão de estilo, mas da forma como se entende literatura: como uma ferramenta didática (que é como alguns contemporâneos de Austen costumavam enxergá-la), ou não. O que Moretti vai investigar é justamente por que Austen se diferencia das demais, usando o estilo indireto livre de forma tão mais flexível que suas rivais. Para Moretti, o estilo indireto livre “deixa um espaço livre à voz individual (e um espaço *variável*, conforme as personagens e as circunstâncias: exatamente como sucede às pessoas de carne e osso no curso de sua socialização) mas ao mesmo tempo mistura e subordina a expressão individual ao tom abstrato e suprapessoal do narrador”. O autor diz que, na relação entre os discursos de Austen [mas podemos também pensar na narradora do romance] e de Elizabeth, “parece quase emergir uma *terceira* voz, uma voz intermediária e quase *neutra* — (...) a voz do contrato social firmado, a voz do indivíduo socializado” – um contrato que preservaria o tom individual dentro de um processo de socialização moderno. Moretti diz que, “por um lado, o capitalismo moderno de fato necessita de energias subjetivas um pouco além da média; quer a originalidade e o espírito empreendedor de uma Elizabeth Bennet, por assim dizer (pelo menos da classe média para cima). Por outro, a racionalização das relações sociais exige o nivelamento, a ‘impessoalidade’ e a abstração tão bem representados pela voz narrativa de Austen” (2003, p. 25).

Segue-se a isso que o relacionamento entre Elizabeth e Mr. Darcy será o fio norteador da narrativa. De fato, Moretti aponta como a segunda bifurcação do romance o primeiro pedido de casamento que Elizabeth recebe de Darcy (trinta e um capítulos depois da primeira bifurcação), trazendo uma nova alternativa para a história. A última bifurcação, depois de mais vinte e sete capítulos, traz o desfecho da narrativa – “Três bifurcações”, diz Moretti, “início, meio e fim; bem geométrico, bem Austen” (2003, p. 6). As formas como os demais casamentos se desenvolvem, então, funcionam como fatores de aproximação ou distanciamento do casal principal, complicação ou resolução da trama. E da mesma forma com que Elizabeth representa certo ideal feminino, nos termos de “criatura racional”, servindo de oposição às personagens secundárias, o seu casamento torna-se a medida para os demais – a ponto de a narradora dizer²¹¹, no momento em que a união da heroína com Mr. Darcy parecia impossível: “... *no such happy marriage could now teach the admiring multitude what connubial felicity really was*” (PP, 2010, p. 353).²¹²

Por que este casamento é o exemplo de felicidade conjugal? Na comparação com os demais, podemos perceber algumas teses defendidas pelo romance, e talvez seja possível distinguir quatro proposições presentes em *Pride and Prejudice* sobre o casamento, sendo que todas elas se relacionam de uma forma ou de outra com as questões de classe e de gênero debatidas no contexto sócio-histórico da passagem do século XVIII ao XIX. A primeira dessas proposições começa a ser desenhada em uma oposição direta ao casamento de Elizabeth, quando, referindo-se à união entre Lydia e Wickham, a narradora desenvolve a seguinte análise:

An union of a different tendency, and precluding the possibility of the other, was soon to be formed in their family.

How Wickham and Lydia were to be supported in tolerable independence, she could not imagine. But how little of permanent happiness could belong to a couple who were only brought together because their passions were stronger than their virtue, she could easily conjecture. (PP, 2010, p. 353)²¹³

²¹¹ Patricia Meyer Spacks aponta corretamente para o fato de que, nessa frase, é difícil definir com precisão se essa observação é uma ironia de Elizabeth “às suas custas”, ou a ironia da narradora sobre a imaginação da personagem (2010, p. 353 – tradução livre).

²¹² “Mas nenhum casamento feliz poderia agora ensinar à multidão admirada o que era a verdadeira felicidade conjugal” (OP, 2011, p. 445).

²¹³ “(...) Uma união de tendência diversa, excluindo a possibilidade da outra, estava prestes a se formar dentro da família delas.

Como Wickham e Lydia haveriam de se manter em razoável independência, ela não conseguia sequer conjecturar. Mas quão pouca felicidade poderia caber a um casal que apenas se aproximara por suas paixões serem mais fortes que suas virtudes, ela podia facilmente imaginar” (OP, 2011, p. 445).

Nessa aproximação com os pensamentos de Elizabeth, a narradora reflete sobre a improbabilidade de um casal sem virtude conquistar uma felicidade duradoura no casamento, visto que “*their passions were stronger than their virtue*” (algo que, de fato, também era atestado por diversos romances da época de Austen²¹⁴). A partir disso, tem-se uma primeira proposição do romance sobre o casamento ideal: **a virtude deve superar a paixão.**

Segundo Alan MacFarlane (1990, p. 162), havia uma corrente predominante na literatura moralista da época que sugeria três razões principais para justificar o casamento, entre as quais estaria justamente o objetivo de se evitar a “fornicação” e o “pecado”.²¹⁵ Nesse sentido, Roy Porter explica que a defesa da virtude era recorrente naquela sociedade, sendo que mesmo as *bluestockings* (mulheres pertencentes ao movimento *Blue Stockings Society*) esperavam castidade e submissão das mulheres perante os homens. Quando Mary Wollstonecraft engravidou fora do casamento, foi friamente ignorada por suas amigas, que talvez quisessem proteger a própria reputação; e Elizabeth Montagu dizia que “wit, in women is apt to have bad consequences (...) like a sword without a scabbard, it wounds the wearer and provokes assailants. I am sorry to say the generality of women who have excelled in wit have failed in chastity”²¹⁶ (apud PORTER, 1991, p. 23). Porter também levanta as análises de Dr. Johnson, para quem a castidade da mulher era de suma importância na sociedade, “as all property depends on it”²¹⁷ (apud PORTER, 1991, p. 25).

É interessante notar os significados que essa declaração de Dr. Johnson sobre castidade pode adquirir, a partir das definições que Tony Tanner levanta para a palavra “property”: há uma aproximação entre o que era apropriado (“propriety”), no sentido de correto, recomendado, e o que se referia a “property” enquanto “propriedade material”.²¹⁸

²¹⁴ A crítica já apontou, inclusive, algumas aproximações entre a obra de Austen e o romance *Pamela*, de Richardson, cuja heroína foi recompensada com um bom casamento no final da trama por não ter aberto mão de sua virtude. Sobre isso, ver: Vasconcelos (2007, p. 132).

²¹⁵ As outras duas razões para o casamento elencadas por MacFarlane são: a procriação e, por último, “a mútua convivência, ajuda e conforto”, que um deveria prestar ao outro (1990, p. 162). A procriação não é abertamente discutida em *Pride and Prejudice*, apesar de uma das qualidades de Jane Bennet ser exatamente seu instinto maternal, demonstrado em certo ponto da narrativa, quando ela fica responsável por cuidar dos primos menores para que Elizabeth possa viajar com os tios. A questão da mútua convivência, ajuda e conforto, porém, é debatida diversas vezes.

²¹⁶ “sagacidade em mulheres tende a ter consequências ruins (...) como uma espada sem bainha, que fere o usuário e provoca assaltantes. Lamento dizer que a generalidade das mulheres que se destacaram em inteligência falharam em castidade” (apud PORTER, 1991, p. 23 – tradução livre).

²¹⁷ “visto que todo propriedade depende disso” (apud PORTER, 1991, p. 25 – tradução livre).

²¹⁸ “The convergence of the importance of ‘property’ and ‘propriety’ is clearly marked by a shift in etymology – and here I am indebted to a student at King’s College, David Badiell. He pointed out to me that ‘propriety’ was defined by Dr. Johnson as ‘peculiarity of possession: exclusive right’, that F. S. Cohen in his ‘Dialogue on Private Property’ defines ‘property’ as ‘the essence of all that is proper’; and that, while the Oxford English Dictionary gives the first meaning of ‘propriety’ as ‘the fact of owning something’, the seventh meaning is given as ‘conformity with good manners’ and the date given for the first example of that usage is 1782 – in the work of

Nesse sentido, podemos perceber como, apesar de a preocupação social com a castidade ter conexões com a ideologia religiosa (numa oposição ao pecado), o que se discute em *Pride and Prejudice* quanto à virtude adquire muito mais um caráter material. No caso das relações entre Lydia e Wickham fora do casamento, “(...) the language of ‘wildness’ is applied to Lydia’s blithe disregard for the claims of society, but the spirit of analysis remains overwhelmingly secular”, de modo que, mesmo que a carta de Mr. Collins lida no sexto capítulo do terceiro volume faça referências sobre a culpa moral da moça, “the real issue is the shame brought on her family, and its ruinous effects on the marriage prospects of the other daughters”²¹⁹ (KNOX-SHAW, 2004, p. 99). Assim, muito mais do que se preocupar com algum pecado que Lydia tenha cometido, a narrativa se concentra na perda de oportunidades materiais que esse erro irá incutir na família da personagem. Tanner (1986, p. 19) explica que foi a partir de eventos relacionados com a Revolução Francesa e a consequente intensificação da preocupação inglesa com padrões de moral e maneiras que o significado de “propriety”, antes expressando ideias de posse, passa a englobar cada vez mais noções de correção de comportamento.

Ainda que o significado da palavra tenha se transformado nesse contexto, porém, a preocupação material, de manutenção da propriedade privada, sempre esteve conectada com o controle sobre a sexualidade feminina. Isso porque, como explica Engels, foi a partir do surgimento da propriedade (com a domesticação de animais e consequente sedentarismo do homem), que a fidelidade da mulher passa a ser controlada de perto, para que se assegurasse a paternidade dos filhos e herdeiros do patrimônio masculino. A mulher é, então, entregue ao poder do homem – primeiramente de seu pai, e depois do seu esposo²²⁰ (2002, p. 60) – e, a partir daí, viu-se “degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em

Fanny Burney!” [“A convergência da importância da ‘propriedade’ e ‘apropriado’ [adequado] é claramente marcada por uma mudança na etimologia - e aqui estou em dívida para com um estudante do King’s College, David Badiell. Ele apontou para mim que ‘propriedade’ foi definida por Dr. Johnson como “peculiaridade de posse: direito exclusivo”, que FS Cohen em seu ‘Diálogo sobre Propriedade Privada’ define ‘propriedade’ como ‘a essência de tudo o que é bom’; e que, enquanto o Dicionário de Inglês Oxford dá o primeiro significado de ‘propriedade’ como ‘o fato de possuir alguma coisa’, o sétimo sentido é dado como ‘de conformidade com as boas maneiras’ e a data prevista para o primeiro exemplo de seu uso é 1782 - no trabalho de Fanny Burney!”] (TANNER, 1986, p. 19 – tradução livre).

²¹⁹ “(...) a linguagem de ‘selvageria’ é aplicada à desconsideração jovial de Lydia para com as reivindicações da sociedade, mas o espírito de análise continua predominantemente secular. (...) a verdadeira questão é a vergonha causada à sua família, e seus efeitos desastrosos sobre as perspectivas de casamento das outras filhas” (KNOX-SHAW, 2004, p.99 – tradução livre).

²²⁰ Na Grécia antiga, a mulher estava tão submetida ao homem que este podia decidir partilhá-la com um amigo, “e era considerado decente pôr a própria mulher à disposição de um vigoroso ‘garanhão’ (como diria Bismarck), ainda que este não fosse um concidadão”, de modo que, segundo Engels, ainda que as mulheres gregas fossem mais respeitadas do que as mulheres do período civilizado, não passavam de mães para herdeiros e vigias da casa (2002, p. 60).

simples instrumento de reprodução”, e Engels explica como essa baixa condição feminina, que era claramente manifestada nos tempos antigos, ainda existia em sua própria época. Além disso, o autor enfatiza que tal posição degradada era “gradualmente retocada, dissimulada e, em certos lugares, até revestida de formas de mais suavidade, mas de maneira alguma suprimida” (2002, p. 55).

Foi a sociedade do século XVIII, segundo Patrícia Meyer Spacks²²¹, que “estabeleceu uma fronteira absoluta entre a conduta virtuosa e a conduta não virtuosa nas mulheres”; completando a análise, Vasconcelos (2007) enfatiza que isso ocorreu dentro de uma distinção clara de classe, pois “enquanto se esperava que as mulheres das camadas média e alta fossem castas e que não se comportassem como seres sexuais, havia muito menos restrições em relação às mulheres das camadas mais baixas”²²², sendo que o controle da sexualidade feminina dentro do patriarcado seria, então, um sintoma do domínio masculino sobre elas. Ainda segundo Vasconcelos, “vista como volúvel e propensa à excitação sexual, a mulher era considerada uma ameaça à família nuclear monogâmica. Por isso, devia ser controlada de perto, notadamente mediante a apologia da castidade e a negação da paixão sexual”. Tais normas de comportamento não eram aplicadas aos homens, de quem não se esperava nem fidelidade nem castidade, e isso gerou, segundo a autora, um “duplo padrão de conduta” (2007, p. 129-130).

Mesmo entre Elizabeth e Mr. Darcy, há certo desejo sexual escondido no cumprimento dos padrões de comportamento, mas ao analisar o ritual de aproximação amorosa entre os dois, Knox-Shaw (2004, p. 87) aponta como o relacionamento dos personagens, ainda que esteja sempre se aproximando de alguma tensão sexual, acaba superando esse lado instintivo por meio do predomínio da razão. De fato, o autor lembra que os instintos que sobreviveram da pré-história permanecem na vida social de “requinte civil”, de modo que o namoro (ou *courtship*) ensaiaria o que ele chama de “grande drama da sociabilidade”. Aqui entrariam em jogo, portanto, tanto o *requinte* quanto a *vida instintiva*, no que se refere à busca por um parceiro social.²²³

²²¹ SPACKS, Patrícia Meyer. “Ev’ry Woman is at Heart a Rake”. *Enlightenment-Century Studies*, n. 1, vol. 8, outono de 1974, p. 27 (apud VASCONCELOS, 2007).

²²² De acordo com Vasconcelos, “essas idéias que começaram a se propagar no começo do século [XVIII] eram, sem dúvida, uma reação ao ‘libertinismo’ e à ‘licenciosidade’ criticados como típicos do período da Restauração. A sátira às mulheres e a uma psicologia feminina fundada na hipocrisia, dissimulação, cupidez, tagarelice, coqueteria e instabilidade dos humores, clichês da comédia da Restauração, já não tinha lugar nos novos tempos” (2007, p. 131).

²²³ Knox-Shaw destaca o trabalho de Knight, *Analytical Inquiry* (1805), no qual se enfatiza que o caminho da dança atravessa os mundos divididos do instinto e do requinte, liberando energia animal ao mesmo tempo em que funciona como uma “expressão natural do sentimento refinado ou elevado” (2004, p. 87).

Elizabeth and Darcy's relationship moves forward by fits and starts, gathering from every setback the energy for a new break. In retrospect it appears to Elizabeth that they have each 'improved in civility', but reproachful behavior seems to have speeded them on their way (367). Sexual attraction and civility make uneasy bedfellows, for if 'incivility' towards the outside world is 'the very essence of love' (an aphorism based on Adam Smith), it is also a condition that afflicts lovers themselves. (...) All this is more than enough to account for Elizabeth's refusal of Darcy, but the particular outrage of the proposal, when it comes, points to a strong undertow of the irrational in their relationship.²²⁴ (2004, p. 87-88)

A única causa racional para a desaprovação de Darcy a Elizabeth, explica o autor, seria um preconceito pelas conexões sociais da heroína, preconceito este que vimos estar relacionado a questões de classe vinculadas à ascensão da burguesia. Mas Knox-Shaw mostra como a presença de um forte desejo, que resiste à tentativa consciente de controle, é a maior causa de irritação para Darcy. Da mesma forma, quando Elizabeth admite ter tomado um verdadeiro desgosto contra ele, Knox-Shaw nos alerta para não confiar na explicação da personagem: "(...) For her, as much as for Darcy, dislike masks an underlying attraction. On the subject of sexual allure *Pride and Prejudice* is as eloquent as it is inexplicit"²²⁵ (2004, p. 88). Assim, o processo de corte entre os personagens torna-se um verdadeiro jogo de dança e contradança entre razão e irracionalidade no relacionamento dos dois. James Thompson (apud KNOX-SHAW, 2004, p. 90), diz que é justamente no implícito da narrativa que Austen desenvolve certa profundidade emocional: por meio de uma "restrição linguística", ela sugeriria uma presença de coisas que vão além dos limites da linguagem, dando "form to 'an imaginative world of inner experience'"²²⁶.

Além da questão da virtude, porém, há ainda outros pontos negativos levantados pela narrativa em sua análise do casamento entre Lydia e Wickham, que teria ainda outro defeito. Na conclusão do romance, a narradora (em uma nova aproximação com os pensamentos de Elizabeth) resume o estado final em que a história deixa os personagens e, para a mais jovem dos Bennet, o resultado é o seguinte:

²²⁴ "O relacionamento de Elizabeth e Darcy avança aos trancos e barrancos, recolhendo de cada revés a energia para uma nova reptura. Em retrospecto, parece a Elizabeth que ambos 'melhoraram em civilidade', mas o comportamento repreensivo parece tê-los acelerado em seu caminho (367). Atração sexual e civilidade são companheiros inquietos, pois se 'incivilidade' para o mundo exterior é 'a verdadeira essência do amor' (um aforismo baseado em Adam Smith), é também uma condição que aflige os próprios amantes. (...) Tudo isso é mais do que suficiente para explicar a recusa de Elizabeth a Darcy, mas o ultraje particular da proposta, quando ela vem, aponta para uma forte contracorrente do irracional em seu relacionamento" (KNOX-SHAW, 2004, p. 87-88 – tradução livre).

²²⁵ "(...) Para ela, tanto quanto para Darcy, o desgosto mascara uma atração subjacente. Na matéria de atração sexual, *Orgulho e Preconceito* é tão eloquente quanto é implícito" (KNOX-SHAW, 2004, p. 88 – tradução livre).

²²⁶ "forma a um mundo imaginário de experiência interior" (THOMPSON, apud KNOX-SHAW, 2004, p. 90 – tradução livre).

As for Wickham and Lydia, their characters suffered no revolution from the marriage of her sisters. (...)

(...) It had always been evident to her [Elizabeth] that such an income as theirs, under the direction of two persons so extravagant in their wants, and heedless of the future, must be very insufficient to their support; and whenever they changed their quarters, either Jane or herself were sure of being applied to, for some little assistance towards discharging their bills. Their manner of living, even when the restoration of peace dismissed them to a home, was unsettled in the extreme. They were always moving from place to place in quest of a cheap situation, and always spending more than they ought. His affection for her soon sunk into indifference; her's lasted a little longer; and in spite of her youth and her manners, she retained all the claims to reputation which her marriage had given her. (PP, 2010, p 429-430)²²⁷

Assim, de acordo com a própria Elizabeth “[i]t had always been evident (...) that such an income (...) must be very insufficient to their support”. Conectada com a análise da pobreza material do casal, está a conclusão dos seus sentimentos, que “afundam” junto com sua condição financeira, sendo que a queda material e sentimental é relacionada, ainda, à falta de mérito moral de Lydia. Haveria, portanto, na análise de Elizabeth, certa relação entre mérito, a falta de segurança financeira e o fim da afeição conjugal.

Nesse sentido, MacFarlane explica que, para se realizar um casamento bem-sucedido no período que vai do século XV ao XIX, os ingleses acreditavam ser necessário ter quatro tipos de posses: primeiro, era preciso ter onde morar (de preferência uma casa própria); segundo, o casal precisaria adquirir “móveis, utensílios de cozinha, camas e roupas”; terceiro, “era essencial uma perspectiva de rendimentos seguros pelos anos seguintes” (ou seja, uma renda proveniente de terras, investimentos, profissão ou comércio); quarto, “era aconselhável ter algum dinheiro à mão – para cobrir os custos iniciais, para os gastos dispendiosos com o nascimento de filhos e para a eventualidade de acidentes e doenças” (1990, p, 271). Assim, o casamento para os ingleses era uma escolha que resultava de um cálculo pragmático de custos e benefícios – tanto para homens quanto para mulheres (1990, p. 325), de modo que uma segunda proposição do romance sobre o casamento está de acordo com o pensamento vigente na época: **a segurança econômica é a base necessária à manutenção dos sentimentos.**

²²⁷ “Quanto a Wickham e Lydia, o caráter de ambos não sofreu nenhuma revolução com o casamento das irmãs. (...) Sempre fora evidente para ela [Elizabeth] que uma renda como a daqueles dois, sob gestão de pessoas tão extravagantes em suas necessidades e descuidadas com o futuro, haveria de ser insuficiente para sustentá-los; e, sempre que eram transferidos, Jane ou ela eram certamente solicitadas em alguma pequena ajuda para acertarem suas contas. O modo de vida dos dois, mesmo depois que a restauração da paz permitiu que fossem para uma casa, era instável ao extremo. Estavam sempre mudando de lugar em lugar atrás de algo mais barato, e sempre gastando mais do que deviam. O amor que ele tinha por ela logo afundou na indiferença; o dela por ele durou um pouco mais; e, apesar da juventude e dos modos dela, ainda conservou a reputação que o casamento lhe dera” (OP, 2011, p. 530-531).

Segundo a concepção materialista, a produção e a reprodução da vida é o fator decisivo na história,²²⁸ e a própria origem do casamento estaria relacionada a fatores econômicos: a partir da domesticação de animais, relações inteiramente novas foram criadas para controle da propriedade privada, conforme novas possibilidades de acúmulo de riqueza surgiam. Dessa forma, à medida que as riquezas aumentavam, o homem adquiriu uma posição mais importante que a da mulher na família, e ele acabou por aproveitar essa vantagem para modificar as formas como se lidava com a herança – até então regida pelo direito materno.

Esse direito teria que ser abolido, e o foi. E isto não foi tão difícil quanto hoje nos parece. Tal revolução – uma das mais profundas que a humanidade já conheceu – não teve necessidade de tocar em nenhum dos membros vivos da gens. Todos os membros da gens puderam continuar sendo o que até então haviam sido. Bastou decidir simplesmente que, de futuro, os descendentes de um membro masculino permaneceriam na gens, mas os descendentes de um membro feminino sairiam dela, passando à gens de seu pai. Assim, foram abolidos a filiação feminina e o direito hereditário materno, sendo substituídos pela filiação masculina e o direito hereditário paterno. Não sabemos a respeito de como e quando se produziu essa revolução entre os povos cultos, pois isso remonta aos tempos pré-históricos. (ENGELS, 2002, p. 54)

Engels considera esse desmoronamento do direito materno, em prol da propagação da propriedade privada pela descendência masculina, como “a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo” (2002, p. 55). Vimos como ela será, então, monitorada em sua sexualidade e submetida ao poder e controle do homem. Isso está de acordo com os quatro deveres da mulher casada, na Inglaterra do século XVIII, levantados por Porter – especialmente no que se refere ao primeiro dever: o de obedecer seu marido, o que mostra como o caráter da submissão feminina não foi de forma alguma superado entre a origem do patriarcado (que Engels localiza na pré-história) até o período chamado civilizado. As outras tarefas da mulher enquanto esposa eram, segundo Porter, a procriação, o cuidado com a casa e um comportamento adequadamente feminino, que englobava as habilidades para entreter o marido, como canto, dança, decoração, desenho, entre outros²²⁹ (1991, p. 27-28).

Já vimos anteriormente como essas qualidades passaram a ser a base da educação da mulher, que será treinada para cumprir seu papel social e se casar. De acordo com Porter, as jovens mulheres eram cultivadas para o casamento e, segundo ele, com razão, porque se uma

²²⁸ De acordo com Engels, “(...) essa produção e essa reprodução são de dois tipos: de um lado a produção de meios de existência, de produtos alimentícios, habitação, e instrumentos necessários para tudo isso; de outro lado, a produção do homem mesmo, a continuação da espécie. A ordem social em que vivem os homens de determinada época ou determinado país está condicionada por essas duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho, de um lado, e da família, de outro” (2002, p. 7-8).

²²⁹ Ver discussão sobre as habilidades femininas no capítulo 2.

filha falhasse em conseguir um marido, ela se tornaria “an old maid” [uma solteirona]: “a burden on her family, forced into a frustrating post as lady’s companion or governess, with no independence and existing in an impoverished no-man’s land between family and servants”.²³⁰ O autor ainda explica que quando um homem procurava maridos para suas filhas no “mercado matrimonial” do período georgiano, as suas primeiras preocupações eram econômicas e sociais: ele buscava segurança, conexões, títulos ou terras – sendo que considerações quanto ao amor e à inclinação eram secundárias (1990, p. 26).

Tais preocupações com o “mercado matrimonial”, no entanto, não significavam que o direito à escolha conjugal pertencesse aos pais dos interessados. MacFarlane explica que, apesar de a iniciativa de localizar um possível parceiro para o casamento poder de fato ser efetuada por uma série de pessoas (pais, parentes, amigos, senhores), e ainda que a seleção do pretendente devesse ser submetida ao conselho de amigos e da família, a escolha inicial costumava ser feita pelo próprio casal, com base na atração mútua (1990, p. 135). A última palavra, portanto, ainda era dos noivos – e, como outros *contratos*, o casamento não era válido sem o livre consentimento dos próprios parceiros²³¹ (1990, p. 143).

É justamente a configuração social do casamento como se estabelece aqui que levou Engels a declarar: “a ironia da história do mundo é insondável – seria precisamente o capitalismo que abriria nesse modo de matrimônio a brecha decisiva”. A brecha a que o autor se refere vem da transformação de todas as coisas em mercadoria, inclusive o casamento, sendo que a produção capitalista teria sido justamente o que acabou com as antigas relações tradicionais e instituiu o “livre” contrato. Para firmar contratos, as pessoas devem poder dispor livremente de si mesmas, de suas ações e de seus bens, sendo que criar essas pessoas “livres” e “iguais” foi, para Engels, uma das principais tarefas da produção capitalista.

²³⁰ “um fardo para a família, forçada a um posto frustrante como companhia a senhoras ou governanta, sem independência e existindo em uma empobrecida terra-de-ninguém, entre família e servos” (PORTER, 1990, p. 26 – tradução livre).

²³¹ Essa liberdade de escolha e a não obrigatoriedade do consentimento dos pais vigorou na Inglaterra por um longo período. Do século XII ao século XX, casamentos entre homens de mais de quatorze anos e mulheres de mais de doze não precisavam de consentimento ou testemunhas para serem válidos. Curiosamente, porém, foi exatamente no período em que Austen viveu que a lei do casamento sofreu modificações, pelo Ato do Casamento de Hardwick, de 1753 (26 Geo. II, cap. 33 apud MacFARLANE), que vigorou até 1823: “Justamente quando se processava, na opinião de muitos comentadores, a grande passagem do sistema de casamento arranjado pela família para a escolha individual, é que o direito inglês torna ilegal o casamento de menores de 21 anos, que não fossem viúvos ou viúvas, sem o consentimento dos pais ou tutores. Assim, Coleridge pôde escrever, no começo do século XIX, que ‘até os 21 anos, um pai tem poderes sobre os filhos quanto ao casamento; depois disso, só autoridade e influência’, uma observação que seria inadequada entre o século XIII e meados do XVIII. (...) A lei de Hardwick foi substituída pelo Estatuto III (G. IV, cap. 75, de 1823), e Blackstone observa que ‘pelo presente ato, i.e. stat. 4. G. IV. C. 76,16, visa-se a obtenção do consentimento; mas, ainda que não ocorresse nem por isso o casamento seria declarado nulo ou anulável’” (MacFARLANE, 1990, p. 138).

Apesar de que, no começo, isto não se fez senão de uma maneira meio inconsciente e, além do mais, sob o disfarce da religião, a partir da Reforma luterana e calvinista, ficou fortemente assentado o princípio de que o homem não é completamente responsável por suas ações senão quando as pratica em pleno livre arbítrio, e que é um dever ético a oposição a tudo que o constrange à prática de um ato imoral. Mas como pôr de acordo esse princípio com as práticas usuais até então, para contratar o casamento? Segundo o conceito burguês, o matrimônio era um contrato, uma questão de Direito, e certamente a mais importante de todas, pois dispunha de corpo e da alma de dois seres humanos para toda a vida. É verdade que, naquela época, o matrimônio era o acordo formal de duas vontades; sem o “sim” dos interessados, nada se fazia. (ENGELS, 2002, p. 74-75)

O autor sugere, porém, que este “sim” poderia ser obtido (à força ou por chantagem) dos noivos. Também de acordo com MacFarlane, “embora as regras do jogo favorecessem os filhos, eles sofriam fortes pressões por parte daqueles que tinham interesse em suas vidas”. Mesmo que os pais carecessem de direito moral para decidir sobre a união, tinham o poder econômico e social para influenciar seus filhos a decidir de acordo com a vontade paterna. MacFarlane ainda explica que havia certa hierarquia na força dessa influência, sendo que era mais difícil controlar os filhos mais velhos, os homens eram menos controláveis que as mulheres e os primogênitos mais dependentes de heranças. Quanto mais recursos os pais possuísem, maior seria a influencia que poderiam exercer – sendo que os poderes dos grandes senhores de terra eram muito maiores do que os de pais de filhos que precisavam trabalhar. MacFarlane explica, então, que o ideal da classe média era que os pais aconselhassem os filhos e sugerissem possíveis parceiros “(...) insistindo para que a paixão ‘não virasse a cabeça’ dos filhos, ‘não os arruinasse’ nem os levasse a transpor aquelas linhas invisíveis de *status* social que eram tão importantes” (1990, p. 143).

Em *Pride and Prejudice*, depois de observar a sociabilidade entre Mr. Wickham e Elizabeth, a tia da moça considera necessário instruir a sobrinha para que não entre em um relacionamento que seria desvantajoso para ambos. Tal conselho é considerado “*punctually and kindly*”, dado numa oportunidade “*favourable*” e de forma honesta (*honestly*).

"You are too sensible a girl, Lizzy, to fall in love merely because you are warned against it; and, therefore, I am not afraid of speaking openly. Seriously, I would have you be on your guard. Do not involve yourself, or endeavour to involve him in an affection which the want of fortune would make so very imprudent. I have nothing to say against him; he is a most interesting young man; and if he had the fortune he ought to have, I should think you could not do better. But as it is—you must not let your fancy run away with you. You have sense, and we all expect you to use it. Your father would depend on your resolution and good conduct, I am sure. You must not disappoint your father." (PP, 2010, p. 184)²³²

²³² “Você é uma moça sensata demais, Lizzy, para se apaixonar só porque alguém lhe previne do contrário; e, portanto, não tenho receio de falar abertamente. De verdade, achei melhor que você fosse alertada. Não se envolva, nem tente se envolver com ele em uma relação que a falta de renda tornaria tão imprudente. Não tenho

Assim, Mrs. Gardiner, que já vimos ser uma personagem bem recomendada no romance, sendo inclusive considerada inteligente, dá à Elizabeth um conselho revestido de adjetivos positivos. Que Elizabeth não se envolva em um relacionamento imprudente, pela falta de base material, é um argumento considerado positivo. E entre os motivos para isso estão os apelos para que Elizabeth use a razão (*sense*) e não desaponte seu pai – que espera dela uma boa conduta. A boa conduta de Elizabeth em relação à sua família engloba o bom casamento, e no final do romance observa-se como sua união com Mr. Darcy beneficia até mesmo o casal Gardiner. Elizabeth não se opõe ao conselho da tia e agradece a gentileza das dicas. A conclusão do pequeno diálogo é a seguinte: “(...) *they parted; a wonderful instance of advice being given on such a point, without being resented*” (PP, 2011, p. 185)²³³.

Assim, apesar de o consentimento paterno não ser estritamente necessário na Inglaterra, e de haver bastante liberdade de escolha dos noivos, a pressão familiar com base em interesses econômicos e sociais persistia. Ainda mais porque, de acordo com Macfarlane (1990, p. 274-275), o dote da mulher e a herança do homem funcionavam exatamente como um controle sobre o casamento. Caso a filha decidisse se casar cedo, por exemplo, não havia como impedi-la, mas seus pais poderiam argumentar que não tinham ainda um dote para dar a ela. Os homens também poderiam ser deserdados (como vemos acontecer em *Sense and Sensibility*). É por isso que Engels atesta que, mesmo o direito inglês não colocando a condição legal do consentimento ao casamento, “a liberdade para contrair matrimônio, entre as classes que têm algo a herdar, não é, de fato, nem um pouquinho maior na Inglaterra e na América do que na França e na Alemanha” (p. 69). Também MacFarlane (1990, p. 147) diz que “no jogo de tensões entre a emoção individual (psicológica) e os interesses de longo prazo (econômicos), quem levava vantagem eram os filhos da classe média e dos pobres, e os pais dos ricos”.

Segundo Porter, entretanto, dentro das classes burguesa e de proprietários de terra, o caráter da conveniência do casamento passou por algumas mudanças e, embora em 1800 as mulheres ainda estivessem em desvantagem perante a lei, e ainda excluídas da vida pública, cada vez mais pessoas aceitavam o direito superior de escolha pessoal por afeto, ou mesmo amor, quando decidiam iniciar a vida conjugal – e casar-se por amor passou a ser algo

nada contra ele; é um rapaz, aliás, muito interessante; e, se ele tivesse de fato o que deveria ter, eu também achari o melhor para você. Mas não sendo o caso – você não pode deixar sua fantasia acabar com você. Você tem bom senso, e todos esperamos que faça uso dele. Seu pai conta com sua decisão e sua boa conduta, tenho certeza. Não pode desapontar seu pai” (OP, 2011, p. 263).

²³³ “(...) separaram-se; um maravilhoso conselho na hora exata, sem nenhum ressentimento” (OP, 2011, p. 264).

respeitável. Como exemplo dessa mudança no pensamento inglês sobre os motivos do casamento, Porter cita justamente Jane Austen, que disse: “Anything is to be preferred or endured (...) rather than marrying without affection... Nothing can be compared to the misery of being bound without love”²³⁴ (apud PORTER, 1991, p. 28-29).

Talvez seja o casamento entre Charlotte Lucas e Mr. Collins, porém, o melhor estudo do romance em sua investigação sobre a atuação das “conveniências” na união entre duas pessoas, sendo que, de acordo com Knox-Shaw, “it is Elizabeth’s taste of life with the Collinses... that conveys most immediately the stifling quality of marriage without affection, and the view from the Parsonage – nestled against the palings of Rosings Park – gives further insight into an existence lived in the shadow of ‘the stateliness of money and rank’”²³⁵ (2004, p. 92).

O debate sobre a natureza dessa união tem início não no momento em que Charlotte aceita a proposta de Mr. Collins, mas já no capítulo seis, durante um diálogo entre a moça e Elizabeth, no qual a posição das duas personagens quanto ao assunto fica estabelecida. Enquanto discutem a situação de Jane e Mr. Bingley, Charlotte defende:

“(...) Jane should therefore make the most of every half hour in which she can command his attention. When she is secure of him, there will be leisure for falling in love as much as she chuses.”

“Your plan is a good one,” replied Elizabeth, “where nothing is in question but the desire of being well married; and if I were determined to get a rich husband, or any husband, I dare say I should adopt it. But these are not Jane’s feelings; she is not acting by design. (...)”. (PP, 2010, p. 55-56)²³⁶

Para Charlotte, Jane deveria antes de tudo “fechar o negócio” do casamento com Mr. Bingley, para somente depois pensar sobre seus próprios sentimentos. Elizabeth então argumenta que esse seria um bom esquema para quem quisesse apenas conseguir um marido rico. Ela diz: “*to get a rich husband*”, e é muito difícil não se sentir incomodado com o caráter de mercadoria negociável com que se trata um marido aqui – o parceiro é coisificado dentro do esquema casamenteiro de Charlotte, que na verdade é apenas um reflexo dessa

²³⁴ “Tudo é preferível e é melhor suportar (...) em vez de se casar sem afeto... Nada se compara à desgraça de se prender sem amor” (apud PORTER, 1991, p. 28-29 – tradução livre).

²³⁵ “É a experiência que Elizabeth tem da vida com os Collins ... que transmite mais imediatamente a qualidade sufocante de um casamento sem afeto, e a vista a partir da Parsonage - aninhada contra os pilares de Rosings - dá uma visão mais aprofundada de uma existência vivida à sombra da ‘imponência de dinheiro e status’” (KNOX-SHAW, 2004, p. 92 – tradução livre).

²³⁶ ““(...) Jane deveria aproveitar ao máximo cada meia hora em que puder dominar a atenção dele. Quando estiver segura dos sentimentos dele, haverá ocasião para ela se apaixonar o quanto quiser.’ ‘Seu plano seria bom’, respondeu Elizabeth, ‘se não houvesse em questão outra coisa além do desejo de ser bem casada; e se eu estivesse resolvida a arranjar um marido rico, ou qualquer marido, devo dizer que o adotaria. Mas esses não são os sentimentos de Jane; ela não está agindo como segundas intenções’” (OP, 2011, p. 125).

maneira de ver a união entre duas pessoas como um contrato comercial. De acordo com MacFarlane,

O equilíbrio entre as necessidades práticas e as inclinações pessoais dos indivíduos foi uma das principais preocupações ao longo desses séculos. E da mesma forma que representava um problema para as pessoas no passado, também tornou difícil a compreensão do sistema malthusiano de casamento pelos historiadores do final do século XIX e do século XX. Eles lêem as queixas de pessoas sendo vendidas como gado, as referências ao casamento como um mercado, lêem cartas e contratos de casamento que parecem preocupados apenas com detalhes financeiros e tiram suas conclusões. A existência de tantos detalhes de ordem prática e financeira parece fazer pouco caso do amor ou mesmo do afeto. Assim, os editores de documentos históricos ficam embaraçados quando se deparam com afeto e até mesmo amor misturados com as bem organizadas questões financeiras. (MacFARLANE, 1990, p. 176)

Assim, apesar de Elizabeth considerar tal posição de Charlotte uma brincadeira, e declarar que sua amiga nunca agiria dessa forma, mais à frente é exatamente o que Miss Lucas faz. No capítulo vinte e dois do primeiro volume do romance, ela “monta” uma estratégia para capturar Mr. Collins:

(...) *Charlotte's kindness extended farther than Elizabeth had any conception of;—its object was nothing less, than to secure her from any return of Mr. Collins's addresses, by engaging them towards herself. Such was Miss Lucas's scheme; (...)* (PP, 2010, p. 161)²³⁷

De forma bastante pragmática, Miss Lucas traça essa tática para garantir o marido, e a narradora explica adiante como a personagem foi movida por um “*pure and disinterested desire of an establishment*” (PP, 2010, p. 161)²³⁸, sem se importar com como esse estabelecimento seria conquistado. É curiosa essa análise sobre os motivos de Charlotte: seria mesmo possível que um desejo de se estabelecer fosse de fato *desinteressado*? Um raciocínio tão econômico e pragmático parece, na verdade, ser exatamente o contrário – Charlotte foi movida por nada mais do que interesse. Dentro da contradição da frase, pode-se arriscar outro significado, escondido por baixo da tradução mais imediata e comumente aceita. Talvez Charlotte tenha sido movida por um estabelecimento “puro” e sem interesse no “desejo” (visto que uma das traduções possíveis para *desire* é exatamente “cobiça sexual”²³⁹). Tal

²³⁷ “(...) a generosidade de Charlotte foi ainda além do que Elizabeth imaginara; - seu objetivo era simplesmente garantir que ela não receberia nenhuma atenção do senhor Collins, desviando-a inteiramente para si mesma. Tal era o plano da senhorita Lucas; (...)” (OP, 2011, p. 237).

²³⁸ “pelo único e desinteressado desejo de se estabelecer” (OP, 2011, p. 237).

²³⁹ O primeiro significado de “desire” (sb.) que aparece em *The Oxford English Dictionary* (vol. IV, 2004, p. 522) é: “1. The fact or condition of desiring; that feeling or emotion which is directed to the attainment or

interpretação encontra embasamento mais à frente quando Charlotte reflete sobre sua conquista e seus sentimentos.

(...) Charlotte herself was tolerably composed. She had gained her point, and had time to consider of it. Her reflections were in general satisfactory. Mr. Collins to be sure was neither sensible nor agreeable; his society was irksome, and his attachment to her must be imaginary. But still he would be her husband.—Without thinking highly either of men or of matrimony, marriage had always been her object; it was the only honourable provision for well-educated young women of small fortune, and however uncertain of giving happiness, must be their pleasantest preservative from want. This preservative she had now obtained; and at the age of twenty-seven, without having ever been handsome, she felt all the good luck of it. (PP, 2010, p. 162-163)²⁴⁰

Assim, vemos que não há nenhuma atração de Charlotte por Mr. Collins. Ela se sente vitoriosa (*“She had gained her point”*), e reflete satisfatoriamente sobre a união, mas não considera o noivo nem simpático nem agradável, não gosta de sua companhia e acredita que a atração dele por ela é imaginária. Ainda assim, quer tê-lo por marido. Ela nunca teve muita consideração por homens ou pelo casamento, e tem ambos como objetivo unicamente pelo fato de esse ser *“the only honourable provision for well-educated young women of small fortune”*.

Miss Lucas não estava sozinha em sua maneira de pensar. De acordo com Karen O’Brien (2009, p. 13), Astell desenvolveu a crítica Whig sobre o poder arbitrário no sentido de expor a realidade de poder e tirania masculina, à qual as mulheres se sujeitavam voluntariamente quando assinavam o “contrato de casamento”; nesse sentido, Porter explica que, à época, *“(...) Scripture, the law and other authorities jointly confirmed male superiority and the subordination of women”*²⁴¹ (2001, p.320). Por meio do casamento, marido e mulher se tornavam uma só pessoa perante a lei, e o jurista William Blackstone explicou que isso significava que *“the very being or legal existence of the woman is suspended during the marriage, or at least is incorporated and consolidated into that of her husband”*²⁴², de modo

possession of some object from which pleasure or satisfaction is expected; longing, craving; a particular instance of this feeling, a wish”. O segundo significado é, então: “2. *spec.* Physical or sensual appetite; lust”.

²⁴⁰ *“(...) A própria Charlotte manteve-se razoavelmente serena. Marcara um ponto, e teria tempo para pensar a respeito. Suas reflexões em geral lhe causaram satisfação. Com certeza o senhor Collins não era sensato nem simpático; era socialmente maçante, e sua afeição por ela devia ser imaginária. Mas ainda assim seria seu marido. Sem nunca haver sonhado muito alto com esposo e matrimônio, casar-se sempre fora seu objetivo; era a única saída honrada para mulheres bem-educadas de poucos recursos e, embora a probabilidade de felicidade fosse incerta, haveria de ser a forma mais agradável de proteção contra a necessidade”* (OP, 2011, p. 137-138).

²⁴¹ “A Escritura, a lei e outras autoridades confirmaram conjuntamente a superioridade masculina e a subordinação das mulheres” (PORTER, 2001, p. 320 – tradução livre).

²⁴² “o próprio ser ou existência legal da mulher é suspenso durante o casamento, ou pelo menos é incorporado e consolidado naquele de seu marido” (apud PORTER, 2001, p.320 – tradução livre).

que as esposas estavam sob a autoridade de seus maridos, assim como aquilo que elas possuísem (apud PORTER, 2001, p.320).

Também Aphra Behn, em *Dez prazeres do casamento*, declarou: “de minha parte acredito que, de todos os desastres a que estamos sujeitos na vida, o casamento leva grande vantagem sobre o resto”. No livro, a donzela Peg vê sua patroa dando à luz e diz que nunca fará o mesmo: “Isso é fruto do casamento? Disso jamais irei provar enquanto viver. Concordo que é muito agradável repousar com um cavalheiro, mas o parto não tem nada de prazeroso” (apud MacFARLANE, 1990, p. 181). Para MacFarlane, a alta mortalidade das parturientes e a infelicidade de perder os filhos fazia com que a gravidez (e por consequência o casamento) fosse de fato um “caminho perigoso a trilhar. Assim, a procriação era uma experiência ambígua para as mulheres”.

Da mesma forma, os efeitos do casamento sobre o status das mulheres eram grandes, tanto no bom quanto no mau sentido. A vantagem podia ser grande em termos de proteção e segurança. Como Aphra Behn observa sardonicamente, “ele será seu companheiro, seu vigia, seu mestre-de-cerimônia; melhor do que tudo que seu coração deseja ou que os céus possam lhe conceder”. Por outro lado, havia a dependência e a perda de liberdade. Geralmente é o casamento que confere a condição adulta à mulher, mas na Inglaterra não era bem esse o caso. Ela já gozava de liberdade e independência antes do casamento. Este podia dar-lhe um novo *status*, permitindo que ela se sentasse à mesa numa posição melhor do que as irmãs “solteironas” ou que vestisse determinadas roupas, mas com relação ao homem ela se tornava, a bem dizer, um súdito.

(...) Diante dessa ambigüidade do casamento, não é surpreendente que houvesse uma tradição cínica sugerindo que o casamento para as mulheres era uma grande vantagem porque poderia levar a uma rica viuvez. O tema da “viúva alegre” está presente desde a esposa de Bath com seus cinco casamentos, no *Prólogo* de Chaucer, até a *Ópera dos mendigos* de Gay. (MacFARLANE, 1990, p. 159-160)

Como vimos não haver nenhuma paixão envolvida no casamento de Charlotte, talvez ela espere mesmo essa rica viuvez de que fala MacFarlane, bem como uma vida confortável. Além disso, Charlotte é altamente “virtuosa” de acordo com a moralidade da época, por nem mesmo pensar em homens. É o exato oposto de Lydia, que em diversos pontos no livro é descrita como alguém que pensa somente em “homens de farda”. Charlotte considera de maneira bastante prática o caráter econômico do casamento, mesmo sendo discutível se isso serviria de base para algum sentimento. Então, pode-se concluir que suas escolhas estão de acordo com as duas primeiras proposições investigadas pelo romance: em primeiro lugar a virtude, nesse caso, superou algum possível instinto de paixão e, em segundo lugar, as escolhas dela no matrimônio consideraram nada mais do que a segurança econômica, que seria necessária para a manutenção da afeição conjugal.

Mas há ainda outro aspecto importante no casamento de Charlotte, que se refere às escolhas narrativas. O processo de seu noivado é justamente uma das exceções sugeridas anteriormente sobre o ponto de vista da narradora. Mesmo acompanhando Lizzy em quase todos os momentos da trama, no início do capítulo vinte e dois, quando Charlotte inicia seu esquema para conquistar o marido, a narradora deixa Elizabeth e a acompanha. A aproximação da narradora com Charlotte é tão intensa nesse momento do livro que ela chega até mesmo a adentrar nos pensamentos da personagem, e então temos acesso a alguns poucos fluxos de consciência não provenientes de Elizabeth. Isso reforça a hipótese defendida aqui de que o objetivo final do romance é a investigação do casamento enquanto fenômeno social, visto que a narradora “descola” de Elizabeth para acompanhar Charlotte e muda as lentes de sua narrativa porque, nesse quadro, a conclusão de um acordo matrimonial prende mais sua atenção do que a aventura particular de Elizabeth. Depois que tudo está resolvido entre o novo casal Collins, no último parágrafo do capítulo um fluxo de consciência de Elizabeth resgata para ela o papel de protagonista:

“(...) Elizabeth was then left to reflect on what she had heard. It was a long time before she became at all reconciled to the idea of so unsuitable a match. The strangeness of Mr. Collins's making two offers of marriage within three days, was nothing in comparison of his being now accepted. She had always felt that Charlotte's opinion of matrimony was not exactly like her own, but she could not have supposed it possible that when called into action, she would have sacrificed every better feeling to worldly advantage. Charlotte the wife of Mr. Collins, was a most humiliating picture!—And to the pang of a friend disgracing herself and sunk in her esteem, was added the distressing conviction that it was impossible for that friend to be tolerably happy in the lot she had chosen”. (PP, 2010, p. 165)²⁴³

Assim, da mesma forma como temos uma reflexão de Elizabeth na sequência da união entre Lydia e Mr. Wickham, aqui a personagem pondera sobre a chance de felicidade de Miss Lucas no casamento. Para Elizabeth, é quase inacreditável que a amiga sacrifique seus sentimentos em prol do conforto mundano. “[W]orldly advantage”²⁴⁴ é a expressão que ela usa, o que nos faz pensar sobre qual seria o oposto de tais vantagens: talvez Elizabeth esteja refletindo sobre o caráter moral da escolha de Charlotte, pois existe uma oposição entre o que se recebe na terra, as vantagens mundanas, e o que se recebe no céu, as recompensas divinas.

²⁴³ “(...) Elizabeth pôde então refletir sobre o que ouvira. Só depois de muito tempo ela se resignou com a ideia de um casal tão incongruente. A estranheza das duas propostas do senhor Collins em três dias não era nada comparada à do fato de ele ter sido aceito. Sempre achara que a opinião de Charlotte sobre o casamento não era exatamente igual à sua, mas nunca supusera possível quando fosse chamada a agir, que ela sacrificaria seus sentimentos ao conforto mundano. Charlotte, esposa do senhor Collins, que quadro mais humilhante! – E à dor de ver uma amiga se desgraçar e cair em seu conceito acrescentou-se a aflitiva convicção de que era impossível que essa amiga fosse minimamente feliz com a sina que escolhera” (OP, 2011, p. 241).

²⁴⁴ “conforto mundano”.

Há uma aproximação aqui com a necessidade da virtude – são aspectos morais considerados na investigação do matrimônio no romance. Nesse caso, a reflexão de Elizabeth dá a base para a terceira proposição de *Pride and Prejudice* sobre o casamento: **apesar de os fatores econômicos serem importantes, não se deve casar sem amor.**

Catherine Reef, em *Jane Austen: uma vida revelada* (2014), conta como, em 1802, Jane e Cassandra Austen fizeram uma visita às irmãs Bigg, cujo irmão caçula se chamava Harris Bigg-Wither. Harris era o herdeiro dos bens da família, de modo que sua condição financeira lhe permitia escolher com quem casar. Assim, em dezembro daquele ano, ele pediu Jane Austen em casamento. “A união oferecia vantagens reais a uma mulher que, beirando os vinte e sete anos, havia passado dos melhores anos para o casamento. Como esposa de Harris, Jane nunca teria de se preocupar com dinheiro”, isso porque ele herdaria a propriedade do pai. Quando recebeu a proposta, Jane Austen disse sim. “Naquela noite o riso e a alegria ecoaram através dos elegantes salões de Manydown. Contudo, na manhã seguinte, Jane solicitou uma conversa particular com Harris. Alegou ter cometido um erro e desejava desfazer o noivado. Um casamento entre Jane e Harris teria sido apenas um contrato social e nada mais”, e embora “algumas mulheres optassem por primeiro se casar e esperar a afeição crescer, o coração de Jane a impediu de consumir uma união sem amor” (REEF, 2014, p. 99-100).

Segundo Vasconcelos (2007, p. 124), casamento e amor, “que sempre haviam sido mantidos dissociados pela aristocracia”, passavam a ser vistos como inseparáveis pela burguesia puritana, que com sua ascensão trouxe mudanças ao poder político e econômico, e aos papéis de homens e mulheres, o que resultou nessa nova concepção de casamento. Assim, embora a ideia do casamento com base no amor possa nos parecer óbvia, explica MacFarlane (1990, p. 131), a maioria das sociedades considerava essa uma questão importante demais para ser tomada apenas pelo casal, de modo que a afeição entre os parceiros tinha pouca relevância. Não que o amor entre pessoas de sexo oposto fosse desconhecido: “mas nas sociedades rurais, sobretudo, o casamento se baseia em grande medida nos interesses familiares e de grupo, não importando os sentimentos pessoais dos noivos, geralmente muito jovens”. MacFarlane diz que, quando Malthus afirmou que “o casamento se devia sobretudo ao ‘amor’, e que a relação conjugal seria, desde que assumida, a mais importante na vida de uma pessoa”, essa foi considerada uma declaração culturalmente idiossincrática, e a partir dessa constatação, o autor vai questionar em que momento tal entendimento do matrimônio por escolha e amor, como defendeu Malthus, irá se naturalizar na sociedade.

Podemos começar por aqueles que diziam como tais coisas deviam ser – os moralistas e os filósofos. Há pouca necessidade de insistir no fato de que no século XVIII eles tomavam como suposto que o casamento se baseava no amor. Podiam condenar ou aplaudir, mas ninguém negava que o amor conjugal era generalizado. (MacFARLANE, 1990, p. 186)

Segundo MacFarlane, “era um lugar-comum no século XVIII culpar os romances pelas idéias ‘nocivas’ que justificavam o amor individual”, e isso foi sugerido inclusive por Adam Smith, para quem “o amor, outrora uma paixão ridícula, tornava-se mais grave e respeitável. Prova disso é que nenhuma tragédia antiga versava sobre o amor, ao passo que hoje está presente e influencia todo o entretenimento público”. No entanto, muitas civilizações cultas se desenvolveram artisticamente sem produzir o amor romântico (MacFARLANE, 1990, p. 133-135).

De onde vem, então, esse amor que será propagado como ideologia romântica? Engels localiza sua origem (segundo ele o maior progresso no desenvolvimento da monogamia) entre os germanos: a monogamia – que está relacionada à evolução da propriedade privada – demorou mais tempo para se desenvolver entre esse povo devido à sua pobreza. Além disso, as mulheres germanas recebiam uma elevada consideração e exerciam grande influência, até nos assuntos públicos, “o que é diametralmente oposto à supremacia masculina da monogamia”. A partir disso, Engels mostra como a monogamia que surgiu entre os germanos tinha elementos que a diferenciavam; resultado da mistura de povos “entre as ruínas do mundo romano”, a cultura germânica suavizou a superioridade masculina e deu às mulheres mais consideração e uma posição mais livre do que as que elas tiveram na idade clássica (pelo menos aparentemente, de acordo com Engels). “Graças a isso”, explica o autor, “foi possível, a partir da monogamia – em seu seio, a seu lado, ou contra ela, segundo as circunstâncias –, o maior progresso moral que lhe devemos: o amor sexual individual moderno, anteriormente desconhecido no mundo” (ENGLES, 2002, p. 65-66). O autor ainda explica:

Nosso amor sexual difere essencialmente do simples desejo sexual, do *Eros* dos antigos. Em primeiro lugar, porque supõe reciprocidade no ser amado, igualando, nesse particular, a mulher e o homem, ao passo que no *Eros* antigo se fica longe de consultá-la sempre. Em segundo lugar, o amor sexual atinge um grau de intensidade e de duração que transforma em grande desventura, talvez a maior de todas, para os amantes, a falta de relações íntimas ou a separação; para que se possuam não recuam diante de coisa alguma e arriscam mesmo suas vidas, o que não acontecia na antiguidade, senão em caso de adultério. E, por fim, surge um novo critério moral para julgar as relações sexuais. Já não se pergunta apenas – “São legítimas ou ilegítimas?” – pergunta-se também: “São filhas do amor e de um afeto recíproco?” é evidente que, na prática feudal ou burguesa, esse critério não é mais respeitado do que qualquer outro critério moral; passa-se por cima dele; equivale aos demais, é reconhecido em teoria, no papel. E, por ora, não se pode pedir mais. (ENGELS, 2002, p. 72-73)

Esse novo critério moral descrito por Engels será adotado no ideal do casamento burguês nos países protestantes, onde, segundo o autor, a regra geral era conceder aos filhos “mais ou menos liberdade para procurar uma mulher dentro da sua classe”. Assim, o amor podia ser a base do matrimônio – “e assim se supõe sempre que seja”, ele diz, “para guardar as aparências. O que está muito de acordo com a hipocrisia protestante” (2002, p. 67).

Tal hipocrisia quanto ao amor como base do casamento é claramente percebida durante o primeiro pedido de casamento que acontece em *Pride and Prejudice*. Mr. Collins decide fazer a proposta a Elizabeth e pede para conversar com ela a sós. Então ele inicia o seu discurso excepcionalmente longo, dizendo:

“(...) Almost as soon as I entered the house I singled you out as the companion of my future life. But before I am run away with by my feelings on this subject, perhaps it will be advisable for me to state my reasons for marrying—and moreover for coming into Hertfordshire with the design of selecting a wife, as I certainly did.”

(...)

“My reasons for marrying are, first, that I think it a right thing for every clergyman in easy circumstances (like myself) to set the example of matrimony in his parish. Secondly, that I am convinced it will add very greatly to my happiness; and thirdly—which perhaps I ought to have mentioned earlier, that it is the particular advice and recommendation of the very noble lady whom I have the honour of calling patroness. Twice has she condescended to give me her opinion (unasked too!) on this subject; and it was but the very Saturday night before I left Hunsford—between our pools at quadrille, while Mrs. Jenkinson was arranging Miss de Bourgh's foot-stool, that she said, 'Mr. Collins, you must marry. (...)'. (...) Thus much for my general intention in favour of matrimony; it remains to be told why my views were directed to Longbourn instead of my own neighbourhood, where I assure you there are many amiable young women. But the fact is, that being, as I am, to inherit this estate after the death of your honoured father, (who, however, may live many years longer,) I could not satisfy myself without resolving to chuse a wife from among his daughters, that the loss to them might be as little as possible, when the melancholy event takes place—which, however, as I have already said, may not be for several years. This has been my motive, my fair cousin, and I flatter myself it will not sink me in your esteem. And now nothing remains for me but to assure you in the most animated language of the violence of my affection. To fortune I am perfectly indifferent, and shall make no demand of that nature on your father, since I am well aware that it could not be complied with; and that one thousand pounds in the 4 per cents, which will not be yours till after your mother's decease, is all that you may ever be entitled to. On that head, therefore, I shall be uniformly silent; and you may assure yourself that no ungenerous reproach shall ever pass my lips when we are married.” (PP, 2010, p. 146-147)²⁴⁵

²⁴⁵ “(...) Praticamente no mesmo instante em que entrei na sua casa, vi em você a companhia para o resto da minha vida. Mas, antes que me deixe levar pelos sentimentos nesse assunto, talvez fosse aconselhável declarar meus motivos para me casar – mais do que isso, para vir para Hertfordshire com o desígnio de escolher uma esposa, como certamente fiz.”

(...) “Meus motivos para casar são, em primeiro lugar, que um clérigo em boa posição (como eu) deve dar o exemplo do casamento na paróquia. Em segundo, que estou convencido de que aumentará enormemente a minha felicidade; e em terceiro – o que talvez devesse ter mencionado antes – a indicação e os conselhos da nobre dama quem tenho a honra de chamar minha protetora. Duas vezes ela se dignou a me dizer sua opinião (jamaís solicitada!) sobre o caso; e foi justamente no sábado anterior à minha partida de Hunsford – em meio aos nossos pares na quadrilha, enquanto a senhora Jenkinson arrumava o escabelo da senhorita de Bourgh, que

Por duas vezes Mr. Collins posterga a declaração de seus sentimentos por Elizabeth. No início do discurso, ele diz: “*before I am run away with by my feelings on this subject, perhaps it will be advisable for me to state my reasons for marrying*”. Assim, de acordo com Mr. Collins, é aconselhável que as razões para o casamento sejam elencadas antes que se fale do amor. Quase como se lesse um contrato, ele enumera as “cláusulas” do casamento que propõe: a primeira é o fato de ser “*a clergyman in easy circumstances*” e, como tal, ter o dever de dar o exemplo do matrimônio; a segunda cláusula é bastante breve e diz respeito à felicidade que ele espera conseguir (“*I am convinced it will add very greatly to my happiness*”); já a terceira cláusula toma quase todo o discurso, e se refere ao comando que ele recebeu de Lady Catherine para que se case. Já vimos como a hierarquia social era algo de suma importância para Mr. Collins, de modo que não surpreende ser esse o motivo aparentemente principal para que ele faça sua proposta.

A seguir ele enumera as vantagens econômicas do casamento, descrevendo brevemente a sua propriedade e lembrando Elizabeth de que ele seria o herdeiro da casa onde ela morava. Finalmente, ele volta a mencionar seus sentimentos, dizendo: “*and now nothing remains for me but to assure you in the most animated language of the violence of my affection*”. Mas o discurso nunca chega a essa “intensidade de afeição”, ou à “linguagem entusiasmada” com que a descreveria, porque na frase imediatamente seguinte seus pensamentos voltam para a base econômica da proposta. Ele diz: “*to fortune I am perfectly indifferent*”, mas apesar de se declarar indiferente a isso, ele sabe exatamente qual a herança de Elizabeth – que é calculada por ele: quatro por cento do total de mil libras.

Assim, Mr. Collins apenas menciona seus sentimentos por ser um comportamento moralmente recomendado, visto que ele mal consegue disfarçar seus verdadeiros interesses. Quando Miss Lucas decide se casar com ele, vemos como ela tem perfeita consciência de que “*his attachment to her must be imaginary*”²⁴⁶ – mas ela é movida por interesses tão

ela me disse: ‘Senhor Collins, o senhor deve se casar. (...)’. (...) Era isso, em suma, que eu tinha a dizer em linhas gerais a favor do casamento; resta dizer por que minha visão foi atraída para Longbourn em vez de ficar na minha própria região, onde posso garantir que existem muitas moças simpáticas. O fato é que sendo eu, como sou, o próximo herdeiro desta propriedade depois da morte de seu estimado pai (que, não obstante, ele possa viver bem ainda muitos anos), não me dei por satisfeito enquanto não escolhi uma de suas filhas como esposa, para que seu prejuízo fosse o menor possível quando do melancólico acontecimento sobrevier – o qual, contudo, conforme já disse, pode ser que só ocorra daqui a muitos anos. Esses são meus motivos, minha bela prima, e confio que não me façam cair em sua estima. E agora nada mais me resta senão lhe garantir na linguagem mais entusiasmada a intensidade da minha afeição. À fortuna sou perfeitamente indiferente, e não farei exigências dessa natureza a seu pai, uma vez que sei muito bem que isso não poderia ser fornecido; e que quatro por cento de mil libras, que só serão seus depois do falecimento de sua mãe, são tudo a que você tem direito. Quanto a isso, portanto, mantereí total silêncio; e você pode estar certa de que jamais um comentário mesquinho sairá dos meus lábios depois que estivermos casados” (OP, 2011, p. 218-220).

²⁴⁶ “sua afeição por ela devia ser imaginária”.

pragmáticos quanto os de Mr. Collins (e nesse aspecto talvez eles pudessem ser considerados quase um casal ideal). A diferença é que Miss Lucas não adentra na hipocrisia mencionada por Engels. Ela foi sempre transparente em suas intenções, visto que nunca a ouvimos mencionar sentimentos inexistentes.

Esse posicionamento pragmático de Mr. Collins e Charlotte, porém, era duramente criticado na época em que a ideologia do amor romântico era disseminada. Engels enfatiza como o matrimônio baseava-se, no fundo, na posição social de conveniência, de modo que, segundo ele, tal matrimônio de conveniências acabava se convertendo com frequência na “mais vil das prostituições”, às vezes por parte tanto do homem quanto da mulher, mas sendo mais frequente no gênero feminino: “esta só se diferencia da cortesã habitual pelo fato de que não aluga seu corpo por hora, como uma assalariada, e sim o vende de uma vez, para sempre, como uma escrava”. Engels ainda levanta a frase de Fourier, para quem “assim como em gramática duas negações equivalem a uma afirmação, de igual maneira na moral conjugal duas prostituições equivalem a uma virtude” (2002, p. 67-68).

A análise do casamento de conveniências como uma “prostituição legalizada” aparece na obra de diversos autores da época. Mary Wollstonecraft defendia que leis mais equânimes formassem os cidadãos, de modo que o casamento “may become more sacred; your young men may choose wives from motives of affection, and your maidens allow love to root out vanity”.²⁴⁷ Ela usa o argumento do casamento como escolha se tornar mais “sagrado” para defender a educação feminina e o direito de adentrar em diversas atividades, de modo que:

Business of various kinds, they might likewise pursue, if they were educated in a more orderly manner, which might save many from common and legal prostitution. Women would not then marry for a support, as men accept of places under government, and neglect the implied duties; nor would an attempt to earn their own subsistence, a most laudable one! sink them almost to the level of those poor abandoned creatures who live by prostitution. For are not milliners and mantuamakers reckoned the next class? The few employments open to women, so far from being liberal, are menial; and when a superior education enables them to take charge of the education of children as governesses, they are not treated like the tutors of sons, though even clerical tutors are not always treated in a manner calculated to render them respectable in the eyes of their pupils, to say nothing of the private comfort of the individual. But as women educated like gentlewomen, are never designed for the humiliating situation which necessity sometimes forces them to fill; these situations are considered in the light of a degradation; and they know little of the human heart, who need to be told, that nothing so painfully sharpens the sensibility as such a fall in life.²⁴⁸

²⁴⁷ “pudesse se tornar mais sagrado; nossos rapazes pudessem escolher esposas por motivos de afeição, e suas donzelas pudessem permitir que o amor acabasse com a vaidade” (WOLLSTONECRAFT, introdução – tradução livre).

²⁴⁸ “Negócios de vários tipos, elas poderiam igualmente perseguir, se fossem educadas de uma forma mais ordenada, que poderia salvar muitas da prostituição comum e legal. As mulheres não iriam então casar-se por um

Essa condenação moral do casamento por conveniências reforça a análise já feita de que, com o uso da expressão “*worldly advantage*”, Elizabeth pudesse estar criticando a escolha de Charlotte também no plano da virtude. Talvez não seja então coincidência ser justamente Jane Bennet, a personagem mais virtuosa de *Pride and Prejudice*, a defender abertamente o amor como essencial no casamento. Desconfiando que sua irmã aceitaria a proposta de Mr. Darcy apenas por interesses econômicos e sociais, Jane diz: “(...) *Oh, Lizzy! do any thing rather than marry without affection*” (PP, 2010, p. 415).²⁴⁹

Chegamos novamente, então, a um ponto em que a escolha da narradora deve ser investigada mais atentamente: tanto Jane quanto Elizabeth são personagens que concluíram o casamento dentro dos três primeiros parâmetros estudados. Os casamentos de ambas, que são reconhecidamente virtuosas, possuem bases econômicas seguras e estão centrados no amor. Então por que é o casamento entre Elizabeth e Mr. Darcy que recebe a atenção maior?

É mais uma vez na voz de Elizabeth que podemos começar a investigar essa distinção. Assim como acontece após os noivados de Charlotte e Lydia (quando temos acesso aos pensamentos de Elizabeth sobre o mérito de cada união), no caso do noivado de sua irmã mais velha ela também opina sobre as chances de felicidade dos noivos, agora durante uma conversa particular que trava com Mr. Bingley:

“(...) *Elizabeth honestly and heartily expressed her delight in the prospect of their relationship. They shook hands with great cordiality; and then till her sister came down, she had to listen to all he had to say, of his own happiness, and of Jane's perfections; and in spite of his being a lover, Elizabeth really believed all his expectations of felicity, to be rationally founded, because they had for basis the excellent understanding, and super-excellent disposition of Jane, and a general similarity of feeling and taste between her and himself.*” (PP, 2010, p. 388)²⁵⁰

apoio, como os homens aceitam postos no governo, e negligenciam os deveres implícitos; nem iria uma tentativa de ganhar a sua própria subsistência, uma das mais louváveis! afundá-las quase ao nível dessas pobres criaturas abandonadas que vivem da prostituição. Pois não são modistas e costureiras consideradas a próxima classe? Os poucos empregos abertos às mulheres, tão longe de serem liberais, são servis; e quando a educação superior lhes permite assumir o comando da educação de crianças como governantas, elas não são tratadas como os tutores dos filhos, embora até mesmo tutores clericais não sejam sempre tratados de uma forma calculada para torná-los respeitáveis aos olhos de seus alunos, para não falar do conforto privado do indivíduo. Mas assim como as mulheres educadas como damas, nunca são projetados para a situação humilhante que a necessidade, por vezes obriga-os a preencher; estas situações são consideradas à luz de uma degradação; e elas sabem pouco do coração humano, que precisa ser ensinado, de modo que nada tão dolorosamente aguça a sensibilidade como tal queda na vida” (WOLLSTONECRAFT, capítulo 9 – tradução livre).

²⁴⁹ “(...) *Oh, Lizzy! Faça tudo, mas não se case sem amor*” (OP, 2011, p. 515).

²⁵⁰ “(...) *Elizabeth sincera e ardentemente expressou sua alegria com a perspectiva da relação dos dois. Eles se apertaram as mãos com grande cordialidade; e então, até que a irmã descesse, ela teve de ouvir tudo o que ele tinha a dizer sobre a felicidade que sentia e sobre a perfeição de Jane; e, apesar de serem palavras de um apaixonado, Elizabeth realmente acreditou que todas as esperanças de felicidade dele eram racionalmente embasadas, pois tinham por fundamento a excelente compreensão, a mais do que excelente disposição de Jane e uma semelhança geral de sentimentos e gostos entre os dois*” (OP, 2011, p. 485).

Assim, “*in spite of his being a lover*”, segundo Elizabeth as expectativas de felicidade de Mr. Bingley eram “*rationaly founded*”. Há aqui uma aproximação entre o “amor”, contido na descrição de Bingley como um apaixonado, e a “razão” na qual ele fundamenta sua escolha no matrimônio. Além disso, os noivos nesse caso tinham afinidade de compreensão, de sentimentos e gostos, sendo que esta é a primeira análise de Elizabeth sobre uma união no romance que recebe uma apreciação positiva. Então entramos na quarta proposição da narrativa sobre o casamento: **a identificação perfeita entre duas pessoas deve ser tanto intelectual quanto sentimental.**

É justamente a partir do século XVIII que, segundo MacFarlane (1990, p. 165-167), podemos ver “florescendo o ideal do casamento de companheiros”, pensamento que ganhou força ainda na Inglaterra do século XIX. A partir desse entendimento, o casamento consistiria no “encontro de duas mentalidades, na união de duas metades, na busca de alguém diante de quem se pode revelar a própria intimidade, uma companhia na vida, um espelho”. Porter (2001, p. 324) localiza o início de tal transformação nos pensamentos do Iluminismo, que em muitos aspectos teria sido “amigável” às mulheres – para o autor, há evidências de certa atenuação do patriarcado (“*in actuality though not in black-letter Law*”²⁵¹) no que se refere a expectativas, entre os iluministas, sobre “*courtship, engagement and marriage (...) all undergoing that sea change which Lawrence Stone has styled the rise of ‘affective individualism’, the move from patriarchal distance and deference towards greater intimacy and even equality*”²⁵². Assim, apesar da resistente desigualdade perante a lei, o casamento sob as luzes do Iluminismo se tornou até certo ponto idealizado nos termos de “companheirismo”.

Essa premissa do companheirismo entre os cônjuges, porém, é contestada ao longo de toda a trama de *Pride and Prejudice*. As quatro proposições que investigamos mostram aspectos que devem ser observados pelos noivos para que consigam alcançar tal afeto, mas em nenhum momento é sugerido que esta seria uma característica inerente a qualquer união. O maior exemplo disso é a convivência do casal cujo diálogo dá início ao romance. Ironicamente, o casamento de Mr. e Mrs. Bennet servirá de contraste para a análise da quarta proposição, estando diametralmente oposto às uniões entre Jane, Elizabeth e seus futuros maridos, no que se refere à necessidade de identificação intelectual entre os cônjuges.

²⁵¹ “na realidade, embora não na lei estrita” (PORTER, 2001, p. 324 – tradução livre).

²⁵² “namoro, noivado e casamento (...) tudo passando por essa grande mudança que Lawrence Stone denominou a ascensão do ‘individualismo afetivo’, o movimento da distância patriarcal e deferência para uma maior intimidade e até mesmo a igualdade” (PORTER, 2001, p. 324 – tradução livre).

Em certo momento da história, temos novamente uma análise em que a voz da narradora se mistura aos pensamentos de Elizabeth, para quem o casamento de seus pais seria um mau exemplo de felicidade conjugal:

Had Elizabeth's opinion been all drawn from her own family, she could not have formed a very pleasing picture of conjugal felicity or domestic comfort. Her father captivated by youth and beauty, and that appearance of good humour, which youth and beauty generally give, had married a woman whose weak understanding and illiberal mind, had very early in their marriage put an end to all real affection for her. Respect, esteem, and confidence, had vanished for ever; and all his views of domestic happiness were overthrown. (PP, 2010, p. 274)²⁵³

Mr. Bennet, então, escolheu sua esposa com base na atração física que vem da juventude, da beleza e do bom humor. Quando percebeu que o Mrs. Bennet tinha uma mente fraca (“*weak understanding and illiberal mind*”), qualquer afeição ou respeito que tivesse por ela não resistiu, o que sugere que a congruência intelectual é essencial para a constância da felicidade no casamento. Ou seja, aqui o racional é colocado acima do emocional, e o intelecto acima da beleza. Vale a pena lembrar que, já no primeiro diálogo do romance, essas características eram debatidas pelo casal, a partir do que diz Mr. Bennet:

"You are over scrupulous surely. I dare say Mr. Bingley will be very glad to see you; and I will send a few lines by you to assure him of my hearty consent to his marrying which ever he chuses of the girls; though I must throw in a good word for my little Lizzy."

"I desire you will do no such thing. Lizzy is not a bit better than the others; and I am sure she is not half so handsome as Jane, nor half so good humoured as Lydia. But you are always giving her the preference."

"They have none of them much to recommend them," replied he; "they are all silly and ignorant like other girls; but Lizzy has something more of quickness than her sisters." (PP, 2010, p. 30-32)²⁵⁴

Assim como a primeira frase do romance apresenta o tema da história, portanto, o primeiro diálogo nos dá pistas das premissas que serão investigadas: quais são as

²⁵³ “Se as opiniões de Elizabeth fossem sempre as mesmas de sua família, ela não teria criado um quadro muito agradável da felicidade conjugal ou dos confortos do lar. Seu pai, cativo da juventude e da beleza, e daquela aparência de bom humor que a juventude e a beleza costumam conferir, casara-se com uma mulher de poucas luzes e mentalidade tacanha, e logo no início do casamento abdicara de qualquer afeto genuíno por ela. Respeito, estima e confiança haviam sumido para sempre; e todas as aspirações de felicidade doméstica foram abolidas” (OP, 2011, p. 365).

²⁵⁴ ““Você está exagerando em seus escrúpulos. Ousaria dizer que o senhor Bingley ficará muito feliz em vê-la; e enviarei algumas linhas por seu intermédio garantindo-lhe meu consentimento sincero ao casamento dele com qualquer uma das meninas; embora devesse usar palavras mais abonadas para a minha pequena Lizzy’.

‘Gostaria muito que você não fizesse nada parecido. Lizzy não é em nada melhor que as outras; e garanto que sua beleza não chega nem à metade da beleza de [Jane, nem à metade do bom humor de Lydia]. Mas você sempre a favorece.’

‘Elas não tem nada que as recomende’, retrucou ele. ‘São tolas e ignorantes como todas as meninas; mas Lizzy é mais sagaz que as irmãs’” (OP, 2011, p. 105 – com correção assinalada).

características a serem valorizadas, e o que não serve como recomendação. Podemos perceber o carinho com que Mr. Bennet trata a filha, chamando-a de “*my little Lizzy*” e sugerindo que iria recomendá-la acima das demais para o possível pretendente. Talvez Elizabeth tenha em si justamente o lado intelectual que, ao faltar em Mrs. Bennet, acabou com as perspectivas de felicidade no casamento para seu pai. Mrs. Bennet, por sua vez, reforça nas filhas as qualidades de beleza e bom humor – justamente o que atraiu o marido no princípio de seu relacionamento. Mas, para ele, nada disso serve mais como recomendação (“*They have none of them much to recommend them*”). Mr. Bennet iria indicar Lizzy como boa esposa a Mr. Bingley por sua inteligência (“*Lizzy has something more of quickness than her sisters*”), o que sua experiência lhe mostrou ser de suma importância para a manutenção do afeto nos noivos.

Mary Wollstonecraft expõe exatamente isso: seu argumento principal para defender os direitos femininos é que, se fosse permitido e recomendado à mulher estudar e fortificar a mente, ela se tornaria uma companhia melhor ao homem²⁵⁵. Já ficou demonstrado como a diferenciação de Elizabeth em relação às demais mulheres na obra é feita pela construção da personagem através de um lado racional e intelectual – o que aproxima *Pride and Prejudice* das ideias defendidas por Wollstonecraft e pelo *Enlightenment feminism*. Da mesma forma, quando buscamos o motivo da escolha de Elizabeth como protagonista e de seu casamento como exemplo máximo de felicidade conjugal, é aqui, na quarta proposição (que considera a necessidade de uma identificação intelectual), que podemos finalmente encontrar a resposta.

²⁵⁵ “Proud of their weakness, however, they must always be protected, guarded from care, and all the rough toils that dignify the mind. If this be the fiat of fate, if they will make themselves insignificant and contemptible, sweetly to waste “life away,” let them not expect to be valued when their beauty fades, for it is the fate of the fairest flowers to be admired and pulled to pieces by the careless hand that plucked them. In how many ways do I wish, from the purest benevolence, to impress this truth on my sex; yet I fear that they will not listen to a truth, that dear-bought experience has brought home to many an agitated bosom, nor willingly resign the privileges of rank and sex for the privileges of humanity, to which those have no claim who do not discharge its duties. (...) Would men but generously snap our chains, and be content with rational fellowship, instead of slavish obedience, they would find us more observant daughters, more affectionate sisters, more faithful wives, more reasonable mothers—in a word, better citizens. We should then love them with true affection, because we should learn to respect ourselves; and the peace of mind of a worthy man would not be interrupted by the idle vanity of his wife”. [Orgulhosas de sua fraqueza, no entanto, elas devem sempre ser protegidas, resguardadas de cuidado, e de todas as labutas ásperas que dignificam a mente. Se esta for a ordem do destino, se elas vão fazer-se insignificantes e desprezíveis, docemente jogando suas ‘vidas fora’, não deixem que esperem ser valorizadas quando sua de beleza desvanecer, pois é o destino das flores mais belas serem admiradas e desfeitas em pedaços pela mão descuidada que lhes arranca. De quantas maneiras eu desejo, por pura benevolência, incutir esta verdade no meu sexo; ainda assim, temo que elas não vão ouvir uma verdade, pois a experiência dificilmente obtida deu a muitas um coração agitado, que não renunciaria voluntariamente aos privilégios de classe e gênero em troca dos privilégios de humanidade, aos quais não têm direito a nenhuma reivindicação aquele que não desempenha as suas funções. (...) Se os homens generosamente tirassem nossas correntes, e se contentassem com um companheirismo racional, ao invés de obediência servil, eles iriam nos encontrar filhas mais atentas, irmãs mais afetuosas, esposas mais fiéis, mães mais razoáveis – em outras palavras, melhores cidadãs. Então iríamos amá-los com verdadeira afeição, porque aprenderíamos a nos respeitar; e a paz de espírito de um homem digno não seria interrompida pela vaidade indolente de sua esposa] (WOLLSTONECRAFT, capítulo 9 – tradução livre).

Afinal, Jane Bennet era sensata, mas sua característica mais marcante era a de ser considerada a mais bela. No seu primeiro encontro com Mr. Bingley, a opinião dele é a seguinte: “*he could not conceive an angel more beautiful*” (PP, 2010, p. 48)²⁵⁶. Assim, Jane é um “anjo”, e é sempre diferenciada das demais personagens por sua bondade e beleza. Ao passo que Elizabeth, mesmo sendo também bonita, irá cativar Mr. Darcy por outros meios: “*(...) no sooner had he made it clear to himself and his friends that she had hardly a good feature in her face, than he began to find it was rendered uncommonly intelligent by the beautiful expression of her dark eyes*” (PP, 2010, p. 56-57)²⁵⁷. Enquanto Jane é um belo anjo, portanto, Elizabeth torna-se bela por ser inteligente.

Nesse sentido, Susan Morgan explica como a presença de Jane na história é essencial inclusive para a construção da personagem Elizabeth como ser racional, visto que a predisposição de Jane para pensar com bondade sobre os outros (apesar de não lhe conferir perspicácia) serve como uma oposição à negatividade – o que é central para o entendimento dos erros e escolhas de Elizabeth, e de seu crescimento intelectual.

At the beginning of the novel we are assured of Elizabeth’s intelligence and Jane’s blindness, in part because Elizabeth can see immediately that Bingley’s sisters are not well intentioned. And we are quick to think of Jane as sweet but a fool. Although Elizabeth asserts that Jane is so good as to be quite perfect we know this to be untrue. Jane does lack discernment, does confuse her hopes with truths. We are on Elizabeth’s side, the side of clarity as against softheadedness, as she takes Jane to task with an energy and realism we can only support. (...) Against her sister’s wit Jane’s generous doubts seem foolish indeed. It is in this role of countering Jane’s candor that Elizabeth most convinces us of her cleverness and perspicacity.²⁵⁸ (MORGAN, 1975, p. 64)

Da mesma forma, logo no quarto capítulo a narradora diferencia Mr. Bingley e Mr. Darcy enfatizando as boas maneiras de um, e a inteligência do outro:

Between him and Darcy there was a very steady friendship, in spite of a great opposition of character.—Bingley was endeared to Darcy by the easiness, openness, ductility of his temper, though no disposition could offer a greater contrast to his

²⁵⁶ “(...) não podia conceber anjo mais lindo” (OP, 2011, p. 119).

²⁵⁷ “(...) assim que admitiu claramente para si mesmo e seus amigos que ela não tinha um traço de beleza no rosto, começou a perceber que se tornava um rosto extraordinariamente inteligente, pela bela expressão de seus olhos escuros.” (OP, 2011, p. 126-127).

²⁵⁸ “No início do romance nós somos assegurados da inteligência de Elizabeth e da cegueira de Jane, em parte porque Elizabeth pode ver imediatamente que as irmãs de Bingley não são bem intencionadas. E estamos prontos para pensar em Jane como doce, mas tola. Embora Elizabeth afirme que Jane é tão boa a ponto de ser perfeita, nós sabemos que isso não é verdade. Jane de fato tem pouco discernimento, e de fato confunde suas esperanças com verdades. Estamos do lado de Elizabeth, o lado de clareza contra a mentalidade fraca, como ela desafia Jane com uma energia e um realismo que só podemos apoiar. (...) Contra a sagacidade de sua irmã as generosas dúvidas de Jane parecem tolas de fato. É neste papel de contrariar a franqueza de Jane que Elizabeth mais nos convence de sua inteligência e perspicácia” (MORGAN, 1975, p. 64 – tradução livre).

own, and though with his own he never appeared dissatisfied. On the strength of Darcy's regard Bingley had the firmest reliance, and of his judgment the highest opinion. In understanding Darcy was the superior. Bingley was by no means deficient, but Darcy was clever. He was at the same time haughty, reserved, and fastidious, and his manners, though well bred, were not inviting. In that respect his friend had greatly the advantage. Bingley was sure of being liked wherever he appeared, Darcy was continually giving offence. (PP, 2010, p. 48)²⁵⁹

Há, portanto, uma identificação paralela entre os casais: enquanto Jane é bela, Mr. Bingley tem um temperamento “*easiness, openness, ductility*”; e mesmo que Bingley “*was by no means deficient*”, Mr. Darcy “*was clever*” – o que o aproxima de Elizabeth na descrição que ele mesmo faz dela, como “*uncommonly intelligent*”. Ao final do romance, não há uma mudança marcante na descrição de Mr. Bingley e Jane, que são sempre basicamente os mesmos. Eles são, desde o início, personagens virtuosos e nunca criticados, sendo que a história parece sugerir que ambos já estão “prontos” um para o outro quando o romance tem início – diferentemente de Mr. Darcy e Elizabeth, que devem superar suas próprias limitações para serem merecedores da união. A ligação inicial do casal protagonista se dá, então, não por uma atração física, mas antes de tudo por um reconhecimento intelectual, a partir do qual suas deficiências serão confrontadas e, por fim, superadas.

Vimos (no primeiro capítulo) como *Pride and Prejudice* levanta aspectos morais relacionados a questões de classe, de modo que a superioridade na hierarquia social de Darcy fica submetida a um fator mais importante: a moral, estabelecida como essencial. De acordo com Eagleton, para os pensadores que defendiam a consciência do dever, o ser humano teria certo senso moral inato – “*a kind of inner light which will instruct us in the difference between right and wrong conduct quite independently of the opinions of others*”²⁶⁰. Mas o autor explica que esse senso moral inato por si só não seria suficiente, visto que “*we must be educated into virtue by the good influence of others, and this requires a degree of self-discipline and self-transformation*”²⁶¹ (EAGLETON, 2005, p. 110).

²⁵⁹ “Entre ele e Darcy havia uma sólida amizade, pesar da grande diferença de caráter. – Bingley era caro a Darcy pela sociabilidade, pela franqueza e pela docilidade de seu temperamento, embora nada pudesse ser tão distante de sua própria disposição, com a qual não parecia insatisfeito. Com relação a Darcy, Bingley depositava a maior confiança, e de seu julgamento tinha a mais elevada opinião. Em termos de visão das coisas, Darcy era superior. Bingley não ficava muito atrás, mas Darcy era inteligente. Era ao mesmo tempo arrogante, reservado e exigente, e seus modos, ainda que educados, não eram convidativos. Nesse aspecto o amigo levava grande vantagem sobre ele. Enquanto Bingley tinha certeza de que iriam gostar dele aonde quer que fosse, Darcy estava sempre ofendendo alguém” (OP, 2011, p. 118).

²⁶⁰ “uma espécie de luz interior que vai nos instruir na diferença entre a conduta certa e errada de forma totalmente independente das opiniões dos outros” (EAGLETON, 2005, p. 110 – tradução livre).

²⁶¹ “devemos ser educados na virtude pela boa influência dos outros, e isso requer um grau de autodisciplina e autotransformação” (EAGLETON, 2005, p. 110 – tradução livre).

Assim, para a ideologia burguesa iluminista, ainda que certa “luz interior” seja relevante, é o melhoramento pessoal que deve ser buscado. Segundo Porter (2001, p. 426), “progress was the universalization of ‘improvement’, that ultimate Georgian buzzword. The public got hooked on novelty. Landscapes, gardens, manufactures, manners, taste, art and literature – all were constantly talked up as ‘improving’”²⁶² – mas a mudança deveria se provar verdadeiramente educativa e socialmente vantajosa, e não buscar apenas a “novidade pela novidade”. Esse é, então, o grande mérito do casamento entre Elizabeth e Mr. Darcy: não só eles chegam ao matrimônio dentro dos quatro parâmetros que garantiriam a felicidade conjugal, como trabalham seu interior para chegar até o ponto de serem merecedores um do outro. Esse processo é tão marcante no romance, que tudo em volta dos personagens se modela e reorganiza de acordo com sua própria evolução, seja os demais personagens, o desenvolvimento da narrativa, ou mesmo o cenário.

Talvez não seja coincidência o fato de a história se iniciar no inverno. No primeiro dos três volumes do romance, as personagens estão quase sempre fechadas em “*drawing rooms*”, salas de jantar ou salões de baile. Não há referências a janelas ou descrições de jardins. Na verdade, quase não há cenário, sendo que boa parte da história nesse volume do livro se desenvolve em conversas onde os personagens estão sentados na sala de casa. Uma das poucas passagens externas é exatamente o momento em que vemos Elizabeth se tornando a heroína incontestável do romance. É no trecho em que a narradora deixa de acompanhar Jane em sua cavalgada na chuva até Netherfield e fica para trás com Elizabeth. Quando esta vai visitar a irmã a pé, temos a seguinte passagem:

(...) Elizabeth continued her walk alone, crossing field after field at a quick pace, jumping over stiles and springing over puddles with impatient activity, and finding herself at last within view of the house, with weary ankles, dirty stockings, and a face glowing with the warmth of exercise. (PP, 2010, p. 67)²⁶³

É interessante notar como a caminhada de Elizabeth adquire uma sonoridade marcante. Na sentença: “*cro/ssing fiel/d af/ter fiel/d at a qui/ck pa/ce, jum/ping o/ver sti/les and sprin/ging o/ver pu/ddles*”, a repetição do “f” do “d” e do “t” na primeira parte, e depois do “p”, “v”, “t” e “d”, em palavras de uma ou duas sílabas com tonicidade alternada, dão à

²⁶² "O progresso foi a universalização do ‘melhoramento’, o derradeiro jargão georgiano. O público ficou viciado na novidade. Paisagens, jardins, fábricas, maneiras, gosto, arte e literatura – sobre tudo se falava constantemente como ‘melhoramento’" (PORTER, 2001, p. 426 – tradução livre).

²⁶³ “(...) Elizabeth continuou sozinha sua caminhada, atravessando campo após campo a passos rápidos, saltando passagens de cercas, pisando em poças com impaciência e descobrindo enfim a casa em seu campo de visão, com os tornozelos exaustos, as meias sujas e o rosto corado pelo calor do exercício” (OP, 2011, p. 137).

frase a marcação rítmica do passo após passo. Em sua primeira ação como heroína, portanto, Elizabeth está envolvida em uma atitude de progressão da passada constante. Há, inclusive, o uso de três gerúndios (“*crossing*”, “*jumping*”, “*springing*”), o que reforça não só a sonoridade como também a sensação de movimento contínuo; de evolução²⁶⁴.

No fim do exercício, a personagem avista a casa e somos capturados novamente pelo espaço interior. Mas, apesar de estar com as roupas sujas, a narradora observa que Elizabeth tinha o rosto: “*glowing with the warmth of exercise*”²⁶⁵. Ou seja, ao fim da caminhada, a personagem tinha o rosto corado, pela tradução usual, mas também poderia ser “brilhante”, “iluminado”. Quando ela é recebida pelos habitantes da casa, inclusive, Mr. Darcy a vê e fica dividido “(...) *between admiration of the **brilliancy** which exercise had given to her complexion, and doubt as to the occasion's justifying her coming so far alone*” (PP, 2010, p. 67 – *negritos nossos*)²⁶⁶. De qualquer forma, o brilho teve destaque ao final da ação, que remete à evolução da personagem.

Vemos mais cenário e ambientes externos quando chegamos ao segundo volume do romance. Essa parte da história se inicia com a confirmação de que o grupo de Mr. Bingley não retornaria mais para Hertfordshire naquele inverno. Então a narradora diz: “*Hope was over, entirely over*” (PP, 2010, p. 173)²⁶⁷. Assim, os personagens saem do inverno sem esperanças, e Mr. Darcy atinge seu pior patamar na consideração daquela sociedade²⁶⁸: “*by everybody else Mr. Darcy was condemned as the worst of men*” (PP, 2010, p. 178).²⁶⁹ Todos precisarão, então, retomar seus caminhos particulares dentro do romance.

“*With no greater events than these in the Longbourn family*”, diz a narradora na passagem de tempo do quarto capítulo do segundo volume, “*and otherwise diversified by little beyond the walks to Meryton, sometimes dirty and sometimes cold, did January and February*

²⁶⁴ De fato, segundo Morgan (1975, p. 54 – tradução livre), “the importance of Elizabeth’s sense of freedom and the necessity of relating that idea to her growth in the novel may account for the fact that so many critics have sought to discuss *Pride and Prejudice* in terms of a dichotomy (suggested by the title) in which Elizabeth’s freedom constitutes one pole and some sort of social sense the other. Her progress can then be understood as a movement from polarity to a merging or harmony, represented by her marriage to Mr. Darcy” [a importância do senso de liberdade de Elizabeth e a necessidade de relacionar essa ideia ao seu crescimento no romance pode explicar o fato de que muitos críticos têm procurado discutir *Orgulho e Preconceito* em termos de uma dicotomia (sugerida pelo título) em que a liberdade de Elizabeth constitui um pólo e uma espécie de sentido social o outro. Seu progresso pode, então, ser entendido como um movimento de polaridade para uma fusão ou harmonia, representada por seu casamento com Mr. Darcy].

²⁶⁵ “*corado pelo calor do exercício*” (OP, 2011, p. 137).

²⁶⁶ “(...) *entre a admiração do **brilho** que o exercício conferira à pele dela e a dúvida sobre o fato de a ocasião justificar ou não sua vinda desacompanhada até tão longe.*” (OP, 2010, p. 137 – *negritos nossos*).

²⁶⁷ “*A esperança havia acabado, e por inteiro*” (OP, 2011, p. 251).

²⁶⁸ Essa opinião teve como base o comportamento do personagem nos bailes e o boato de que ele havia agido incivilizadamente com Mr. Wickham, tendo supostamente negado-lhe um direito a parte da herança de seu pai.

²⁶⁹ “(...) *por todas as outras pessoas o senhor Darcy foi condenado como o pior dos homens*” (OP, 2011, p. 257).

pass away. March was to take Elizabeth to Hunsford” (PP, 2010, p. 191).²⁷⁰ Assim, é exatamente no início da primavera que acompanhamos uma viagem pela primeira vez. Jane já estava em Londres e Elizabeth vai agora visitar Charlotte em sua nova casa.

Depois de um rápido vislumbre de Londres e da estrada, sem muitas descrições, o grupo de Elizabeth chega a Rosings. Eles olham pela janela da carruagem esperando ver o destino, mas não temos uma descrição do cenário. Da mesma forma, quando Mr. Collins vai apresentar a propriedade ao sogro, à cunhada Maria e a Elizabeth, ele o faz de forma que:

(...) every view was pointed out with a minuteness which left beauty entirely behind. He could number the fields in every direction, and could tell how many trees there were in the most distant clump. But of all the views which his garden, or which the country, or the kingdom could boast, none were to be compared with the prospect of Rosings, afforded by an opening in the trees that bordered the park nearly opposite the front of his house. It was a handsome modern building, well situated on rising ground. (PP, 2010, p. 197)²⁷¹

Dessa forma, percebe-se como a maneira de Mr. Collins descrever a vista toma mais espaço que a vista em si. A mesma coisa acontece quando o grupo visita Lady Catherine pela primeira vez. Há uma descrição cuidadosa do interior da mansão de Rosings, mas não tanto da área externa, e a narradora conta como, depois de terem se sentado por alguns instantes, os visitantes “*were all sent to one of the windows, to admire the view, Mr. Collins attending them to point out its beauties, and Lady Catherine kindly informing them that it was much better worth looking at in the summer*” (PP, 2010, p. 203)²⁷². Mr. Collins e Lady Catherine, então, são cuidadosos ao apontar o que deve ser visto, mas não vemos nada mais do que o comportamento deles próprios. Segundo Peter Knox-Shaw, “(...) the gaze of visitors to the Park is directed centripetally towards the presence of Lady Catherine who, in the interests of having ‘the distinction of rank preserved’, frowns on conversation and is happiest when her guests dress down for dinner”²⁷³ (2004, p. 93). Assim, percebe-se como, nesse volume do

²⁷⁰ “Assim, sem maiores acontecimentos na família de Longbourn além das caminhadas te Meryton, ora em maio à lama, ora no frio, janeiro e fevereiro passaram. Março levaria Elizabeth a Hunsford” (OP, 2011, p. 271).

²⁷¹ “(...) cada paisagem foi mostrada com uma minúcia que deixava a beleza inteiramente de lado. Ele sabia de cor o nome de cada propriedade em todas as direções, sabia quantas árvores havia n mais remota colina. Mas, de todas as paisagens de seu jardim, ou mesmo o condado, quicá todo o reino podia se gabar, nenhuma se comparava à perspectiva de Rosings, propiciada por uma clareira entre as árvores que margeavam o parque que vinha quase até a frente da casa dele. Era uma construção moderna, belíssima, bem situada em um aclive” (OP, 2011, p. 277-278).

²⁷² “(...) foram todos chamados para junto das janelas, para admirar a vista, o senhor Collins ajudando a mostrar todas as belezas e Lady Catherine gentilmente informando que era muito mais bonito no verão” (OP, 2011, p. 284).

²⁷³ “(...) o olhar dos visitantes sobre o terreno de Rosings é dirigida centripetamente em direção à presença de Lady Catherine, que, interessada em manter ‘as distinções de classe preservadas’, faz censuras durante as

romance, o cenário e as janelas estão lá; a primavera garante um tempo bom para viagens e para se ocupar os espaços abertos, mas mesmo que os personagens olhem para a paisagem, o leitor não a vê. As janelas aqui funcionam quase como se fossem espelhos ao interior, para que se analisem as ansiedades e a personalidade dos que estão envolvidos na cena.

É nessa parte do romance, inclusive, que Elizabeth reconhece a si mesma, vindo pela primeira vez os seus próprios defeitos. Talvez possamos considerar que o espelho para ela é a carta que recebe de Mr. Darcy, na qual ele conta a história verdadeira por trás da queda financeira e social de Mr. Wickham, e explica seus motivos para separar Jane e Mr. Bingley. Elizabeth precisa de duas leituras da carta para compreendê-la. A primeira é puramente emocional, feita no que é descrito como “(...) *perturbed state of mind, with thoughts that could rest on nothing* (...)”²⁷⁴. Nessa leitura, ela não acredita em nada que foi escrito e fica transtornada. Então ela começou a andar (novamente temos o exercício da caminhada conectado com a evolução pessoal) e, meio minuto depois, a carta é reaberta. A nova leitura é racional: “(...) *collecting herself as well as she could, she again began the mortifying perusal of all that related to Wickham, and commanded herself so far as to examine the meaning of every sentence*” (PP, 2010, p. 246)²⁷⁵. Nessa análise, ela percebe que estava errada quanto a Mr. Darcy, e é nesse momento que Elizabeth conquista sua evolução pessoal:

She grew absolutely ashamed of herself.—Of neither Darcy nor Wickham could she think, without feeling that she had been blind, partial, prejudiced, absurd.

‘How despicably have I acted!’ she cried.—‘I, who have prided myself on my discernment!—I, who have valued myself on my abilities! who have often disdained the generous candour of my sister, and gratified my vanity, in useless or blameable distrust.—How humiliating is this discovery!—Yet, how just a humiliation!—Had I been in love, I could not have been more wretchedly blind. But vanity, not love, has been my folly.—Pleased with the preference of one, and offended by the neglect of the other, on the very beginning of our acquaintance, I have courted prepossession and ignorance, and driven reason away, where either were concerned. Till this moment, I never knew myself.’” (PP, 2010, p. 248-249)²⁷⁶

conversas e fica feliz quando seus convidados se vestem humildemente para o jantar” (KNOX-SHAW, 2004, p. 93 – tradução livre).

²⁷⁴ “(...) estado mental perturbado, com pensamento que não se detinham em coisa alguma” (OP, 2010, p. 330).

²⁷⁵ “(...) recompondo-se o melhor que podia, ela voltou à leitura mortificante de tudo o que se relacionava a Wickham, e obrigou-se a examinar o significado de cada frase.” (OP, 2011, p. 330).

²⁷⁶ “Sentiu-se absolutamente envergonhada de si mesma. – Não conseguia pensar mais em Darcy ou em Wickham sem se sentir cega, tendenciosa, preconceituosa, absurda.

‘Como pude ser tão desprezível!’, ela exclamou. – ‘Justo eu, que sempre me orgulhei do meu discernimento! – Eu que me gabei das minhas capacidades! Que tantas vezes desdenhei da ingenuidade generosa de minha irmã e exaltei minha vaidade com uma desconfiança inútil e imperdoável. – Que descoberta humilhante! – E, no entanto, como mereço essa humilhação! – Nem que estivesse apaixonada poderia ter sido tão miseravelmente cega. Mas minha loucura foi a vaidade, não o amor. – Satisfeita com o interesse de um, e ofendida com a indiferença do outro logo quando nos conhecemos, eu mesma cortejei, conforme o caso, a predisposição e a ignorância, e mandei embora a razão. Só agora me conheço” (OP, 2011, p. 333-334).

Elizabeth, então, percebe quanto ainda precisava melhorar em suas habilidades de observação e julgamento, e como a vaidade atrapalhava seu discernimento. É nesse sentido que Morgan explica como “(...) Elizabeth’s gratitude and increasing affection for Mr. Darcy are inseparable from her intellectual growth. Right thinking and wrong in the novel can be measured in terms of Elizabeth’s changing feelings toward Mr. Darcy and Mr. Wickham”²⁷⁷ (1975, p. 57).

No entanto, Elizabeth não é a única a enxergar a si mesma nesse momento. Mr. Darcy também percebe como seu posicionamento social o tornara orgulhoso. Mais tarde ele vai lembrar:

(...) *The recollection of what I then said, of my conduct, my manners, my expressions during the whole of it, is now, and has been many months, inexpressibly painful to me. Your reproof, so well applied, I shall never forget: ‘had you behaved in a more gentleman-like manner.’ Those were your words. You know not, you can scarcely conceive, how they have tortured me;—though it was some time, I confess, before I was reasonable enough to allow their justice.* (PP, 2010, p. 409)²⁷⁸

A primeira proposta de casamento que Mr. Darcy faz a Elizabeth, portanto, é exatamente o que coloca os personagens num movimento de evolução acelerada. Caso tivesse aceitado o pedido nesse momento, Elizabeth entraria em um relacionamento fora do padrão das quatro proposições de *Pride and Prejudice* sobre a felicidade conjugal: apesar de ter as bases econômicas necessárias, não seria uma união equilibrada. Mr. Darcy sentia paixão por Elizabeth, mas não respeito, e sua virtude – no sentido moral da palavra – era falha. Elizabeth não o amava, e teria aceitado o pedido apenas nos moldes em que Charlotte o fez em relação a Mr. Collins. Além disso, a negativa da proposta acabou fazendo com que Elizabeth reconhecesse seus erros racionais de discernimento, e Mr. Darcy as suas falhas morais.

Assim, é na primavera que ambos percebem a si mesmos e, no reconhecimento de seus erros, começam a amadurecer – de modo que, quando chegamos ao verão, no terceiro volume, a história inteira parece se iluminar. Se o início do romance se passa em Longbourn, em espaços fechados e no frio do inverno, e se no segundo volume os personagens vão para Rosings e para o jardim, mas sem enxergar de fato o mundo exterior, aqui chegamos a

²⁷⁷ “a gratidão de Elizabeth e sua crescente afeição por Mr. Darcy são inseparáveis de seu crescimento intelectual. Pensar certo e errado no romance pode ser medido em termos da mudança de sentimentos de Elizabeth em relação a Mr. Darcy e Mr. Wickham” (MORGAN, 1975, p. 57 – tradução livre).

²⁷⁸ “(...) *A lembrança do que eu disse então, da minha conduta, dos meus modos, das minhas expressões durante toda a noite, agora, e já faz vários meses, é algo indizivelmente doloroso para mim. A sua censura, tão bem aplicada, eu jamais esquecerei: ‘Se o senhor houvesse se comportado de modo mais cavalheiresco’. Esses foram suas palavras. Você não sabe, não é capaz de conceber, como elas me torturaram; - embora tenha levado algum tempo, confesso, até que eu admitisse em sã consciência que eram palavras justas*” (OP, 2011, p. 508).

Pemberley, onde o reconhecimento de Elizabeth e Mr. Darcy será conquistado²⁷⁹. Logo na chegada de Elizabeth e do casal Gardiner, temos uma descrição cuidadosa da propriedade:

Elizabeth, as they drove along, watched for the first appearance of Pemberley Woods with some perturbation; and when at length they turned in at the lodge, her spirits were in a high flutter.

The park was very large, and contained great variety of ground. They entered it in one of its lowest points, and drove for some time through a beautiful wood stretching over a wide extent.

Elizabeth's mind was too full for conversation, but she saw and admired every remarkable spot and point of view. They gradually ascended for half a mile, and then found themselves at the top of a considerable eminence, where the wood ceased, and the eye was instantly caught by Pemberley House, situated on the opposite side of a valley, into which the road with some abruptness wound. It was a large, handsome, stone building, standing well on rising ground, and backed by a ridge of high woody hills;—and in front, a stream of some natural importance was swelled into greater, but without any artificial appearance. Its banks were neither formal, nor falsely adorned. Elizabeth was delighted. She had never seen a place for which nature had done more, or where natural beauty had been so little counteracted by an awkward taste. They were all of them warm in their admiration; and at that moment she felt, that to be mistress of Pemberley might be something!

They descended the hill, crossed the bridge, and drove to the door; and, while examining the nearer aspect of the house, all her apprehensions of meeting its owner returned. (...). (PP, 2010, p. 283)²⁸⁰

²⁷⁹ Sobre a diferença entre Hunsford and Pemberley, Knox-Shaw diz: “Hunsford and Pemberley are rival headquarter in that crucial conflict of world view that Jane Austen plays out through the novel’s comedy of courtship. If Hunsford uses the idiom of Brown to throw an aura of inviolability round social privilege, and to mystify the acquisition of power, Pemberley displays the principle of connectedness both in its landscape and in the field of social relations. It is there that Darcy (...) learns of the identity of the Gardiners and finds himself pleasantly ‘surprised by the connection’ (254-5). And though Austen refrains from using the term in Price’s sense – either because the linkage remained unconscious for her, or because the term itself smacked too much of the treatise – the word is nonetheless used to denote complex mental association as when we are told of Elizabeth that ‘with the mention of Derbyshire, there were many ideas connected’ (239). [Hunsford e Pemberley são quartéis rivais no conflito crucial entre visões de mundo que Jane Austen desenvolve durante sua representação de namoro no romance. Se Hunsford usa a linguagem de Brown para lançar uma aura de inviolabilidade em volta dos privilégios sociais, e para mistificar a aquisição de poder, Pemberley expõe o princípio de conexão tanto em suas paisagens quanto no campo das relações sociais. É lá que Darcy (...) conhece a identidade dos Gardiner e se descobre agradavelmente ‘surpreso pela conexão’ (254-5). E embora Austen evite usar o termo no sentido de Price – ou porque a ligação ainda era inconsciente a ela, ou porque o termo por si mesmo tinha muito do tratado – a palavra é ainda assim usada para denotar uma associação mental complexa, como quando é dito a respeito de Elizabeth que ‘com a menção de Derbyshire, houve muitas ideias conectadas’” (KNOX-SHAW, 2004, p. 95-96 – tradução livre)

²⁸⁰ “Elizabeth, ainda na estrada, viu com certa perturbação o despojar da floresta de Pemberley na paisagem; e, quando por fim viraram na guarita da propriedade, seu ânimo estava exaltado.

O parque era enorme, e abrigava grande variedade de paisagens. Entraram pela parte mais baixa e seguiram na carruagem mais algum tempo por entre belos arvoredos, que se estendiam por um largo trecho.

A cabeça de Elizabeth estava cheia demais para conversar, mas ela viu e admirou-se com cada vista e aspecto relevante do lugar. Foram subindo por uma ladeira não muito inclinada por oitocentos metros, e em seguida se viram no topo de um considerável alicive, onde cessavam as árvores e a visão era instantaneamente capturada pela cada de Pemberley, situada no outro lado de um vale, por onde serpenteava uma estrada um tanto acidentada. Era um edifício de pedra, grande, bonito, projetado do alto da elevação do terreno, recortado contra um fundo de altas colinas cobertas de bosques; - e pela frente, o estuário de um curso d’água de certa relevância natural, que não aparentava ser um lago artificial. Suas margens não pareciam planejadas nem falsamente adornadas. Elizabeth apreciou muitíssimo. Nunca antes vira um lugar tão privilegiado pela natureza, ou onde a beleza natural fora tão pouco prejudicada por algo de gosto duvidoso. Foram todos calorosos em sua admiração; e naquele momento ela sentiu que ser a senhora de Pemberley não era pouca coisa!

Tal descrição de cenário adquire alguns significados específicos quando nos voltamos ao estudo paisagístico que se realizava na Inglaterra do século XVIII. Raymond Williams mostra como muitas vezes a história da paisagem inglesa pode dar a impressão de que o proprietário rural setecentista, com auxílio de paisagistas, poetas e pintores, “inventou a beleza natural”. “E, de certo modo, por que não? Dentro da mesma visão ideológica, ele inventou a caridade, o melhoramento da terra e a polidez, do mesmo modo como ele e seus semelhantes foram para terras de outros homens e, desta forma, ‘descobriram’ essas terras. Mas a verdadeira história é muito, muito mais complicada”. Isso porque, de acordo com Williams, o que ocorreu na verdade foi a aplicação de ideias que, por si sós, nada tinham de novas, e que nesse contexto social concreto teve efeitos singulares (1990, p. 167-168).

Para os defensores do melhoramento rural na Inglaterra, o paisagismo correspondia, na arte, à ideologia burguesa do melhoramento e à investigação científica da natureza e das modalidades de percepção. Agora que o homem produzia sua própria natureza, quer por meios físicos de melhoramento (terraplanagem com novas máquinas; drenagem e irrigação; bombeamento de água para locais elevados), quer pela compreensão das leis físicas da luz e das perspectivas e pontos de vista artificiais, fatalmente teria de modificar-se a decoração, de um simbolismo e iconografia limitados e convencionais, da terra imediatamente visível. (...) Pois o que estava sendo feito por essa nova classe, com um novo capital, novos equipamentos e novos especialistas contratados, era, de fato, uma redistribuição da “Natureza” de modo a adaptá-la a seu ponto de vista. (WILLIAMS, 1990, p. 170-171)

Nesse sentido, Knox-Shaw defende que a passagem do romance que acontece em Pemberley, e que acaba por mudar a atitude de Elizabeth perante Mr. Darcy, teria sido modelada de acordo com os princípios de Gilpin²⁸¹ (particularmente a noção do *picturesque*²⁸²), a quem – segundo demonstra Knox-Shaw – Jane e toda a família Austen comprovadamente admiravam. A respeito da paisagem, Gilpin sugeria:

Desceram a colina, atravessaram a ponte e foram de carruagem até a porta; e, enquanto observava a casa mais de perto, voltaram-lhe todos os temores de encontrar seu dono. (...)” (OP, 2011, p. 373-374).

²⁸¹ De acordo com Knox-Shaw (2004, p. 76), em aproximações com a ideia de “beleza” que recebeu de Burke, numa divisão entre o belo (que provocava certo efeito de paz) e o sublime (que provocava espanto [*astonishment*]), Gilpin desenvolve a nova categoria do “pitoresco”, que abrangia uma faixa intermediária entre os dois. O paisagismo formal é um dos alvos favoritos de Gilpin em sua campanha contra o *convencionalmente bonito*, o que ele chama de “jardim-cena” - frequentemente criticado por ele por conter tudo o que o pitoresco não é.

²⁸² “Though the picturesque was sometimes strategically aligned with the cult of sensibility by Anti-Jacobin satirists, the two movements were in fact distinct to the point of being contrary, the one proving as tough-minded as the other was sentimental. Given the feverish climate of the times, ‘First Impressions’ (turned down unseen by Cadell in November 1797) would have raised the eyebrows of some for its embrace of the picturesque. The *Anti-Jacobin* (1797-8) leveled the charge of political anarchism against the movement as a whole” [Apesar de o pitoresco estar por vezes estrategicamente alinhado ao culto da sensibilidade por satiristas anti-Jacobinos, os dois movimentos eram, de fato, distintos ao ponto de serem contrários, um tão racional quanto o outro era sentimental. Dado o clima quente da época, ‘Primeiras Impressões’ (recusado sem ser visto por Cadell em novembro de 1797) teria deixado perplexos alguns dos que abraçavam o pitoresco. O *Anti-Jacobino* (1797-8)

Turn the lawn into a piece of broken ground: plant rugged oaks instead of flowering shrubs: break the edges of the walk: give it the rudeness of a road: mark it with wheel tracks; and scatter around a few stones, and brushwood; in a word, instead of making the whole *smooth*, make it *rough*; and you make it *picturesque*.²⁸³ (“Picturesque Beauty” in *Three Essays*, p. 8 apud KNOX-SHAW, p. 76)

Se “o pitoresco” está tão profundamente presente em *Pride and Prejudice*, argumenta Knox-Shaw, é porque Austen teria estendido a teoria de Gilpin para abraçar não apenas montanhas e rochas, mas também homens e mulheres, o que aproxima essa corrente da própria profundidade dos sentimentos entre Elizabeth e Mr. Darcy.²⁸⁴ Já foi sugerido pela crítica, inclusive, que a fascinação de Elizabeth por Pemberley teria sido justamente o que despertou seu interesse por Mr. Darcy. Ela reflete como “*to be mistress of Pemberley might be something!*”²⁸⁵ e, mais à frente no romance, quando Jane pede garantias de que sua irmã de fato ama Mr. Darcy, querendo saber como essa afeição teve início, Elizabeth responde:

“*It has been coming on so gradually, that I hardly know when it began. But I believe I must date it from my first seeing his beautiful grounds at Pemberley.*”

*Another intreaty that she would be serious, however, produced the desired effect; and she soon satisfied Jane by her solemn assurances of attachment. When convinced on that article, Miss Bennet had nothing farther to wish. (PP, 2010, p. 415-416)*²⁸⁶

À primeira vista, parece-nos que Elizabeth está brincando, o que é reforçado pelo fato de que Jane, na sequência, pede que ela responda com seriedade. Para Eagleton, no entanto, apesar de termos a impressão de que a autora está sendo irônica aqui, como se sugerisse que Elizabeth se apaixonou por Mr. Darcy quando colocou os olhos em sua conta bancária, o

nivelou o peso de anarquismo político contra o movimento como um todo (...) (KNOX-SHAW, 2004, p. 84-85 – tradução livre).

²⁸³ “Transforme o gramado em um pedaço de terra quebrada: plante robustos carvalhos em vez de arbustos floridos: quebre as bordas do caminho: dê-lhe a grosseria de uma estrada: marque-o com rodas; e espalhe em torno algumas pedras e mato; em outras palavras, em vez de fazer o todo *suave*, o torne *áspero*; e você faz dele *pitoresco*” (“Beleza Pitoresca” em *Três Ensaios*, p. 8 apud KNOX-SHAW, 2004, p. 76 – tradução livre)

²⁸⁴ Nesse sentido, Knox-Shaw explica que, em 1794, Uvedale Price cunhou a palavra “picturesqueness”, a partir de estudos de Gilpin e Burke, e argumentou que as “qualities which make objects picturesque, are not only as distinct as those which make them beautiful or sublime, but are equally extended to all our sensations, by whatever organs they are received” [as qualidades que tornam os objetos pitorescos, não só são tão distintas como as que os tornam bonitos ou sublimes, mas são igualmente estendidas a todas as nossas sensações, por qualquer que sejam os órgãos que as recebem] (PRICE, 1796, I, p. 53, apud KNOX-SHAW, 2004, p. 79 – tradução livre).

²⁸⁵ “*ser senhora de Pemberley não era pouca coisa!*” (OP, 2011, p. 374).

²⁸⁶ “*‘Foi acontecendo de modo tão gradual, mal sei dizer quando começou. Mas creio que a data precisa seja a primeira vez que vi sua bela propriedade em Pemberley.’ Mais um pedido para que ela falasse sério, contudo, resultou no efeito desejado; e ela logo satisfaz Jane com suas solenes garantias de afeição. Uma vez convencida, a senhorita Bennet não tinha nada mais a desejar*” (OP, 2011, p. 516).

comentário não teria sido intencionalmente irônico, visto que, segundo o autor, o “material” e o “externo” seriam, de certa forma, um sinal visível do “interno” ou “moral”.

The taste, sound judgment, sense of proportion, and blending of tact and imagination which went into the fashioning of Darcy’s estates testify to a morally estimable character. It is not surprising in this light that Jane Austen should have remarked that she could imagine marrying the poet George Crabbe even though she had never met him. Ideally, there is a correlation between the moral and the material, of which marriage is the consummation. In choosing a marriage partner, both the inward or spiritual (love) and the external or material (rank, property, family) must be given due weight. Marriage is the union of the subjective and objective. It is the place where social forms and moral values most vitally intersect.²⁸⁷ (EAGLETON, 2005, p. 120)

Portanto, é sugerido que a pessoa deve ser merecedora das suas conquistas em vida, quase como se houvesse uma proporcionalidade direta intrínseca no universo entre a moral individual e o progresso material. Pemberley seria, então, a prova final de que o “*inner-self*” de Mr. Darcy era merecedor. Assim, quando diz que a propriedade era “*neither formal, nor falsely adorned*” e admira beleza natural do lugar (que, segundo a personagem não foi prejudicada pelo gosto duvidoso), Elizabeth estaria descrevendo, em um nível subconsciente, o próprio Darcy.

De acordo com Knox-Shaw, Jane Austen “faz de tudo” para envolver a linguagem da caracterização dos personagens Elizabeth e Darcy dentro do discurso do “pitoresco”. Uma das palavras que aparecem nesse contexto é “*abrupt*” [abrupto], que é a forma como Pemberley aparece na estrada. “This echoes Gilpin, analyzing mountains shapes in Derbyshire and Cumberland: ‘*abruptness* itself is sometimes a source of beauty, either when it is in contrast with other parts of the line; or when rocks, or other objects, account naturally for it’”²⁸⁸ (GILPIN, “Cumberland and Westmoreland”, I, vi; and p. 84, apud KNOX-SHAW, 2004, p. 83). Mas o interessante é que, quando Mr. Darcy aparece pela primeira vez em Pemberley, a sua presença é semanticamente conectada com a própria paisagem, visto a forma como a narradora descreve sua entrada em cena: “*so abrupt was his appearance*” (PP, 2010, p.

²⁸⁷ “O bom gosto, o bom senso, o senso de proporção, e a mistura de tato e imaginação que entrou na confecção de propriedades de Darcy testemunham um personagem moralmente estimável. A essa luz, não é surpreendente que Jane Austen tenha comentado que ela poderia se imaginar casando com o poeta George Crabbe, mesmo sem nunca tê-lo conhecido. Idealmente, há uma correlação entre o moral e o material, da qual o matrimônio é a consumação. Na escolha de um parceiro de casamento, tanto o interior, ou o espiritual (amor), quanto o externo, ou material (*status*, propriedade, família) devem receber o devido peso. O casamento é a união do subjetivo e do objetivo. É o lugar onde as formas sociais e valores morais mais vitalmente se cruzam” (EAGLETON, 2005, p. 120 – tradução livre).

²⁸⁸ “Isto ecoa Gilpin, analisando formas de montanhas em Derbyshire e Cumberland: ‘o abrupto em si é por vezes uma fonte de beleza, ou quando ele está em contraste com outras partes da composição; ou quando as rochas, ou outros objetos, contribuem naturalmente para ele’” (GILPIN, “Cumberland and Westmoreland”, I, vi; and p. 84, apud KNOX-SHAW, p. 83 – tradução livre).

292)²⁸⁹. Knox-Shaw explica que “(...) his ‘shocking rudeness’, his staring and his silence are all symptomatic of a social abrasiveness that equates with the requisite ‘roughness’ of the new taste”.²⁹⁰ Da mesma forma como Mr. Darcy é conectado com as palavras “*abrupt*” e “*roughness*” [brutalidade], tiradas da descrição paisagística do “pitoresco” de Gilpin, Elizabeth também é retratada pela palavra “*energy*” [energia]: “Her physical exuberance which leads on occasion to a trail of present participles (as in ‘jumping’, ‘springing’, ‘glowing’ ...) is one aspect of the ‘wildness’ by which she is regularly characterized”²⁹¹ (2004, p. 83-84).

De acordo com Raymond Williams, a relação entre o melhoramento produtivo e o melhoramento social seria justamente a fórmula “subjacente, eficaz e invisível” que se tornou a base do método narrativo de Jane Austen, e que permitiu à autora desenvolver sua “extraordinária unidade de tom – aquela observação fria e controlada (...) aquele manejo ligeiramente distanciado de eventos, descrições e personagens que não precisa tornar-se nem uma manipulação explícita nem uma participação direta”.

Esse processo nem sempre é encarado de forma lisonjeira. A conversão de uma boa renda em uma boa conduta não era um processo automático. Alguns indivíduos que realizavam o melhoramento eram vistos tais como eram na realidade: materialistas gananciosos e calculistas. O fato crucial, no entanto, é que a pretensão moral é levada tão a sério que se torna uma crítica: jamais do fundamento da fórmula, e sim de modo frio e decidido, de seus resultados, em termos de caráter e ação. Jane Austen orienta suas heroínas firmemente em direção a casamentos apropriados. Ela acerta acordos, sozinha, contra tudo e contra todos, para garantir a continuidade da fórmula geral. Contudo, dentro dessa orientação convencional, que é a fonte de sua confiança, a discriminação moral é tão insistente que pode, na prática, ser tomada como um valor independente. (WILLIAMS, 1990, p. 162)

Tony Tanner explica que, para Austen, a manutenção da propriedade privada era necessária, mas não suficiente para a promoção da paz e da ordem na sociedade. Decoro, moralidade e boas maneiras (“in a word, ‘propriety’”²⁹²) eram igualmente indispensáveis se a sociedade inglesa queria evitar uma revolução no nível da que ocorreu na França.

²⁸⁹ “tão abrupta foi sua aparição” (OP, 2010, p. 379).

²⁹⁰ “sua ‘grosseria chocante’, seu olhar e seu silêncio são sintomáticos de uma abrasividade social que iguala com a ‘aspereza’ requerida do novo bom gosto” (KNOX-SHAW, 2004, p. 83-84 – tradução livre).

²⁹¹ “Sua exuberância física que leva na ocasião para uma trilha de participípios presentes (como em ‘pulando’, ‘saltando’, ‘brilhando’ ...) é um aspecto da selvageria ‘pela qual ela é caracterizada regularmente” (KNOX-SHAW, 2004, p. 83-84 – tradução livre).

²⁹² “em outras palavras, ‘propriedade’” – tradução livre.

Thus the ideal marriage at the end of a Jane Austen novel is not simply a conventional happy ending, an easily available tactic of narrative closure. It offers itself as an emblem of the ideal union of property and propriety – a model to be emulated, a paradigm for a more general combination of the two on which the future of her society depends. Marriages in her work which lack either or both are, by the same token, admonitory failures.²⁹³ (1986, p. 19)

Assim, vimos como é no espaço aberto e amplo, e cheio da luz do verão, que temos esse vislumbre de Darcy, exatamente no momento em que ele se esforça para mostrar a Elizabeth que progrediu em suas maneiras. No desfecho do romance, ele faz uma retrospectiva do encontro de ambos em Pemberley e explica:

"My object then," replied Darcy, "was to shew you, by every civility in my power, that I was not so mean as to resent the past; and I hoped to obtain your forgiveness, to lessen your ill opinion, by letting you see that your reproofs had been attended to. How soon any other wishes introduced themselves I can hardly tell, but I believe in about half an hour after I had seen you." (PP, 2010, p. 411-412)²⁹⁴

Mr. Darcy se esforçou para melhorar depois de receber as críticas de Elizabeth, que por sua vez também percebeu seus defeitos ao ler a carta de Darcy e buscou corrigi-los – de modo que eles se encontram nos jardins de Pemberley depois de terem progredido e estarem finalmente num estágio em que merecem casar um com o outro. Nesse ponto, as janelas que em Rosings parecem quase fechadas, abrem-se em Pemberley a todo um mundo exterior, de modo que espaço e luz são ampliados tanto no ambiente aberto quanto no interior da casa:

(...) Elizabeth, after slightly surveying it, went to a window to enjoy its prospect. The hill, crowned with wood, from which they had descended, receiving increased abruptness from the distance, was a beautiful object. Every disposition of the ground was good; and she looked on the whole scene, the river, the trees scattered on its banks, and the winding of the valley, as far as she could trace it, with delight²⁹⁵. As they passed into other rooms, these objects were taking different positions; but from every window there were beauties to be seen (...). (PP, 2010, p. 285)²⁹⁶

²⁹³ “Assim, o casamento ideal no final de um romance de Jane Austen não é simplesmente um final feliz convencional, uma tática facilmente disponível de encerramento narrativo. Ele se oferece como um emblema da união ideal de propriedade e apropriado - um modelo a ser seguido, um paradigma para uma combinação mais geral dessas duas coisas de que depende o futuro da sua sociedade. Os casamentos em sua obra que carecem de um ou ambos são, por isso mesmo, falhas que advertem” (TANNER, 1986, p. 19 – tradução livre).

²⁹⁴ “‘Minha intenção naquele momento’, respondeu Darcy, ‘era lhe mostrar, por toda a cortesia em meu poder, que eu não era tão ruim a ponto de me ressentir do passado; e esperava obter o seu perdão, atenuar sua má impressão de mim, fazendo você ver que suas censuras haviam sido atendidas. Quando outros desejos se apresentaram, não sei dizer, mas creio que meia hora depois de vê-la ali.’” (OP, 2011, p. 511).

²⁹⁵ Segundo Patrícia Meyer Spacks, “Delight is an appropriate response to a picturesque scene” [Deleite é uma resposta adequada a uma cena pitoresca], de acordo com os estudos de Gilpin. Sobre isso, ver: Spacks (2010, p. 285, nota 11 – tradução livre).

²⁹⁶ “(...) Elizabeth, após uma breve inspeção, foi até a janela para apreciar a vista. A colina coroada de árvores por onde haviam descido, parecendo mais inclinada pela distância, era algo de genuinamente belo. Toda a disposição da paisagem era linda; e ela observou todo o cenário, o rio, as árvores espalhadas pelas margens, os meandros tortuosos vale adentro, tudo até onde a vista alcançava, com prazer. Ao passarem aos outros

Ao mesmo tempo em que o casal protagonista do romance evolui, portanto, o cenário em volta dele passa do inverno, pela primavera, até o verão²⁹⁷. E se considerarmos as aproximações do romance com a ideologia iluminista, a luz natural e a ampliação dos espaços refletem, em certo nível, a iluminação interna dos personagens, cuja fonte está na busca pelo melhoramento pessoal.

Assim, quando *Pride and Prejudice* termina com a união de “contos de fada” entre Elizabeth e Mr. Darcy que incomoda tanto a crítica, tem-se um objetivo claro dentro do sentido formal da obra: esse final serve para corroborar todos os quatro pontos explorados no romance a respeito do casamento enquanto fenômeno social, entendido sob a ótica de certa ideologia de felicidade conjugal. Caso a narrativa tivesse um desfecho diferente, talvez não recomendasse a aproximação intelectual e sentimental dos pretendentes, nem o melhoramento moral. Não se estaria valorizando a heroína como uma criatura racional, a união por interesse de Charlotte ficaria em uma posição melhor, e o casamento de Lydia não estaria em um plano tão inferior.

Tony Tanner (1986, p. 10), comentando a importância central do matrimônio na obra, diz que uma das principais razões para que a heroína de *Pride and Prejudice* lute pelo tipo certo de união é o fato de que, nos romances de Austen, muitos casais e casamentos não adequados são retratados como verdadeiras “prisões de tédio” – o que o autor chama de “máquinas para a produção de miséria”.

The good marriage is also indispensable for the renewal of society. That there are so many bad, or bleakly empty marriages in Jane Austen, revealing different degrees of failed mutuality, non-reciprocation and myopic egoism or frivolous self-gratification, only underlines the imperative of finding a good marriage no matter what the obstacles, in the form of the different fragments of authority, prohibition, interdiction and coercion which circulated in that small – at times claustrophobic – society, or the difficulties and risks of opportunities and gestures of initiation and approach which were not within the power, or under the control, of the heroine.²⁹⁸ (1986, p. 10)

cômodos, aqueles objetos ganhavam novas posições; mas de todas as janelas havia beleza para os olhos. (...)” (OP, 2011, p. 374).

²⁹⁷ Como destaca Porter: “Enlightenment was more than talk, however; there was quite literally more light around” [O Iluminismo era mais do que palavras, porém; havia literalmente mais luz por aí] (2001, p. 44-46 – tradução livre).

²⁹⁸ “O bom casamento também é indispensável para a renovação da sociedade. Que haja tantos maus casamentos, ou tristemente vazios, em Jane Austen, revela diferentes graus de mutualidade falha, não-reciprocidade e egoísmo míope ou frívola autogratificação, apenas sublinha o imperativo de se encontrar um bom casamento não importam os obstáculos, na forma de diferentes fragmentos de autoridade, proibição, interdição e coerção que circulavam naquela pequena – às vezes claustrofóbica – sociedade, ou as dificuldades e os riscos de oportunidades e gestos de iniciação e abordagem que não estavam dentro do poder, ou sob o controle, da heroína” (TANNER, 1986, p. 10 – tradução livre).

Não à toa, exatamente no momento em que tudo do romance está mais iluminado, quando Mr. Darcy e Elizabeth convivem em Pemberley, a moça recebe a carta de Jane trazendo a notícia do *elopement*²⁹⁹ de Lydia, o que parece por um fim às esperanças de casamento do casal protagonista – de modo que, no contraste entre o ponto mais alto do romance com o mais baixo, os méritos de cada tipo de união ficam mais evidentes.

Enfim, dentro do contexto de Austen, o final feliz tem aproximações com o iluminismo ao revestir positivamente o caráter racional e moral do casamento, inclusive com preocupações materiais burguesas. A narrativa de Austen, no entanto, supera seu próprio contexto. Segundo Reef, ao longo de quase todo o romance, a narradora acompanha de perto os pensamentos e ações de Elizabeth, relatando todas as conversas entre ela e Darcy. No entanto, Reef mostra como, justamente no momento em que os personagens se tornam noivos, a autora “fez algo curioso: opta por ser breve. (...) Alguns leitores sentiram-se traídos por essa descrição. Aguardavam ansiosos por uma cena de amor grandiosa, mas Jane Austen ofereceu um resumo”. Segundo Reef, “a autora foi acusada de perder o interesse na história depois de ter solucionado os problemas dos personagens e de apressar a conclusão” e “alguns críticos chegaram até a dizer que uma mulher solteira como Jane Austen não fazia ideia do que as pessoas apaixonadas dizem nesses momentos”, mas, para Reef, ao descrever o noivado entre Elizabeth e Darcy dessa forma, Austen enfatizava justamente a “natureza universal da experiência”.

Porém, mais do que refletir algum tipo de natureza universal, essa seria uma lacuna na história que deve ser preenchida pela imaginação do leitor, o que parece indicar que a parte difícil da construção do relacionamento entre os protagonistas acabou. Até aqui, o desenvolvimento da narrativa guia minuciosamente a leitura por todos os quatro parâmetros que devem ser observados, chegando ao seu ápice na ideia da racionalidade como base segura a um casamento entre iguais. Os sentimentos envolvidos na união entre o casal principal, portanto, poderiam ser, em certo nível, uma representação de sua natureza universal, mas vimos como *Pride and Prejudice* leva isso a outro patamar: o do trabalho envolvido na construção do bom casamento, envolvendo um processo de iluminação pessoal que vai além da ideia romântica de metades que se completam. Afinal, antes de ficarem juntos, Elizabeth e Darcy se formam dois inteiros, duas criaturas racionais que enfim se apaixonam e se unem como companheiros ideais.

²⁹⁹ “fuga para casar”.

Considerações Finais

“(…) *Do not consider me now as an elegant female intending to plague you, but as a rational creature speaking the truth from her heart*” (PP, 2010, p. 149)³⁰⁰, disse Elizabeth Bennet ao declinar o primeiro pedido de casamento que recebeu em *Pride and Prejudice*. Segundo Spacks, aqui, a personagem pede a Mr. Collins que abandone seu clichê, fundado no estereótipo social da época, o qual considerava homens como seres racionais e mulheres como criaturas sensíveis, ligadas à emoção (2010, p. 149, nota 28). Nesse sentido, Jones mostra como esta frase de Elizabeth repercute o que disse Mary Wollstonecraft em 1792: “Meu próprio sexo, espero, haverá de me perdoar, se tratá-las como criaturas racionais, em vez de lisonjear suas graças fascinantes, e vê-las como se estivessem em um estado de perpétua infância, incapazes de ficar sozinhas” (apud JONES, 2010, p. 555). Podemos perceber como, aproximada de tais termos, a negativa de Elizabeth explicita o que estará em jogo no seu casamento com Mr. Darcy e na construção de si mesma enquanto protagonista da obra: a aposta será feita na razão.

Austen, enquanto herdeira do Iluminismo que demonstra diversas aproximações ideológicas com o movimento, faz uso de uma impressionante capacidade de observação investida na busca por verdades e na constante reinterpretação que faz do mundo à sua volta. Nesse sentido, a autora de fato foca na razão, mas não de uma forma ingênua, como se a simples inteligência bastasse para o melhoramento humano: possuindo uma mente dialética – porque foge das abstrações e dos conceitos para analisar o concreto – Austen quer ver como a razão funciona na prática, em situações individuais, e busca o entendimento de como as pessoas (ou personagens) reagem aos contextos em que são envolvidas.

Nesse caso sua abordagem não é conservadora. Ainda que autoras anteriores a ela já tivessem defendido o caráter racional da mulher, como Mary Wollstonecraft fez de maneira bastante enfática, vimos como no interséculos em que Austen está inserida diversos autores ainda negavam às mulheres alguma participação nessa esfera da razão, sendo que muitos moralistas chegavam a desaconselhar a educação intelectual das jovens, entendendo que assim asseguravam a preservação de sua virtude e feminilidade. É exatamente por isso que, segundo Johnson (1988, p. 14), para as mulheres os debates sobre razão, felicidade e

³⁰⁰ “(…) Não me considere nesse momento um exemplo de elegância feminina desejando enfeitiçar-lo, mas uma criatura racional falando a verdade de seu coração” (OP, 2011, p. 222).

independência não tinham um caráter meramente acadêmico, visto que “[t]o a public progressively more anxious about the respect for authority and the inviolability of marriage (...) it is particularly important that young ladies be prevented from entertaining idiosyncratic opinions or intensely personal expectations about marriage and family”.³⁰¹ Assim, o *Enlightenment feminism*, como vimos, estava preocupado em colocar a mulher no âmbito das “criaturas racionais” ocupado pelos homens.

A construção “*rather singular*” e “*very strange*” da personagem Elizabeth, portanto, é feita de maneira a negociar com esse contexto. Ela se aproxima da ideologia burguesa iluminista de mérito moral (por meio da qual ela conquista seu espaço social), de modo que, como representante de uma nova geração de uma nova classe Elizabeth questiona antigos entendimentos de linhagem social. A partir disso, há discussões sobre moral e maneiras envolvidas no que recomenda alguém socialmente. Para além disso, porém, vemos na personagem certa defesa da razão que vai se encaminhando para a consolidação dessa construção dentro da instituição do casamento. Tal desfecho do romance concretiza, com Mr. Darcy e Elizabeth, a mistura entre duas classes, exemplificando a possibilidade de mobilidade social pelo mérito. Mas Kaplan (1994, p. 199) ainda aponta para o fato de que “[a]lthough other women in the novel view Mr. Darcy as a desirable mate, he is attracted to Elizabeth only. *Pride and Prejudice* heightens the heroine individuality, by making her Mr. Darcy’s sole choice”,³⁰² de modo que a resolução da trama com o casamento entre os dois serve para reforçar ainda mais a singularidade da heroína como criatura racional. A autora diz, no entanto, que de alguma forma o desfecho da obra com o final feliz de fato remete a certo caráter de contos de fada, e não há como negar que isso negocia com forças do patriarcado.

Nesse sentido, Mary Poovey argumenta que “(...) the paternal order established at the end of the novel both embodies an authoritative system of values and abolishes the apparent discrepancy between individual desire and social responsibility”³⁰³ (1985, p. 205). Mas será que a ordem é totalmente reestabelecida ao final da narrativa? Há uma negociação de valores no romance na qual podemos encontrar uma chave de leitura segura para a análise formal do

³⁰¹ “[p]ara um público cada vez mais preocupado com o respeito à autoridade e à inviolabilidade do casamento (...), é particularmente importante que as jovens sejam impedidas de entreter opiniões idiossincráticas ou expectativas intensamente pessoais sobre casamento e família” (JOHNSON, 1988, p. 14 – tradução livre).

³⁰² “[e]mbora outras mulheres no romance vejam Mr. Darcy como um companheiro desejável, ele é atraído apenas por Elizabeth. *Orgulho e Preconceito* reforça a individualidade heroína, ao torná-la a única escolha de Mr. Darcy” (KAPLAN, 1994, p. 199 – tradução livre).

³⁰³ “a ordem patriarcal estabelecida no final do romance tanto incorpora um sistema autoritário de valores quanto abole a aparente discrepância entre o desejo individual e a responsabilidade social” (POOVEY, 1985, p. 205 – tradução livre).

romance, num esforço de entender o que, dentro das páginas do livro, é dito ou defendido sobre o matrimônio enquanto fenômeno social.

Não é difícil perceber que *Pride and Prejudice* investiga o casamento como um verdadeiro laboratório de relações humanas – e essa não é uma escolha leviana da autora: de fato vimos como o casamento era central em sua sociedade. Questões de classe e mobilidade social estão estreitamente vinculadas à união de famílias e heranças por meio do matrimônio. A terra, essencial para a conquista de *status* e direitos políticos, era usualmente obtida por meio dessa instituição – e a importância de tal conquista faz com que a educação dos jovens (tanto homens quanto mulheres) e a organização da sociedade como um todo estejam naturalmente focadas nesse objetivo.

A questão colocada por diversos autores da época era justamente qual a consequência, para os jovens, que tal objetivo provocava. A recorrente definição do casamento como prostituição legalizada em diversos textos mostra como a instituição como se propunha já estava sendo investigada. E é isso que destrinchamos em *Pride and Prejudice*: há diversos casais, de diferentes classes sociais, no romance – temos os Gardiner, os Bennet, os Collins, o casal Wickham, Jane e Bingley e, por fim, Elizabeth e Mr. Darcy. Há ainda a representação do entendimento aristocrático sobre casamento colocado pela personagem Lady Catherine (e sua filha), além da insinuação do que seria uma união nos moldes do não concretizado laço entre Elizabeth e Mr. Collins, e da corte de Miss Bingley e Mr. Darcy.

Tais laboratórios de investigação resultam em quatro proposições do romance, postuladas sempre, como vimos, por uma aproximação entre Elizabeth e a narradora, de modo que se constrói a ideia de um casamento ideal que atenderia aos seguintes critérios: a virtude deve superar a paixão; a segurança econômica é a base necessária à manutenção dos sentimentos; apesar de os fatores econômicos serem importantes, não se deve casar sem amor; a identificação perfeita entre duas pessoas deve ser tanto intelectual quanto sentimental.

Assim, o desfecho da narrativa no casamento não é propriamente uma reafirmação do amor romântico, mas antes uma defesa do *amor* com base na *razão*, numa negação tanto à paixão superficial quanto ao pragmatismo extremo – afinal, o casal protagonista não se apaixona nem “à primeira vista” nem por qualquer clichê que talvez agradasse Mr. Collins. Eles se unem porque, mais do que ser respeitada como criatura racional por Darcy, Elizabeth de fato o conquista pela sua interessante *liveliness of mind*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. Jane Austen

a. *Romances*

i. Originais:

AUSTEN, Jane. **Emma**. London: CRW Publishing, 2003

_____. **Mansfield Park**. London: CRW Publishing, 2004.

_____. **Northanger Abbey**. London: CRW Publishing, 2004.

_____. **Persuasion**. London: CRW Publishing, 2004.

_____. **Pride and Prejudice**: an annotated edition. Edited by Patricia Meyer Spacks. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 2010.

_____. **Sense and Sensibility**. London: CRW Publishing, 2003

ii. Traduções:

AUSTEN, Jane. **A abadia de Northanger**. Trad. Mariana Menezes Neumann; prefácio de Julia Romeu. – Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011.

_____. **Emma**. Trad. Mariana Menezes Neumann; prefácio de Julia Romeu. – Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011.

_____. **Mansfield Park**. Trad. Mariana Menezes Neumann; prefácio de Julia Romeu. – Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011.

_____. **Orgulho e Preconceito**. Trad. de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011.

_____. **Persuasão**. Tradução de Mariana Menezes Neumann; prefácio de Julia Romeu. – Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011

_____. **Razão e Sensibilidade**. Trad. Mariana Menezes Neumann; prefácio de Julia Romeu. – Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011.

b. Crítica

AUSTEN, Jane. **Jane Austen's Letters**. Oxford : Oxford University Press, 1997.

_____. **Juvenilia**: The Cambridge Edition of the Works of Jane Austen. Editor Peter Sabor. 2013. https://www.gutenberg.org/files/42078/42078-h/42078-h.htm#FNanchor_3_3

AUSTEN-LEIGH, James Edward. **Memoir of Jane Austen**. 2. Edition. London: Richard Bende and Son, 1871.

AUSTEN-LEIGH, William. **Jane Austen**: a family record. Boston: G. K. Hall, 1989.

BANDER, Elaine. From *Cecilia* to *Pride and Prejudice*: "What becomes of the moral?" **Persuasions On-Line** V.34, NO.1 (Winter 2013). Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol34no1/bander.html>

_____. The Good, the Bad and the Ugly: Reading Character in *Sense and Sensibility*. **Persuasions On-Line** V.32, NO.1 (Winter 2011). Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol32no1/bander.html>

BAYLEY, John. The irresponsibility' of Jane Austen. In: **Critical essays on Jane Austen** - edited by B.C. Southam. London: Routledge, 1987.

BELL David H. Is Catherine a Lightweight? In Defense of Austen's "Ignorant and Uninformed" Seventeen-Year-Old Heroine. **Persuasions On-Line** V.31, NO.1 (Winter 2010). Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol31no1/bell.html>

BROWM, Julia Prewitt. **Jane Austen's novels**: social change and literary form. Harvard University Press, 1979.

BROWNSTEIN, Rachel M. Northanger Abbey, Sense and Sensibility, Pride and Prejudice. In: **The Cambridge companion to Jane Austen**. Ed. Edward Copeland and Juliet McMaster. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

BUTLER, Marilyn. **Jane Austen and the war of ideas**. Oxford : Clarendon Press, 1990.

COPELAND, Edward. Money. In: **The Cambridge companion to Jane Austen**. Ed. Edward Copeland and Juliet McMaster. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

FERGUS, Jan. The professional woman writer. In: **The Cambridge companion to Jane Austen**. Ed. Edward Copeland and Juliet McMaster. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

FORD, Susan Allen. Ingenious Torments, or Reading Instructive Texts in *Northanger Abbey*: *The Mirror*, *The Rambler*, and Conduct Books. **Persuasions On-Line** V.31, NO.1 (Winter 2010). Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol31no1/ford.html>

_____. Mr. Collins Interrupted: Reading Fordyce's *Sermons* with *Pride and Prejudice*. **Persuasions On-Line** V.34, NO.1 (Winter 2013). Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol34no1/ford.html>

_____. Romance, Pedagogy and Power: Jane Austen Re-writes Madame de Genlis. **Persuasions On-Line**, 1999. p. 172-187. Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/printed/number21/ford.pdf>

GARIS, Robert. Learning Experience and change. In: **Critical essays on Jane Austen** - edited by B.C. Southam. London: Routledge, 1987.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic**: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination. New Haven: Yale University Press, 2000.

GRUNDY, Isobel. Jane Austen and literary traditions In: **The Cambridge companion to Jane Austen** – ed. Edward Copeland and Juliet McMaster. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HAGEN, Kelly “The Imagination Supplied What The Eye Could Not Reach”: The Unconscious Self-Deception Of *Mansfield Park*’s Fanny Price. **Persuasions On-Line** V.32, No.1 (Winter 2011). Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol32no1/hagen.html>

HARDING, D. W. Character and Caricature in Jane Austen. In: **Critical essays on Jane Austen** - edited by B.C. Southam. London: Routledge, 1987.

HARDY, John. **Jane Austen's Heroines**: intimacy in human relationships. London: Routledge & Kegan Paul, 1984.

HORWITZ, Barbara J. **Jane Austen and the question of women's education**. New York, N.Y.: P. Lang, 1991.

IRVINE, Robert P. **Jane Austen**. London: Routledge, 2005.

JACKSON, Karin. The Dilemma of Emma: Moral, Ethical, and Spiritual Values. **Persuasions On-Line** V.21, NO.2 (Summer 2000). Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol21no2/jackson.html>

JOHNSON, D. **Issues of Class in Jane Austen's Pride and Prejudice**. Greenhaven Press. 2008.

JOHNSON, Claudia L. Austen cults and cultures. In: **The Cambridge companion to Jane Austen**. Ed. Edward Copeland and Juliet McMaster. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. **Jane Austen**: Women, Politics, and the Novel. University of Chicago Press, 1988.

JONES, Christine Kenyon. Ambiguous Cousinship: *Mansfield Park* and the Mansfield Family. **Persuasions On-Line** V.31, NO.1 (Winter 2010). Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol31no1/jones.html>

JONES, Vivien. “Prefácio e notas”. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Trad. de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011.

KAPLAN, Deborah. **Jane Austen among women**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994.

KIRKHAM, Margaret. **Jane Austen: feminism and fiction**. London: The Athlone Press, 1997.

KNOX-SHAW, Peter. **Jane Austen and the Enlightenment**. Cambridge University Press, 2004.

LE FAYE, Deirdre. Cronology of Jane Austen's life. In: **The Cambridge companion to Jane Austen**. Ed. Edward Copeland and Juliet McMaster. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MCMASTER, Juliet. Class. In: **The Cambridge companion to Jane Austen**. Ed. Edward Copeland and Juliet McMaster. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MORETTI, Franco. "Século Sério". **Revista Novos Estudos** (CEBRAP), nº 65, mar. 2003, p. 3-33. Tradução Alípio Correa e Sandra Correa. Disponível em: http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/99/20080627_seculo_serio.pdf

MORGAN, Susan. **Intelligence in pride and prejudice**. Modern Philology. V. 73. n. 1. ago. 1975. p. 54-68. disponível em <<http://www.jstor.org>>.

POOVEY, Mary. **The proper lady and the woman writer: ideology as style in the works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley, and Jane Austen**. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

PRICKETT, Stephep (ed.) **The Romantics**. London : Methuen, 1981.

RAY, Melissa **A vindication of Jane Austen: Mary Wollstonecraft's feminist ideology embodied in "Pride and Prejudice"**. University of Alaska Anchorage, 2013 (Thesis - british and Irish literature)

REEF, Catherine. **Jane Austen: uma vida revelada**. Novo Século: 2014.

ROBINSON, Lillian S. **Sex Class and Culture**. New York : Methuen, 1986.

ROMEU, Júlia. Prefácio: Doces Defeitos. In.: AUSTEN, Jane. **Emma**. Trad. Therezinha M. Deutsch. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

RYLE, Gilbert. Jane Austen and the moralists. In: **Critical essays on Jane Austen** - edited by B.C. Southam. London: Routledge, 1987.

SOUTHAM, B. C. **Jane Austen: the critical heritage**, volume 1, 1881-1870. 2011

_____. **Jane Austen: the critical heritage**, volume 2, 1870-1940. 1999.

SPACKS, Patricia M. The female Imagination. **Sings**. Vol. 1, No. 4 (Summer, 1976), pp. 979-983. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3173249>

_____. Introduction and notes. In: AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice: an annotated edition**. Edited by Patricia Meyer Spacks. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 2010.

STEWART, J. I. M. Tradition and Miss Austen. In: **Critical essays on Jane Austen** - edited by B.C. Southam. London: Routledge, 1987.

TANNER, Tony. **Jane Austen**. London : Macmillan, 1993.

TODD, Janet (ed.). **Jane Austen in context**. Cambridge : Cambridge University Press, 2010.

TOMALIN, Claire. **Jane Austen: a life**. NY: Vintage Books, 1999.

VASCONCELOS, Sandra G. T. Literature and Cinema: Images of Femininity in *Pride and Prejudice*. In: **Ilha do desterro**: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies. n. 42. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, jan./jun. 2002.

WALDRON, Mary. **Jane Austen and the fiction of her time**. Cambridge, UK; New York, N.Y.: Cambridge University Press, 1999.

B. Teoria Literária e Literatura

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Textos escolhidos**: Walter Benjamin, Marx Horkheimer, Theodor W. Adorno e Jurgen Habermas. São Paulo: Abril, 1983. p. 7-124.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, n. 53, p. 166-182. março/maio, 2002.

FOSTER, E. M. “Pessoas”. In: **Aspectos do Romance**. Tradução Sérgio Alcides. 4ed. São Paulo: Globo, 2005, p. 69-104.

BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção**. Lisboa: Arcadia, 1980.

BORGES, J. L. **Outras Inquisições**. Trad. Davi Arrigucci Jr.. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideologia. São Paulo: Ática, 1988

BROOKS, C.; WARREN R. P. “What character reveals” In: **Understanding Fiction**. Englewood Cliffs, New Jersey: 1971, p. 168-173.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 5ª. Ed., Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1975.

_____. **Na sala de aula**. São Paulo, Ática, 1985.

_____. **O direito à literatura**: e outros ensaios. Coimbra: Angelus Novus Editora, 2004.

_____. **O estudo analítico do poema**. São Paulo, Humanitas, 1991.

_____. **Vários escritos**. 3ª. Ed revista e ampliada, São Paulo, Duas Cidades, 1995.

_____. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 11ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

_____. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

_____. **Textos de intervenção**. São Paulo : Duas Cidades, 2002.

CANDIDO, Antonio et al. “A personagem do romance”. In: **A personagem de ficção**. São Paulo : Perspectiva, 1974, p. 51-80.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

EAGLETON, Terry. **Literary Theory**: an Introduction. Oxford, Blackwell, 1985.

_____. **How to read literature**. Yale University Press, 2013.

_____. **The English novel**: an introduction. Malden, MA: Blackwell, 2005.

ELIOT, T. S. **Ensaio**. RJ: Art Editora, 1989.

FORDYCE, James. **Sermons to Young Women**. 1809. M. Carey, Philadelphia; I.Ridely: Ny. Disponível em: <https://archive.org/stream/sermonstoyoungw00fordgoog#page/n90/mode/2up/search/books+A10:A11>.

GODWIN, William. **Memoirs of the author of a Vindication of the Rights of Women**. London: 1798.

JAMESON, Fredric. **O Inconsciente Político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. Trad. Valter Lellis. São Paulo, Ática, 1992.

LEITCH, Vincent B. (ed.). **The Norton anthology of theory and criticism**. New York: Norton, 2001.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. Editora Ática: São Paulo. 1994.

LODGE, David. **The Art of Fiction**. Penguin, 1992.

McKEON, Michael. **Generic Transformation and social change**: rethinking The Rise of the Novel. In: Modern essays on eighteenth-century literature / edited by Leopold Damrosch, Jr -- New York : Oxford University Press, 1988.

MELLO E SOUZA, Gilda. **Exercícios de Leitura** (O baile das Quatro Artes). São Paulo: Duas Cidades, 1980.

OTSUKA, Edu Teruki. “Espírito rixoso: para uma interpretação das Memórias de um sargento de milícias”, In: **Revista do IEB**, n. 44, 2007, p. 105-124.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivania**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

ROUSSEAU. **Emilius and Sophia**: Or, A New System of Education, V. 3. London: H. Baldwin, 1783. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=p2pGk5634EwC>

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2005.

SIMPSON, J. A. (ed); WEINER, E. S. C. (ed). **The Oxford English dictionary**. 2ª ed. Oxford: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 2004.

VASCONCELOS. Sandra Guardini Teixeira. **A formação do romance inglês**: ensaios teóricos. São Paulo, 2000.

WATT, Ian. **The rise of the Novel**: studies in Defoe, Richardson and Fielding.

WILLIAMS, Raymond. “Literature”. In: **Marxism and Literature**. Oxford University Press, 1977, p. 45-54.

_____. “Três escritores da Região de Farnham”. In: **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. “Vistas Agradáveis”. In: **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução Sandra Guardini Vasconcelos; prefácio Maria Elisa Cevalco. Boitempo Editorial São Paulo, 2007.

_____. **The English Novel from Dickens to Lawrence**. Oxford University Press, 1970.

_____. **Writing in Society**. London; New York: Verso, 1991

C. História

a. Mulheres

BAILEY, L. Bridging home and work in the transition to motherhood. **The European Journal of Women's Studies**, 7(1), 53–70, 2000.

_____. Gender shows: First-time mothers and embodied selves. **Gender and Society**, 15(1), 110–129, 2001.

_____. Refracted selves? A study of changes in selfidentity in the transition to motherhood. **Sociology**, 33(2), 335–352, 1999.

BORDO, S. **Unbearable weight**: Feminism, western culture and the body. Berkeley: University of California Press, 1993.

BUTLER, Judith. Gender Regulations. In: **Undoing Gender**, New York, London, Routledge, 2004.

CHAPERON, Sylvie. A segunda Simone de Beauvoir. Trad. Carmem Cacciaccaro. **Novos Estudos**, n. 57, julho, 2000.

EAGLETON, Mary. **Working with feminist criticism**. Oxford: Blackwell, 1996

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** – A vontade de saber, v. 1, Rio de Janeiro, Graal, 1977

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GARY, Kelly. **Women, Writing and Revolution**, 1790-1827. Clarendon Press, 1993

CROTTY, Michael. **Revisioning the Man-Made World** (Chapter 8), SAGE-USA, 1998.

JONES, Vivien (ed.). **Women in the Eighteenth Century**: constructions of femininity. London New York: Routledge, 1991.

HARRISON, Paul. Post-structuralist Theories p. 122-135 In: AITKEN, S.; VALENTINE, G. (eds). **Approaches to Human Geography**. London: Sage, 2006.

HAYNES, K. Linking narrative and identity construction: using autobiography in accounting research. **Critical Perspectives on Accounting**, 17, p. 399- 418, 2006.

_____. (Re)figuring accounting and maternal bodies: The gendered embodiment of accounting professionals, **Accounting, Organizations and Society** 33, p. 328-348, 2008.

MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. Coimbra, Portugal: Almedina, 2006.

O'BRIEN, Karen. **Women and the Enlightenment in the Eighteenth-Century Britain**. Cambridge University Press, 2009.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “Economia Política” do Sexo. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/18134/mod_resource/content/1/Gayle%20Rubin-traffic_texto%20traduzido.doc. (Original em inglês: *The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex*”, in Rayna Reiter, ed., *Toward an Anthropology of Women*, New York, Monthly Review Press, 1975)

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16(2), jul-dez 1990, p. 5-22

STOLCKE, Verena: O enigma das Interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Estudos Feministas**, 14(1): jan-abr, 2006, p. 15-41

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Vindication of the rights of woman**: with strictures on political and moral subjects. 1792. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/cache/epub/3420/pg3420-images.html>>.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

b. Geral

ALAMBERT, Zuleika. **A mulher na historia, a historia da mulher**. Brasília, DF: Fundação Astrojildo Pereira, Abare, 2004.

ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

AUGHTERSON, Kate. **Renaissance Woman**: a sourcebook. Constructions of femininity in England. London: Routledge, 1995.

BRIGGS, Asa. **A social history of England**. Harmondsworth: Penguin, 1985, c1983.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada, e do Estado**. São Paulo: Centauro, 2012.

HOBBSBAWN, Eric John. **A era das revoluções**: 1789-1848. Trad. Maria Tereza Teixeira e Marcos Parchel. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MacFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**: Inglaterra - 1300/1840. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MELLO E SOUZA, Gilda. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

PORTER, Roy. **English Society in the 18th Century**. Penguin Book: London, 1991.

_____. **The creation of the modern world:** the untold story of the British Enlightenment. New York : W.W. Norton, 2001.

PRICKETT, Stephen (ed.). **The Romantics.** London : Methuen, 1981.

ROBINSON, Lillian S. **Sex, class, and culture.** New York : Methuen, 1986

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes:** A emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** Companhia das Letras: 2004.